



corpo
fechado

CATHERINE MARCELLE

corpo
fechado

PROIBIDA A REPRODUÇÃO: Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, copiada, transcrita ou mesmo transmitida por meios eletrônicos ou gravações, assim como traduzida, sem a permissão por escrito do autor. Os infratores serão punidos pela Lei nº 9.610/98.

Copyright ©

Todos os direitos reservados

Sumário

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

CAPÍTULO 31

CAPÍTULO 32

CAPÍTULO 1

Nova York – 1946

A brisa fresca daquele final de tarde passava por entre as flores do jardim exalando perfumes que se mesclavam em uma combinação quase primaveril, embora ainda restassem alguns dias para a estação das flores chegar na cinza e fria Nova York.

Laura desceu as escadas atendendo ao apelo de sua mãe, que chamava por seu nome impacientemente.

– Por Deus, que assunto exige tamanha urgência? Mal pude terminar de me arrumar!

A senhora da casa aguardava a única filha ao fim da escada. Estava visivelmente eufórica, com uma carta e um envelope rasgado entre as mãos.

– Pois terá muito tempo para isso! Não imagina quem chegará amanhã para passar uns dias com você antes do seu casamento!

Laura parou no último degrau que lhe restava.

– Quem?

– Pois tente adivinhar!

– Ora, mamãe, sabe que não tenho nervos para jogos de adivinhações!

Laura tentou tirar a carta reveladora de sua mãe sem sucesso.

– Sua prima Lucy!

– Não é possível! Tia Fran disse que ela estava em Paris e não conseguiria vir! – Laura por fim, conseguiu ter o papel precioso em mãos. Correu para o sofá da sala e se sentou, seguida por Elizabeth.

– A carta é da própria Lucy ou de titia?

– É de Lucy, pois leia com seus olhos!

A cada palavra lida, o sorriso de Laura se tornava mais reluzente. – Está na América a quinze dias! Quis fazer-me uma surpresa!

– Pois eu sabia que Lucy jamais deixaria de vir a uma ocasião tão importante para nós, afinal, vocês sempre foram tão próximas! Foram criadas praticamente juntas!

Laura parou por alguns segundos para lembrar-se dos tempos de infância. – Sim! Não imagina o quanto esta notícia me deixa feliz, mamãe.

– Sim, imagino. Talvez Lucy a deixe um pouco mais entusiasmada. Seu pai comentou que você deveria ter sido mais agradável com os pais de Jonathan no último encontro.

A leveza de Laura deu lugar a uma expressão cansada. Já não se sentia motivada a ter que reverter o humor exigente de sua mãe. – Papai não tem do que reclamar. Me casarei com o filho do Senhor James como ele tanto queria, afinal.

– Sim, após muitos esforços em fazê-la aceitar que o conhecesse.

– Pois depois que o conheci, não foi preciso mais nenhum esforço por parte de meu pai, a senhora há de concordar.

– Pois só se fosse louca! Um rapaz de tão boa aparência, de excelente família e disposto a levar adiante um namoro sério com você.

– Fala como se ele me fizesse um favor, mamãe.

– E de certa forma, lhe fez, sim. Consegue imaginar quantas moças gostariam de estar no seu lugar?

– Nós nos gostamos e é só por isso que vamos nos casar.

– Gostar não é o bastante, estou falando de amor, Laura, amor.

– Talvez se nos víssemos mais vezes, eu teria tempo de amá-lo.

– Seu noivo é um homem muito ocupado, você deveria ser a primeira a estimular suas ausências pois são por uma boa causa e deixar de usar esse tom de lamentação. Quando se tornar a senhora Ward entenderá sua sorte.

– Pensamos diferente sobre muitas questões, mamãe.

– Disso não tenho dúvidas. Cada vez mais me coloco a pensar onde falhei com você. É uma moça privilegiada, Laura, mas seu desdém diante de tudo o que lhe demos me faz crer que não merece a vida que tem.

– Vou para meu quarto, falemos disso depois, gostaria de me concentrar na vinda de minha prima.

– Como quiser. Pedirei a Jessie que prepare o quarto de hóspedes.

– Lucy ficará em meu quarto.

– Pois se prefere, que seja. Terão muitas coisas que conversar, por certo.

– Lucy entendia-me como ninguém.

– Lucy tinha era muita paciência com suas histórias. Lembra-se quando dizia que uma menina de cabelos ruivos a visitava a noite? Por Deus! Seu pai e eu já não sabíamos mais o que fazer para que parasse de falar tais asneiras.

– Lembro-me bem. Era coisas de criança. Apenas isso.

– Pois sim. Lucy sempre foi mais esperta. E sua tia sempre foi a mais lenta da família. Como isso é possível? – Elizabeth levantou-se ajeitando a saia; – Vou a procura de Jessie. Se não tomo as rédeas desta casa tudo se desmorona diante dos meus olhos!

Laura viu sua mãe se afastar e recostou-se no amplo sofá cor de vinho, com a carta de Lucy nas mãos. Já havia se acostumado com a distância emocional de sua mãe e sua forma de ver as coisas, quase sempre contrária à sua. Mas ainda assim, algumas palavras de Elizabeth ainda a feriam profundamente, mas dessa vez, seu coração experimentava algo de esperança com a vinda da prima. Poderia contar-lhe sobre suas inquietações acerca do futuro que se aproximava.

Laura sabia que havia tomado a decisão correta ao aceitar o noivado com Jonathan. Ao contrário das duas últimas tentativas de seu pai em lhe apresentar pretendentes, sentiu algo diferente ao ver Jonathan pela primeira vez. Apesar da pouca intimidade que desfrutavam e do pouco tempo juntos, Laura sentia-se envolvida o bastante para saber que sua decisão não foi baseada simplesmente no entusiasmo de seus pais e futuro sogros. Sentia-se atraída por Jonathan e sabia que a recíproca era verdadeira.

Ainda assim, tinha medo do que viria pela frente, afinal, apesar de ficar só a maior parte do tempo, já havia se habituado à sua rotina e mudanças de rumo era algo com o qual Laura tinha pouca ou quase nenhuma facilidade em lidar.



Lucy chegou à casa dos Bell's meia hora após o previsto, um carro a deixou em frente a imponente mansão, enquanto Andrew, Elizabeth e Laura desciam a pequena escada que dava ao pátio externo, apressados por chegarem o mais rápido possível ao portão principal. Três dos criados já estavam posicionados, um ao lado do outro, aguardando qualquer instrução.

Laura assumiu a dianteira e foi a primeira a alcançar o objetivo. Tão logo cruzou os portões, Lucy colocou suas malas no chão e abriu os braços para uma prima-irmã comovida. – Laura! Que alegria estar aqui novamente!

– Pensei que não a veria tão cedo! – Laura e Lucy se abraçaram afetuosamente.

– Não conseguiria viver com o fato de não lhe ver casando-se! – As primas se soltaram e se entreolharam emocionadas. Lucy continuou. – Não posso crer que se casará antes de mim! Sou a mais velha, afinal!

Elizabeth se aproximou da sobrinha. – Pois espero que o casamento de Laura a encoraje a dar tal passo.

– Titia! – Lucy deu um beijo na face da Elizabeth.

Em seguida, Andrew a cumprimentou em um abraço breve, porém claro e objetivo em suas boas-vindas.

– Entremos! Vamos almoçar!

– Não me digam que me esperaram para almoçar?

– Como não o faríamos? – Laura caminhava de braço dado com Lucy, como faziam quando crianças.

– Sinto tanto pelo atraso! Não imaginava que me esperariam.

– Ora, não se preocupe com isso, Lucy. Um dia que saímos da rotina não significa nenhuma tragédia, afinal.

Lucy deu um ar fresco a mansão dos Bell's e Laura se sentiu por fim, segura para expor seus sentimentos da forma como seu coração pedia e não tardou para que as palavras contidas por tanto tempo, viessem à tona. Foi logo após o almoço, enquanto Lucy e Laura passeavam pelo jardim.

– Quando conhecerei Jonathan? Este seu noivo parece-me bem ocupado pelo que titia disse ou ela exagerou um pouco?

Laura deu um longo suspiro. Sentou-se em um banco largo que decorava o canto do jardim onde tulipas aguardavam sua vez de nascer.

– Sim, ele tem muitos negócios. Na quarta-feira voltará de viagem. Está em São Francisco.

– Então ele administra os negócios do pai. Alguns bancos, estou certa?

– Sim. Ele é o único filho e está à frente de tudo.

– E seguirá tão ocupado depois que se casarem, imagino.

– Creio que sim.

– E como ele é?

– Fala de sua aparência?

– Também.

– É bonito, se é o que quer saber. – Laura sorriu algo faceira.

– Pois sim! Isso é importante, mas... e quanto a sua personalidade? Como ele lhe trata? É um cavalheiro?

– Sim. – Laura respondeu sem a necessidade de pensar a respeito e continuou suas considerações. – É um cavalheiro. As vezes algo distante, mas creio que sejam preocupações triviais.

– Já fizeram coisas... se é que me entende.

Laura sorriu com entusiasmo contido. – Lucy! Por Deus! Nos beijamos e só.

– E o que me diz de seu beijo?

– Foi bom. Sempre me ponho nervosa quando compartilhamos certa intimidade, sobretudo por ser algo tão raro.

– Está feliz?

Aquela pergunta inesperada pegou a Laura de surpresa.

– Não ficou com as bochechas coradas quando lhe perguntei sobre sua intimidade, mas quando lhe perguntei se é feliz, seu rosto se pôs mais rosado que essas flores que nos cercam!

– Lucy... Não sei se estou feliz como deveria.

– O que lhe incomoda? Crê que ele não lhe agrada o suficiente?

– Sim, ele me agrada. Gosto do seu jeito de falar. Gosto quando me olha, sobretudo quando estamos cercados de pessoas e percebo seu olhar buscando-me timidamente como se estivesse fazendo algo impróprio ou coisa assim. – As duas riam como duas jovens recém-saídas da adolescência.

– Pois sim, noto certo entusiasmo! Do que se trata, então?

– Não sei dizer ao certo. Como será a vida de uma mulher casada? Será que serei a esposa que ele espera que eu seja?

– Creio que ele deve estar se perguntando o mesmo. Ninguém sabe como é estar casado antes de casar-se afinal!

– Tenho medo de decepcioná-lo de alguma forma.

– Seus medos são naturais, mas creio que está dando demasiada atenção a eles. Deve seguir seus instintos e estou certa de que fará tudo certo.

– Há algo bobo que me incomoda além disso.

– O que é?

– Jessie ouviu dizer quando foi até a mansão dos Anderson, que Jonathan havia estado noivo há pouco mais de um ano. Lucy, começamos a namorar tão logo terminou um compromisso!

– Ora não me diga.

– Sim. – O olhar de Laura se perdeu no céu cor de gris. – Crê ser algo com que deva me preocupar? Não acha recente para comprometer-se novamente?

– Em minha opinião, deveria questioná-lo sobre isso. A princípio não vejo razões para preocupar-se. Se romperam o noivado é porque não se amavam o bastante.

– Talvez ela tenha rompido. É uma possibilidade.

– Pois por isso digo que deve perguntá-lo sobre a dinâmica dos fatos. – Lucy pegou a mão da prima aflita. – Laura, não devem

ter segredos um com o outro. Sobre o que conversam quando estão juntos?

– É tão raro estarmos a sós de fato que quando ocorre, tentamos falar sobre coisas agradáveis. Geralmente Jonathan conta de suas viagens. Eu gosto de ouvi-lo.

– E quando não estão a sós, quando se encontram?

– Em jantares intermináveis, geralmente aqui em casa ou em algum restaurante bastante caro, sempre com parentes ou amigos.

– Ele lhe leva para acompanhá-lo em jantares de negócios também?

– Sim, às vezes. Disse que é uma maneira de estarmos juntos já que os negócios lhe ocupam tanto tempo.

– Jonathan será seu marido. Deverá ter desde já alguma intimidade com ele.

– Tem razão. Temia ser inconveniente, mas nos casaremos em breve afinal de contas. Não devo me intimidar diante de questões pessoais que também me dizem respeito.

– Daqui há alguns dias dividirá sua vida com ele. Pense nisso.

– Sim, está coberta de razão, como sempre. Senti tanta falta de seu raciocínio lógico. Sou tão passiva as vezes.

– Devo discordar de você, minha prima. Sempre foi determinada, o que lhe falta é assumir isso para si mesma. Se assim não fosse, não se incomodaria com o fato de não saber detalhes sobre o pretérito noivado de seu noivo.

Laura sorriu. Havia conseguido lograr a paz que seu coração buscava há alguns dias. – Quarta-feira vamos recebê-lo em um jantar aqui em casa. Tocarei no assunto.

– Estou certa de que Jonathan é um noivo disposto a ouvi-la.

– Eu espero que sim.

- Titia e titio pareceram-me bem felizes com o casamento.
- Sim, por eles me casaria hoje mesmo.
- Não me admira. A família Ward é bem conhecida em Nova York pelo que pude perceber. E fará parte dela.
- Sabe que não dou valor a isso, Lucy.
- Sim, eu sei. Não está aceitando casar-se para sair de casa, não é? Amo titia, mas sei bem como é cruel as vezes.
- Não é por isso que aceitei casar-me. Gosto dele. – Os olhos de Laura encheram-se de contentamento.
- Posso perceber. – Lucy acarinhou o rosto da prima. – Vamos, anime-se! Em breve terá sua própria família.

Laura e Jonathan se mudariam para a casa do noivo, nas imediações de Upper West Side. A propriedade havia sido comprada pelo pai de Jonathan tão logo o filho precisou se instalar em Nova York, a proximidade com a casa da família de Laura e o conforto que a mansão oferecia, já que era considerada uma das mais valorizadas de Manhattan, foram razões mais que suficientes para adotarem a residência do noivo como futuro lar do casal.



A quarta-feira demorou a chegar para Laura, que impaciente, desejava ter informações precisas acerca da antiga história de amor de seu futuro marido.

As dezoito horas em ponto, Laura e Lucy já estavam na sala principal aguardando a visita ilustre, enquanto Elizabeth e Andrew conversavam junto a mesa de jantar, acertando os últimos detalhes do evento familiar.

Jessie e mais três criados se movimentavam freneticamente, quando por fim, o sino na entrada da porta soou.

– Jessie, é o senhor Jonathan. Vá recebê-lo.

– Sim senhora.

Elizabeth passou as mãos pelos cabelos, delicadamente presos em um coque. – Vamos, Andrew. – Buscou a mão do marido, que a acompanhou em passos firmes, porém sutis, até a sala maior.

Laura e Lucy se entreolharam.

– Levantem-se, vamos! – Elizabeth ajustou com esmero o vestido acinturado da filha e lançou um breve olhar nas vestes da sobrinha, certificando-se de que tudo estava em ordem.

Jonathan entrou na mansão dos Bell's e tão logo cruzou a porta, tirou o chapéu, colocando-o nas mãos de Jessie que o recebeu com um sorriso cortês.

– Seja bem-vindo Senhor Jonathan.

– Obrigado, Jessie.

Andrew foi o primeiro a cumprimentá-lo, seguido por Elizabeth. Jonathan Ward deu mais alguns passos e se pôs diante de sua prometida. Sua expressão era séria, porém, deixando escapar certa amabilidade no olhar, que se voltou firmemente para uma Laura tímida e desconcertada. Jonathan tocou as mãos de Laura, levando-a até seus lábios.

– Boa noite, Laura.

– Boa noite. – Ainda que Laura ainda não desfrutasse de certa intimidade com Jonathan a ponto de já se manter à vontade com a situação, percebeu que a cada encontro crescia sua curiosidade acerca das sensações que poderia experimentar com o noivo. Via tal constatação como algo positivo para ambos.

Elizabeth apresentou Lucy ao futuro novo membro da família. Como Laura pensava, de fato Lucy era racional e inteligente o bastante para entender certas situações que muitos teriam dificuldades em perceber. Seus sentidos não acusaram qualquer traço de negatividade no semblante do futuro primo. Isso confortou

seu coração de forma considerável, pois percebeu que Laura estava bem mais envolvida do que se permitia supor.

Jonathan era um homem jovem, porém experiente nas questões essenciais da vida. Filho único de abastada família, desde cedo contou com a ajuda de um pai devotado que não poupou esforços, nem despesas, para lhe conceder formação privilegiada e de uma mãe que tentou lhe dar ensinamentos que transcendessem as questões práticas. Era de fato, um homem de poucas palavras e o fazia propositalmente.

Era cuidadoso o bastante para não causar expectativas acerca das coisas que dependiam dele, seja racional ou emocionalmente. Quando recebeu de seu pai a proposta para conhecer uma moça, filha de um grande amigo nos negócios, aceitou prontamente. No fundo, Jonathan acreditava que estaria apenas cedendo a um pedido de seu pai e que após fazê-lo e caso houvesse a chance de outro encontro, se livraria da situação com uma desculpa qualquer.

Jonathan não contava que seus planos cairiam por terra tão logo estivesse com Laura a primeira vez. Sentiu-se atraído pela jovem tímida de cabelos castanhos e olhos amendoados que lhe fizeram desejar outros encontros, sem nenhum esforço por parte de seu pai.

Jonathan entendia a importância daquela união para as duas famílias, mas estava seguro de que seus interesses iam muito além dos negócios.

Após o jantar, Laura e Jonathan foram caminhar no jardim, conforme Elizabeth propôs. A noite estava fresca, proporcionando ao casal desfrutar do aroma das flores que começavam a surgir.

CAPÍTULO 2

Jonathan caminhava com suas mãos para trás, enquanto Laura ajeitava suas mechas levemente onduladas que repousava sobre os ombros. Ao avistar um dos bancos de pedra, Laura fez o convite. – Podemos nos sentar aqui?

– Claro.

Jonathan a acompanhou e juntos sentaram-se calmamente.

– Sente frio? – Jonathan questionou ainda ajeitando o terno.

– Estou bem, obrigada.

– O Que lhe incomoda, então?

– Como? – Laura olhou diretamente para Jonathan, mesmo sabendo que seus olhares se encontrariam tão de perto. Em outro momento, tal situação seria evitada por ela, mas sentiu certo incentivo com o questionamento do noivo.

– Sinto que algo lhe incomoda esta noite ou estou enganado?

Aquele era o momento. Se precisavam de mais intimidade, que um longo passo fosse dado, então.

– Tem razão. Algo me incomoda.

– E posso ajudá-la com isso?

– Sim, creio que pode.

Jonathan calou-se, dando a Laura a chance de abrir seu coração.

– Jessie precisou ir até a casa de um amigo de papai e quando voltou trouxe uma informação que de certa forma causou-me estranheza, devo confessar.

Jonathan ouvia atento.

– Jessie ouviu dizer que estava noivo há pouco mais de um ano. Não acha que tal informação seja relevante o bastante para tê-la escondido de mim?

Jonathan sorriu contidamente. – Compreendo seu interesse e me desculpo por não ter compartilhado tal fase de minha vida. Iria contá-la tão logo nos casássemos.

– Pode contar-me agora?

– Sim, posso.

Jonathan ajeitou-se para que se pusesse o mais à frente possível de sua noiva.

– No dia seguinte ao meu aniversário de vinte anos, assumi parte dos negócios da família junto ao meu pai. Ao contrário do que alguns incrédulos diziam, me saí muito bem em minhas funções e apesar dos tempos difíceis de recessão pelo qual o país estava passando, conseguimos expandir os negócios até Nova York, onde eu teria a maior parte das responsabilidades. Me entreguei aos devaneios comuns da minha idade. Minha vida resumia-se em trabalhar durante o dia e estar sempre rodeado de pessoas estranhas a noite. Até que chegou o momento em que comecei a perder o interesse em festas e diversões fugazes. Comecei a tomar gosto pelos negócios e então abandonei de vez o estilo de vida que levava. Foi nesta ocasião, que conheci a filha de um de nossos empregados, em uma confraternização no banco.

– Sua ex-noiva, suponho.

– Nancy e eu não éramos noivos. Ela dizia isso, mas nunca assumimos tal compromisso. Começamos um romance mesmo contrariando a vontade de minha família, que não via meu envolvimento romântico com uma moça de vida tão diferente da nossa com bons olhos, mas isso não era importante para mim. Eu insisti porque imaginei estar apaixonado.

– E não estava?

– No início, sim. Então os negócios começaram a me exigir muito mais dedicação e interesse. Foi o bastante para que nos afastássemos pouco a pouco.

Nancy. O passado de Jonathan tinha um nome. Laura não podia deixar de imaginá-la caminhando pelas ruas de Upper West Side e encontrando-se com seu futuro marido, ainda que por uma inocente manobra do acaso. Tentou voltar sua atenção para os fatos.

– E então?

– O fim foi inevitável.

– Quanto tempo levaram juntos?

– Pouco mais de dois anos.

– Ela ainda vive em Nova York? – Por fim, a pergunta que tanto ensaiou em sua mente, saia de seus lábios.

– Nancy me disse que voltaria para o Sul, para junto de sua mãe. Creio que foi isso o que aconteceu porque não tive mais notícias suas depois de certo tempo.

Laura voltou o olhar para o jardim. Imaginar Jonathan com outra mulher lhe causava profundo mal-estar. Naquele momento começou a se dar conta de seus sentimentos. Jonathan recostou-se comodamente, como se acabasse de cumprir difícil tarefa. – Sente-se melhor? Há mais que queira saber?

-O que me disse foi o bastante.

– Sinto muito não ter tomado a iniciativa de lhe contar.

– E eu espero não ter sido inapropriada com minhas perguntas.

– De modo algum. Daqui a alguns dias estaremos casados. Devemos ter conversas como essa mais vezes.

Laura sentiu suas mãos tremulas. Precisava de ar para respirar, apesar do imenso jardim que a rodeava. – Sim. Eu concordo. Por ora devemos entrar, a noite está começando a ficar fria agora.

Jonathan ficou em silêncio por alguns segundos enquanto admirava os traços de Laura sob a luz da lua. Jamais imaginou que concordaria com seu pai na escolha de sua futura esposa. Laura era doce e intensa ao mesmo tempo, uma mistura que lhe provocava profundo encantamento a cada encontro.

Talvez aquela fosse a última vez que se veriam antes do casamento. Jonathan ficaria três dias fora de Nova York, o que tornava aquele momento singularmente apropriado para algo além das palavras. Calmamente, tocou as mãos de Laura, sobrepostas uma sobre a outra.

– Gostaria de ter tido mais tempo com você. Seguramente se sentiria mais à vontade em minha companhia.

Laura sentiu seu rosto queimar como se estivesse muito próximo a ferro em brasa. Seu coração disparou de tal maneira que imaginou que saltaria pela boca a Qualquer momento. Não podia deixar que sua euforia transparecesse, mas incrivelmente naquele exato momento, essa possibilidade era o que menos lhe preocupava. Queria retribuir o gesto de Jonathan antes que aquela oportunidade lhe escapasse das mãos.

– Pensemos no tempo que teremos daqui para frente.

Jonathan se aproximou ainda mais. A noite de fato se tornava mais fria, porém, para ambos, era como se uma brisa delicada lhes invadisse a alma. Laura fechou os olhos como sinal de sua permissão.

Os noivos beijaram-se com ternura e certo desejo contido. Desta vez, Laura pôde desfrutar do momento com mais leveza. As mãos de Jonathan sustentavam seu rosto carinhosamente. O coração de Laura acalmava-se aos poucos, enquanto seu estomago flutuava por dentro de seu corpo entregue.

A partir daquela noite, Laura não teve mais dúvidas. Estava apaixonada por seu futuro marido e tal descoberta lhe enchia de esperança acerca do porvir. Ouviu diversas vezes sobre casamentos profundamente infelizes, sobretudo no meio em que vivia, onde as uniões muitas vezes eram apenas frutos de acordos que só beneficiavam as famílias envolvidas. Esse definitivamente não era o seu caso.

Lucy compartilhou das esperanças da prima e a ajudou a tirar de seus pensamentos a possibilidade de Jonathan e Nancy se reencontrarem um dia.

Laura ainda pensava que talvez o tempo em que Jonathan e Nancy passaram juntos, tivesse ainda algum significado para ele, mas Lucy fez questão de mostrar a prima a total falta de fundamento de suas preocupações.



Todas as providências para o casamento já haviam sido tomadas. A cerimônia seria na Saint Paul's Chapel e a festa, na casa dos Bell's. Dois dias antes do grande evento, Jonathan estava de volta a Nova York.

Laura estava feliz como jamais havia se dado conta até aquela data. Teve o aval do noivo para fazer a modificação que

desejasse em sua futura casa, porém, preferiu já estar casada e devidamente instalada para pensar no assunto e tomar as melhores decisões.

Apesar da aparente tranquilidade que seu coração experimentava, na noite anterior ao grande acontecimento, Laura teve um tipo de sonho que há muito havia ficado para trás.

Quando criança, costumava ter sonhos bem diferentes das que tinham as crianças de sua idade. Seus pais a levaram muitas vezes aos médicos mais renomados de Nova York temendo uma enfermidade mental ou algo do tipo, porém, nunca nada foi diagnosticado. Quando Laura começou a ter consciência de que contar sobre seus sonhos a fazia passar por inúmeras consultas e exames incômodos, passou a omiti-los, até que um dia, eles não aconteceram mais. Até aquela noite.

Laura sonhou que andava por ruas escuras, iluminadas apenas por pequenas tochas espalhadas pelos cantos rentes as calçadas, até que avistou uma mulher se aproximar. A mulher usava uma espécie de turbante colorido e uma saia da mesma cor. Usava muitos colares e pulseiras. A senhora caminhou em sua direção e Laura interrompeu seus passos, aguardando a aproximação inevitável.

Quando chegou bem perto, a mulher pegou em suas mãos e lhe olhou profundamente por alguns segundos. Laura despertou com a sensação do calor daquele momento ainda em seu corpo.

Não conhecia a tal mulher. Não se falaram, mas algumas palavras ecoavam em sua mente como se houvessem sido ditas. “Não está sozinha”.

Ainda sem entender aquele sonho, curto em sua duração, mas intenso nas impressões que deixaram, Laura buscou um copo de água na mesinha ao lado da cama.

Pensou em acordar Lucy, mas a prima dormia profundamente. Bebeu dois goles de água e se deitou.

Por que estava tão impressionada? Quem seria aquela mulher? O que ela quis dizer?

Laura tentou voltar a dormir em vão. Se lembrou dos sonhos da época de criança, tão lúcidos que era difícil saber se de fato não faziam parte da realidade. Tais confusões em sua mente estaria, de volta? Por certo a proximidade de mudança tão relevante estaria mexendo com seus nervos, o bastante para reviver tais impressões de um passado distante.

No dia seguinte, pensou dividir o fato ocorrido com a prima, mas aquele seria o dia mais importante de sua vida. Não queria pensar em nada que a perturbasse e tocar no assunto seria uma maneira de tornar suas preocupações ainda mais presentes.

Ainda pela manhã foi até a pequena capela do outro lado do jardim e fez uma oração. Deu um longo suspiro e encontrou novamente a paz que seu coração havia perdido naquela primeira madrugada de primavera.

CAPÍTULO 3

Naquela tarde de vinte de março as flores ornavam as ruas de Nova York levando o perfume e as cores da primavera para quem passasse. A igreja estava cheia. A nata da sociedade estava presente para testemunhar a união de duas famílias influentes e admiradas; Os Bell's e os Ward's.

Jonathan usava um imponente traje preto e aguardava sua noiva no altar com leve exaltação contida.

Laura entrou na igreja acompanhada de Andrew Bell. Usava um delicado vestido de cetim de seda pura com renda francesa floral em um decote em V profundo e mangas longas plissadas que fechavam na lateral com uma fileira de botões forrados de seda.

Seu cabelo estava solto, com a grinalda em forma de coroa sustentando parte da franja ondulada.

Muitas pessoas a observavam, mas era como se a igreja estivesse vazia. Laura olhava para Jonathan como se nada mais ao redor existisse. Seu momento havia chegado. Por fim teria sua própria família. Poderia ser ela mesma, fazer as coisas do seu jeito, compartilhar de suas emoções sem medo de ser repreendida ou mal interpretada. Poderia ser ouvida. Teria alguém com quem dividir a sua vida.

Jonathan acompanhou a entrada de Laura ao som da Marcha Nupcial de Wagner, com admiração e encantamento. Não tinha dúvidas sobre o acerto daquele passo tão importante. Suas incertezas pairavam apenas pela possibilidade de não conseguir fazer de Laura uma esposa feliz, já que tinha total consciência do tamanho das expectativas que seu pai tinha em relação a seu trabalho e que dedicar-se a seu casamento e aos negócios simultaneamente seria algo para o qual ele deveria exercer enorme destreza.

Quanto mais Laura se aproximava, mais aumentavam suas certezas de que valeria a pena o esforço.

Após o “sim” e a troca de alianças, os convidados acompanharam os noivos até a mansão dos Bell’s.

Laura e Jonathan tiveram dificuldade em estar a sós, mas seus olhares se buscavam quando se viam no mesmo ambiente, sempre cercados por familiares e amigos.

Em dado momento de descontração, Laura conversava com Louise, uma das primas de Jonathan, na sala menor.

– Tem em mente que tipo de mudanças pretende fazer em sua nova casa? É uma bela casa. Dizem que é uma das mais belas do bairro.

– Não tenho ideia. Estive lá duas vezes, salvo engano, e a meu ver não há nada que mereça atenção urgente. Jonathan tem muito bom gosto.

– Jonathan moraria em uma casa sem móveis e não sentiria falta de nada. Foi Nancy quem cuidou de todos os detalhes.

Louise percebeu que havia falado demais.

– Por Deus, acho que me excedi no champanhe. Já não me dou conta do que falo. Desculpe-me.

Laura disfarçou seu mal-estar com um sorriso discreto. – Não se preocupe, Louise. Esse assunto em nada me incomoda. Ao contrário, me agrada saber mais sobre o passado de meu marido.

Louise deixou escapar um suspiro de alívio. – Acho que está correta em pensar assim.

– Então conheceu Nancy?

– Sim. – Louise estava mais à vontade para falar do assunto. – Titio nos convidou para um pequeno jantar em comemoração ao aniversário de meu primo. Nancy estava lá. Não conte a Jonathan que falamos sobre isso. – A bebida realmente estava conduzindo as ideias de Louise. E Laura soube aproveitar a oportunidade.

– Jonathan jamais saberá. – Afirmou em tom confidente. – E que impressão teve dela?

– Confesso que a princípio me deixei levar pelas sugestões da família a respeito da moça. Não pude evitar.

-Que tipo de sugestões?

– Todos achavam Nancy uma aproveitadora. Tio James principalmente. Mas o que pude perceber naquela noite foi seu envolvimento fora do comum com meu primo.

– O que quer dizer com “fora do comum”?

– Para uma moça solteira, conhecia demais os gostos dele, soube que cuidava da rotina da casa como se fossem casados. E acredito que já dormiam juntos. – Louise usou um tom de voz mais baixo.

– Ora não me diga.

– Sim. Um tanto quanto moderna demais, devo dizer.

– Ela o amava certamente.

– Eu não tenho a menor dúvida disso. Em minha opinião, não estava interessada em dinheiro, parecia-me mais como alguém emocionalmente dependente, entende o que digo?

– Creio que sim. E depois que romperam, parece que voltou para o Sul, certo?

– Foi o que papai me disse. Fomos instruídos a não tocarmos mais no assunto.

Elizabeth interrompeu a conversa.

– Laura, prepare-se para a valsa. Nossos convidados estão ansiosos.

Àquela altura, Laura já não ouvia nada mais com clareza. Somente as palavras de Louise rodeavam sua mente. Se de fato já dormiam juntos, Nancy devia amá-lo sobremaneira. Teria ela renunciado a um sentimento tão forte sem lutar o bastante? Laura dançou a valsa com seu marido como havia ensaiado, mas seus pensamentos estavam longe. Ao final da dança, Jonathan beijou a mão da esposa e com olhar sereno, quase terno, perguntou em voz baixa; – Está feliz?

Laura retribuiu o olhar. – Sim. Muito.

Os aplausos interromperam o momento singular.

Devido a compromissos inadiáveis, Jonathan não poderia ausentar-se de Nova York naquele mês, o que deixou a lua de mel para meados de maio. Planejarium uma viagem à Europa com tranquilidade. A Paris, talvez. Laura estava particularmente inclinada a essa ideia, já que havia convencido Lucy a ficar em Nova York até maio, quando então, retornaria para França, acompanhando-os na viagem de lua de mel.

Após a dança, Jonathan e Laura despediram-se dos familiares mais próximos e prepararam-se para seguirem para a nova casa. Ao despedir-se de Lucy, Laura lhe confidenciou ao pé do ouvido; – Estou tão nervosa. Minhas mãos estão geladas!

Lucy sorriu; – Sim! Posso senti-las. Não há razões para tal! Jonathan agora é seu marido!

– Temo fazer algo errado. O que não daria para ter alguma experiencia neste momento!

– Ei! Do que está falando? Você é linda e inteligente! Jonathan está encantado por você! Não vejo sua inexperiência fazer falta alguma. Entendeu-me?

Laura suspirou profundamente. – Sim. Deseje-me sorte.

– Não será necessário, mas se fará com que se sinta melhor: Boa sorte!

As primas abraçaram-se novamente.

O Rolls Royce de Jonathan aguardava o casal com o motorista devidamente trajado. Laura vestiu seu sobretudo de veludo preto e deu os braços a Jonathan.

Por fim, o casal cruzava os portões da mansão dos Bell's.

Laura inclinou-se levemente para olhar pela janela. Havia crescido ali, mas suas lembranças não a permitiam sentir-se triste por estar deixando seu passado para trás.

– Pronta? – Jonathan a resgatava de suas memórias.

– Sim. Estou pronta.

As ruas estavam vazias. Não tardou para que chegassem ao novo destino. Cruzaram os portões e o carro por fim, interrompeu a marcha. Sam abriu a porta do carro, conduzindo Laura para sua nova realidade a partir de então. Laura pisava na mansão dos Ward's, agora, como a dona da casa. Jonathan se aproximou e

levou sua esposa até a porta em um gesto quase cerimonial; – Seja bem-vinda. Este agora é o seu novo lar.

Laura respondeu com um sorriso.

De fato, a mansão era imponente. Os recém-casados caminharam de braços dados até chegarem à porta de entrada.

Dois empregados os receberam. Winna e Joane. Laura tentou ser o mais agradável possível. Joane cuidava da cozinha, era a responsável pelas compras e pelas refeições. Winna se encarregava da organização da casa, como arrumação e limpeza.

Winna recolheu o terno de Jonathan e o sobretudo de Laura. Joane aguardou até que ambos se acomodassem no sofá. – Desejam comer ou beber algo?

Jonathan olhou para a esposa; – Eu me dou por satisfeito. Deseja alguma coisa? Joane pode preparar o que quiser.

– De forma alguma. Não consigo ver nenhum tipo de comida a minha frente.

Joane sorriu. – Se mudarem de ideia, estarei à disposição, com licença.

Laura assentiu com a cabeça.

Antes de deixar a sala, Winna entregou ao patrão dois envelopes que trazia nas mãos; – Senhor Jonathan, estas correspondências chegaram hoje. Deseja vê-las agora ou as deixo sobre a mesa de seu escritório?

– Deixe-as em minha mesa, por favor. Obrigado, Winna.

– Se desejarem algo é só me chamar. Com licença.

Jonathan e Laura estavam a sós.

– Pedi a Winna que colocasse flores em nosso quarto. Jessie me disse que gosta.

– Sim, Jessie estava certa.

– Quer vê-las?

Laura sentiu seu rosto corar. Teria Jonathan notado seu desconcerto? Por certo que sim.

– Adoraria.

Jonathan se levantou, pegou a mão de Laura e delicadamente a conduziu até as escadas. Joane e Winna observavam escondidas. – Veja, Joane. Nunca vi Senhor Jonathan tão feliz!

– Sim, é verdade, parece-me bastante feliz.

– Vamos descansar. Amanhã teremos muito trabalho pela frente. Senhora Laura é a nova dona desta casa. Devemos estar a par de suas preferências. Boa noite, Joane.

Winna seguiu para seus aposentos, deixando Joane pensativa com as questões práticas da existência. – Sim, agora ela é a dona desta casa. – Sussurrou para si mesma, enquanto desamarrava o avental.

Jonathan e Laura entraram no quarto. Winna havia feito tudo o que o patrão havia pedido. As rosas amarelas enfeitavam os criados-mudos e as mesinhas próximas às janelas. Laura observou cada canto como podia, sem de demorar, mas o suficiente para satisfazer sua curiosidade.

O quarto era espaçoso e rico em detalhes. A cama em madeira era ricamente talhada com figuras e grinaldas de louro. O encosto era ornamentado com guerreiros em semi-relevo e o tecido que a cobria o dossel era fino e delicado, porém com cores terrosas garantindo privacidade.

O chão de madeira estava impecavelmente lustrado.

Uma das janelas estava entre aberta, fazendo com que uma leve cortina branca, quase transparente, voasse suavemente.

Jonathan desabotoou os dois primeiros botões da camisa e caminhou até a esposa.

– Sinto não estarmos a caminho de Paris nesse momento. – Jonathan segurou os braços de Laura, que retribuiu o gesto. – Paris estará nos esperando, não se preocupe.

– Não esperará por muito tempo. Lhe prometo.

Jonathan tocou o rosto de Laura e aproximando seus lábios, a beijou brevemente. – Está tudo bem?

– Sim. – O desejo de Laura por Jonathan era algo impossível de disfarçar àquela altura dos acontecimentos.

– Esperei tanto por isso, Laura; estar com você a sós. – Laura não conseguiu responder, buscou os lábios de Jonathan novamente e se entregou a seu marido sem reservas, consumando a união tão esperada pelas duas famílias e naquele momento, tão desejada por ambos.

CAPÍTULO 4

A luz do sol da manhã seguinte invadiu o quarto principal da mansão enquanto Jonathan e Laura ainda dormiam. A mesa do café já estava posta aguardando os recém-casados. Os pássaros iniciavam sua orquestra dançando por entre os galhos das árvores do imponente jardim quando Jonathan despertou. Sabia que havia passado de sua hora habitual de despertar, mas deu a si mesmo crédito pela noite passada. Uma noite repleta de significativos acontecimentos. Levantou-se devagar para não despertar a esposa que dormia tranquilamente.

Ao terminar sua higiene pessoal, caminhou em direção aos seus aposentos novamente e parou para observar Laura com mais atenção. Estava feliz com a vida que começava a se descortinar diante de seus olhos. Ofereceria a Laura tudo o que seu coração desejasse. Sentiu o ímpeto de fazê-la feliz ainda mais forte naquela manhã.



Quando Laura finalmente despertou, sentiu certa angústia em não ver Jonathan ao seu lado. Arrumou-se de forma a não perder tempo. Winna a aguardava na sala principal.

– Bom dia, senhora Laura.

– Bom dia, Winna.

– Senhor Jonathan está no jardim. Disse que lhe esperaria para o desjejum. Vou chamá-lo.

– Eu mesma o chamo. Obrigada, Winna.

Laura caminhou até o jardim. Ainda precisava recordar-se dos caminhos a serem percorridos já que sua nova casa era ao

menos duas vezes maior que a de seus pais.

Após algum tempo, chegou aos jardins. Não era comum casas com jardins tão bem cuidados em Nova York. Árvores frondosas, frutíferas, se espalhavam por todos os lados. Flores de todos os tipos e cores, formavam caminhos que levavam a um labirinto verde viçoso no centro de tudo o que seus olhos podiam ver.

Laura deu um longo suspiro, quando Jonathan a surpreendeu; – Por isso não havia lhe mostrado o jardim nas vezes em que estive aqui. Queria surpreendê-la. Gostou da surpresa?

Laura sorriu encantada. – Sim! Muito! É lindo, Jonathan. Jamais poderia imaginar algo assim.

– Uma vez por semana contamos com os cuidados de uma empresa especializada na manutenção de jardins. Sam é o responsável por organizar esta tarefa.

– Ele está fazendo um excelente trabalho, não resta dúvida. Está perfeito!

Laura sorriu. Estava fascinada com que seus olhos viam.

– Dormiu bem ou estranhou a cama?

– Dormi muito bem e acordei ainda melhor.

Jonathan acarinhou o rosto de Laura. Seu sorriso exalava felicidade. Não tinha dúvidas; Laura era tudo o que seu coração desejava ter.

– Normalmente tenho muitos compromissos pela manhã que se estendem ao longo da tarde, será comum que almoce só. Se importa?

– Adoraria que me fizesse companhia, mas entendo suas responsabilidades. Não se preocupe comigo.

Jonathan e Laura beijaram-se sob os raios do sol de primavera que se faziam mais fortes.

Para ambos, era nítido o carinho mútuo que nutriam um pelo outro e essa percepção os encorajava a deixar de lado suas reservas instintivas, tornando-se receptivos ao menor gesto de intimidade demonstrado.

Para Laura, seu primeiro dia de casada foi de relevantes descobertas. Além do jardim suntuoso, cada cômodo da casa foi sendo explorado com cuidado, como se de fato estivessem sendo vistos pela primeira vez.

Ao deixar um dos quartos de hóspedes no terceiro andar, Laura ouviu um ruído vindo do sótão. Sabia que Joane estava preparando o almoço e Winna cuidava das roupas de cama na parte exterior da casa. Ainda assim, imaginou que poderiam ter subido sem que tivesse visto.

– Winna, Joane?

Não houve resposta. Lembrou-se que Jonathan havia comentado que uma vez ao mês, uma senhora de nome Lydia vinha a casa fazer a limpeza mais pesada. Talvez, aquele fosse o dia de recebê-la, embora Winna não tivesse comentado nada a respeito.

– Senhora Lydia?

Enquanto chamava, Laura caminhava até o alçapão onde a escada para o sótão se localizava. A escada estava embutida. Ninguém havia subido ali.

Buscou algo que pudesse lhe ajudar a abrir o alçapão.

Ao montar a pequena escada, uma névoa densa de poeira tomou conta do entorno fazendo com que Laura espirrasse compulsivamente.

– Por Deus! Há quanto tempo não usam estas escadas? – Cochichou para si mesma.

Após se certificar de que os finos degraus estavam seguros, Laura subiu as escadas e chegou até o sótão.

Não fosse pela pequena janela no fim do vasto cômodo, seria impossível enxergar qualquer coisa. A luz do sol era insuficiente, a aparência escura e descuidada saltava a vista. Pequenos móveis entulhados pelos cantos estavam cobertos em parte por lençóis que não se podia mais definir a cor, tamanha a poeira e as teias de aranha que os cobriam.

O coração de Laura batia acelerado e ela não conseguia encontrar razão para tamanho desconforto. Caminhou a passos curtos e suaves, até que encontrou uma estante com várias prateleiras, largas e extensas. Se aproximou um pouco mais.

Laura custou a crer em que seus olhos viam; potes de vidro com o que parecia ser partes ressecadas de animais, como língua, coração e outras difíceis de identificar, crânios pequenos, cordas, sisal, cálices, crucifixos, pratos com pó de várias cores e odores, bonecos de pano, agulhas e muitas, muitas velas, algumas delas que já haviam sido utilizadas.

Instintivamente Laura deu um salto para trás. Jamais havia visto algo parecido.

Queria estar bem longe dali, mas sua curiosidade lhe prendia. Tomou coragem e se aproximou dos objetos sinistros novamente.

O odor fétido mesclado ao mofo lhe embrulhava o estômago. Teria Jonathan ciência do que havia ali? Pertenceria a ele, talvez?

Laura começou a suar e passando a mão pela fronte, percebeu que sua pele estava fria. Algo de fraqueza começou a dominar o seu corpo. Se apoiou em uma pilastra próxima e retomou o fôlego, o suficiente para sair dali com segurança.

Desceu as escadas com cuidado, porém com certa celeridade. Suas pernas ficavam mais trêmulas a cada passo. Um medo quase irracional de perder os sentidos ali, sozinha, a fez entrar em um dos quartos para se recompor.

Sentou-se prontamente na cama de solteiro arrumada com uma delicada colcha de cetim. Apoiou a cabeça sobre as mãos

tentando retomar o equilíbrio.

Notou que sua respiração se tornava menos ofegante e então abriu os olhos com calma. Foi quando viu a maçaneta se mover. Não conseguiu tirar os olhos da porta.

A figura de Winna surgiu como um bálsamo para seu espírito aflito.

– Senhora Laura, o que faz aqui? Sente-se bem? Está branca como cera!

– Sinto-me um pouco fraca.

– Pode ser fome. Venha almoçar, lhe ajudo a descer.

– Winna, antes de irmos, preciso lhe perguntar algo.

– Pois não, senhora?

– O que significa aqueles objetos horrendos no sótão?

A fisionomia tranquila de Winna mudou prontamente.

– Por Deus, senhora. Não sabia que havia estado naquele sótão. Não deveria ter ido lá.

– Então sabe do que falo?

– Sim, senhora.

– Winna, necessito de explicações.

Winna respirou fundo. – Se me permite dizer, se eu fosse a senhora não me envolveria nesses assuntos.

– Já estou envolvida. Só preciso saber em que.

Winna fechou a porta e sentou-se ao lado de Laura.

– Pois bem. A senhora deve saber que o senhor teve um romance antes de conhecê-la.

– Sim, com Nancy.

– Ela era uma pessoa bem incomum, se assim posso dizer. Algumas pessoas da vizinhança diziam que ela tinha pacto com

coisas ruins. Não creio que chegava a tanto, mas havia algo nela de diferente, isso não posso negar. Alguns de seus hábitos eram peculiares.

– Como assim?

– Ela gostava de adornar a casa com amuletos. Cantava músicas em outras línguas, pedia que o chão fosse lavado com uma água que ela mesmo preparava. Coisas incomuns, entende?

– Jonathan não estranhava tal comportamento?

– Creio que não levava essas coisas a sério. Nesta ocasião, senhor Jonathan andava deveras ocupado. Muitos destes hábitos, nem mesmo tomava ciência.

– Os objetos no sótão pertencem a ela, devo supor.

– Sim, senhora.

– E Jonathan sabe que elas estão lá?

– Senhor Jonathan jamais entrou naquele sótão. Dissemos a ele que a senhorita Nancy havia deixado, sabe, coisas dela lá, mas ele não deu importância.

– Por que ela não voltou para buscá-las?

– Senhorita Nancy saiu desta casa bastante magoada com Senhor Jonathan. Ela o amava muito. E se me permite...

– Sim...

– Por favor, esqueça. Acho melhor descermos agora. – Winna tentou se levantar, mas Laura a impediu.

– O que ia me dizer, Winna?

– Sam viu a senhorita Nancy diversas vezes rondando a casa.

Aquela informação causou a Laura um mal-estar ainda maior que sua descoberta no sótão. – Rondando a casa?

– Sim, senhora. Creio que não se conformou com o fim do romance.

– Então ela não voltou para o Sul como Jonathan pensa.

– Não mesmo.

– Como ela é? Digo fisicamente. Preciso identificá-la caso esteja por perto.

– É de baixa estatura, de cabelos pretos e o rosto tem um formato arredondado. Quando Sam a viu, ela estava na companhia de uma amiga.

– E quem seria esta amiga?

– Estou quase certa de tratar-se de uma senhora deveras estranha que acompanhava Nancy nos últimos meses em que frequentava esta casa. Nas redondezas ficou conhecida por fazer feitiços para todos os fins. Tem uma loja de flores a duas quadras daqui, dizem que ela atende a seus clientes nesta tal loja. Bem, é o que dizem.

– Como se chama?

– Senhora Edith.

– Não conte nada a Jonathan. Ele já tem assuntos demais com que se ocupar.

– Deve ficar atenta, senhora. Não acredito que esta moça tenha se esquecido de seu marido. Desculpe-me a ousadia.

– Não há razões para desculpar-se. – Laura estava grata a advertência de Winna, mas ainda em choque com tudo o que acabava de ouvir. – Ficarei atenta, não se preocupe.

Os medos de Laura começavam a ganhar forma. Estava decidida a deixar Jonathan de fora de questão tão delicada. Não traria Nancy para a sua vida mais uma vez. Após o almoço, foi rezar na capela da mansão. Sentou-se diante da cruz e da imagem de virgem Maria e pediu que nenhum mal se acercasse da casa. Pensou na mulher do seu sonho. Não fazia ideia de quem seria,

mas seus pensamentos foram até a estranha senhora como um pedido de ajuda.

Pensou consigo mesma que com o tempo, Nancy entenderia a nova condição de Jonathan e se conformaria com sua realidade. Era uma possibilidade a ser considerada. Entretanto, se Nancy insistisse em suas convicções, Laura sabia que não lhe faltaria coragem para agir.

CAPÍTULO 5

Laura estava adaptando-se bem a vida de casada. Jonathan não era exigente, além do mais, Joane conhecia o paladar do patrão e Winna já sabia como manter a casa em ordem.

Após a descoberta no sótão, Laura não voltou mais lá. Pensou por dias em uma maneira de cuidar do assunto e chegou à conclusão de que todas as coisas de Nancy deveriam sair da casa, sem que Jonathan tomasse ciência delas.

Pedi a Winna que providenciasse trabalhadores para esvaziar o sótão de tais objetos enquanto Jonathan estivesse fora.

Ela mesma não quis estar presente quando o trabalho fosse feito. Aproveitou para comprar um novo frasco de perfume, já que o seu estava no fim. Almoçaria na casa de seus pais no domingo que viria e estava entusiasmada com a primeira visita ao antigo lar depois de casada. Estava especialmente ansiosa para conversar com Lucy e atualizá-la dos novos acontecimentos.

Sair à rua como uma mulher casada era algo que lhe fascinava. Percebia os olhares curiosos e admirados. Agora era a senhora Ward, esposa de um banqueiro bem-sucedido e respeitado. Por onde passava, mulheres casadas lhe cumprimentavam, as moças solteiras cochichavam umas com as outras e os homens a olhavam contidamente, caso não pudessem evitar.

Laura comprou seu perfume, Fleur de Thé Rose Bulgare, fragrância que passou a usar desde que completou 15 anos. Deixou a loja pensando o que recomendaria a Joane para o jantar.

Após alguns passos, ouviu alguém chamar seu nome. –
Laura!

Olhou para trás instantaneamente. Uma moça de baixa estatura e cabelos pretos lhe observava, recostada a uma velha árvore. Seu coração gelou de imediato, sem que se desse conta,

deixou a bolsa com o perfume cair no chão. Não conseguia pensar em nada mais. – Chamou-me?

– Sim. – A moça se aproximou devagar. – Esperei muito por esse momento. Não sabe quem eu sou?

Laura não sabia, mas imaginava. O momento crucial havia chegado. Laura sabia que chegaria e sabia também que todas as reações testadas e repassadas mentalmente até ali, se tornavam inúteis. Decidiu agir como seu coração ordenava naquele momento.

– Não, eu não sei quem você é.

– Sou Nancy. Fui a noiva de Jonathan.

– Em que posso ajudá-la, senhorita Nancy?

– Creio que tenho a obrigação de adverti-la sobre sua situação.

– Advertir-me? Seja mais clara.

– Não deveria ter se casado com Jonathan.

– Como disse?

– Vejo que é uma moça de boa formação, deveria entender certos princípios. Jonathan e eu temos uma história que ainda não terminou e não deveria intrometer-se nela. -Nancy começava a se desequilibrar emocionalmente.

Laura não se sentiu intimidada diante da figura amarga de sua oponente. –Senhorita, preste atenção porque serei eu quem lhe farei uma importância advertência; fique longe de mim, de minha casa e sobretudo de meu marido! Sei que costuma rondar nossa residência. Não medirei esforços em envolver as autoridades competentes neste assunto.

Nancy se aproximou um pouco mais. – Não sabe com o que está lidando, senhora Laura. Afaste-se enquanto é tempo.

– Está avisada; fique longe! – Laura falou de forma pausada e firme. Deu as costas, mas Nancy ainda tinha algo a dizer.

– Deve saber que ainda tem coisas minhas naquela casa.

Laura interrompeu os passos e virou-se novamente. – Pois teve tempo suficiente para buscá-las. Já não se encontram mais lá.

– O Que fez? Não tem o direito!

– Mandei deixar suas coisas na loja de sua amiga Edith. – Um silêncio desconcertante se entrepôs entre as duas. Laura retomou a palavra. – Nossa conversa termina aqui.

Laura seguiu o seu caminho sem olhar para trás.

– Foi avisada! Foi avisada! – Nancy gritava descontroladamente.

Laura apressou ainda mais os passos, inesperadamente, sentiu alguém segurar seu braço, virou-se instintivamente. Era um senhor calvo de profundos olhos azuis; – Sente-se bem, senhora?

As mãos de Laura ainda estavam trêmulas e sua voz, embargada; – Sim, estou bem.

– Quer que eu a acompanhe até a sua casa?

– Não é necessário. Estou bem, obrigada. – Laura continuou a caminhar apressadamente, sob o olhar preocupado do senhor desconhecido; – Pobre moça.

Assim que Laura regressou a casa e certificou-se de que suas ordens haviam sido cumpridas, banhou-se demoradamente para que talvez pudesse se recompor da maneira que precisava. Sua cabeça ainda dava voltas. Como Nancy foi capaz de tamanha audácia? Deveria contar a Jonathan do ocorrido ou seria este o plano de sua rival, impor novamente sua presença na vida de seu marido? Conversaria com Lucy sobre tudo o que lhe preocupava. Seguramente não estava em condições de tomar decisões.

De alguma forma, Laura sabia que Nancy seria um problema. Desde que soube de sua existência, percebeu pouco a pouco se formar um nó em seu peito que nem mesmo a concretização de seu

casamento conseguiu desfazer. Talvez fosse sua intuição querendo adverti-la de algo.

Cada vez que se lembrava do olhar de Nancy, uma sensação ruim lhe visitava. Fechou os olhos e recostou a cabeça na banheira.

Jonathan a amava. Era tudo o que precisava para seguir em frente.



Finalmente o domingo havia chegado. Laura decidiu seguir sua intuição. Não comentou com seu marido sobre o encontro com Nancy, tampouco mencionou sua descoberta no sótão. Winna foi conivente com seu segredo. Apesar do pouco tempo, sentia um carinho especial por Laura, além do receio que tinha de que Nancy pudesse voltar a exercer qualquer influência sobre Jonathan e conseqüentemente sobre a casa.

Laura não imaginava Jonathan voltando para os braços de Nancy. Tal pensamento a dilacerava antes mesmo que tomasse formas mais consistentes. Jonathan tampouco imaginava o turbilhão de emoções pelas quais a esposa estava passando. Estava feliz em seu casamento e isso era tudo o que conseguia pensar no momento.

Laura e Jonathan foram recebidos por Elizabeth e Andrew, com alegria. Lucy se juntou a família um pouco depois. Para Laura, o reencontro com Lucy a encheu de esperança. Por fim, poderia compartilhar seus sentimentos e ter uma visão mais clara da situação em que se encontrava.

Durante o almoço, Andrew e Jonathan conversaram de negócios. Lucy notou o semblante preocupado da prima e esperou inquieta até que pudessem estar a sós. Quando por fim, Andrew convidou Jonathan para desfrutarem de seus charutos no escritório,

Lucy aproveitou a oportunidade; – Laura, creio que se esqueceu de levar alguns vestidos.

Prontamente Laura entendeu a intenção da prima. – Sim, senti falta deles. Pode ir comigo até meu antigo quarto, Lucy? Levarei o que porventura tenha deixado aqui.

– Claro. Nos acompanha, titia? – Lucy sabia que precisava fazer o convite.

– De modo algum. Pedi a Jessie que preparasse uma torta para Jonathan e devo vigiá-la para ter certeza de que esteja a cargo dos acompanhamentos.

Laura sabia que não haveria outra resposta; – Claro, mamãe.

Lucy e Laura subiram as escadas.

Como Laura havia imaginado, a conversa com Lucy fez com que um peso incalculável saísse de seu peito. Após todo o seu relato em detalhes, Laura deu um longo suspiro. Sentia-se inegavelmente melhor. Lucy ajeitou-se na cama, recostando-se um pouco mais.

– Não posso crer, Laura. Que criatura sem escrúpulos! Como se atreve em procurá-la e ameaçá-la desta forma? Fez muito bem em não se intimidar.

– Jamais me intimidarei.

– E seus empregados, são de confiança?

– Creio que são. Winna e Joane têm se mostrado fiéis e solícitas. Principalmente Winna.

– Isso é bom. Precisarás de ajuda Laura. E esta senhora Edith? Já a viu? Já teve notícias dela?

– Ainda não.

– Mandou deixar as coisas da tal Nancy em sua loja e ela nem mesmo questionou?

– Em realidade não sei se questionou, eu não quis saber detalhes. Apenas me certifiquei de que a entrega havia sido feita.

– Agiu certo, Laura. Eu não teria feito melhor.

– O que acha, Lucy? Jonathan deveria tomar ciência de tais fatos?

Lucy segurou as mãos da prima com segurança; – Não acho prudente. Como disse, isso apenas traria Nancy de volta a sua vida. Veremos como as coisas evoluem. Não tema, Laura, tem o amor de Jonathan e isso é o que mais importa.

– E se ele ainda sentir algo por ela?

– Nem por um minuto permita que ela consiga colocar tal dúvida em seus pensamentos. Se Jonathan a amasse não a teria deixado.

– Tem razão. Tem total razão.

– Você e Jonathan serão felizes juntos e essa moça terá que se conformar.

– Quanto aos objetos, acha possível que tais coisas possam afetar nossas vidas? Parece-me que esta senhora Edith domina tais artimanhas.

– Laura, creio que há forças no mundo que desconhecemos. Talvez esta senhora tenha algum dom em manipular certas energias ocultas, mas acredito também em destino. Acho que as coisas acontecem porque assim está escrito. Casou-se com Jonathan, é seu destino. Nada nem ninguém pode mudar isso.

Laura ouviu a prima com atenção. – Tem razão. Como sabe destas coisas?

– Os europeus são mais receptivos para estes temas. Na França, sobretudo há muitas correntes filosóficas que estudam tais assuntos a exaustão.

– Jamais imaginei considerar tais questões.

– Agora sabe. Não as desconsidere, Laura, porém, não as tema. Ouviu-me bem?

– Sim. – Laura abraçou Lucy em um gesto de agradecimento.
– Quero que vá me visitar mais vezes.

– Eu irei, mas precisam ficar a sós neste começo. Será bom para ambos.

Lucy estava certa. Laura sabia que o dia a dia a sós com o marido faria com que seu elo com Jonathan se fortalecesse ainda mais. Não tinha dúvidas dos sentimentos de Jonathan, apenas queria que se tornassem profundos a ponto de que nada nem ninguém se tornasse uma ameaça a felicidade que já começava a se desenhar.

A visita ao seu antigo lar foi exatamente como Laura imaginou. Seus pais absolutamente preocupados em comprazer Jonathan e nenhuma pergunta sobre como Laura se sentia em sua nova vida. Não estava surpresa, apenas triste com mais uma constatação de que, além do marido, tinha apenas Lucy com quem contar e que em breve, sua única amiga e confidente estaria de volta a outro continente.



Naquele domingo, voltando para casa, Jonathan pediu a Sam que os deixassem no Central Park. As flores estavam exuberantes naquela época do ano e as copas das árvores verdes e robustas. Para Laura, um passeio que lhe acalentava a alma.

– Parece que leu meus pensamentos. – Laura ainda mantinha os olhos fechados enquanto exalava o aroma fresco que os invadia.

– Acho que é uma técnica que começo a dominar. Ler seus pensamentos.

Laura sorriu. – Isso me alegra.

Jonathan e Laura caminhavam calmamente. Os pássaros cantavam enquanto voavam de um lugar ao outro, proporcionando um improvisado espetáculo de fim de tarde.

– O que achou de Winna e Joane?

– São perfeitas. Ambas têm me ajudado muito em minha adaptação a casa.

– Sinto que elas lhe têm grande apreço.

Laura recebeu a revelação de Jonathan com certo alívio, já que entendia ser o apoio de ambas, crucial em sua provável batalha.

– Está feliz?

Lembrou-se de quando Jonathan lhe fez a mesma pergunta no dia em que se casaram e quando Lucy a fez, quando ainda era solteira e que o provável noivado de Jonathan havia sido a causa de suas preocupações a época. Naquele momento já tinha respostas para as perguntas de outrora, porém, outras surgiram. Ainda assim, conseguia notar com clareza que de fato estava feliz, apesar de tudo e apesar do fato de que desta vez, Jonathan não poderia lhe ajudar. – Sim, estou muito feliz, Jonathan. Sinto-me completa.

Jonathan deteve seus passos e segurou as mãos de Laura com cuidado. – Quero que saiba que sinto o mesmo e farei qualquer coisa que esteja ao meu alcance para que se sinta sempre assim.

Laura segurou as mãos do marido com mais força e se aproximou ainda mais. – Fique ao meu lado e eu já estarei feliz.

As palavras de Laura ditas de modo tão doce, fizeram com que Jonathan experimentasse uma sensação plena de êxtase e completude. Nada mais lhe faltava, nada mais lhe importava. – Amo você, Laura. Jamais senti algo tão forte por alguém.

Sem que Laura pudesse controlar, seus olhos se encheram d'água. Um sorriso espontâneo surgiu em seu rosto enquanto

Jonathan se aproximava devagar, fazendo com que Laura se entregasse em definitivo. – Eu também te amo, Jonathan. – Laura sussurrou, com os lábios de Jonathan colados aos seus.

Aquela revelação havia mudado seu estado de Ânimo por completo. Era como se Jonathan tornasse válido tudo o que Lucy havia dito. De fato, não tinha mais dúvidas. Se Jonathan amou Nancy alguma vez, estava acabado. O amor de seu marido era só seu e nada nem ninguém mudaria isso, ainda que tentasse.

CAPÍTULO 6

Desde a tarde no Central Park, a relação de Jonathan e Laura havia tomado novo rumo. Haviam logrado uma relação mais consistente, mais íntima. Jonathan diminuiu sua carga de trabalho no escritório para que chegasse à casa mais cedo e assim, pudesse desfrutar de mais tempo com sua esposa.

Conversavam sobre quase tudo, desde os tempos de infância até seus projetos mais íntimos. A viagem de lua de mel ainda estava longe de se concretizar, com o volume dos negócios aumentando cada vez mais, a ausência de Jonathan dos Estados Unidos era algo que tinha diminutas chances de acontecer, ao menos ainda na primavera. Para Laura, nem mesmo o adiamento da viagem a fez perder a leveza que lhe preenchia naqueles dias. Lucy a garantiu que não pensava em voltar para Paris tão cedo, o que a tranquilizou de modo absoluto.

Em uma noite de sexta-feira, Laura e Jonathan receberam James e Margareth Ward para um jantar.

Laura ainda se sentia pouco à vontade na presença dos sogros, mas Meg, como gostava de ser chamada, era espirituosa o bastante para deixá-la confortável na medida do possível.

– E então, Laura, adaptando-se bem a nova vida?

– Sim, Meg. Temos bons empregados que me ajudam o suficiente para que logre tal objetivo.

– Isso é ótimo. E já pensam em aumentar a família?

James tomou a palavra; – De que fala, Meg? Acabaram de se casar. Além do mais Jonathan anda deveras envolvido em seus negócios. Creio que não seria o pai presente que uma criança exige.

Jonathan notou o semblante desapontado da esposa; – Creio que se trata de uma decisão que em nada tem a ver com os

negócios, pai. Laura e eu saberemos quando levar o assunto em consideração.

James entendia pela primeira vez o lugar que Laura ocupava. Jonathan não era mais somente seu filho e seu sucessor nos negócios. Tinha agora sua própria família e estava decidido a tomar suas próprias decisões.

– Como queiram. Estou certo de que farão a escolha adequada.

Laura olhou para Jonathan e sorriu, agradecendo-lhe sem palavras.

. 

A vigilância de Laura em relação a presença de Nancy ou Edith pelas redondezas diminuía com o passar dos dias. Estava mais confiante e determinada. Até que em uma noite corrente de segunda-feira, Jonathan lhe fez o comunicado que voltou a desequilibrar suas emoções, ainda que de forma menos intensa e abrangente, a princípio.

Após o jantar, Jonathan e Laura tomavam uma taça de licor na sala de estar, quando o anúncio foi feito.

– Meu amor, dentro de alguns dias, terei que ausentar-me por duas semanas.

Laura ainda continha o líquido adocicado na boca. O engoliu com dificuldade aparente. – Duas semanas?

– Sim. Estamos abrindo uma nova filial em Los Angeles. O mercado começa a se reerguer e precisamos abraçar essa oportunidade com unhas e dentes.

– Não tem ninguém a altura que possa substituí-lo?

Jonathan colocou sua pequena taça sobre a mesinha e virou-se para Laura, segurando-lhe as mãos; – Lamento ausentar-me desta maneira e por tantos dias, mas temo que a ida de alguém menos qualificado possa vir a comprometer o andamento das coisas consideravelmente.

Laura baixou os olhos. Jonathan acarinhou seu rosto, trazendo seu olhar novamente em sua direção. – O Que lhe incomoda? Teme por algo?

– Nada em especial. É que estou certa de que sentirei sua falta.

Jonathan beijou a fronte da esposa com carinho, demorando seus lábios um pouco mais. – Não imagina o quanto lamento. Charles irá comigo, reforçarei tudo o que venho lhe ensinando e seguramente estará pronto para tomar meu lugar em futuros compromissos.

Jonathan buscou o olhar da esposa mais uma vez. – Quer trazer sua prima para lhe fazer companhia por estes dias?

– Isso me faria muito bem, obrigada, meu amor.

– Prometo que farei de tudo para antecipar minha volta.

– Não quero que comprometa seu trabalho. Ficarei bem.

– Amo você, Laura. – Jonathan beijou-lhe as mãos. – Lembre-se sempre.

– Jamais esquecerei.

Naquela noite fizeram amor como jamais haviam feito antes. Seus corpos eram um só e suas almas estavam unidas por um sentimento em comum, que os preenchia e os sustentava.



Lucy aceitou prontamente o pedido da prima e como anunciado, Jonathan partiu para Califórnia em uma manhã chuvosa de primavera, deixando as primas na mansão dos Ward's.

Laura sentiu-se profundamente abalada com o distanciamento de Jonathan, embora evitasse demonstrar seu descontentamento. Com o passar dos dias, seu coração voltava a experimentar algo de refrigério com o frescor da companhia de Lucy, mas era algo pontual que não mudava a situação em sua essência.

À tarde, constantemente as primas passeavam no Central Park e comumente Laura ajudava Sam a cuidar do jardim, tornando-o ainda mais florido.

A semana terminou sem que Laura deixasse de contar os dias para o retorno de Jonathan.

Na manhã de sexta-feira, Laura e Lucy tomaram o café da manhã mais cedo. Pretendiam comprar algumas mudas de rosas para Sam. Winna se ofereceu em ir pois conhecia as melhores lojas para este fim. Foi até a cozinha para comunicar a Joane sobre sua ausência e encontrou a cozinheira chorando enquanto descascava algumas cenouras.

– O que está havendo, Joane?

A moça se surpreendeu com a chegada repentina de Winna e enxugou os olhos com rapidez; – Já terminaram o café de manhã?

– Ainda não. Lhe fiz uma pergunta, está tudo bem?

– Sim, Winna. Problemas pessoais sem importância.

– Pois, vim apenas avisar que após o desjejum, senhora Laura sairá com a senhorita Lucy e irei acompanhá-las.

– Está bem.

– Precisa de algo, Joane?

– Não, Sam me trouxe tudo que irei precisar para o almoço.

– Não me refiro a isso.

– Está tudo bem, Winna. Obrigada.

Winna deixou a cozinha algo incomodada sabendo que Joane não estava sendo sincera em relação a seus sentimentos, mas não tinha tempo para se debruçar sobre o assunto como gostaria.

Após o café, Laura, Lucy e Winna se preparavam para sair.

Quando as três se aproximaram do portão, Winna tomou a frente para abri-lo, quando parou abruptamente.

– Pare, senhora. Não se aproxime!

Laura e Lucy colocaram-se ao lado de Winna, que olhava fixamente para o chão.

Rente ao portão principal, havia uma espécie de boneco de pano com cabelos de palha e traços pintados de vermelho e três agulhas cravadas na região da cabeça.

– O Que é isso? – Lucy abaixou-se para olhar melhor.

Laura observava atônita.

– Não toque nisso, senhorita Lucy. Creio que sei quem o colocou aqui. E para quem foi. – Winna impediu a aproximação das primas.

Lucy levantou-se e se colocou ao lado de Laura novamente; – Não vá se impressionar com isto. Esta mulher a quer atormentar. É apenas um boneco sujo, nada mais.

– Parece com aquelas coisas que estavam no sótão. O que faremos com ele? – Laura observava com atenção os contornos do presente que havia recebido.

– Eu volto já. – Winna entrou novamente.

Lucy olhou no entrono. – Que mulher sem caráter. Acha que pode lhe amedrontar com tais artimanhas?

– Ela não vai parar, Lucy. Deve estar ciente da ausência de Jonathan.

Winna voltou com alguns trapos de tecidos; – Vou jogar isto no lixo agora mesmo.

– No lixo, não.

– O Que quer dizer, senhora?

– Sim, Laura, o que pretende fazer?

– Embrulhe-o bem e vamos até a loja da senhora Edith. De certo ela tem participação nisto.

– Está segura, senhora Laura?

– Ela não pode me intimidar, Winna. Se quiserem podem ficar. Preciso apenas de instruções de como chegar lá.

– Por Deus, Laura, acha mesmo que eu a deixaria ir sozinha?

– Winna, nos explique com calma onde é a loja desta tal Edith.

– Não, senhora Laura. Não vão sozinhas. Iremos nós três.

– Não se sinta obrigada a fazer isto, Winna.

– Não me sinto obrigada. Faço o que penso ser o correto.

– Obrigada. Agora dê-me isso. – Laura estendeu as mãos para que Winna lhe desse o objeto.

– Desculpe-me, senhora, mas faço questão de levar. Por mais que não creia nestas coisas, acho prudente que não o toque.

Laura consentiu.

As três seguiram juntas em direção a loja de Edith que ficava em uma viela a duas quadras dali.

Laura caminhava a passos firmes. Sua indignação com a audácia de Nancy fez com que sua coragem aflorasse ainda mais. Como poderia alguém manter um firme propósito de perturbar sua paz?

Seus pensamentos transbordavam em sua mente. Não prestava atenção em nada mais, caminhava mecanicamente,

seguindo os passos de Winna e Lucy.

Por fim, chegaram a pequena loja de flores. A fachada era escura e malcuidada. Algumas flores e pedaços de troncos de árvores ocupavam parte da entrada.

Winna deu um longo suspiro; – É a loja.

– Parece-me que não há ninguém. – Lucy esticou os olhos para dentro do estabelecimento.

– Eu entro, vocês me esperam aqui.

– Senhora Laura, não acho prudente.

– Winna tem razão. Entramos todas.

– Este assunto é meu. Winna, dê-me isso. – Laura esticou as mãos.

Winna olhou para Lucy, que sem palavras, pediu que Winna fizesse o que Laura pedia. Ela não voltaria atrás em sua decisão de entrar só.

Laura pegou o boneco nos braços, enrolados em panos maltrapilhos. – Esperem aqui.

– Se for preciso nos chame. – Lucy falou em tom firme.

Laura por fim entrou na loja escura. Algumas flores dispostas em vasos ocupavam prateleiras de madeira espalhadas sem critério. Uma jovem moça aparava alguns cabos de rosas de forma sistemática. Estava completamente imersa em seu trabalho e não percebeu a presença de Laura a sua frente.

– Com licença.

– Pois não? – A jovem interrompeu sua tarefa.

– Senhora Edith está?

– Tem hora marcada?

Laura não pensou duas vezes em responder; – Sim, eu tenho.

– Pode ir. Conhece o caminho? – A moça apontou para um corredor próximo ao balcão.

– Creio que sim. – Laura entrou em um pequeno corredor estreito, pouco iluminado, com uma porta no fim. Com passos firmes, seguiu em direção ao seu destino.

Laura empurrou cuidadosamente a porta semiaberta.

Finalmente estava diante de Edith, uma senhora robusta de longos cabelos brancos, soltos sobre os ombros.

Edith separava algumas pequenas caixas em sacos de tecido e quando se deparou com a figura visivelmente pouco amistosa de Laura, deixou as caixas de lado e recostou-se na velha cadeira de balanço onde estava sentada. – Não esperava visitas agora.

– Não se trata de uma visita, senhora. Vim devolver sua encomenda. – Laura jogou o boneco embrulhado aos pés de Edith. E continuou; – Creio que a senhora e sua amiga não me conhecem. Não tenho medo de suas mandigas e lhe advirto que fique longe da minha casa. A senhora e sua cúmplice.

Edith sorriu entre dentes. – Que bom que veio, menina. Queria mesmo agradecer as coisas que mandou devolver e agora, isto.

– Parece que não entendeu o recado.

– Sabe o que é isto? – Edith retirou o boneco dos panos e o sustentou nas mãos.

– Não me interessa saber. Guarde seus feitiços para os pobres coitados que lhe depositam algum crédito.

– É um boneco voodoo. Esse em especial é você, menina. Nancy me pediu para fazer logo que se casou com o senhor Ward.

– Não tenho interesse em tais bobagens. Não perca seu tempo.

– Pois deveria ter. Se tivesse algum interesse, saberia que não deveria ter tocado nele. Era tudo o que eu precisava para

concluir o feitiço.

– Acha mesmo que vai me impressionar com isso?

– Acha mesmo que não vou?

– A senhora é louca!

– Sabe, não deveria se envolver com o senhor Jonathan. Nancy lhe avisou e a senhora não lhe deu ouvidos. Sofrerá as consequências do seu erro.

– Devo entender isso como uma ameaça, por certo. Ouça-me bem, vou repetir pela última vez; não medirei esforços para fazer cumprir a lei se insistirem em se aproximar da minha casa mais uma vez! Dê o recado para sua amiga. – Laura deu as costas e se afastou o mais rápido que pôde.

Lucy e Winna aguardavam dentro da loja.

Laura tentou manter a calma, mas nitidamente estava transtornada. – Pedi que me esperassem do lado de fora!

Lucy percebeu o tom perturbado da prima. – Estava demorando, ficamos preocupadas.

– Vamos embora!

Laura manteve o silêncio por todo o trajeto. Nunca acreditou em feitiços e nunca havia ouvido falar em voodoo. Sabia que Nancy queria desestabilizá-la e usaria Edith para conseguir o que deseja.

Precisava ser forte e racional para lidar com a situação, mas conseguia admitir para si mesma pela primeira vez que precisava entender melhor com o que estava lidando. Real ou não, precisava conhecer as armas de seus inimigos para que então pudesse se defender da melhor maneira possível.

CAPÍTULO 7

Joane havia preparado o almoço e aguardava o retorno de Laura na sala maior. Notou de imediato o semblante da senhora, que se sentou tão logo entrou na casa.

– Sirvo o almoço, senhora?

Winna se antecipou em responder; – Joane, creio que agora a senhora Laura e a senhorita Lucy necessitam um copo de água, eu mesma vou buscar.

– Sente-se Winna, Joane trará a água. Você necessita tanto quanto nós.

– Sim senhora, volto em um minuto. Joane se retirou, percebendo a gravidade do ocorrido no passeio da manhã.

– Sente-se Winna. Descanse um pouco.

Lucy iniciou a conversa; – Laura, conseguiu falar com a tal Edith? Nancy estava lá?

– Falei com ela e não, Nancy não estava lá.

– O que ela lhe disse?

– Não vão crer.

Joane entrou na sala com a bandeja. Serviu a água e se retirou. Escutando as escondidas atrás da porta da cozinha. Winna retomou a conversação.

– Ela admitiu que colocou aquilo para a senhora?

– Sim, Winna.

– O Que ela disse, por Deus!? – Lucy levantou-se de seu lugar e sentou-se mais próxima da prima.

– Primeiro me agradeceu por ter lhe entregue os objetos de Nancy e depois disse que aquele boneco era eu. Podem crer nisso?

– O que isso quer dizer, Laura?

Laura tomou um longo gole de água; – Ela disse que aquele era um boneco de voodoo e que eu deveria tocá-lo para que o seu feitiço fosse concluído.

Lucy e Winna se entreolharam em silêncio.

Winna fez o sinal da cruz; – Eu falei para a senhora não tocar naquilo! Parece que meu coração estava pedindo isso!

– Winna, não pode estar acreditando em tal loucura!

– Não sei mais o que pensar, senhora.

Lucy se levantou e caminhou até a janela. – Já li algo sobre isso. Voodoo. Disse-me que Jonathan pensa que Nancy voltou para o Sul, então ela é de lá, certo? – Laura não respondeu. Lucy voltou-se para Winna; – Sabe alguma coisa disso, Winna? Ela é de do Sul?

– Sim senhora. Ovi diversas veze suas conversas com senhor Jonathan. Ela veio de Nova Orleans.

– Claro, Nova Orleans é o berço do Voodoo na América.

Laura ouvia atônita enquanto Lucy tentava montar aquele quebra cabeça; – O pai de Nancy ainda trabalha para Jonathan?

– Não mais, senhorita. Lembro-me bem da época em que ele pediu demissão e voltou para Nova Orleans. Nancy ainda frequentava esta casa. Se me permitem opinar, penso que o senhor Jonathan deve estar a par destes acontecimentos. – Winna opinou de forma tímida, porém confiante.

– Laura, está nos ouvindo? Parece distante. Sente-se bem?

– Sim, Lucy, estou bem, com um pouco de dor de cabeça apenas.

– Começo a crer que Winna tem razão. Estas mulheres passaram dos limites. Jonathan deve saber o que ocorreu aqui esta manhã.

– Não percebem que é isso o que ela quer?

– E você acha que ela não vai tentar uma aproximação com Jonathan, Laura? De qualquer modo ela vai se fazer presente novamente.

– Talvez já tenha feito, senhora Laura. E o senhor Jonathan não lhe disse para não lhe aborrecer.

– Esta mulher não entrará em nossas vidas. Não por mim.

– E como pretende resolver isso, Laura?

– Você disse que já ouviu falar em... Voodoo, certo?

– Sim, já li sobre o assunto, muito superficialmente. Por quê?

– Porque quero saber sobre isso tanto o quanto possa.

– Crê que saber sobre voodoo lhe ajudará de que maneira? Pretende fazer um feitiço contra Nancy e a senhora Edith?

– Você pode me ajudar com isso ou não?

– Sim, posso, embora não concorde com o caminho que está seguindo. Há um minuto questionava Winna sobre acreditar ou não no tal boneco e agora quer saber tudo sobre voodoo?

– É com isso que elas querem me atingir, não é? Pois é com isso que vou me defender.

– Continuo sem ver lógica nisso, Laura.

– Creio não ser um assunto para ser conclusivo de imediato. Vou pedir a Joane que sirva o almoço. Tudo bem, senhora? – Winna tentou amenizar o clima tenso.

– Lucy, se importa em almoçar só? Vou me deitar um pouco.

– Precisa comer, Laura.

– Estarei mais disposta quando acordar.

– Está bem. Vá descansar então.

Laura deixou Lucy e Winna com muitas questões sem respostas; – O que pretende fazer, senhorita?

– Ajudá-la, Winna. Ajudá-la.



Lucy entendeu que Edith havia logrado seu objetivo. Laura deixou-se impactar. Talvez a prima estivesse certa. Se conhecesse mais sobre voodoo poderia sentir-se mais forte, embora em seu íntimo, soubesse dos riscos envolvidos em se aprofundar em tais questões, estando tão fragilizada como demonstrou naquele momento.

Apesar de não concordar com os métodos de Laura, sabia que não podia ficar com os braços cruzados.

Foi até a biblioteca pública de Nova York em busca de livros acerca do assunto, porém, como havia imaginado, não teve sucesso. Buscou em outras fontes de leitura tudo o que podia sobre voodoo, mas o que encontrou foram artigos tendenciosos que em nada esclareciam acerca do assunto.

Laura por sua vez, sofria de enxaquecas constantes. Seu apetite havia diminuído consideravelmente e mais do que nunca, contava os dias para o regresso de Jonathan.



Em uma tarde, Laura dormia em seus aposentos e Lucy descansava na varanda quando o telefone tocou. Lucy correu para atender;

– Laura, sou eu, meu amor. Jonathan.

– Desculpe-me Jonathan, Laura está em seu quarto descansando. Vou chamá-la.

– Descansando? Ela sente algo? Está tudo bem?

– Sim, está tudo bem, apenas uma enxaqueca.

– A chamada está instável, Lucy, pode ser interrompida a qualquer momento, inclusive tentei chamar ontem e não tive êxito. Apenas avise a Laura que precisarei ficar mais alguns dias. Fui acometido de uma febre sem causa aparente. Estou medicado e sinto-me bem, mas não o bastante para uma viagem tão longa. Diga que tentarei outra ligação e que não se preocupe. E diga também que a amo.

– Sim, Jonathan, eu direi. Desejo que se recupere completamente.

– Obrigad... – A ligação foi interrompida.

Lucy colocou o fone no gancho e pensou em voz alta; – Por Deus... Isso piora muito as coisas.

Lucy subiu as escadas rapidamente, abriu a porta do quarto com cuidado, mas Laura já estava de pé, penteando os cabelos.

– Que gosto me dá vê-la desperta, Laura. Imaginei que ainda estivesse dormindo.

– Acabei de acordar.

– E como se sente?

– Me sinto bem. Sam já está cuidando do jardim?

– Sim, está.

– Vou ajudá-lo mais tarde. Ocupar-me faz com que o tempo passe mais rápido. Ainda não posso crer que ainda faltam dois dias para que Jonathan volte.

Não havia maneira fácil de fazer o que tinha que ser feito.

– Laura, acabei de falar com Jonathan por telefone.

– Por que não me chamou?

– A ligação estava muito instável. Ele achou melhor transmitir o recado antes que fosse interrompida.

– Que recado?

– Ele precisará ficar mais alguns dias em Los Angeles. Parece que não se sentiu bem, teve algo de febre, mas já está recuperado, apenas não acha prudente viajar neste momento.

Os olhos de Laura encheram-se de lágrimas. Rapidamente caminhou até a janela, tentando recobrar o Ânimo.

– O Que ocorre, Lucy?

– Jonathan acometeu-se de alguma enfermidade sem gravidade, é isso. Em alguns dias estará de volta. Não há razões para afligir-se.

– Foi ela, Lucy! Foi aquela mulher que o deixou assim.

– Laura, acalme-se. Está se ouvindo? Não pode perder o controle da situação!

– Não percebe o que elas estão fazendo?

– Você é quem precisa perceber o que está fazendo consigo mesma! Não temos certeza de nada! Não pode deixar-se abater assim! Quantas vezes a enfermidade nos visitou somente este ano? Pequenas coisas sem importância, mas ainda assim, que nos impediram de seguir com nossa rotina. Pense! Sim, é uma coincidência que tenha ocorrido logo após aquele evento infeliz, mas ainda assim, não podemos afirmar a relação entre ambos os fatos.

– Você realmente sabe do que elas são capazes de fazer? Sabe como fazem? Sabe como impedi-las?

– Laura, já sei o que farei quanto a isso, irei a Nova Orleans tão logo Jonathan retorne.

– Como vai para Nova Orleans Sozinha?

– Sempre viajei sozinha. Sabe disso.

– Não sei se seria seguro.

– Alugo um carro com motorista, é tudo o que preciso.

– Não estou certa de que se trata de uma boa ideia, Lucy.

– Não encontraremos nada sobre voodoo aqui, Laura. Penso até que esperar Jonathan voltar seja muita perda de tempo. Irei amanhã mesmo.

– O Que vai dizer a mamãe?

– Direi que uma amiga está passando por problemas e necessita de minha ajuda. Para todos os efeitos, ficarei um tempo instalada na casa da tal amiga, aqui mesmo, em Nova York.

– Lhe darei todos os recursos para tal.

– De modo algum, posso cuidar disso.

– Faço questão. Isso não está em discussão, Lucy.

– Ouça-me bem; não tome nenhuma atitude até a minha volta. Está entendido? Ainda que haja provocações, não faça nada!

– Aguardarei seu retorno, não se preocupe.

– E alimente-se bem. Como pretende lutar por algo sem forças?

– Farei o possível. Lucy... Traga-me as respostas de que preciso. Pedirei a Winna que consiga um carro e um motorista experiente para acompanhá-la. Não posso pedir a Sam. Seguramente falará com Jonathan.

– É possível que sim. É melhor não arriscarmos.

– Não poupe despesas. Fiquem muito bem hospedados. Promete-me?

– Sim, prometo.

– Quanto tempo acha que levará até Nova Orleans?

– Talvez dois dias. Com as devidas paradas. Laura, Já levei mais tempo que isso em uma viagem.

– Está certa de que pode fazer isto, Lucy?

– Já lhe disse, estou acostumada. Não há com que se preocupar.

– Não me parece que Nova Orleans seja como Paris ou qualquer outra cidade da Europa.

– Percebe-se que de fato não conhece a Europa, minha prima. – Lucy sorriu, acarinhando os cabelos de Laura. – Pensa que todo o glamour de que ouve falar de Paris é uma constante por todos os cantos? Pois se surpreenderia ao deparar-se com a fatídica realidade.

As duas se abraçaram. – Acalme-se prima. Tudo terminará bem.



No mesmo dia, Winna e Laura tomaram as devidas providências para a ida de Lucy a Nova Orleans. Apesar da ausência de Jonathan ainda por mais tempo, Laura pôde experimentar algo de refrigério em seu coração, com a esperança de que Lucy trouxesse os meios de que precisava para lutar com igualdade uma guerra em território completamente desconhecido, até então.

CAPÍTULO 8

Lucy alugou um Mercury Sedan, que além de potente, era confortável o bastante para uma viagem longa. Winna indicou seu primo Thomaz para acompanhar Lucy. Ele havia trabalhado como motorista para os Jonson's antes deles se mudarem para Europa. Laura lhe pagou uma boa quantia. Thomaz ficou responsável pela escolha do melhor caminho, assim como o local ideal para passarem a noite até retomarem a viagem rumo ao seu destino. Estavam levando provisões suficientes.

No dia da viagem, o coração de Laura começou a ter dúvidas. Se sentia culpada por expor a prima aos perigos de uma viagem longa, embora Thomaz fosse capaz de protegê-la, mas na manhã de sábado de primavera, não havia mais volta atrás. Lucy partiria para Nova Orleans com o objetivo de se abastecer de informações suficientes para saber com o que Laura estava lidando e o que poderia fazer para se defender.

– Laura, melhor que não me levem até a porta, não quero chamar a atenção. Não sabemos se há alguém nos observando.

– Está certa. – Laura abraçou a prima com carinho. – Será que estamos fazendo a coisa certa, Lucy?

– Acha que consegue resolver isto da maneira dos homens? Seu coração ficará em paz assim?

Laura baixou a cabeça; – Não...

– Pois então tem a sua resposta.

– Me mantenham informada.

– Ligarei sempre que possível, mas não quero que fique preocupada caso demore a receber notícias. Pode ser complicado conseguir completar a chamada. Fique tranquila, é tudo o que lhe

peço porque se for para lhe angustiar, esta viagem não cumprirá o seu propósito.

– Ficarei tranquila. Eu prometo.

Após despedir-se de Lucy, Winna aproximou-se de Laura, segurando-lhe as mãos. – Não se preocupe senhora Laura, Thomaz já foi a Nova Orleans diversas vezes. Conhece bem o caminho.

– Winna e Joane, cuidem de minha prima até a volta de Jonathan.

Joane tomou a palavra; – Vá sossegada, senhorita Lucy. Cuidaremos de tudo.

Lucy acabava de despedir-se quando Sam entrou na casa, acompanhado de Thomaz; – Senhora, o carro está pronto.

– Obrigada, Sam. Thomaz, cuidem-se um do outro e voltem são e salvos.

– Não se preocupe, senhora Laura. Lhe dou minha palavra; sua prima estará segura.

Lucy sorriu com o ar sério de Thomaz, um rapaz jovem na aparência, mas com modos de um homem já amadurecido.

O carro escolhido por Lucy de fato era confortável, cabia com folga seis pessoas e bagagens. Thomaz estava confiante no Êxito de sua missão em proteger Lucy do que fosse necessário.

Assim, Lucy e Thomaz partiram confiantes para Louisiana.



Laura sabia que precisava de coragem para enfrentar os dias que seguiriam. Ainda sentia dores de cabeça que lhe roubavam o ânimo e a preocupação com Jonathan lhe pesava o peito, como se esperasse por uma notícia ruim a qualquer momento.

Evitaria sair às ruas, não sabia como reagiria diante de um novo confronto com Nancy ou Edith. Ao mesmo tempo, sabia que fugir não resolveria a sua condição. Essa mescla de sentimentos contraditórios lhe tirava a energia pouco a pouco, fazendo com que pequenos prazeres como admirar o jardim ou ler um bom livro, já não lhe despertassem qualquer interesse.

No dia seguinte após a partida de Lucy, Laura pediu a Winna que a acompanhasse em um passeio ao Central Park. De fato, precisava sentir o ar fresco das flores em abundância, mas acima de tudo, queria impor a si mesma uma prova de fogo. Teria que sair às ruas sem medo. Esse seria o seu desafio.

Cruzar os portões de casa nunca havia sido tão difícil. Afinal, do que tinha medo? Por que o encontro com Edith a impactou tanto? Casou-se com Jonathan e isso nenhum feitiço conseguiu impedir. Precisava acreditar que algo além da compreensão, inclusive de Edith, existia e estava do seu lado.

Winna falava sobre assuntos triviais, mas Laura apenas conseguia prestar atenção nas calçadas por onde passavam. Seu coração estava espremido em seu peito. Sentia como se seu corpo pesasse uma tonelada, mas andar pelos verdes caminhos do Central Park lhe devolveu algo de paz e conforto. Conseguiu esquecer seus problemas por alguns minutos e quando eles voltavam a mente, já não tinham tanta força. Era como se ali estivesse a salvo.

Estar cercado pela natureza, sobretudo por árvores, faz com que a atmosfera ao redor fique menos densa, consequência do acúmulo de emanções inferiores que pairam sobre locais onde há grande concentração de pessoas. É como se a energia vital das folhas filtrasse o éter presente nesses lugares. Não é por acaso que as pessoas mais sensíveis se sentem mais equilibradas em locais como este.

– Há quanto tempo trabalha para Jonathan, Winna?

– Desde que o senhor se instalou em Nova York. Fui indicada pelos meus últimos patrões.

– Joane também está desde o início?

– Não, senhora. Antes de Joane quem cuidava da cozinha era a senhora Cruz.

– O que aconteceu com ela?

– Adoeceu e ficou alguns dias afastada, porém, quando voltou já não era mais a mesma. Joane estava procurando por trabalho nas redondezas e um dia bateu em nossa porta. Senhor Jonathan checkou as referências e então resolveu contratá-la.

– Como eram os dias de Jonathan com Nancy? Você sabe, frequentando a casa?

– Senhor Jonathan estava sempre trabalhando e era muito distante, sobretudo nos últimos meses em que estavam juntos. Isso a fazia muito mal. Era bem nítido.

Enquanto ouvia, Laura imaginava a cena narrada. Nancy frequentava sua casa, caminhava em seu jardim.

Winna notou o olhar distante de Laura; – Senhora, ouça o que vou lhe dizer e não direi somente para confortá-la de algum modo; conheço bem o senhor Jonathan e posso lhe garantir que ele lhe tem sentimentos verdadeiros, já não posso dizer sobre o que ele sentia por Nancy. Acalme seu coração. Entendo sua vontade em saber sobre essas coisas de outro mundo, mas creio que deveria entender que sua proteção maior é seu coração bom e o fato de ter o coração do senhor Jonathan em suas mãos.

– Winna, se sua intenção não foi confortar-me, falhou em sua missão. Suas palavras confortaram-me deveras.

– São sinceras, senhora.

– Sei que são. Deu-me fome, até.

Winna sorriu satisfeita; – Isso sim é uma boa notícia! Voltemos a casa, então!

– Obrigada, Winna. – Laura lhe sustentou as mãos.

Winna retribuiu.

O passeio e a conversa amigável renovaram os Ânimos de Laura, que voltou pelos mesmos caminhos, porém de maneira bem diferente. Esqueceu-se de espreitar as esquinas e quando se deu conta já estava próxima ao portão de casa.

Winna e Laura entraram na mansão conversando e se surpreenderam com a presença de Joane na sala de estar; – Joane, nos assustou, estávamos tão distraídas que não notamos sua presença.

– Sem problemas, senhora. O almoço está pronto.

– Obrigada, vou banhar-me antes.

– Senhora, se me permite o atrevimento, tomei a liberdade de lhe preparar um banho que vai ajudá-la a recuperar suas forças.

– Onde aprendeu a fazer isso?

– Sim, Joane, não sabia que conhecia tais coisas.

– De fato não conheço, minha tia passou esta receita para minha mãe uma vez quando a pobre estava doente e ela recuperou suas forças como um milagre.

– E o que contêm este banho?

– Não é nada demais, senhora. Apenas algumas folhas e pétalas de rosas que colhi do jardim.

– E onde está?

– Vou trazê-lo, com licença.

Laura e Winna entreolharam-se.

– Senhora, não precisa fazer isto se não quiser.

– Tudo bem, Winna. Que mal folhas e flores podem fazer?

Joane voltou a sala com uma pequena tina nas mãos; – Aqui está.

O aroma peculiar tomou conta de todo o cômodo.

– Consegue subir com isto?

– Sim, senhora. – Joane sorriu com contentamento.

Laura e Joane subiram as escadas observadas por Winna.

Ao chegarem no quarto de banho, Joane despejou a água da tina na banheira, que já continha água quente.

– Senhora, verá o quanto ficará mais calma com este banho.

– Então tem propriedades calmantes também?

– Sim, em realidade quando acalmamos nossas mentes a vitalidade se manifesta da maneira correta.

– Isso faz algum sentido.

– Vou deixá-la se banhar, senhora. Lhe aguardo para servir o almoço.

– Obrigada, Joane.

Laura despiu-se e entrou na banheira devagar. Acomodou-se e recostou a cabeça para desfrutar o momento da melhor maneira possível. Fechou os olhos e imediatamente Jonathan surgiu em seus pensamentos.

Estaria mais forte? Estaria a caminho? Desejava com todas as suas forças ter seu marido ao seu lado. E se tais viagens se tornassem frequentes?

Tentou mudar o rumo de suas divagações, esvaziando sua mente por completo.



Laura relaxou a tal ponto que não percebeu o passar do tempo. Winna precisou bater à porta para chamá-la; – Senhora, está tudo bem? Senhora Laura?

– Sim, Winna. Estou bem.

– Já faz mais de uma hora que está aí. Necessita algo?

– Não me dei conta. Já vou descer.

Laura saiu da banheira e olhou-se no espelho. – Por Deus, creio que adormeci.

Depois de um tempo, Laura já estava pronta, na sala de jantar. Winna e Joane já estavam a postos.

– Desculpem-me. Não tive a intenção de deixá-las esperando tanto tempo.

– Sente-se bem?

– Sim, Winna. Ainda um pouco sonolenta. Joane, de fato o banho tem efeitos calmantes. Sinto-me caminhando nas nuvens.

– Eu lhe disse, senhora. Me alegra que tenha lhe ajudado.

Laura voltou a sentir seu estomago embrulhado e não desfrutou do almoço com imaginou que faria, mas sentia-se bem mais leve do que quando deixou a casa. Estava profundamente submersa em uma atmosfera de neutralidade que lhe impressionava. Talvez estivesse condicionada a crer que o banho a tenha dado algo de novo em seu estado de ânimo ou talvez as folhas contidas nele fossem de fato, milagrosas.

Laura passou o resto do dia lendo no sofá, ao lado do telefone se por acaso Jonathan ou Lucy ligassem. Ainda se sentia fraca e sonolenta, então resolveu se deitar mais cedo.

Dispensou o chá costumeiro. Sabia que estava pronta para dormir sem qualquer dificuldade.

Desta vez, o sono veio tão logo fechou os olhos, mas a tranquilidade que havia experimentado durante todo dia deu lugar a um sono inquieto.

Laura começava a se ver em um túnel longo e escuro, com o teto baixo, onde precisava se curvar para caminhar. Sentia um odor

fétido que a fazia sentir náuseas profundas.

Em um determinado momento, avistou uma porta fechada. Sentiu-se estranhamente motivada a abri-la. Podia ouvir gemidos vindos de todas as partes. Apesar do ambiente hostil, não se intimidou em abrir a porta.

Ergueu suas mãos para tocar a fechadura e então a porta moveu-se sem que a houvesse tocado. Não conseguia enxergar o que tinha em seu interior. Quando deu o primeiro passo, mãos horrendas, purulentas, a seguraram de tal modo que se tornou impossível mover-se.

Nesse momento quis afastar-se, mas já não era possível. Laura tentou gritar, mas seus lábios estavam colados. Como tal coisa foi acontecer? Olhou ao redor e seu conta de que era uma prisioneira, ainda que não fosse possível ver suas correntes. Tentou gritar mais uma vez, mas seus lábios não se moviam. Conseguiu tocá-los e sentiu como se sua boca estivesse costurada de um lado a outro. Em um profundo estado de pavor, colocou as mãos sobre o rosto e percebeu que seus olhos também estavam costurados.

Aquela sensação de terror durou tempo suficiente para fazê-la perder as forças e sucumbir. Precisava sair dali, mas não tinha mais forças para tentar. Já entregue e sem conseguir se mover, buscou no mais íntimo do seu ser, forças para tentar gritar novamente, foi quando despertou em sua cama enxarcada de suor.

Laura levantou-se rapidamente e caminhou pelo quarto, sem saber para onde ir, sem saber o que pensar. Ainda guardava a sensação daquele pesadelo aterrador.

Tocou seus lábios e seus olhos e ainda não podia crer como aquela sensação vivida em seu pesadelo fosse tão real a ponto de senti-los como se ainda estivessem costurados. Pegou o copo que estava na mesinha próxima. Ainda sentia náuseas e sua garganta doía, ainda assim, arriscou tomar um gole de água.

Deitou-se no sofá próximo a janela. Estava exausta, como se estivesse noites sem dormir.

– Jonathan... Onde você está... Não posso perder o controle da situação. Não posso!

Laura sentiu uma lágrima descer pelo seu rosto. Precisava de Jonathan mais que tudo naquele momento. Só lhe restava rezar e pedir que Deus lhe desse forças e a protegesse. Juntou as mãos e entrelaçou os dedos. Fechou os olhos e começou a sua prece. Não falou em voz alta. As palavras saíam do seu coração com tamanha força que não precisavam ser ditas.

“Meu Deus, ouça minhas súplicas. Não sei com o que estou lidando, nem mesmo com quem, mas sei que nada nem ninguém é mais forte que vós. Interceda por mim. Não me abandone. Afaste de mim toda a maldade e todo o ódio. Fique comigo, meu Deus, segure a minha mão, ajuda-me, ajuda-me!”

Laura começou a chorar copiosamente. Manteve os olhos fechados e adormeceu, com as mãos entrelaçadas como se quisesse levar sua súplica para onde quer que fosse.

CAPÍTULO 9

Na manhã seguinte, Thomaz e Lucy chegavam em Nova Orleans. Haviam compartilhado juntos muitas refeições e em todos os momentos, conversavam superficialmente, mas o bastante para Lucy perceber a seriedade com que Thomaz estava realizando o seu trabalho, o que lhe dava profunda confiança.

O sol começava a ficar mais forte e Thomaz se antecipou em buscar a pensão que ficariam hospedados até que Lucy concluísse sua missão. Àquela altura, Lucy já viajava no banco do carona, ao lado de Thomaz.

Nova Orleans era uma das cidades em que a segregação racial estava presente da forma mais cruel. Muitos estabelecimentos tinham em sua entrada uma placa indicando um espaço exclusivo para as “pessoas de cor”. Crianças negras não podiam frequentar as mesmas escolas das crianças brancas. Lucy olhava as placas e ainda assim não acreditava; – É real, Thomaz. Veja quanta insanidade.

– Sim. Muito triste. Vivemos a mesma realidade em Nova York, senhorita. De forma tão civilizada que se você não sente na pele, nem se dá conta de que existe tal coisa.

– Você está certo. Vivemos em uma bolha hipócrita de normalidade. Aqui, a realidade abre nossos olhos a força.

– Apesar de tudo, olhe esta cidade além de seus avisos intimidadores. Se atente aos detalhes. Essas cores, essa música ao fundo. Consegue ouvir?

– Sim.

– São os negros resistindo, senhorita Lucy. Essa é Nova Orleans.

– Que cidade encantadora, Thomaz. Veja, estou arrepiada. – Lucy esticou o braço para Thomaz.

Lucy conhecia muitas cidades na Europa, mas nenhuma se igualava a Nova Orleans.

Era possível notar que o oculto fazia parte da rotina de seus moradores. Amuletos pendurados nas portas das casas era algo fácil de se ver.

– Não deve tolerar mais minha companhia, não é, senhor Thomaz? Sua prima lhe impôs um castigo lhe indicando para esta função.

– Não está sendo castigo algum. Gosto de viajar e compartilhar de sua companhia durante as refeições tem sido bastante agradável.

– Pois sim, acho que mente muito bem. Quantas vezes esteve aqui?

– Três vezes. Duas vezes a trabalho e uma vez com alguns amigos. É uma cidade única, diria até misteriosa.

– Disso não duvido.

– Precisamos nos acomodar e descansar um pouco.

– Onde sugere?

– Acho melhor ficarmos em uma pensão próxima ao rio Mississippi. Há vários locais que hospedam famílias e homens que estão na cidade a trabalho. São simples, mas bem cuidadas.

– Uma pensão para brancos, aposto.

– Estamos no Sul, senhorita Lucy. Dancemos conforme a música.

Lucy deu um longo suspiro; – Sim. Dancemos então.

– Obterá o que busca aqui, senhorita Lucy. Estou certo.

– Deus lhe ouça, Thomaz. Deus lhe ouça.

A pensão escolhida por Thomaz era de fato bem simples, porém bastante acolhedora; um pequeno edifício de três andares e poucos quartos dispostos no segundo e terceiro andar. No primeiro andar ficavam o salão com a recepção, a cozinha e o salão para as refeições. Lucy não pôde deixar de notar a variedade de cores que decoravam o estabelecimento, que sim era exclusivo para brancos; exceto por seus donos e alguns de seus empregados.

Os futuros hóspedes foram recebidos por um senhor simpático de sorriso largo; – Sejam bem-vindos! Que entrem!

– Gostaríamos de dois quartos. – Thomaz tomou a palavra.

– E por quanto tempo pretendem ficar?

Thomaz olhou para Lucy e se voltou para o dono da pensão; – Não sabemos.

Senhor Mason voltou seus olhos para Lucy; – Eu entendo... Claro! Bem, deixe-me ver, tenho dois quartos, um ao lado do outro. O que me dizem?

– Para mim está perfeito. – Lucy respondeu.

– Então ficamos com estes.

– Ótimo! Permitam-me que eu me apresente, sou Mason e qualquer coisa que precisem, basta que me chamem, a mim ou a minha esposa Cecile que neste momento, está entre as panelas preparando o almoço. – Mason deu uma risada amistosa.

– Muito prazer, senhor Mason, sou Thomaz e esta é a senhorita Lucy.

– Claro, claro! Encantado em conhecê-los! Vão, vão para seus quartos, devem estar cansados, vieram de longe, afinal.

– Sim, como adivinhou? Iria mesmo lhe perguntar se há alguém que possa me ajudar com as bagagens.

– Temos sim! William!

Um rapaz alto e magro apareceu; – Sim, senhor.

– Ajude o senhor Thomaz a trazer as bagagens. E rápido! Eles estão muito cansados.

Thomaz e William deixaram a pensão. Lucy e Mason ficaram a sós.

– Muitas paradas, não é senhorita Lucy? Por fim, está em um porto seguro.

– Sim, ansiava por isto.

– Primeira vez em Nova Orleans, suponho?

– Sim, é a primeira vez.

– Minha esposa pode ajudá-la com a cidade. Ela conhece lugares que muitas pessoas nem se quer imaginam que exista. Converse com ela quando tiver oportunidade.

Lucy tentou decifrar o que o dono do lugar acabava de dizer. Talvez estivesse tão exausta que já não conseguia pensar com clareza; – Obrigada, senhor Mason.

– Tome a chave de seu quarto, senhorita, é o 206.

– Obrigada.

A pensão de Mason era rústica e apresentava limpeza impecável. Lucy entrou no quarto e apesar da decoração incomum, com seus objetos e cores, sentiu-se à vontade em sua nova morada. Notou os lençóis muito alvos e bem arrumados e pequenos vasos de plantas por todos os cantos do quarto.

Em uma pequena estante, havia jarros brancos envolvidos por cordões de palha e algumas miçangas de variadas cores.

Lucy abriu a janela e o frescor da noite invadiu o pequeno cômodo. Seus instintos já sabiam que estava em um lugar impregnado de encantos e segredos. Finalmente estava em Nova Orleans.



Winna entendia a seriedade da situação de Laura e se compadecia em vê-la a cada dia mais entregue a uma situação sob a qual não conseguia ter qualquer controle. Naquela manhã, estava disposta a colaborar para que a senhora da casa começasse a mudar o jogo. O céu estava azul e o clima agradável. Um dia perfeito para mais uma tentativa.

– Bom dia, senhora Laura! – Winna entrou no quarto animada, abrindo as cortinas e as janelas. – Vamos! Levante-se! Sam lhe aguarda no jardim e seu café já está pronto!

Laura abriu os olhos devagar; – Parece que ainda é muito cedo.

– Pois está enganada. Aliás, hoje está um lindo dia para ter uma boa conversa com as flores deste jardim! Vamos, eu lhe ajudo a se trocar.

– Notícias de Jonathan ou Lucy?

– Não senhora, pelos cálculos Lucy e Thomaz devem estar chegando em Nova Orleans. Receberemos notícias a qualquer momento.

Laura recostou-se na cama; – Será que estão bem?

– Eu tenho absoluta certeza que sim. Não deve se preocupar.

Laura suspirou profundamente.

– Senhora, me permite uma sugestão?

– Claro.

– Por que não considera parar de tomar os banhos?

– Por que está dizendo isso, acha que estão me fazendo algum mal?

– Não senhora, mas acho que bem também não está, então, melhor que pare. É só uma tentativa. Pare e veja se melhora.

– Sinto-me muito cansada.

– Às vezes o que é bom para alguns não é bom para outros, não é?

– Sim, tem razão, falarei com Joane.

– Vamos, levante-se. Lhe ajudo a escolher uma veste fresca.

Laura desceu ao lado de Winna para o desjejum. Joane a aguardava para começar a lhe servir; – Deseja algo especial para essa manhã, senhora Laura?

– Não, Joane, obrigada. Gostaria de lhe agradecer mais uma vez pelos banhos, ajudaram-me muito, mas creio que já foram suficientes. Preciso tentar ficar de pé por mim mesma. Creio que entende o que digo.

A decisão de Laura pegou Joane de surpresa. Não sabia o que dizer; – Sim, senhora Laura.

– Mais uma vez, obrigada.

Joane assentiu com um sorriso sem graça. Winna ajeitava as almofadas na sala de estar quando se assustou com o toque repentino do telefone.

Laura colocou rapidamente a xícara de volta ao pires e se levantou.

Winna já havia atendido; – Alô.

– Quem é? – Laura aproximou-se de Winna enquanto Joane permanecia na sala de jantar.

– Senhorita Lucy! Que alegria ouvir sua voz! Sim, está ao meu lado, um momento! – Winna passou o fone para Laura; – É a senhorita Lucy!

– Por Deus! Lucy! Já estão em Nova Orleans? Não imagina como estou aliviada em ouvir isso! Sim, está tudo bem, não se preocupe comigo. Eu imagino que seja difícil fazer uma ligação, eu entendo. Está bem, não ficarei esperando. Cuide-se Lucy, dê um abraço em Thomaz. Sim, eu entendo, Lucy, obrigada por ter telefonado! Cuidem-se!

Laura colocou o fone de volta ao gancho. Estava eufórica o bastante para sorrir de maneira espontânea pela primeira vez em muitos dias. Estendeu as mãos para Winna, que foi ao seu encontro rapidamente; – Não lhe disse que estavam bem, senhora?

– Sim, Winna! Disse que não quer se comprometer em telefonar pois é muito difícil completar uma chamada.

– Eu imaginei. Senhor Jonathan deve estar passando pelo mesmo problema.

– Isso creio, Winna.

– E já estão acomodados?

– Sim, falou muito rápido, mas entendi que sim. Bem, o fato é que está tudo bem. Disse que Nova Orleans é fascinante! Winna... Sinto-me mais tranquila agora. Para que minha felicidade esteja completa, falta apenas receber uma chamada de Jonathan.

– Peça com fervor e suas preces serão ouvidas!

Laura sorriu algo comovida.

..........

Joane lavava a louça do café da manhã quando Winna entrou na cozinha segurando duas taças com cuidado; – Estas devem voltar para a caixa, são lindas, mas não fazem parte do jogo.

– Não entendi a decisão da senhora, ela comentou algo com você, Winna?

– Sobre o oque?

– Sobre não querer mais os banhos. Faliu comigo enquanto estava à mesa.

-Ah, sim. Não comentou nada comigo a respeito disso.

– Os banhos Ihe estavam dando algo de serenidade, não acha?

– Não devemos questionar a decisão dos patrões, Joane. Cuidemos de nossa vida. E quanto a você, resolveu seu problema?

– Sim, não era nada importante.

– Joane, não tenha medo de conversar, muitas vezes nossos problemas são bem menores do que pensamos que são.

Joane olhou para Winna por um tempo antes de responder; – É possível que seja assim. De qualquer forma não se preocupe, está tudo bem. E a senhorita Lucy, já chegou em Nova Orleans? Vi que fez uma ligação.

– Sim, chegaram e estão bem. Agora, cuidarei de meus afazeres.

Joane voltou as suas funções, algo pensativa.

Os ânimos de Laura haviam se renovado. Era real, Lucy estava em Nova Orleans, a terra do voodoo. Seria questão de tempo saber como se defender de Nancy e Edith. Sabia que a lei dos homens estava seu lado, se Nancy continuasse a Ihe perseguir, saberia como agir, mas quanto as leis de Deus? Estaria Deus somente por trás de determinadas religiões e não de outras? De alguma forma, via algum propósito divino no que estava passando, a pergunta era clara; que propósito seria esse? Esperava que Lucy Ihe ajudasse a descobrir a resposta.

Laura seguiu para o jardim. Winna estava certa. O dia estava perfeito para conversar com as flores.

Winna aproveitou para trocar a roupa de cama de Laura e mais uma vez se surpreendeu com os lençóis molhados de suor; – Todas as noites é a mesma coisa. – Falou sozinha, como se alguém pudesse Ihe ouvir. – Será que fica em estado febril durante a noite? Deve haver alguma explicação!

Laura e Sam podavam algumas flores quando ouviram algo vindo do portão de entrada. Sam interrompeu sua tarefa. – O que

deve estar acontecendo? – Levantou-se e limpou as mãos no avental.

O coração de Laura saltou rapidamente. Estava em estado de alerta, como se algo ruim estivesse sempre prestes a acontecer. Sam prosseguiu; – Senhora, vou ver do que se trata.

Laura o seguiu. Era Jonathan, cruzando os portões da casa.

– Jonathan!

Jonathan tirou o chapéu e parou para se certificar de que finalmente, estava diante de sua esposa. Apesar de visivelmente mais magra e abatida, era Laura, caminhando em sua direção. Jonathan fez o mesmo. A essa altura, Winna e Joane se acercaram e presenciaram a cena comovente. Laura se jogou nos braços de Jonathan, como quem chega à terra firme, após muitos dias de tormenta.

– Não posso crer! Como pedi para que este dia chegasse!

– Está tão abatida! O que houve? – Jonathan passou a mão no rosto da esposa.

– Não tenho me sentido bem. E você, está curado?

– Sim, me recuperei totalmente. Não me entrego com facilidade.

– Vamos entrar, deve estar faminto.

– Sim, estou.

Jonathan e Laura entraram na mansão abraçados enquanto Sam entrava com as malas.

O brilho nos olhos de Laura era nítido. Seu coração se enchia de esperança, na medida do possível. Tudo voltaria ao normal, seus pesadelos desapareceriam e Nancy teria que aceitar sua felicidade.

Jonathan estava de volta.

CAPÍTULO 10

O céu de Nova Orleans estava cinza e o vento frio anunciava a chuva que chegaria a qualquer momento. Lucy escolheu um vestido simples e desceu para o almoço, após um breve descanso. Estava especialmente animada para explorar os mistérios de Nova Orleans, começando pelo tempero.

Desta vez, foi atendida por Cecile.

– Boa tarde, senhorita Lucy! Finalmente nos conhecemos! Venha, sente-se aqui, acabei de limpar esta mesa.

Lucy aproximou-se e se sentou na mesa indicada pela senhora; – Obrigada, senhora... Cecile, estou certa?

– Sim! Mason falou de mim para a senhorita, eu sei.

A simpatia de Cecile era envolvente.

– Sim, ele falou. Senhora Cecile, sinto que cheguei tarde para o almoço. Peço que me desculpe, peguei no sono e perdi a hora.

– Ora, não se preocupe com isso! Aqui não estipulamos hora para almoço.

– Bom saber, senhora Cecile, não sou boa com horários.

– E nem deve ser. Relógios são algemas. Por que acha que ficam nos pulsos? – O sorriso de Cecile era algo contagiante.

– Pois está corretíssima! – Lucy não pôde deixar de perceber a figura da senhora, que trazia um lenço amarrado a cabeça e algumas pulseiras de palha em ambos os pulsos. Aliás, acessórios comuns para as mulheres da cidade.

– A partir de hoje, deixarei as panelas a cargo de minha filha e ficarei ajudando Mason no salão.

– Então nos encontraremos mais vezes.

– Sim, com certeza!

Lucy não conseguia tirar os olhos dos cordões de Cecile, que notou a curiosidade da moça; – Gosta?

– São lindos. Já havia reparado tais adornos expostos em algumas lojas, assim que cheguei.

– Não são apenas adornos. Eles protegem quem os usa.

Lucy ouvia interessada. Cecile emendou; – Tem alguma religião, senhorita?

– Fui criada no catolicismo, mas tenho a mente aberta para tais assuntos.

– Já ouviu falar em voodoo?

As mãos de Lucy gelaram por completo. – Poucas vezes, mas adoraria saber mais a respeito.

– Pois está na cidade certa para tal.

Os olhos de Lucy denunciavam seu entusiasmo com as palavras de Cecile.

– O que me diz de vir comigo hoje à noite a uma pequena festa, senhorita?

– Uma festa voodoo?

– Em realidade, uma festa hoodoo.

– E há diferença?

– Voodoo é a religião, hoodoo é a magia em si. Digamos que se completam.

– Sim, eu adoraria ir!

– Está feito, então! Após o jantar, nos encontramos na sala principal.

– Combinado, senhora Cecile. Obrigada!

– Leve seu amigo, se quiser.

Lucy assentiu com a cabeça.

– Trarei o seu almoço. – Cecile se despediu com um sorriso largo.

Lucy sentiu um misto de excitação e medo. – Laura, não vai crer em uma coisa destas! – Lucy resmungou baixinho, sem tirar o sorriso do rosto.

Uma boa notícia, afinal, mas o que veria nesta festa? O que diria? E mais, o que lhe diriam?

Estava em Nova Orleans para descobrir.

• • • • •  • • • • •

A presença de Jonathan fez com que a serenidade de Laura, outrora inexistente, se tornasse algo constante. No final de tarde, após um breve passeio pelo jardim, recolheram-se para seus aposentos. As janelas do quarto estavam entre abertas e uma brisa suave preenchia o ambiente, sem se impor.

Laura e Jonathan conversavam, depois que fizeram amor.

– Estou preocupado com sua saúde, Laura. A deixei tão bem e lhe encontro terrivelmente abatida e a ausência de sua prima em um momento tão delicado me deixa ainda mais apreensivo.

– Estou bem agora, é isso que importa.

– O que está acontecendo, afinal? Que mal lhe aflige?

Laura cogitou abrir seu coração para o marido, mas só de pensar em Jonathan ocupando-se de Nancy ainda que de uma maneira negativa, seu coração disparava novamente.

– Creio que muitas coisas aconteceram ao mesmo tempo. Deixar a casa onde cresci, o convívio com meus pais... e depois sua ausência. É apenas uma fase. Já me sinto incrivelmente melhor, acredite.

– Prometo que não ficarei fora por um bom tempo, até que se acostume com a casa e sua nova vida. – Jonathan beijou-lhe a fronte; – Lhe prometo.

Apesar de ter mentido para Jonathan, Laura finalmente estava em paz. Ainda sentia certa ansiedade em relação aos avanços de Lucy em Nova Orleans, mas com Jonathan ao seu lado, seria mais fácil esperar. Seus pensamentos se concentraram no cenário a sua volta. Estava em sua casa, nos braços do homem de sua vida, seu marido, seu, para sempre.



A chuva caía suavemente sobre Nova Orleans tornando a noite ainda mais escura. Tasha, a filha de Mason e Cecile, serviam o jantar.

Lucy e Thomaz haviam terminado e permaneceram na mesa por algum tempo.

– Por Deus, Thomaz, estou fascinada com este cozido com quiabo. Jamais experimentei nada igual. Tasha disse todos os pratos levam pimenta caiena e páprica.

– De fato está delicioso. E a sobremesa? A tal Banana Foster? De lamber os beiços.

– Já havia experimentado banana com sorvete de baunilha, mas este, tem algo de canela, não acha?

– Sim! Seguramente tem canela. Não consigo nem mesmo pensar em um cafezinho agora.

– Ainda bem que nos movimentaremos.

– Senhorita, falando nisso, não acha prudente que eu vá na tal festa sozinho e veja do que se trata?

– É evidente que não, Thomaz! Acha que eu perderia tal oportunidade?

– Nunca estive em uma cerimônia voodoo ou hoodoo que seja. Receio que não se sinta bem com o que verá.

– E você já estive em uma?

– Pessoalmente, não. Mas ouvi falar algumas coisas.

– É preciso muito para me impactar, Thomaz. E por favor, me chame por meu nome e me trate por você.

– Se a senhorita prefere.

– Sim, prefiro. Vamos até o salão. Cecile disse que nos esperaria lá.

Thomaz assentiu sem entusiasmo.

– Está com medo, Thomaz?

– Eu, medo? Evidente que não.

– Então vamos.

Lucy e Thomaz seguiram para a recepção e sentaram-se em um pequeno sofá em frente a porta. Não tardou para que Cecile surgisse com o costumeiro sorriso cordial; – Minhas crianças já estão prontas! Vamos?

Lucy e Thomaz acompanharam Cecile.

– Para onde vamos, senhora Cecile?

– Não muito longe, meu rapaz. Você está bem? Parece-me preocupado.

– Estou bem, apenas um pouco cansado.

– Caminharemos um pouco até chegar ao nosso destino. Aproveitemos que a chuva nos deu um frescor. Se importam?

– De forma alguma. – Lucy respondeu animada.

Thomaz olhou para Lucy com certa admiração a sua coragem. Não entendia como uma moça bem-criada pudesse se

sentir tão à vontade em um lugar tão diferente de Paris ou Nova York. Nova Orleans era encantadoramente misteriosa, exalava ao mesmo tempo, o santo e profano. Essa insegurança constante poderia causar um desconforto inicial em qualquer um, mas não em Lucy.

As ruas movimentadas deram lugar a vielas estreitas e escuras. As casas começaram a se tornar raras, no lugar delas, muitas árvores frondosas e pequenos pântanos.

O silêncio da noite foi interrompido pelo som dos batuques que vinham de longe.

– Falta pouco. – Cecile estava compenetrada.

Os batuques e a cantoria começaram a ficar mais nítidos. Lucy olhou para Thomaz e sorriu. Sabia que estavam mais perto.

Finalmente, se depararam com tochas acesas e um lugar no meio do mato onde pessoas dançavam em volta do que era uma espécie de tronco de árvore, porém, sem folhas.

Era real. Lucy e Thomaz estavam em uma cerimônia voodoo.

Cecile conteve os passos; – Vocês são meus convidados, mas não poderei ficar com vocês, me juntarei aos outros.

Lucy ouvia atentamente.

– Ouçam, esta festa é para Erzulie Dantor. Ela é um loa muito forte. Uma mulher guerreira, protetora, mas dura, quando deve ser. Quando se envolve em uma causa, vai até o fim. Vejam essas pessoas mais distantes, são convidados como vocês. Fiquem próximos a eles e apenas observem.

– Sim, senhora Cecile. Entendemos bem. Ficaremos distantes.

Cecile se afastou e Lucy segurou a mão de Thomaz, conduzindo-o para perto dos demais convidados.

– Fiquemos aqui. Está tudo bem?

– Jamais vi algo parecido. – Thomaz não acreditava no que seus olhos viam. – É um pouco diferente do que ouvi falar.

– Nada como ver as coisas com nossos próprios olhos, não?

Thomaz não respondeu, mas estava de acordo com a observação.

Lucy olhava tudo com total interesse. As pessoas dançavam como se estivessem possuídas, como se seus corpos não lhe pertencessem. Não entendia o que elas cantavam. Que idioma era aquele? Vários crânios de caveira e esculturas coloridas, adornadas com enfeites de todas as cores e tipos, faziam parte da decoração. Ferros com símbolos enigmáticos, ocupavam uma espécie de altar, com velas e cruzes. No chão, no centro de tudo, um desenho havia sido feito com uma espécie de pó amarelado.

O ritmo do batuque era estranhamente envolvente.

– Está vendo isso, Thomaz?

– Sim, estou. Quem são essas pessoas que dançam? E onde está essa tal mulher, a Erzulie?

– Como sabe que se trata de uma mulher?

– Já ouvi falar dela.

– Ora, ora, senhor Thomaz. É mais sabido do que aparenta ser.

– Sei o que o povo da cidade sempre fala. Não quer dizer que me envolvo com isso. Não sou sabido, senhorita Lucy.

Lucy sorriu com sarcasmo improvisado de Thomaz.

Após alguns poucos minutos, Cecile se uniu a dança com vestes coloridas, sendo o verde predominante. Ela dançava com uma garrafa de bebida na mão, girando em torno dos presentes e em torno do tronco enfeitado.

– É a senhora Cecile?

– Não, Thomaz. É só o corpo da senhora Cecile.

Lucy observava encantada a dança daquela entidade enigmática. Todos ao redor a reverenciavam de alguma forma.

– É ela, Thomaz. É o loa de que Cecile nos falou.

Lucy estava certa. Era Erzulie Dantor, Temida e adorada. Erzulie bebia e cuspiam a bebida em todos a sua frente, como uma espécie de ritual de benção.

O que essa entidade representava? Como disse Cecile, uma guerreira, forte e obstinada. Seria essa a entidade que ajudava a Nancy e Edith em seus propósitos nefastos contra sua prima?

Como isso funcionava? Olhou fixamente para o rosto de Cecile, fitando seus movimentos e aos poucos foi se deixando levar pelo batuque. Pensou em Laura e nas aflições que sentia e então, Erzulie/Cecile a olhou de volta.

Seus movimentos se intensificaram e a dança se tornou mais intensa, sem que os olhos de ambas se perdessem uma da outra.

Bem longe dali, em Nova York, Laura dormia nos braços de Jonathan, quando foi tomada por sensações inomináveis de pavor. Se via fora do corpo e se sentia cada vez mais afastando-se de seus aposentos e de Jonathan, sem que pudesse impedir. Sentia como se mil agulhas lhe perfurassem o corpo impedindo de se mover.

Olhava para Jonathan para tentar pedir ajuda, mas se deu conta de que não era mais seu marido que repousava sobre a cama. O lençol que o envolvia deslizou suavemente, fazendo com que um homem com rosto de caveira se revelasse, abraçando seu corpo imóvel. Enquanto Laura tentava fugir, em Nova Orleans, Erzulie/Cecile dançava e girava. Lucy fechou os olhos e pediu por Laura. Pediu que Erzulie se comovesse com sua causa. Lucy não sabia se estava sendo ouvida, apenas seguia seus instintos, nada mais.

No auge da sua aflição, Laura ouviu o batuque dos atabaques, o que fez com que uma força irresistível a levasse de

volta ao seu corpo, despertando de forma abrupta. Ao mesmo tempo, em Nova Orleans, Lucy saía do transe e Erzulie/Cecile mudou sua direção, dançando em outra parte da roda.

Laura deitou-se novamente. Estava com a respiração ofegante e sem forças para se levantar. O som do batuque ainda estava em sua mente. Fechou os olhos e chorou em silêncio. Olhou para o lado e Jonathan dormia profundamente. Ajeitou-se novamente em seus braços e seu coração voltou a bater devagar. Enxugou as lágrimas e fez a sua oração. Laura não conseguia pensar em nada, não deu mais espaço para suas perguntas. Estava exausta. Aos poucos suas impressões foram sumindo e seu corpo se entregando a um peso incalculável. Voltou a dormir sem que se desse conta.

Em Nova Orleans, a festa de Erzulie estava longe de acabar. Lucy começava a se recuperar das estranhas impressões quando o batuque parou e o silêncio tomou conta do lugar.

– Lucy, sente-se bem? Quer ir embora?

– Estou bem, Thomaz.

– A moça está sentindo alguma coisa? – Uma mulher se aproximou.

– Estou bem. Apenas um pouco tonta.

– Jeremy, traga uma cadeira.

Em alguns segundos, um rapaz bem-vestido atendeu o pedido da mulher.

– Quer ir embora?

– Não, estou bem. Não se preocupe, Thomaz.

– Estava estranha, como se estivesse longe daqui. O que estava sentindo?

– Não sei...

– Erzulie falou com ela. – A mulher respondeu à pergunta de Thomaz com firmeza; – Não veio em busca de respostas? Pois então.

Lucy ainda tinha certa dificuldade em organizar seus pensamentos. Thomaz interveio; – O Que a senhora quer dizer? Não a vi falar com Lucy.

– Pergunte a sua amiga. Só ela poderá lhe dizer.

A mulher se afastou, seguida por Jeremy.

– Lucy, ouça-me bem, vamos embora. Já chega por hoje.

– E Cecile?

– Não vamos esperá-la. Sabemos o caminho de volta. Acha que consegue andar apoiando-se em mim?

– Por Deus, Thomaz, estou bem. Apenas um pouco zozna.

– Pois então vamos.

Thomaz apoiou o braço de Lucy em seu ombro, entrelaçando o seu na fina cintura da moça; – Vamos devagar.

Alguns passos depois, Lucy já estava mais consciente, porém, quando tentava se lembrar do que havia ocorrido, sua mente voltava a confundi-la, como se uma água cristalina se turvasse de repente.

Thomaz não fez mais perguntas.

Após algum tempo, chegaram à Pensão. Thomaz levou Lucy a seu quarto. – Se importa que eu entre e lhe ajude a se deitar?

– Não estou em condições de me importar com tais formalidades, Thomaz.

– Pois então, venha. Deite-se. Vou tirar seus sapatos.

Thomaz ajeitou Lucy na cama cuidadosamente; – Ainda bem que parou de chover. Quer um copo de água?

– Não, quero descansar apenas.

– Pois então, descanse. Não pense em nada. Amanhã conversamos.

– Obrigada, Thomaz.

– Boa noite, Lucy.

– Boa noite.

Lucy fechou os olhos. Não queria pensar em mais nada e nem podia, ainda que quisesse.

CAPÍTULO 11

A noite conturbada de Laura deu lugar a uma manhã serena e agradável. O café da manhã foi servido no jardim principal, onde os raios de sol começavam a surgir e o canto dos pássaros formavam um ambiente propício para que Laura se esquecesse, ao menos por um tempo, das terríveis sensações que havia experimentado durante o sono. A parte de todo o turbilhão de emoções que dominavam sua esposa, Jonathan falava sobre seus dias em Los Angeles com entusiasmo.

– Temos que fazer algumas viagens juntos, amor. Creio que lhe fará bem novos ares de vez em quando.

– Eu adoraria. – Laura tomou um gole do suco de laranja que estava sobre a mesa e antes que colocasse a taça no lugar, foi acometida por uma crise de tosse inesperada.

– Sente-se bem? – Jonathan se acercou, preocupado.

Laura colocou o guardanapo de pano sobre a boca e percebeu que no mesmo havia uma pequena mancha de sangue.

Jonathan tomou o guardanapo das mãos da esposa impulsivamente; – Sangue? Isso é sangue!

– Não entendo. Não estou sentindo nada.

– Winna! Winna!

– Acalme-se, meu amor, está tudo bem.

Winna estava próxima ao jardim e atendeu prontamente.

– Pois não, senhor?

– Ajude Laura a se arrumar, a levarei ao Dr. George. Veja isso. – Jonathan colocou o guardanapo nas mãos de Winna.

– Por Deus, senhora. Sente-se bem?

– Estou bem, a tosse deve ter ferido minha garganta de alguma forma.

– Não há discussão. Vou pedir a Sam que prepare o carro.

Jonathan deu um beijo na fronte de Laura e se afastou apressadamente.

– Senhora, isso já aconteceu antes?

– Não, é a primeira vez. Winna, esta noite tive um pesadelo terrível. Não dormi muito bem.

– E como foi?

– Não há muito o que contar porque não é o que acontece, entende? É a sensação que tenho.

– E que sensação foi essa?

– Eu estava fora do meu corpo, me via deitada, ao lado de Jonathan, mas que em realidade, não era mais o Jonathan.

– Como assim?

– Era um homem, mas não tinha rosto, era uma caveira.

– Por Deus, senhora.

– Não conseguia me mover. Foi horrível.

– E então?

– Ouvei uma música estranha, como uma música africana ou algo assim e então acordei. Foi tão real, Winna!

– Teve febre?

– Não. Mas as dores de cabeça estão insuportáveis. Mal posso pensar.

– Se acalme. Por hora creio que uma consulta é o certo a se fazer.

– Meu problema não é físico, Winna. Sabe disso.

– Isso o médico irá nos dizer. Vamos, precisa se arrumar.



Ao contrário de Laura, Lucy conseguiu dormir a noite inteira sem sobressaltos. Thomaz demorou a se entregar ao sono. Tentava entender o que havia acontecido com Lucy, seguramente um transe sem uma explicação racional. Sentiu um impulso involuntário de protegê-la dos perigos aos quais poderia estar exposta, mas sabia que seria impossível convencê-la a não prosseguir com sua investigação. Lucy estava obstinada em levar para Nova York as informações que Laura tanto desejava, mas sabia também, que estaria pronto para defendê-la do que quer que fosse, deste ou de outro mundo.

Thomaz bateu na porta do quarto de Lucy, que atendeu prontamente; – Bom dia, Thomaz. Já mesmo chamá-lo. Pronto para o café da manhã?

– Sim, estou. Vejo que está totalmente refeita.

– Sinto-me ótima. Já você me parece cansado. Dormiu bem?

Thomaz suspirou profundamente; – Não muito. Como conseguiu dormir após tudo aquilo?

– Thomaz, vimos um ritual religioso como qualquer outro.

– Como qualquer outro? Havia bichos ali para serem sacrificados. Sorte que fomos embora antes desta atrocidade acontecer.

– Não sabia que tais coisas ocorriam?

– Sim, sim..., mas entre saber e ver, há uma grande diferença.

– Deve haver uma razão para que façam isso.

– Não consigo imaginar uma.

– Vamos descer, comer lhe fará bem. – Laura trancou a porta do quarto e juntos, desceram para o café da manhã.

Ao entrarem no salão, se depararam com Cecile servindo as mesas. Thomaz parou instintivamente. A figura de Cecile lhe remetia a noite anterior e era impossível desassociar Cecile de Erzulie, uma entidade tão poderosa.

– O que houve? – Lucy questionou, já sabendo a resposta.

– Nada. Vamos. – Thomaz retomou os passos.

– Bom dia, crianças! Dormiram bem?

– Bom dia senhora Cecile. Sim, dormimos muito bem.

Thomaz e Lucy se sentaram.

– Senhora Cecile, lhe devemos desculpas, não pudemos esperá-la até o fim da festa. Senti-me um pouco tonta e achamos melhor que regressássemos a pensão.

– Imagina! Não me devem nada! E sente-se melhor agora?

– Sim, muito melhor.

– E o que acharam da festa?

Thomaz e Lucy se olharam. Thomaz se antecipou em responder; – Muito boa, senhora Cecile, muito boa.

– Fiquei com receio de que não se sentissem confortáveis, afinal, não devem estar acostumados com tais práticas espirituais eu creio.

– Não, não nos sentimos desconfortáveis. – Nem mesmo Thomaz acreditava em suas palavras.

Mason entrou no salão com certa pressa; – Senhor Thomaz, sei que está tomando seu desjejum, mas a charrete de um de nossos hóspedes atolou em uma poça de lama daquelas e não estamos em número de homens suficientes para removê-la. Poderia nos fazer a gentileza de nos ajudar?

– Claro. Vamos lá. – Thomaz levantou-se imediatamente, deixando Lucy e Cecile a sós.

– Creio que Thomaz ficou impressionado com o que viu noite passada. – Cecile falou em voz baixa.

– Em realidade, ficou apavorado.

As duas riram da situação.

– Posso me sentar por um momento?

– Claro, senhora Cecile. Sente-se por favor.

– Erzulie o assustou tanto assim?

– Não somente Erzulie. Creio que os animais lhe causaram algo de comoção.

– Eu entendo.

– Se me permite, por que devem ser sacrificados? Os loas não aceitam outros tipos de presentes?

– Sim, eles aceitam muitos tipos de presentes. A questão do chamado sacrifício dos animais é mais cultural do que qualquer outra coisa, eu creio. Um dia, ele não mais existirá, isso é o que penso. Não vou negar que seu simbolismo é forte. O sangue é energia vital, é a força que simboliza a vida, mas como lhe disse, tem mais a ver com a antiga maneira dos homens de agradar do que propriamente a exigência dos loas.

Lucy ouvia atenta.

– E você, o que sentiu de fato, ontem à noite?

– Algo estranho, em realidade jamais havia experimentado algo parecido.

– Teve alguma visão?

– Não senhora. Apenas uma sensação de desprendimento, como se eu não estivesse mais ali, como se minha conexão fosse somente com Erzulie, como se ela me mostrasse ou dissesse algo, sem palavras, sem imagens.

– Minha criança, sei que veio até aqui em busca de respostas.

– Como sabe?

– Ela me disse.

– Erzulie?

– Sim.

– E ela pode me dar essas respostas?

– O Que busca poderá ser dado por Erzulie Dantor, mas não através de mim.

– Não entendo.

– Precisa da ajuda de uma sacerdotisa. Sua prima está lidando com forças obstinadas, com um objetivo bem traçado.

– E onde encontro uma sacerdotisa?

– Falou com ela ontem, quando se sentiu mal.

– A mulher que se aproximou de nós... – Lucy fez grande esforço, mas apenas lembrava-se dos contornos do rosto da mulher.

– Então se tratava de uma sacerdotisa?

– Sim. Seguramente ela poderá lhe ajudar.

– Como faço para falar com ela?

– Hoje estaremos no cemitério da cidade fazendo um conjuro. Se não se importar, pode conversar com ela lá.

– No cemitério?

– Sim, tem medo de cemitérios?

– Não senhora. Eu poderia participar este tal conjuro?

– Sim, ela mesma pediu para lhe convidar.

– Irei, então. A que horas seria?

– No fim da noite. Podemos ir juntos, nós três.

– Está bem, nos encontramos no salão principal como ontem.

– Senhorita Lucy, ouça-me, por mais que tudo o que veja lhe pareça obscuro e sem sentido, entenda que tanto o voodoo como o Hoodoo são apenas ferramentas e assim como qualquer ferramenta de que o homem faça uso, ela se torna boa ou má, vai depender da mão que a sustenta.

– Eu entendo, senhora Cecile e vejo muito sentido no que fala.

Cecile segurou as mãos de Lucy; – Terá Êxito no que busca.

– Obrigada por sua ajuda.

Cecile se levantou e antes de ir, voltou-se para Lucy novamente; – Lucy, senhor Thomaz está muito preocupado com a senhorita.

– Ele é muito responsável. Acha que sua missão é me proteger e está levando isso muito a sério.

Cecile sorriu; – Creio que não é mais o compromisso que move o senhor Thomaz. Tem sorte de tê-lo ao seu lado. Trarei o seu café.

Lucy ouviu as palavras de Cecile com surpresa, mas seu encontro no cemitério começava a ocupar toda a sua atenção. Falaria com uma sacerdotisa voodoo, jamais se imaginaria em uma situação semelhante. Pensou em tentar fazer uma chamada para Laura, mas chegou à conclusão que notícias a conta gotas a deixaria ainda mais ansiosa. Esperaria o desenrolar dos fatos.



Laura acabava de ser examinada por Dr. George, um dos profissionais mais conceituados de Nova York. De volta a mesa onde Jonathan os esperava, o médico deu a sua opinião.

– Senhor Jonathan, não vejo problemas de saúde em sua esposa, exceto que está um pouco fraca. Sua pressão arterial está normal, seu batimento cardíaco também. O pulmão está limpo de secreções pelo que pude auscultar. Pedirei que faça exames de sangue e urina e um exame de raio X, que deverão ser agendados com minha secretária. Irei prescrever alguns tônicos. – Dr. George escrevia enquanto dava as instruções; – Apenas uma vez ao dia.

– E quanto ao sangue, doutor? O que pode ser?

– O evento ocorreu pela manhã, provavelmente suas vias aéreas estavam ressecadas. Creio tratar-se de um evento isolado.

Jonathan segurou a mão da esposa.

– Não há com o que se preocupar. Sua esposa precisa apenas se alimentar bem, tomar os tônicos e se manter bem hidratada.

– Cuidarei disso. Obrigado doutor. – Jonathan guardou a receita médica e apertou a mão de Dr. George. Estava mais tranquilo com o diagnóstico recebido.

Deixaram a sala do médico e Laura sentou-se novamente com Jonathan em um dos bancos da antessala; – Amor, não gostaria de agendar tais exames agora. Lhe prometo que venho com Winna outro dia para fazê-lo.

– Já estamos aqui, por que não?

– Gostaria de ir para nossa casa. Lhe dou minha palavra de que voltarei com Winna.

– Me promete?

– Sim, lhe dou minha palavra.

– Está bem. Vamos sair daqui.

Laura beijou o marido com ternura.

Jonathan e Laura deixaram o consultório e seguiram em direção ao carro onde Sam os aguardava no outro lado da rua.

– Não me esconda nada sobre seu estado. Estamos combinados?

-Não se preocupe. Jonathan. Não lhe esconderei nada. Não quero que se preocupe, estou bem.

Jonathan beijou a mão da esposa, algo aliviado.

Laura sorriu. Sentia a alma leve sempre que Jonathan lhe demonstrava cuidado e proteção.

Seu sorriso ainda estava em seu rosto, quando viu Nancy no lado oposto da rua.

Nancy os olhava fixamente. Apesar de profundamente incomodada, Laura não desviou o olhar. Atravessou a rua ao lado do marido, que a conduziu para o lado oposto de onde Nancy estava.

Seus olhares se cruzaram até onde foi possível. Jonathan interrompeu o silêncio, sem imaginar o peso do momento; – O Que acha de almoçarmos no frances Tavern? É um dos seus favoritos.

Laura estava certa de que Nancy vigiava seus passos, não restava dúvidas. – Eu adoraria, mas ficamos tanto tempo afastados... Gostaria que almoçássemos realmente a sós, somente você e eu.

Jonathan sorriu afetuosamente; – Tem razão, vamos almoçar em nosso jardim, não há lugar melhor.

O coração de Laura ainda batia gélido e apressado. Quando Nancy por fim desistira de Jonathan? Seria prudente deixar o marido a par da situação?

Por mais que pensasse, ainda entendia que manter Nancy fora dos assuntos de Jonathan era o melhor a ser feito. Lucy provavelmente estaria tendo avanços em Nova Orleans e em breve, saberia exatamente como se defender, sem que precisasse envolver o marido em tal situação. Antes de entrar no carro, Laura tentou olhar para trás para certificar-se de que Nancy ainda estava lá, mas não foi possível; Jonathan obstruía sua visão completamente.

- Sente-se bem? Parece-me pouco pálida.
- Estou bem, apenas quero estar em casa.

Sam recebeu a ordem para seguir. Laura recostou-se em Jonathan, deitando a cabeça em seu ombro durante todo o trajeto. – Amo você, Jonathan.

O marido sorriu embevecido; – Também te amo, meu amor. Te amo demais.

Laura fechou os olhos. Estava perto de terminar com aquele pesadelo e afastar Nancy de sua vida, definitivamente.

• • • • •  • • • • •

Lucy e Thomaz passaram o dia caminhando pelas ruas de French Quarter, um bairro muito visitado por turistas interessados na cultura de Nova Orleans. Lucy ficou impressionada com as pequenas lojas que vendiam artigos de voodoo como água. Os produtos eram buscados por moradores e por turistas também.

O charme das casas, coloridas e diminutas, lhe encantavam os olhos.

– Li algo sobre este bairro. Ainda há muito da França aqui, embora oficialmente seus laços com Nova Orleans como um todo já não existem mais.

– Este bairro era uma vila, se não estou enganado.

– Sim, você está certo. Veja estas varandas em ferro fundido. São tão lindas, não acha?

– São realmente encantadoras.

Por todos os lugares que passavam, ouviam sempre o mesmo estilo de música vindo dos pequenos bares e restaurantes. – Que melodia contagiante. Jamais ouvi em outro lugar!

– É comum aqui, é jazz, um novo ritmo que nasceu do blues.

– Encantador! Penso que as noites neste bairro devem ser muito interessantes.

– Sem dúvida. Por hora podemos nos contentar com um almoço ao som de Charlie Parker, o que acha?

– Parece-me perfeito!

Lucy deu o braço a Thomaz, que deixou escapar um sorriso de canto de boca, enquanto continuava a caminhar pelas calçadas da rua Bourbon. Lucy evitou comentar sobre o evento da noite, preferiu informar a Thomaz quando o momento se aproximasse.



Jonathan e Laura almoçaram no jardim como combinado. Naquele dia, Jonathan decidiu trabalhar em casa, não conseguiria ausentar-se após o ocorrido na manhã.

Laura fez grande esforço para se alimentar bem, mas apesar da insistência do marido, conseguiu comer muito pouco. Jonathan levou em consideração pois talvez, como Dr. George havia dito, sua garganta poderia ainda estar machucada.

Jonathan passou ainda algum tempo com Laura no jardim, mas seus compromissos o chamavam; – Amor, preciso revisar alguns documentos ainda hoje. Lamento ter que deixá-la.

– Acabei por complicar sua vida, não é?

– De maneira alguma. Sam foi até o escritório e trouxe os papéis de que preciso. Está tudo bem.

– Saber que está aqui tão perto de mim já é o bastante. Vá trabalhar, já perdeu tempo demais.

– Nunca perco tempo quando estou com você.

Laura beijou o marido com ternura; – Ficarei mal-acostumada com tantos mimos.

– Mimar você é um dos meus hobbies favoritos.

Joane acompanhava de longe a intimidade do casal e foi surpreendida por Winna; – O que faz aí parada? – Winna se aproximou da cozinheira e viu Laura e Jonathan beijando-se ao longe; – Está vigiando a senhora Laura e o senhor Jonathan? Sabe o quanto isso é inapropriado?

– Desculpe-me, Winna. Apenas observava a forma como ele a trata. Parece que lhe tem sentimentos verdadeiros.

– De que fala? É claro que tem. Laura é sua esposa! Não entendo o que quer dizer com isso, Joane.

– É apenas um comentário bobo, nada mais.

– Pois deve mudar o rumo de sua conduta nesta casa. A senhora Cruz era muito discreta e o senhor Jonathan aprecia muito isso.

– É claro. Me desculpe.

– Veja se tudo está em dia na cozinha.

– Sim. Com licença Winna.

– Ora vejam só. – Winna resmungou entre dentes.

..........

A noite havia chegado e Lucy estava ao lado de Thomaz no salão a espera de Cecile. Confiante, a moça não mediria esforços para ter a ajuda necessária para tirar a prima da situação em que se encontrava.

– Sinto que Laura não está bem.

– A esta altura, seu marido já deve ter retornado.

– Deus lhe ouça.

– Por falar em Deus, não me disse aonde vamos. Se trata de outra festa?

– Prefiro que saiba quando chegarmos, não se preocupe, Cecile estará conosco.

– Cecile ou uma entidade?

– Thomaz jamais imaginei que temesse tais coisas.

– Temo por você, Lucy. Pensa que pode resolver todos os assuntos, mas não é bem assim.

– Viemos aqui para isso, certo?

– Sim, claro, creio apenas que poderia ir um pouco mais devagar. O que lhe aconteceu ontem à noite não foi o bastante?

– Sei meus limites, tanto que concordei em saímos da festa antes que ela acabasse.

– Algo me diz que não vou gostar do que virá.

– Acho que vai gostar sim. Apenas entregue-se ao momento. Por Deus, Thomaz! Estamos em Nova Orleans! Solte-se um pouco!

– Você é uma turista em Nova Orleans, eu estou trabalhando, Lucy. Preciso ter os pés no chão.

– Agora magoou-me deveras, Thomaz. Então por isso não consegue desfrutar das coisas como gostaria que fizesse. Pensei que estávamos nos tornando amigos, mas isso é apenas trabalho para você?

– Desculpe-me, não quis dizer isso. Não é só trabalho, desfruto sim da sua companhia, sabe disso.

– Pois então entre nessa atmosfera mágica de Nova Orleans, Thomaz! Confie em mim!

– Está bem. Tem razão, prometo que me esforçarei.

Lucy sorriu.

Cecile desceu as escadas apressada; – Desculpem-me, me atrasei um pouco.

Thomaz e Lucy se levantaram. Lucy deu um passo à frente; – Não há problema, chegamos a pouco.

– Que bom! Sinto-me melhor. Bem, então vamos!

Cecile caminhou em direção a saída e Thomaz olhou para Lucy mais uma vez; – Sim, vamos.

CAPÍTULO 12

Nova Orleans – Cemitério de Saint Louis – 23:45 PM

Quando Thomaz se deu conta de onde estava, segurou com cuidado o braço de Lucy, enquanto Cecile seguia em direção a um grupo de pessoas que a aguardava no portão do principal cemitério da cidade.

– O que significa isso, Lucy? O que faremos aqui?

– Haverá um conjuro ou algo assim.

– Vamos assistir a um conjuro?

– Isso mesmo.

– Um conjuro em um cemitério? É para isso que viemos?

– Em realidade, viemos para que eu converse com uma sacerdotisa.

– Que sacerdotisa? Onde a conheceu?

– Cecile falou-me dela.

– Por Deus, sua prima estava certa em lhe incumbir de tal missão. Se ficar em Nova Orleans por mais tempo, em alguns meses fará conjuros você mesma.

– Entenderei tal observação como um elogio.

Cecile e o grupo se preparavam para entrar; – Vamos, crianças?

– Lucy, escute-me; se sentir algo, seja o que for, vamos embora. Esta é minha condição.

– E eu aceito. Podemos entrar agora? Ei, Thomaz, não tenha medo, é apenas um cemitério. Nada mais.

– É de você que estou com medo nesse momento, Lucy.

Lucy sorriu e deu o braço a Thomaz, que sorriu de volta, um pouco mais à vontade.

O cemitério de Saint Louis não era tão tranquilo como Lucy imaginava. Muitas pessoas faziam oferendas em volta dos túmulos. Segundo Cecile, eles tinham autorização do vigilante do lugar para estarem ali. Era uma espécie de acordo em que todos ganhavam de alguma forma.

Lucy olhava com curiosidade para as campas, simples, porém limpas e bem-organizadas. Era comum ver velas acesas espalhadas pelo lugar.

– Não me lembro da última vez que estive em um cemitério. – Thomaz iniciou um pequeno diálogo enquanto caminhavam.

– Eu tampouco.

– Em compensação, será impossível esquecer este dia.

– Thomaz, não me falou muito sobre você. Vive sozinho em Nova York?

– Sim. Eu e Deus.

– E sua família?

– Meu pai morreu antes que eu completasse cinco anos. Não me adaptei bem a nova união da minha mãe, então tão logo pude, fui viver minha vida sozinho.

– Sinto muito.

– Está tudo bem. Já não é um problema para mim.

Lucy ajeitou seu braço já entrelaçado ao braço de Thomaz, demonstrando conforto. Thomaz percebeu o gesto e sentiu-se ainda mais confiante.

– E você, como é viver só em Paris? Creio não ser tão difícil.

– Penso que tudo na vida tem um lado bom e um não tão bom assim.

– Verdade, Lucy. E no fim, acabaremos todos aqui, em um lugar como esse. Não é?

– Não crê em vida após a morte? Não acha que continuamos?

– Nunca pensei sobre isso.

– Pois eu creio que continuamos. Não podemos ser só um corpo, sabe? Não podemos.

– E isso não é assustador? Ficarmos em um lugar sem corpo, um lugar estranho?

Lucy sorriu com a ingenuidade de Thomaz; – Falando assim, parece mesmo assustador.

Cecile e o pequeno grupo chegaram ao seu destino e ali começaram a se organizar, abrindo as sacolas que traziam.

Lucy e Thomaz observavam com atenção. Cecile retirou da pequena bolsa, alguns pacotes de tabaco e algumas garrafas de rum. Os outros traziam roupa, uma espécie de máscara de caveira e algumas velas.

Colocaram tudo em cima do túmulo e se entreolharam, como um sinal de que o conjuro já podia começar.

Cecile se aproximou de Thomaz e Lucy; – O que irão ver é um ritual para um loa, o Barão de Samedi. Vamos pedir que ele leve a alma deste irmão onde o corpo aqui descansa.

– E é preciso fazer isso com todos que morrem? – Lucy questionou interessada.

– Só os que estão presos a este mundo. Os que não conseguem fazer a passagem.

– E a sacerdotisa?

– Já está a caminho.

– E podemos ver este tipo de ritual? – Thomaz tentou manter a neutralidade, mas por dentro, estava preocupado e apreensivo.

– Sim! É claro que podem! Ajudem com suas vibrações! Tito precisa ser libertado! E assim será!

Lucy assentiu com firmeza. Não tardou para que Lili, a sacerdotisa, chegasse e se juntasse ao grupo. Veio acompanhada de um homem alto e magro, Jonas, que rapidamente vestiu o terno que uma das mulheres havia trazido.

Cecile abriu um pacote com pó amarelo e desenhou no chão um símbolo, como uma cruz com um caixão de cada lado.

As pessoas começavam a entoar cânticos e a bater palmas. Lili comandava o ritual, rondando Jonas que começava a cambalear.

As palmas foram ficando mais fortes até que o Barão de Samedi tomou conta do corpo de Jonas. Lili colocou a máscara de caveira na entidade, deixando nariz, olhos e boca de fora, enquanto Cecile lhe servia com cigarro e um copo de rum. Lili finalizou inserindo algodão nas narinas de Jonas/entidade.

Thomaz olhava o ritual, sem se descuidar de Lucy. Percebia os mínimos detalhes de suas feições para se certificar de que o evento ocorrido na festa não voltasse a acontecer.

Lili começou a falar palavras em um idioma desconhecido, palavras repetidas por todos, inclusive por Lucy.

A entidade acendeu as velas no entorno da tumba de Tito e depois começou a baforar o rum por cima da campa. Depois de um tempo, o loa começou a dançar com mais intensidade, enquanto as palavras eram proferidas ao som das palmas.

Após um tempo daquele frenesi, Lili deu o comando para a entidade deixar o corpo de Jonas. O homem caiu nos braços de Cecile.

Thomaz e Lucy não saberiam explicar em palavras o que havia acontecido ali, mas sentiram na pele algo ainda mais difícil de entender. Era como se um sopro passasse por eles, tão logo Jonas voltou a si. Ficaram ainda mais surpresos quando notaram que as velas haviam se apagado, naquele exato momento.

Thomaz sussurrou; – Como é possível?

Cecile ajudou Jonas a se recompor enquanto os demais limpavam o lugar.

Lili ajeitou os cabelos e caminhou em direção a Lucy; – Então, menina, sente-se bem?

– Sim, estou muito bem.

– Pedi a Cecile que a trouxesse aqui, porque vai precisar de ajuda para resolver o problema de sua prima.

Lucy e Thomaz ouviam em silêncio. Lili continuou; – Pelo o que vi, sua prima está sob o efeito de um cruzamento muito forte.

– Como posso ajudá-los? Vim a Nova Orleans para isso, preciso saber com o que minha prima está lidando.

– Ela está lidando com magia voodoo.

– Como essa?

– Sim, menina. Como essa.

– E o voodoo pode lhe proteger, já que é ele que está lhe fazendo mal?

– Não é o voodoo que está fazendo mal a sua prima. Mas as mãos que o manipula.

– Cecile me disse algo parecido.

– É o que vemos todos os dias. Os homens têm muitos desejos e os loas os ajudam.

– Como eles podem nos ajudar neste caso?

– Senhorita, lhe chamei aqui porque alguém quer vê-la.

– Alguém?

Lili apontou para um caminho estreito no fim da quadra em que estavam; – Vá por ali, sozinha.

Thomaz entendeu o recado.

Lucy não fez mais perguntas. Olhou para Thomaz e segurou suas mãos; – Fique aqui e não se preocupe.

Lili voltou para o grupo e Thomaz ficou no seu lugar; – Está certa de que não quer que eu vá com você?

– Sim, estou.

– Tome cuidado, estarei aqui se precisar.

Lucy seguiu a pequena viela entre os túmulos. As corujas começavam a cantar, quebrando o silêncio da noite. Ao final do caminho, só havia como virar à esquerda e ela o fez. Os caminhos eram iluminados apenas por algumas velas espalhadas por entre uma tumba e outra.

Lucy diminuiu os passos, cerrou os olhos para ver melhor; a sombra de uma mulher começava a se aproximar lentamente e ela decidiu não caminhar mais. Havia chegado ao seu destino.

Os contornos da mulher se tornavam mais nítidos. Lucy sentiu um arrepio percorrer todo o seu corpo. Respirou fundo e pediu proteção. Tinha suas boas intenções do seu lado e isso lhe bastava.

A mulher chegou o mais próximo que pôde. Sua aparência era relativamente bem cuidada. Aparentava ter cinquenta anos ou mais. Era possível ver os cabelos ainda muito negros contidos pelo turbante lilás. Sua pele era morena-clara e os olhos, escuros. Usava um vestido da mesma cor que o turbante e muitos fios de conta.

– Boa noite, Lucy.

– Boa noite. – Naquele momento, Lucy se viu estranhamente calma. – Lili disse que queria me ver. A senhora também é uma sacerdotisa?

– Quando eu era uma sacerdotisa, eu atendia aos homens e mulheres que vinham me procurar, não importava o que lhes movia, mas essa época acabou. Agora, é Erzulie quem escolhe a quem eu devo ajudar. Não chegou até aqui por acaso.

– Isso me assusta e me tranquiliza, devo confessar.

– Há um tempo, estive com sua prima em sonho. Eu sabia que viriam.

– Então sabe pelo que minha prima está passando?

– Sim.

– Laura teme que Nancy volte para a vida de Jonathan. É um medo que a paralisa, a enfraquece.

– Nancy não poderá voltar para Jonathan. Não nesta vida.

– Por que diz isso?

– Porque ela não pertence mais a este mundo.

Lucy sentiu seu corpo gelar por completo; – Como disse?

– Nancy não pertence mais a esse mundo, Lucy. Ela está morta.

– Mas... Como assim está morta? Laura a viu... E um de seus empregados também!

– Laura tem dons que desconhece. Lembra-se de quando era criança e sempre adoecia sem causa aparente? E as visitas que só ela via? Os sonhos?

– Sim, lembro-me bem. Então pessoas com esse, digamos, dom, podem ver pessoas que já morreram?

– Sim, como Laura e seu empregado.

– Se Nancy está morta, por que ainda age como se estivesse viva?

– Morremos para este mundo, mas não para quem pensamos ser. Carregamos nossos apegos, nossos medos... Eles moldam nossas ações no outro mundo também.

– E a tal senhora que a ajuda, senhora Edith?

– Essa ainda está entre nós.

– Agora entendo tudo. Já que Nancy não teve Jonathan como queria, ninguém mais terá. E esta senhora a ajuda por quê?

– Esta senhora é uma bokor, usa a magia tanto para o bem, com para o mal. Não é uma sacerdotisa, mas é conhecedora dos conjuros. É uma velha amiga da defunta ou vai ajudá-la para cobrar seu preço depois.

– O Que Nancy poderia lhe dar em troca?

– Há algumas práticas obscuras no voodoo, Lucy, que precisam de espíritos atormentados como Nancy para se concretizarem.

– Nancy trabalharia para Edith, seria esse o preço?

– Isso é muito comum. Mas ainda não consigo ver ao certo qual o pacto entre elas. É como se minha visão escurecesse. Esta tal senhora usou um bom truque para se esconder.

– Truque?

– É outra forma de falar “feitiço”.

– Como minha prima pode se livrar disso? Este ritual que a senhora Lili fez aqui hoje para livrar a alma de Tito, podemos fazer o mesmo com Nancy?

– Teríamos que saber onde ela está enterrada, mas ainda assim, algo me diz que isso não ajudaria a Nancy.

– Mas ajudaria a Laura?

– A libertação de Laura está ligada a libertação de Nancy.

– O que quer dizer?

– Não se acaba com uma doença tratando apenas dos sintomas. É preciso acabar com a causa.

– E o voodoo pode acabar com a causa?

– O voodoo é como um remédio, Lucy, você pode tomá-lo, mas só quem sabe a hora da cura é Bondye, é Deus.

– Os Loas, como dizem, estão do lado delas?

– Assim como na Terra o homem escolhe as causas pelas quais lutar, no mundo dos espíritos também eles escolhem as suas, conforme a evolução deles. Lembre-se que assim como nós, eles também estão caminhando e nós também responderemos por encorajá-los a seguir outros caminhos.

– O Que podemos fazer?

– Usaremos o voodoo até onde ele pode ajudar.

– Isso quer dizer que a senhora vai nos ajudar?

A mulher suspirou profundamente. – Sim, vou ajudá-los. Precisamos ir para Nova York. Não há mais nada a ser feito aqui.

– Se precisarmos fazer o mesmo conjuro de Tito? Nancy era daqui, deve estar enterrada nesta cidade.

– Não, não está. Disso estou certa.

– Está em Nova York então?

– Ainda não posso dizer, mas aqui seguramente não está.

Lucy segurou as mãos da mulher, visivelmente emocionada;
– Não imagina o que está fazendo por nós. Largar sua vida para ajudar a uma pessoa desconhecida. Se Deus não está presente aqui, não imagino onde mais poderia estar.

– Agradeça a Erzulie, não a mim.

– Ainda não sei o seu nome.

– Me chamo Marie. Marie Laveau.

Lucy já havia ouvido falar naquele nome. Ainda em Paris, havia lido sobre a mulher mais importante do voodoo de Nova Orleans e ela tinha esse nome.

– A senhora é Marie Laveau? Como é possível? Ouvi tanto sobre a senhora, mas... Pensei que estivesse...

– Morta?

Lucy não conseguiu responder. Marie sorriu; – A Marie Laveau de que ouviu falar é minha avó, Lucy. E sim, ela morreu. Inclusive seus despojos estão aqui, neste cemitério.

– A senhora é a neta de Marie Laveau? Por Deus... Em realidade, estou sem palavras!

– Não temos tempo para as palavras, Lucy. Temos muito trabalho pela frente.

Marie fechou os olhos como se deixasse o vento tocar sua face. Como se quisesse que suas lembranças fossem para outro lugar; – Minha avó ensinou a minha mãe tudo o que ela sabia e minha mãe, que também era Marie, me ensinou tudo o que eu sei.

Lucy não sabia explicar o refrigério que sentia. Seu coração estava confiante e determinado. – Sua avó fez um grande trabalho. Ela deve estar feliz com o que vê.

Marie sorriu. – Me chame de você.

Lucy assentiu.

– Estou pronta para ir amanhã tão logo o sol nasça. Se importa?

– Para mim está bem. Não temos tempo a perder afinal de contas.

– Estarei na porta da sua pensão.

Lucy seguiu seus instintos e abraçou Marie; – Será uma honra tê-la conosco. Marie retribuiu o gesto; – Tranquelize-se. Agora vá. Seu amigo está preocupado.

Marie deixou Lucy com um sorriso no rosto difícil de ser desfeito. Lucy correu para contar a novidade a Thomaz, que a esperava sozinho e resignado, sentado em uma tumba qualquer.

– Onde estão todos, Thomaz?

– Estão todos no além. Não é para lá que os mortos vão?

– Sabe a que me refiro, onde estão Cecile e os outros?

– Também se foram.

– E você está bem? Me parece confortável aí. Não cogitou a possibilidade de ir atrás de mim para ver se eu precisava de algo?

– Eu fui. Vi você conversando com uma senhora. Não quis me aproximar muito, estavam tão entretidas que não me notaram.

– Desculpe, retiro o que disse. Obrigada por se preocupar.

– Podemos ir?

– Não imagina quem era a mulher que viu.

– Não faço ideia. O que acha de conversarmos no caminho?

– Thomaz, aquela mulher era a neta de nada mais nada menos que Marie Laveau!

– Que brincadeira é essa?

– Não é brincadeira, Thomaz. Ela também se chama Marie. Consegue acreditar nisso?

– Era ela que queria falar com você?

– Sim! Mas o melhor, ainda está por vir. Sente-se novamente para não cair!

– Acredito que você já esteja familiarizada com este local, Lucy, mas eu não. Vamos embora e eu prometo lhe ouvir até amanhã de manhã se quiser.

– Claro, vamos. Lhe conto no caminho.

Lucy e Thomaz seguiram caminhando pela madrugada escura a caminho da pensão. Eram observados pela lua tímida por entre as nuvens e pelas testemunhas invisíveis que enchiam as esquinas daquela cidade tão simples quanto intensamente mágica.

CAPÍTULO 13

O sol surgia em uma manhã cinzenta e fria. Lucy e Thomaz já estavam de malas prontas. Desceram para compartilhar o último café da manhã em Nova Orleans. Cecile os esperava no salão; – Bom dia, crianças! Sinto o cheiro de despedida no ar. Estou certa?

– Sim, senhora Cecile. Não imagina como o meu coração está triste em ter que deixar esta cidade.

– Engana-se, Lucy. Não só imagino como posso sentir sua tristeza em meu coração. E a sua também, meu rapaz. – Cecile olhou para Thomaz com empatia; – Vamos, sentem-se! Vão precisar se abastecer bem para a viagem que os espera!

Thomaz e Lucy se sentaram. – Senhora Cecile, William poderia nos ajudar com as bagagens?

– Mas é claro que sim, senhor Thomaz. Tão logo lhes sirva, darei as ordens. Não se preocupem.

– Obrigado.

– Estou feliz que encontraram o que vieram buscar.

– Em realidade, encontramos bem mais que esperávamos, senhora Cecile. – Lucy estava visivelmente emocionada com o clima de despedida que se desenhava.

– Eu sei. Não é maravilhoso? Pois agora desfaçam essas caras tristes. Nova Orleans não sairá do lugar! Estará bem aqui quando regressarem! Animem-se!

Thomaz sentiu uma onda de esperança invadir lhe o ser. Seria Erzulie falando por ela? Lucy também quis acreditar nas palavras da nova amiga; Sim. Queriam voltar um dia, quem sabe, juntos novamente. – Obrigada por tudo, senhora Cecile. Sem sua ajuda jamais conseguiríamos.

– Quer me fazer chorar a esta hora da manhã, senhorita?

Lucy e Cecile estavam emocionadas. – Tome. – Lucy pegou um envelope de dentro da bolsa e ofereceu a Cecile.

– Pode acertar tudo com Mason quando saírem.

– Já acertamos a hospedagem. Isto é para ajudá-los a manter esse lugar maravilhoso como é agora.

– Não é preciso, senhorita, não se incomode!

– Eu faço questão, Cecile. Me deixaria muito feliz.

Cecile pegou o envelope, timidamente; – Meu coração lhe agradece, senhorita. Nos será muito útil.

– Sinto muito pelo momento que estão passando aqui. Uma cidade tão rica, tão cheia de vida... é triste demais.

– Sim, é triste, mas nem tudo está perdido. Ainda encontramos um bom coração aqui e outro ali.

– Chegará o dia em que todos poderão frequentar os mesmos lugares, as mesmas escolas, poderão se casar com alguém de cor diferente da sua. Esse dia há de chegar, senhora Cecile.

– Até que esse dia chegue, nos manteremos fortes e unidos! Todos nós, e quando digo nós, me refiro aos que veem além da cor da pele. Me refiro aqueles que veem apenas pessoas. A senhorita, o senhor, eu... Nós. – Cecile sorriu comovida.

Lucy abraçou Cecile afetuosamente. – Jamais lhe esquecerei, jamais esquecerei este lugar!

Naquela manhã, conforme o combinado, Lucy, Thomaz e Marie deixavam Nova Orleans a caminho de Nova York. Thomaz ainda estava perplexo com a ideia de viajar com a neta de Marie Laveau. Olhava Lucy com profunda admiração. Como conseguiu chegar tão longe em tão pouco tempo? Já Lucy via Marie como a salvação de Laura e já não tinha dúvidas; Deus estava ao lado de sua prima.



Sem que Laura pudesse imaginar, a ajuda para o seu problema estava a caminho. Lucy e Thomaz não conseguiram apenas respostas, levariam Marie Laveau para Nova York, a neta da maior sacerdotisa da América.

Naquela manhã, Laura preferiu passar mais tempo na cama, apesar da insistência de Winna em que despertasse cedo para quem sabe fazer um passeio ou cuidar do jardim. Após onze horas da manhã, Laura finalmente descia para o café da manhã.

Winna a aguardava preocupada; – Sente-se bem?

– Minha cabeça está me matando. Não há remédio que funcione.

– Tome seu café. Eu mesma fiz.

– Onde está Joane?

– Pedi que batesse um bolo de coco com abacaxi. O seu favorito.

– Obrigada, Winna.

– Senhor Jonathan anda preocupado com a senhora.

– Eu sei. Sinto tanto quando preciso mentir sobre minha situação.

. Outro dia me fez várias perguntas sobre a senhora, como estava se alimentando na ausência dele, se queixava-se de algo... Ele lhe tem amor sincero.

– Ainda assim tenho tanto medo de perdê-lo. Sinto-me um brinquedo de forças com as quais não tenho nenhum controle.

– Precisa ser forte e controlar suas emoções.

– Me esforçarei, Winna. Esteja certa de que me esforçarei.

– Ontem não tocou em seu jantar, acha que senhor Jonathan não percebeu?

– Eu sei que percebe. Está evitando me fazer perguntas.

– Porque sabe que a senhora sempre responde o mesmo. Pensa que ele vai esquecer dos exames? Sabe que terá que fazê-los.

– Lucy voltará em breve e tudo se resolverá. Não tenho problema algum de saúde. Eu sei disso.

– Bem, tome seu café por hora. Faça um esforço. Fiz o leite cremoso como gosta.

– Você é um anjo em minha vida.

Winna sorriu e se manteve à espreita de Laura, esperando que a senhora se alimentasse devidamente.

Ao contrário do que ocorria em outras manhãs, Laura recuperou o apetite de forma considerável. O leite não lhe embrulhou o estomago e conseguia sentir, ao menos levemente, o sabor da torrada e do queijo.

– Senhora, creio que servirei seu café todos os dias! Veja como se alimentou bem!

– É verdade, Winna, nem parece as mesmas coisas. Sinto o gosto do leite, do queijo. Como é possível?

Winna parou para pensar por alguns segundos. Sim, como era possível? A única vez em que Joane não preparou o desjejum, foi quando Laura conseguiu desfrutar dele. Seria apenas coincidência? De qualquer forma, não quis atormentar Laura ainda mais. – Verá que se sentirá mais forte durante todo o dia. Senhor Jonathan ficará feliz em saber que se alimentou bem.

Laura estava surpresa consigo mesma. Passou o dia cuidando do jardim e a tarde, resolveu ler um livro. Desde que se casou, Laura notou que passou a ler bem menos que antes. Por mais que tentasse se concentrar em alguma leitura, vez ou outra o

desanimo ocupava o seu ser, fazendo com que desistisse e se entregasse ao leito. Desta vez, sentia-se mais disposta e resolveu se arriscar em uma nova tentativa.

Fechou a porta da biblioteca e sentou-se confortavelmente. Pegou o livro *Le Sphinx des Glaces*, de Jules Verne, que havia deixado sobre a mesa. Apreciou a capa, o título e o fundo azul e iniciou a leitura com certa empolgação, afinal, aproveitaria a ocasião para treinar seu francês.

Joane começava a preparar caranguejos para o jantar, enquanto Winna estendia alguns lençóis em uma parte mais longínqua da área externa. Sam havia saído da casa, estava encarregado em trazer alguns itens a pedido de Winna.

Laura estava tendo êxito em se ater às páginas do livro, fazendo com que seu estado geral melhorasse sensivelmente. Uma leve sensação de estomago vazio voltou a incomodar, o que a deixou de certo modo, feliz. Sentiu como se sua energia voltasse pouco a pouco, assumindo cada parte do seu corpo, recolocando tudo em seu devido lugar. Somente após um longo tempo de leitura, seus olhos começaram a pesar e em um gesto quase involuntário, Laura colocou o livro sobre a mesa, recontando-se na cadeira.

Apesar de estar sentada, experimentava uma cômoda sensação de conforto que a fez fechar os olhos para desfrutar melhor aquele momento de paz.

Não tardou para que o sono viesse de forma profunda. A serenidade que Laura experimentava a alguns minutos atrás, começou a dar lugar a uma inquietação já conhecida. A biblioteca clara e arejada se transformou em um lugar escuro e sufocante. Laura correu até a porta e saiu do cômodo ofegante, como se lhe faltasse o ar para respirar. O alívio não durou muito tempo. Toda a casa parecia ter sido tomada por uma nuvem densa que tornava o ambiente pesado e inóspito.

– Winna! Joane!

Laura corria pelo salão na esperança de ser ouvida, mas sua voz parecia ser sufocada por uma névoa invisível. Olhou para a porta que estava aberta e resolveu sair. O sol daquela tarde havia dado lugar a um dia nublado e triste. Seu coração se angustiava a cada passo; – Sam! Winna!

Sem saber como, a mansão começou a lhe parecer ameaçadora e hostil, não lhe parecendo em nada com sua casa de alguns minutos atrás.

– O que está acontecendo!? Será que estou ficando louca!?

Laura precisava sair dali, embora não tivesse um plano definido. Correu para o jardim, mas nem mesmo seu local preferido da casa lhe causava qualquer bem-estar.

As cores das flores de outrora, davam lugar a escuras folhagens, disformes e sombrias. Laura tentou voltar a casa, mas quando se deu conta, estava dentro do labirinto de arbustos. Caminhava sem saber para onde ir. Buscava a saída freneticamente, até que se deparou com Nancy.

Laura não sabia o que fazer, resolveu ficar ali, parada para ver o que viria depois.

Nancy estava visivelmente fora de si; – Por que está roubando Jonathan de mim?

– Volte para o inferno de onde nunca deveria ter saído e deixe-me em paz!

– Éramos felizes aqui, nesta casa! Roubou-me tudo! Tudo!

– Deixe-me em paz! – Laura falou em tom austero.

– Jonathan amava-me! Iríamos nos casar!

– Eu sou a sua esposa! Jonathan ama a mim!

– Essa história não lhe pertence! Não lhe pertence!

– Deixe-nos em paz! – Laura gritava descontroladamente em um devaneio de ódio e loucura, interrompido pela voz de Winna; –

Senhora! Senhora! Acorde!

Laura abriu os olhos e se viu amparada por Winna, que lhe segurava os braços; – Senhora Laura, estava tendo um pesadelo!

– Por Deus, Winna! Não pode ser! Não foi um pesadelo! Nancy está aqui! Está aqui!

Laura saiu da biblioteca e seguiu para o jardim da casa, sendo seguida por Winna; – Senhora, volte! Por favor!

Joane observava de longe.

Laura entrou no labirinto, correndo de modo ofegante e sem direção.

Winna conseguiu alcançá-la; – O que viu em seu sonho?

– Nancy estava aqui, esperando-me! A maldita está aqui, em minha casa!

– Olhe ao seu redor, senhora. Não há ninguém aqui!

Laura andou pelo labirinto ao lado de Winna por mais algum tempo.

– A senhora teve um sonho ruim, apenas isso! Vamos entrar, por favor.

– Ela estava aqui, Winna! Tudo estava diferente, mas igual, entende?

– Sim, eu entendo, mas agora precisa se acalmar.

– Acredita em mim? Diga que acredita em mim!

– Sim, eu acredito! Juro por Deus que acredito, mas agora precisa entrar.

Laura abraçou Winna e se entregou a um choro copioso; – Estou cansada!

– Vou levá-la para seu quarto. Venha.

Winna apoiou os braços de Laura sobre seus ombros e a amparou com cuidado. Caminharam devagar em direção a casa,

onde Joane esperava logo a entrada; – Sente-se bem, senhora Laura? O que houve, Winna?

– Nada demais, Senhora Laura imaginou ter ouvido a senhorita Lucy chegar. Vou levá-la até seu quarto. – O tom de voz de Winna encerrou qualquer tentativa de maiores questionamentos.

Joane observou Winna e Laura subirem as escadas em silêncio.

Winna colocou Laura na cama, tirou-lhe os sapatos e ajeitou as cobertas com esmero; – Descanse. É tudo o que precisa agora. Tome, beba um pouco de água. – Winna serviu Laura com água fresca que estava sobre a mesinha.

– Ela não vai me deixar em paz, Winna. – Laura deu dois goles de água e devolveu o copo, com as mãos ainda trêmulas. – Aquela senhora Edith deve estar fazendo com que eu tenha tais sonhos.

– Conversaremos depois de seu descanso.

– Não quero dormir, Winna. Não posso!

– Não precisa dormir, apenas descanse, mas se acaso durma, estarei aqui, bem aqui sentada. Se a senhora começar a ter pesadelo, eu lhe acordo, está bem?

– Fique aqui, não vá embora.

– Não irei a lugar algum. – Winna ajeitou os travesseiros de Laura e se sentou na penteadeira em frente a cama.

Laura fitava a cortina esvoaçante e a luz do sol que entrava pela janela. Desejou com todas as forças que Lucy tivesse o Êxito esperado e conseguisse as respostas de que precisava. Aprenderia fazer o que fosse preciso para tirar Nancy do seu caminho. Enfrentaria os feitiços de Edith, pagaria com a mesma moeda.

Lucy era sua última esperança.

CAPÍTULO 14

Naquela noite, Laura tentou disfarçar seu estado de espírito, inquieto e instável, mas não conseguiu jantar, apenas fez companhia ao marido durante a refeição. Tentou manter um tom de normalidade, o que não teve êxito. Jonathan notou o semblante angustiado da mulher, mas sabia que perguntar-lhe não seria o caminho. Já havia percebido que Laura tentava poupá-lo de algo e então esperou a hora de dormir para buscar as respostas de que precisava por si mesmo.

– Amor, vá para o quarto, vou ao escritório separar alguns papéis para levar amanhã.

– Está bem, não se demore.

– Serei breve, prometo.

Jonathan beijou Laura com carinho.

Assim que a esposa subiu as escadas, Jonathan foi até a cozinha. Winna e Joane se surpreenderam com a presença do senhor da casa. Joane limpou as mãos molhadas no avental e Winna deixou os copos que começara a enxugar sobre a mesa.

– Pois não, senhor. Necessita de algo em especial? – Winna tomou a palavra.

– Preciso falar com as duas. Poderiam ir até meu escritório?

– Sim, senhor. – Ambas responderam quase ao mesmo tempo.

Jonathan deixou a cozinha com o semblante mais sério que o habitual.

– O que deve ser, Winna?

– Isso teremos que ver. – Winna tirou o avental e colocou alguns fios soltos dentro da toca.

Joane a acompanhou.

Ao entrarem no escritório de Jonathan, Winna e Joane encontraram o patrão sentado à mesa com as mãos entrelaçadas sobre o colo. Estava recostado na cadeira imponente e sua fisionomia delatava a seriedade do assunto que se seguia; – Sentem-se. Serei breve, Laura me aguarda e não quero que saiba que teremos esta conversa.

– Sim, senhor. – Joane respondeu prontamente.

– Do que se trata, senhor Jonathan? – Winna fez a pergunta, embora já imaginasse a resposta.

– Estou preocupado com Laura. Ela não me parece bem e se recusa a admiti-lo. Sinto que esconde algo de mim, possivelmente para me poupar de preocupações. Sei que já lhe perguntei isso, Winna, mas parece-me que as coisas saíram um pouco de controle desde que fui para Califórnia. Sabem de algo que não sei?

Jonathan foi direto e precisava de uma resposta direta. Winna tomou a palavra; – Senhora Laura teve dias bem difíceis durante a sua ausência. Mesmo a presença de sua prima não a fez mudar seu estado de ânimo. Com a sua volta já é possível notar sua melhora, hoje mesmo já tomou seu café da manhã como há muito não fazia. Fato é que ainda levará algum tempo para reestabelecer-se por completo, senhor.

Jonathan entendeu que Winna falava pelas duas e prosseguiu seu questionamento dirigindo-se a ela; – E quanto a Lucy, sabem se elas brigaram ou algo assim? Já faz dias e ela não veio ver a prima. Algo raro para uma relação tão íntima.

– Lucy disse-nos diversas vezes que iria embora tão logo o senhor regressasse. Ela teme que de alguma forma possa atrapalhar a recente vida conjugal da senhora Laura.

– Não houve brigas ou qualquer desentendimento?

– Não, senhor. Em absoluto.

– Como Laura se comporta em minha ausência? Faz suas refeições, cuida do jardim, aparenta algo em que se deva levar em conta?

– Como disse, enquanto estive fora, ficou bastante abalada. Não se alimentava bem, dormia muito, mas não se descuidava do jardim, que era em realidade o seu único motivo de alegria. Nada mais ocorreu, senhor.

– Peço que me relatem caso notem algo em sua saúde ou em seu comportamento. Qualquer coisa.

– Não se preocupe, senhor. Lhe manteremos informado.

– Como disse, é melhor que Laura não saiba de minha petição. Se sentiria vigiada em sua própria casa.

– Sim, senhor Jonathan, tem toda razão.

– Obrigado, Winna. Obrigado Joane. Boa noite.

Winna sabia que tal dia chegaria. Seria impossível que Jonathan não notasse o estado de Laura. Fez uma promessa a si mesma que se o regresso de Lucy não mudasse as coisas, ela mesma falaria de Nancy e Edith para Jonathan, pessoalmente.

Joane esperou que Winna se recolhesse para voltar ao escritório de Jonathan.

– Com licença, senhor. Preciso lhe falar, se me permite.

Desta vez, a surpresa foi de Jonathan; – Do que se trata?

Joane fechou a porta; – Não estou certa de que isto é o correto a ser feito, mas creio que o senhor precisa saber.

– Saber o que?

– Winna não disse tudo, mas não o fez por mal, ela pensa que protege a senhora Laura lhe escondendo a verdade.

Jonathan se levantou e caminhou até Joane; – De que verdade fala?

– A senhora Laura tem se comportado de modo estranho já há alguns dias. De fato, começou com a sua viagem, mas vem piorando dia a dia e não vejo sinal de melhora, nem de longe.

– Fale mais.

– Desculpe-me o termo, senhor, mas parece que não está conseguindo manter suas ideias em ordem. Fala de coisas sem sentido, diz que vê coisas. Quanto a Lucy, não está ajudando a uma amiga como a senhora Laura disse. A senhorita Lucy viajou para Nova Orleans a pedido da senhora.

– Nova Orleans? Por que Laura pediria tal coisa?

– A senhora acha que precisa de algum tipo de ajuda espiritual.

– E por que Laura precisaria deste tipo de ajuda? Algo aconteceu? Uma notícia, uma visita? Algo com seus pais?

– Não sei, senhor. Creio que nada de relevante tenha ocorrido. Talvez se o senhor insistir em questioná-la sobre seu estado, tenha sua resposta. Não abrirá seu coração para mais ninguém.

Jonathan teve enorme dificuldade em acreditar no que ouvia.

– O que ela diz que vê?

– Não sei bem, senhor. Ela fala coisas sem sentido. Não noto problemas de saúde, mas... entende o que digo, sua cabeça não anda nada boa.

Jonathan sentiu certo desconforto com a notícia. Seu coração estava angustiado e sua alma, pesada. – Mais alguma coisa, Joane?

– Não senhor, apenas que não diga que eu lhe contei. Winna não me perdoaria, tampouco a senhora. Apenas me preocupo, senhor Jonathan. Apenas isso.

– Claro, fique tranquila. Ninguém saberá que me disse tais coisas. Obrigado, Joane.

– À disposição, senhor.

Joane deixou Jonathan a sós com seus pensamentos e uma verdade difícil de aceitar. Por que Laura lhe esconderia suas crenças? Por que não compartilhava com ele suas dificuldades? Talvez porque imaginasse que não aprovaria sua maneira de tratá-las. A preocupação com o estado de Laura aumentou, mas o que mais lhe feria naquele momento, era o fato da esposa não lhe ter tido confiança o suficiente para falar sobre seus problemas.

Será que o amava assim como ele a amava? Jonathan tentou tirar tais pensamentos de sua mente. Por alguma razão, Laura precisava de ajuda. Talvez após uma noite de sono, pensaria em uma maneira de ajudar a esposa, para que tivesse de volta a mulher com quem havia se casado. Foi para o quarto sem saber se conseguiria disfarçar seu descontentamento.

Laura o aguardava na cama, com um livro nas mãos; – Meus olhos já estão pesados. – Colocou o livro na mesinha de cabeceira.

– Amanhã terei uma reunião importante, precisava colocar alguns papéis em ordem.

Jonathan se trocou e lavou o rosto em silêncio, não sabia o que dizer. Se lembrou de Nancy e de seus hábitos em relação às práticas religiosas. Jamais se opôs, embora não se envolvesse. Ainda não tinha opinião formada a respeito, por que Laura temia não compartilhar seus pensamentos com ele? E o que a estaria perturbando tanto?

Queria poder conversar com a esposa, mas achou melhor respeitar seu silêncio sobre o assunto.

Laura não notou a expressão apreensiva de Jonathan. Sentia-se fraca, tonta, precisava descansar. Tão logo Jonathan se deitou, recostou a cabeça em seu peito e esperou que o sono a visitasse. Para Jonathan, uma noite longa de profundas divagações estava apenas começando.



Na manhã seguinte, Winna deixou Laura a par das preocupações de Jonathan. Lhe advertiu que sustentava a ideia de que seu marido deveria saber sobre as ameaças de Nancy e Edith, porém, mais uma vez Laura a convenceu de que deveria esperar o retorno de Lucy para decidir o que fazer.

Ao contrário da manhã anterior, Laura já não conseguia sentir o sabor do café da manhã, se limitando a dois goles de chá e uma fruta, ainda assim, a contragosto.

Jonathan por sua vez, já não pensava no assunto com a mesma amargura da noite anterior. Esqueceu a ideia de insistir em uma conversa reveladora como Joane havia aconselhado. Entendeu que Laura temia por seu modo de pensar em relação as suas crenças e que seu estado mental se devia ao fato de ter mudado sua rotina abruptamente, o que foi fortalecido por sua ausência.

Chegou à conclusão que o bem-estar da esposa estava acima de suas frustrações irrelevantes. Diminuiu ainda mais sua carga horária no escritório a fim de estar mais próximo de Laura. A presença de Jonathan era de fato, revigorante para o espírito de Laura, mas ainda assim, não conseguia fazer com que seus pensamentos frequentemente fugissem para Nancy e o que ela estaria planejando fazer para se aproximar de Jonathan.



Salem – Virginia – 08:00PM

O carro comandado por Thomaz percorria as ruas de Virgínia a caminho de Nova York. Marie havia levado pouca bagagem; quatro vestidos, muitos acessórios, alguns livros e muitos objetos.

Pedi que Lucy lesse alguns sempre que fosse possível antes de chegarem ao destino. Marie fez o mesmo.

– O que está achando da leitura?

– São tantas novas informações! É um mundo completamente novo para mim.

– Eu imagino.

– Todas as coisas que ouvi sobre voodoo foram negativas. De Hoodoo, jamais havia ouvido falar, coisas boas, ou más. Nem mesmo sabia que existia.

– Agora que já conhece um pouco, o que acha?

– De fato, há coisas que me impactam, como certos rituais, mas agora consigo entender o sentido por trás deles.

– Creio que as pessoas demonizam o que desconhecem, Lucy. Voodoo não é apenas um momento em que nos religamos com o divino. O voodoo está presente em todos os momentos; quando conhece sobre cada planta que vê, quando sabe que uma flor é muito mais que o encanto da aparência delicada, que suas propriedades podem lhe dar algo de serenidade e sossego. Quando está cozinhando e conhece cada um dos ingredientes que utiliza e como eles podem curar, dependendo da enfermidade que exista. É conhecer a força da lua e saber que ela é muito mais que um simples adorno no céu. Isso é voodoo. É intenso demais para ser compreendido superficialmente.

– As pessoas pensam que não precisam saber dessas coisas. Que não tem a ver com elas. Como se elas vivessem em um mundo à parte, como se fossem feitos de outro material. Buscam a vida inteira o contato com o divino, sem se darem conta que o divino está em tudo a sua volta.

– Sim, Lucy, mas creio que as pessoas não buscam o divino. Em realidade, elas buscam redenção. Precisam ter a certeza de que não são responsáveis pelas consequências de seus atos, que estão acima do bem e do mal. Precisam culpar a Deus ou ao diabo

quando na verdade, só existe um criador e que o bem e o mal estão dentro de cada um de nós. Quando deixamos o corpo isso não muda. Alguns pensam que a vida acaba aí, com o corpo. Outros creem que continuam, mas em um estado de contemplação eterna. Não imaginam que o trabalho segue exatamente como antes. Que mesmo após cruzarmos a linha entre os dois mundos, ainda somos responsáveis por nossas escolhas.

– Jamais imaginei que praticantes de voodoo acreditassem em Deus. Imaginava que seus deuses eram os espíritos que tomavam os corpos das pessoas.

– Os loas não são deuses, são apenas intermediários, assim como os santos para a igreja católica. O mal que alguns veem no voodoo existe, é o mal do qual sua prima está sendo vítima, mas será que não sabem que alguém que pratica a religião católica apostólica romana ou que frequenta a igreja protestante também seja capaz de desejar e fazer o mesmo mal que Edith? Não usariam amuletos, mas suas obscuras intenções em alguém seguramente teriam o mesmo efeito, apenas mudariam os meios.

– E quanto aos mortos? Como Nancy?

– Mortos que não conhecem o voodoo também têm seus apegos, senhorita Lucy.

– Entendo. O voodoo só é mal para os maus. É como consigo definir.

– Sim, é uma forma de se dizer as coisas.

– E quem ganha essa luta nesse jogo de energias tão poderosas? – Thomaz interveio enquanto dirigia.

– A última palavra é sempre de Deus, senhor Thomaz. Não se engane. Estamos todos subjugados a mesma lei. Cada um responderá por si e pelos meios que usou para sobreviver, neste mundo e no outro.

Enquanto Lucy continuava lendo mais sobre voodoo, Thomaz pensava que talvez ele e Lucy não se veriam mais. Essa ideia, tão

óbvia no começo, lhe parecia agora tão cruel. A facilidade com que Lucy via as coisas lhe dava uma certa noção de completude. Jamais havia visto a vida da forma como aprendeu a ver nos últimos dias. Era como se até conhecê-la, tudo a sua volta estivesse em preto e branco e agora, estava deslumbrado com o brilho das cores que surgiam diante dos seus olhos.

Quando pararam em uma pensão, ainda em Virgínia, para passarem a noite, Thomaz deu a ideia de Marie passar os dias que fossem necessários para sua estadia em Nova York, em seu apartamento. Demonstrou preocupação e interesse em ajudar Laura, o que não era uma inverdade, mas sabia que no fundo o que lhe movia, era a chance de manter contato com Lucy, pelo tempo que fosse necessário.

A sugestão foi aceita de imediato. Lucy gostou da ideia bem mais do que conseguiu demonstrar. Também se sentia próxima demais de Thomaz para ter que dizer adeus.

CAPÍTULO 15

Mais um dia nascia sobre a mansão dos Ward.

Após o café da manhã, Winna pediu a Johanne que comprasse alguns itens de mercado e aproveitou para conversar com Laura.

Winna demonstrou preocupação pelo fato de Lucy não ter feito mais nenhuma ligação.

– Senhora, não acha melhor conversar com o senhor sobre o que está havendo? Seus pesadelos pioraram e ontem teve algo de febre.

– Não chegou a ser febre, melhorou assim que me banhei, lembra-se?

– Creio que o senhor Jonathan deveria saber de seus medos, senhora. São eles que estão fragilizando sua saúde.

– Vamos aguardar o retorno de Lucy. Creio que podemos resolver sem envolvê-lo.

– E se a senhorita Lucy demorar a voltar?

– Em breve receberemos outra ligação, estou certa.

– Não creio que receberemos notícias suas tão cedo, senhora.

– O que quer dizer? Acha que algo pode ter acontecido a eles?

– Não senhora, acho que a senhorita está envolvida em seus propósitos, ela mesma lhe avisou que não a esperasse telefonar. Não devemos condicionar essa decisão em Lucy. Ela está fazendo sua parte em Nova Orleans e nós temos que fazer a nossa por aqui.

Laura sabia que Winna poderia ter razão. – Vamos esperar mais dois dias. Dois dias, nenhum a mais. Se eu não receber

notícias quanto aos avanços de Lucy, converso com Jonathan. Eu prometo.

– Sinto-me mais aliviada, senhora. Não imagina o quanto.

– Winna, há um tempo, queria lhe perguntar algo, mas sempre me escapa a oportunidade.

– Do que se trata?

– Notei que seu comportamento com Joane mudou. Me parece que não confia mais nela. Estou certa?

Laura tinha razão. Winna já não confiava em Joane como antes.

– Está certa, senhora.

– Ela lhe deu motivos?

– Nada concreto, por isso não quis alarmá-la. É apenas uma impressão. Posso estar errada, mas prefiro confiar em meus instintos.

– O que pensa exatamente?

– Não sei ainda, senhora. Como disse, não tenho fatos que comprovem minha teoria. Podemos ter certa precaução com ela, porém, sem causar alarde, não quero ser injusta.

Winna percebeu a preocupação nas feições de Laura. – Senhora, não há necessidade de preocupar-se, é coisa sem importância, apenas acho que Joane é um pouco fuxiqueira, nada demais, mas é bom evitar que suas asas cresçam e é fácil fazê-lo, apenas não permitindo que tome ciência de certos assuntos, principalmente os que lhe afligem.

– Está bem, tem razão. Vamos evitar que se inteire de algumas coisas.

Winna sabia que suas desconfianças em relação a Joane iam mais além, mas não queria preocupar Laura ainda mais, entretanto,

achou prudente compartilhar algo de sua preocupação para não a deixar vulnerável a possíveis artimanhas por parte de Joane.



Naquele mesmo dia, o Mercury Sedan levando Marie Laveau chegava em Nova York. O sol da tarde de verão ainda iluminava as ruas já movimentadas da cidade.

– Alguma vez saiu de Nova Orleans, Marie?

– Sim, inclusive já visitei sua efervescente Paris. Confesso que nunca cogitei passar um dia a mais do que meu dever pedia em qualquer uma das cidades que fui. Nova Orleans faz parte de mim e creio que sempre fará.

Lucy ouvia encantada; – Posso entender o que diz.

– Mas aqui em Nova York, é minha primeira vez.

– Vai gostar, estou certa.

Thomaz abriu a porta do carro com delicadeza e ofereceu a mão à Marie; – Por fim, chegamos.

Marie colocava os pés em Nova York pela primeira vez. Olhou a sua volta e notou o grande movimento de carros e transeuntes, de fato algo bem diferente de sua cidade natal.

Em seguida, Thomaz ajudou Lucy.

– Então, é aqui onde mora, Thomaz?

– Sim, desculpe-me por não ser um local tão bem cuidado como Upper West side.

– Não noto diferença, Thomaz.

– Senhor Thomaz, há diferenças que somente algumas pessoas enxergam. Não é o caso de Lucy, seus olhos veem um pouco mais além.

Lucy sorriu para Marie. Ela própria não poderia ter dito melhor. – E então, Thomaz, podemos subir?

– Claro! Vamos, eu volto depois para pegar as bagagens.

O apartamento de Thomaz era simples e acolhedor. Havia algumas roupas espalhadas pela sala, que ele tratou de recolher com urgência. – Desculpem-me, moro sozinho, imaginam como seja isso.

– Não se preocupe, senhor Thomaz. Nós entendemos.

– Quantos quartos há? – Lucy questionou interessada.

– Bem... Há um quarto apenas, onde durmo, aliás, onde eu dormia, porque agora será o quarto da senhora Marie.

– Não quero incomodá-lo senhor Thomaz. Durmo na sala, não se preocupe comigo.

– De modo algum, eu faço questão. Será uma honra hospedá-la em meu quarto. Só preciso recolher minhas coisas de lá, que nem são muitas. Aliás, vou descer e pegar suas malas agora mesmo, senhora Marie. Acomodem-se, fiquem à vontade.

– E quanto as minhas malas, Thomaz?

– Desculpe, Lucy. Não entendi.

– Pensei que se eu ficasse aqui com vocês, evitaria muitos constrangimentos com minha tia. Seguramente ela me fará perguntas e poderá tomar ciência do problema em que estamos envolvidos e morar com Laura e seu marido, creio que não seria apropriado.

– Quer ficar aqui? – Thomaz tentou não deixar seu nervosismo transparecer.

– Se importa?

Thomaz buscava, freneticamente, palavras para responder; – Em absoluto, não, não me importo. Mas, ficaria mal instalada, não posso oferecer qualquer conforto.

– Thomaz, acha mesmo que conforto é o que busco?

O silêncio tomou conta da pequena sala desarrumada.

Marie observava a cena e percebeu que Thomaz não conseguiria sair daquela situação sozinho; – A preocupação do senhor Thomaz é natural, mas devo concordar com Lucy. Ficaremos expostas demais quando começarmos nossos afazeres, é bom que estejamos em um lugar neutro. Não imagina o bem que nos faz nos acolhendo aqui.

– Eu fico feliz em ajudar. – Com os pés de volta ao chão, Thomaz foi buscar as bagagens, a passos largos.

– Lucy, quando pretende avisar a sua prima que chegou?

– Hoje mesmo. Jonathan ainda está no escritório seguramente. Vou arrumar minhas coisas, me banhar rapidamente e então, visitá-la. Virá comigo?

– Melhor que converse com Laura antes de mim e então, a traga aqui quando for possível para ela. Sairei com você, mas ficarei pelas redondezas.

– Posso lhe mostrar a loja de Edith.

– Não é necessário. Vou descobrir onde é, não se preocupe.

Tão logo Lucy e Marie banharam-se, deixaram o apartamento de Thomaz e tomaram as ruas de Manhattan. Assim que chegaram em Upper West Side, Marie interrompeu a caminhada; – Eu fico por aqui, Lucy. Creio que a casa de Laura esteja perto e a loja de flores também.

– Sim, a loja fica mais a frente, eu entro na próxima à direita.

– Nos vemos mais tarde.

Lucy iria pedir que Marie tomasse cuidado, mas imaginou que seu pedido seria irrelevante. – Nos vemos, Marie.



Laura já não conseguia disfarçar a ansiedade com a ausência de notícias de Lucy. Suas enxaquecas só aumentavam e já estava considerando conversar com Jonathan sobre seus receios em relação à Nancy e tudo o que havia acontecido até ali, inclusive a conversa com Edith.

Laura descansava em sua cama, quando o silêncio do quarto foi interrompido com a chegada intempestiva de Winna; – Senhora! Senhora! Não vai crer quem chegou! Vamos! Acorde!

Laura abriu os olhos devagar; – O Que houve, Winna?

– Lucy! Lucy chegou! Sam está abrindo o portão! Levante-se!

Laura saltou da cama ainda um pouco tonta; – Lucy? Por Deus, Winna! Ajude-me a encontrar meus sapatos!

Em alguns minutos, Winna e Laura desceram as escadas, encontrando Lucy na sala principal com um largo sorriso no rosto.

Laura correu para abraçar a prima. Não conseguiu conter as lágrimas; – Lucy! Esperava por uma ligação sua e agora está aqui!

Lucy se afastou para ver Laura melhor; – Laura, está tão abatida!

– Por fim voltou, Lucy! – Laura abraçou Lucy novamente; – Estou tão feliz!

Joane observava a cena da porta da sala de jantar, tomando o cuidado para não ser notada.

– Estou feliz que tenham regressado, senhorita Lucy. E Thomaz, como está?

Lucy abraçou Winna antes de dar as boas novas. – Fico feliz em estar de volta, Winna. Thomaz está muito bem. Está organizando o apartamento, há muito o que fazer.

– Pensei que viesse com a senhorita. Não foi de bom tom tê-la deixado vir sozinha.

– Na verdade, eu pedi que ele se ocupasse de seu apartamento, eu quiz vir só.

– Ele portou-se mal com a senhorita?

– Muito pelo contrário, Winna. Thomaz foi meu grande companheiro nesta viagem. Ajudou-me muito.

– Me alegro em saber, senhorita.

– Sentem-se, preciso contar as novidades afinal!

Joane entrou na sala de estar; – Bem-vinda de volta, senhorita.

– Obrigada, Joane.

– Querem que eu traga algo enquanto conversam?

– Vamos conversar no jardim, Joane. Está um dia tão agradável, afinal de contas. – Laura deu a sugestão, após se lembrar da advertência de Winna quanto a Joane.

– Por mim está ótimo. – Lucy preparou-se para deixar a sala.

– Joane, pode continuar seus afazeres, eu mesma providenciarei chá gelado e alguns biscoitos. – Winna preparava seus passos em direção a cozinha.

Joane consentiu; – Me deem licença.

Laura e Lucy deixaram a sala abraçadas.

Enquanto Winna preparava a bandeja, Joane se aproximou, arrumando a mesa como desculpa; – Quer dizer que a senhorita voltou de Nova Orleans com novidades.

Winna continuava sua tarefa sem afetação.

– Não trouxe nenhuma bagagem pelo que notei e saiu daqui com tantas coisas.

Winna terminou de ajeitar os biscoitos e as xícaras; – Joane, deixe que os padrões se resolvam como queiram, não nos cabe observar, tampouco questionar.

- Quer que eu lhe ajude a levar isso?
- Não, obrigada. Já tem muito o que fazer.

Winna deixou a cozinha e Joane resmungou baixinho; – Já vai se juntar com as outras. Acha que é como elas. Será usada e descartada, Winna. Como eles sempre fazem.



Marie caminhava por algumas vielas e notou que suas vestes e seus assessorios atraíam olhares curiosos. À parte das coisas irrelevantes que a cercava, Marie preocupava-se apenas com o que sua intuição lhe mandava fazer. Seus passos eram guiados por ela. Caminhou até parar em frente a pequena loja de flores.

– É aqui.

– Marie fechou os olhos por alguns segundos. Não tardou para que tudo ao seu redor começasse a se transformar. O fim de tarde dava lugar a uma densa atmosfera e as calçadas, com todos que por ela passavam, começaram a sumir, como se nada mais existisse, apenas o pequeno comércio avistado.

Aos poucos, a visão de Marie começava a se estreitar, como se fosse atraída para dentro da loja, sem nenhum esforço de sua parte. Viu o balcão, a atendente que cochilava e então entrou em um corredor estreito. Seguiu por ele até chegar a uma porta entre aberta. Foi quando se deparou com Edith, dentro de um círculo de velas.

A senhora não esperava a visita;

– Quem é você? Como chegou até aqui?

Marie olhou tudo o que pôde a sua volta. Edith repetiu a pergunta; – Quem é você?

– Nancy está aqui?

– E quem quer saber? O Que faz aqui?

– Está chamando por ela, não é? É assim que mantêm Nancy presa a este mundo!

– Do que está falando? Quem é você? – Edith começava a perder o controle.

Marie tentou entrar na mente de Edith, mas encontrou uma espécie de bloqueio que lhe dificultava a ação.

– Nos veremos em breve, Edith. Não tenho pressa.

– Como sabe meu nome? Como conhece Nancy?

Marie fechou os olhos e em uma espécie de atalho contrário, sua mente correu para a calçada novamente. Ali estava. De pé em frente à loja, enquanto as pessoas transitavam ao seu redor. Marie se virou e caminhou de volta ao apartamento de Thomaz.

..........

O fim de tarde e a brisa suave completavam um cenário favorável a uma boa conversa no jardim.

Winna trouxe a bandeja e juntou-se às primas.

– Obrigada, Winna.

– Estava com saudades dos quitutes de Joane. – Lucy tratou de pegar um biscoito tão logo Winna ajeitou o prato sobre a mesa.

– Lucy! Está tão diferente!

– Diferente como?

– Não saberia dizer. Não acha, Winna?

– Sim, de fato há alguma coisa nova na senhorita.

– Pois acho que estão vendo coisas. Quanto a você, Laura, precisamos falar desta magreza e destas olheiras. Está se alimentando bem?

– Não acha que falaremos de mim, não é Lucy? Por Deus! Conte-me! Como foi em Nova Orleans?

Lucy começou a falar, satisfazendo os anseios de Laura e a curiosidade atroz de Winna. Joane observava de longe, falando consigo mesma; – Algo aconteceu em Nova Orleans. Isto é certo.

CAPÍTULO 16

Lucy terminou o seu relato diante da incredulidade de Laura e Winna.

– Não pode ser possível, Lucy.

– Senhorita, foi muito corajosa, estou... perplexa.

Lucy se serviu do chá gelado e de mais alguns biscoitos.

– Trouxe mesmo essa senhora Marie com você?

– Sim. Marie Laveau está aqui em Nova York. No apartamento de Thomaz para ser mais específica.

– Por isso Thomaz não veio.

– Sim, Winna. Ele precisa colocar as coisas em ordem, afinal, serão duas hóspedes em sua casa agora.

– Como duas?

– Ficarei lá com Marie, Laura.

– Está certa disso?

– Sim, estou certa. Titia é muito esperta, acho melhor não a envolver nisto.

– Lucy, ainda não consigo acreditar em tudo o que me disse. O que mais aconteceu na tal festa? Você viu algum espírito?

– Por Deus, não, Laura! Foi como lhe contei, senti-me um pouco mal e resolvemos ir embora.

– Não posso crer que estive em um cemitério a noite!

– Sim, é um lugar como qualquer outro, Laura.

– Por Deus, senhorita. Como pode dizer isso?

– Vocês se acostuariam também. Aliás, Marie lhe trouxe alguns livros, Laura.

- Livros sobre voodoo?
- Sobre voodoo também. Ela conversará com você.
- Quando virá aqui?
- Marie prefere que vá até ela.

Laura olhou para Winna e voltou o olhar para Lucy; – Se ela prefere, é claro que irei.

– Laura, Marie me disse algo bastante curioso. Ela disse que já esteve com você em sonho.

– Tenho tido tantos sonhos estranhos que é bem possível, Lucy.

– Isso é verdade. Bem, como as coisas ficaram por aqui?

– Da mesma maneira que as deixou.

– Desculpe-me senhora, mas pioraram um pouco.

– Como pioraram, Winna?

– Senhor Jonathan precisou levá-la ao médico por ter tossido um pouco de sangue.

– Meu Deus, Laura!

– Diga também que o médico descartou qualquer problema sério, Winna. Nunca mais ocorreu novamente.

– E neste dia em que o senhor Jonathan a levou ao médico, a senhora viu Nancy os espreitando enquanto saiam do consultório.

– Viu Nancy? – Lucy dirigiu-se a Laura em tom sério.

– Sim.

– E a senhora Edith? A viu novamente?

– Não mais.

Lucy havia deixado a parte mais importante para o final. Ainda não havia falado de Nancy, e estava buscando uma maneira fácil de dizer algo tão difícil.

– Preciso que me ouçam com atenção porque o que vou lhes contar agora é muito sério.

Laura recostou-se na cadeira. Conhecia a prima o suficiente para saber que o tom era grave. – O que foi Lucy?

– A senhora Marie é mais do que uma sacerdotisa. Muito mais. Sua avó foi e ainda é a pessoa mais importante do voodoo em Nova Orleans.

– Já nos disse isso.

– Ela me disse o que está acontecendo com você, Laura.

– E o que está acontecendo?

– Nancy quer tirar você do caminho de Jonathan e a senhora Edith, conhecedora do voodoo, está lhe ajudando.

– Pois isso já sabíamos, Lucy. Nancy quer me ver longe para ter Jonathan de volta.

– Não, Laura, ela não quer Jonathan de volta.

– Como não?

– Desculpe, senhorita, não entendo o que diz.

– Ela não pode ter Jonathan, nunca mais.

Lucy ficou em silêncio por alguns segundos.

– Por Deus, Lucy! Fale! Por que não pode?

– Porque Nancy está morta. Está morta, Laura!

Laura manteve o olhar fixo em Lucy. Não tinha certeza de que havia entendido bem.

Winna fez o sinal da cruz; – Que Deus nos abençoe!

– Conseguir perceber o absurdo que está dizendo, Lucy?

– Entendo sua reação, minha prima.

– Eu vi esta mulher, Sam também a viu!

– Quem mais? Quem mais a viu, Laura?

– O que quer dizer? Que Sam e eu estamos loucos ou que estamos mentindo?

– Você e Sam veem coisas que a maioria das pessoas não conseguem ver. Apenas isso. Entenderá lendo os livros de que lhe falei.

Laura se levantou; – Morta? Como pode estar morta?

Winna ainda tentava entender.

– Vá com Winna amanhã conversar com Marie. Ela lhe explicará tudo.

– Ela lhe disse como afastamos tais coisas? – Winna questionou ainda em choque com a revelação.

– Prefiro que Marie fale sobre isso, Winna. Tudo é tão novo para vocês, quanto é para mim.

– Isso explica os pesadelos, senhora.

– Eu falei com ela! Eu falei com ela! Não só a vi como ouvi sua voz!

– Se acalme, Laura! Queria saber o que está havendo? Pois agora sabe. A boa notícia é que não está sozinha.

– Sente-se, senhora. Tome seu chá. Não há nada que possamos fazer agora.

Laura se sentou, ainda perplexa com a notícia.

– Pretende contar a Jonathan? – Lucy quebrou o silêncio.

– Por certo pensará que sou louca.

– Acho que ele ama a senhora a ponto de crer no que lhe dirá.

– Concordo com Winna. Por que ainda é tão insegura em relação a seu marido, Laura? Ele já lhe deu provas suficientes de seu amor. Por que não confia?

– Está bem. Conversarei com ele, mas somente depois de ver a senhora Marie.

Winna respirou algo aliviada. – Por fim, senhora.

– Irão amanhã então?

– Podemos ir agora. Não tenho tempo, Lucy. Não tenho tempo para esperar.

– E quanto a Jonathan?

– Pedirei a Joane que lhe diga que fui com Winna a casa de mamãe.

– Perfeito. Vamos juntas então.

– Winna, de o recado a Joane, por favor.

– Sim senhora.

– Lucy, vou me trocar. Vem comigo?

– Não, prefiro esperá-las aqui.

– Obrigada por tudo o que fez. Lhe serei eternamente grata. Você é a irmã que eu não tive, agora mais do que nunca, tenho certeza disso.

– Precisa ir de mente aberta, Laura. E confiar em Marie.

– Se você confia, eu confio.



Na pequena loja de flores, Edith se preparava para sair. Vestiu seu sobretudo e foi até o seu altar. Entre velas, imagens de santos, crânios e bonecos pintados, havia a foto de Nancy. Edith entrelaçou as mãos;

– Alguma coisa está acontecendo. Por que não está mais me respondendo? E esta tal mulher? Não estou gostando nada disso, mas não se preocupe, darei um jeito, sabe disso. – Edith tocou em

um crucifixo de cor branca, porém coberto de cera de velas de várias cores. Vestiu o capuz e saiu.



Laura, Lucy e Winna foram até o apartamento de Thomaz, que abriu a porta para recebê-las.

– Entrem, fiquem à vontade.

Lucy percebeu uma linha de pó cor de ferrugem na parte de dentro da porta. Thomaz seguiu o olhar de Lucy; – A senhora Marie colocou isso aí.

Lucy sorriu. – Ela está?

– Sim, vou chamá-la.

Antes que Thomaz se movesse, Marie apareceu.

Laura não disfarçou o impacto ao ver Marie. Era a mulher do seu sonho, a mulher que havia visto caminhando em sua direção e que lhe segurou as mãos. Um sonho breve, mas profundamente impactante. Agora entendia o que Lucy lhe havia dito. Sim, Marie já esteve em seu sonho.

Marie cumprimentou Lucy, que a apresentou a Winna; – Marie, esta é Winna, tem nos ajudado muito.

Marie apertou a mão de Winna com entusiasmo; – Prazer em conhecê-la.

– E esta é Laura.

– Sim, eu sei. Como vai, Laura?

– Estou bem. Na medida do possível.

– Sentem-se. Sintam-se em casa, não é Thomaz?

– Sim senhora. Eu preparo um café?

– Não se preocupe conosco. – Marie se sentou, acompanhada por Lucy e Laura.

– Bem, preciso me retirar, tenho algumas questões para resolver. Como a senhora Marie mesma disse, sintam-se em casa. Com licença. – Thomaz despediu-se com a costumeira cordialidade.

Laura, Lucy, Winna e Marie estavam a sós.

CAPÍTULO 17

Lucy entendeu que precisava dar início a conversação.

– Bem, eu adiantei o assunto com vocês como Marie e eu combinamos. Há algo que ainda não ficou entendido?

Laura tomou a palavra; – Senhora Marie, Lucy me disse que Nancy está morta. Eu a vi, três vezes, sendo que na primeira vez, falei com ela, assim, como falo com a senhora agora, em uma segunda vez, a vi do outro lado da rua e na última vez que a vi, foi em um sonho, bastante real, é importante dizer. Como isso é possível? Não duvido do que disse, é que para mim me parece algo improvável de acontecer, vivos e mortos se falando naturalmente. Espero que entenda o que quero dizer.

– Laura, em primeiro lugar gostaria que não me tratassem por senhora. – Marie olhou para Winna, voltando os olhos para Laura depois; – É claro que eu entendo sua maneira de ver as coisas. Vida após a morte ainda é um assunto a ser evitado, infelizmente. Com isso, as pessoas simplesmente ignoram o fato de que acreditando ou não, a vida continua e os chamados mortos, muitas vezes continuam entre nós.

– É assustador.

– Depende da situação. Muitos não fazem nenhum mal, apenas vagam perdidos, outros fazem mal sem saber, pensam que ainda podem ajudar de alguma forma ou só querem continuar presentes, já outros, resignados no mal, fazem de tudo para prejudicar os que aqui ficaram, seja por vingança, despeito, poses ou ciúmes.

– No caso de Nancy, está decidida a me causar o mal, não resta dúvidas.

– As respostas que buscamos quase sempre não estão na superfície. Às vezes é preciso ir mais fundo para obtê-las.

– Como eu a vejo de forma tão nítida? Como a ouço?

– Quando nascemos para este mundo, uma espécie de véu, é colocado em nossos sentidos. Um véu que nos impede de perceber, ver e ouvir o mundo sutil que nos rodeia, porém para algumas pessoas, como você, esse véu se torna mais fino em alguns momentos e em outros, ele desaparece completamente.

– Mas por que somente agora posso vê-los?

– Provavelmente viu muitos seres incorpóreos imaginando se tratar de seres de carne e osso. No caso de Nancy, por terem algo que as une, no caso, Jonathan, fica mais fácil para você percebê-la.

Lucy e Winna ouviam atentas.

– Por que aquela senhora a ajuda?

– Quando conversei com Lucy em Nova Orleans, ainda era confuso para mim ver a ligação de Nancy com Edith, mas hoje, quando estive na loja de flores, consegui sentir algo muito forte entre ambas.

– Esteve com Edith? – Lucy questionou surpresa.

– Podemos dizer que sim. Estive com ela em desdobramento.

– Como seria isso?

– Trouxe alguns livros que eu gostaria que lesse, Laura. Não são apenas sobre voodoo, mas sobre tudo aquilo que não aprendemos nas igrejas e nas escolas. Desdobramento é uma delas. Tentarei resumir; Tenho também algumas facilidades que algumas pessoas não têm e uma delas, é fazer com que meu corpo sutil, a camada que une meu corpo denso ao meu espírito, se expanda, se é que posso dizer deste modo. Meus sentidos vão até onde meu corpo não pode ir.

– Foi o que fez hoje com Edith?

– Sim. Por um breve momento estive em seu quarto. Pelo que vi, a loja é também sua residência.

– Ela lhe viu? Falou com ela?

– Sim, estava tentando fazer um conjuro. Ela pôde me ver sem dificuldades e eu perguntei sobre Nancy. Claro que não tive resposta. Agora ela sabe que alguém mais entrou no jogo. Esse é meu objetivo, por hora.

– Como posso afastá-las do meu caminho. Marie?

– Eu farei a minha parte, mas a sua é de suma importância. Precisa quebrar esse elo mental que lhe une a Nancy, para começar.

– Não pretendo ter elo de qualquer natureza com ela.

– Pois tem e os fortalece a cada dia. Nossos pensamentos são energias sutis, Laura, mas não são abstratos. Eles têm vida, tem forma e um magnetismo incrivelmente potente. A afinidade de pensamentos entre vocês cria uma conexão que facilita aos seus sentidos, perceber o corpo etéreo de Nancy e suas emanações.

– Afinidade?

– Sim, afinidade. Quando pensa em Nancy, quando sente medo do que ela é capaz de lhe fazer, toda essa mistura de emoções que surgem emite um sinal suficientemente forte para encontrá-la, já que os pensamentos dela em relação a você, são praticamente os mesmos.

– É como um ímã atraindo o metal. Estou certa?

– Sim, Lucy. Está certa.

– Pensamentos? Ela ainda pensa como nós?

– Sim, Winna. Quando pensa, crê ser seu cérebro a fonte de tudo? Ele é apenas um instrumento. imagine um violão sem o artista. Ouviríamos alguma melodia? Lucy não tem mais seu violão como outrora, mas ainda sabe tocar sua melodia e agora dispõe somente de seu instrumento sutil, seu corpo etéreo. Nem todos são capazes de ouvir sua música, mas ela ainda toca, com todas as notas.

– E ela pode me fazer algum mal? Mesmo estando morta?

– Se olhe no espelho, Laura. Está fraca, não come, não dorme bem, tem dores de cabeça insuportáveis. Seus dias são preenchidos de angústia e medo. Precisa de uma resposta mais clara?

– Edith! Edith é a causa! Se Nancy não contasse com sua ajuda, não conseguiria me atingir. Lucy lhe contou que esta senhora fez um boneco de voodoo para mim?

– Eu sei o que aquela mulher fez e faz com você. Sim, ela ajuda a Nancy em seus propósitos. A questão é que até mesmo com Edith precisa lutar e lutar não significa se envolver.

– Não entendo.

– Minha mãe sempre dizia que via inúmeros cruzamentos, feitiços, não surtiram efeito algum em determinadas pessoas. Uns diziam que seus loas não permitiam tal ataque, outros que estas pessoas tinham o corpo fechado e alguns diziam que eram protegidas de Deus.

– E o que sua mãe achava?

– Que todos somos protegidos de Deus e que todos temos a força de um loa para enfrentar nossas lutas, mas temos que ser parte da solução.

– Sinto-me fraca.

– Eu sei. – Marie foi até a mesa e pegou um pacote bem amarrado e umas folhas de papel. – Fiz a lista de algumas coisas que precisam ser compradas. Outras, eu mesma trouxe.

– Posso ficar com isto, Marie. – Winna segurou o pacote e o papel, lendo-o rapidamente; – Aqui diz que são banhos e preparados?

– Sim, escrevi quando e como Laura deve tomar os banhos e quando beber os preparados. Neste pacote tem alguns objetos que

precisam ser espalhados em lugares estratégicos da casa. Deixei tudo escrito.

– Providenciarei tudo.

– Vou precisar ir até a casa. Há coisas que precisam ser feitas por mim.

– Quando quiser, Marie. Jonathan sai de casa todos os dias por volta das nove horas.

– Como estão dispostas as funções da casa?

– Eu cuido da casa como um todo, Lydia vai pontualmente fazer a limpeza de forma minuciosa, Sam cuida do jardim e algo mais que for preciso, Joane cuida da cozinha.

– Ela prepara a comida, então?

– Sim.

– Tudo bem. Está entendido.

– Preciso voltar, se aproxima a hora do regresso de Jonathan.

– Vá tranquila, Laura. Nos vemos em breve.

– Obrigada, Marie. Faltam-me palavras para expressar minha gratidão.

– Vá em paz e lembre-se de cada palavra dita aqui. Leve estes livros também. – Marie buscou dois livros que estavam sobre a mesa.

Laura deixou o apartamento de Thomaz acompanhada de Winna.

Estava confiante, mas acima de tudo, pensativa. Nunca imaginou ter ciência de tais coisas. Se por um lado, o fato de Nancy estar morta para este mundo a beneficiava, por outro, sentia-se vulnerável por ser objeto de tamanho rancor. Estava lutando com forças até então desconhecidas, mas a presença de Marie mudava tudo, a partir de então.

– Senhora, temos muito trabalho pela frente, dê uma olhada nestas anotações.

Laura lia o papel enquanto caminhava; – É bom não envolvermos Joane nisso, não acha?

– Sim senhora. Eu mesma comprarei tudo amanhã cedo. Ainda que precise fazer duas viagens. Reparou que Marie perguntou sobre quem fazia a comida?

– Sim. Acha que Marie sabe de alguma coisa?

Winna se lembrou de sua desconfiança acerca do preparo do café da manhã.

– Bem, ela irá na casa, então vamos aguardar o que tem a dizer.

– Viveria cem anos e não seria capaz de lhe agradecer, Winna.

– Por Deus, senhora. Faço com muito gosto. Agradece-me se voltar a ser forte e sorridente como antes.

Laura deu um sorriso tímido; – Sou privilegiada por ter você e Lucy perto de mim e agora, Marie. Vou confessar-lhe algo, Winna. Sonhei com Marie antes de meu casamento.

– Não me diga. Está certa disso? Então foi o mesmo sonho que a senhorita Lucy mencionou?

– Sim, exatamente.

– E como foi este sonho?

– Ela caminhou em minha direção e segurou minhas mãos. Disse que eu não estava sozinha. Apenas isso.

– Como pode ser possível tal coisa acontecer?

– Eu não sei, Winna. De fato, não sei.

– Gostei dela. Pareceu-me forte, destemida.

– Sim, a mim também.

– Deus está lhe estendendo muitas mãos, senhora. Não desperdice tal oportunidade.

Laura entendia bem o que Winna queria dizer, sabia também que Marie estava certa. Precisava quebrar a conexão com Nancy. E começaria naquele momento.

Enquanto caminhava, olhava para as calçadas e vielas sem medo. Procurou não pensar em nada, apenas no que estava a sua frente.

Não desperdiçaria a oportunidade que recebera. Faria a sua parte, da melhor maneira possível.

CAPÍTULO 18

A desconfiança de Winna acerca de Joane aumentou ainda mais com os questionamentos de Marie. Entendeu que deveria ficar ainda mais atenta as suas movimentações e mais uma vez advertiu Laura sobre evitar falar de assuntos particulares na presença da cozinheira.

Assim que regressaram a mansão, Laura e Winna foram até o quarto de hóspedes que ficava no terceiro andar. Lá, abriram o pacote dado por Marie e se surpreenderam com os objetos contidos nela.

Vários pequenos recipientes de vidro com pós de várias cores, óleos e sais. Muitas velas em forma de caveira e crucifixo, palhas da costa amarradas em pequenos chumaços, gris gris de várias cores e aromas e um pote maior com pó cor de ferrugem.

– Veja isso, Winna. Se parecem muito com as coisas que estavam no sótão.

– Sim, senhora. Veja esse pó, é o mesmo que estava na entrada do apartamento de Thomaz, percebeu?

– Sim. Abra o papel, vamos ver o que está escrito.

Winna retirou o papel do bolso de sua saia; – Vamos ver...

– O Que são esses saquinhos coloridos?

– Veja, aqui ela diz que os pequenos sacos de pano são os gris gris. Por agora, a senhora precisa prender o de cor branca em sua roupa. Não poderá ficar a mostra.

– O branco, este aqui. – Laura pegou com cuidado o objeto perfumado.

– Deixe-o separado, senhora.

– O que mais, Winna.

– Bem, o pó ferrugem, teremos que colocar na porta.

– Em todas?

– Na porta da entrada.

– Há outros tipos de pó aqui.

– Estes ela mesma irá usar. Os óleos são para o seu banho, para tal precisa das folhas que comprarei amanhã. Em relação as velas, pelo que consigo entender, terá que acender esta simples, antes de tomar o banho. Há também uma lavagem de chão com produtos que terei que comprar.

– Os banhos, a lavagem de chão, a vela, o pó e o ... como chama?

– Gris gris.

– Esse é o início, Winna.

– Sim, senhora. É o que nos cabe. Marie fará todo o resto ela mesma. Pegarei na caixa de costura algo que ajude a prendê-lo em seu vestido.

– E o pó?

– Vamos esperar a noite, quando o senhor Jonathan for para seus aposentos e Joane estiver recolhida.

– Ela menciona para que servem tais coisas?

– Gris gris e os banhos para protegê-la e o pó e a lavagem para proteger a casa. É o que consigo entender.

– Terei que conversar com Jonathan esta noite.

– Sim, é o correto a fazer.

Laura temia pela reação do marido, até um tempo atrás, ela mesmo riria de tais convicções, mas deveria confiar em seus instintos e no amor de Jonathan.



Lucy e Marie ainda conversavam quando Thomaz retornou. Marie via de forma muito clara, o sentimento que unia os dois.

– Crianças, se não se importam, vou descansar um pouco.

– Trouxe algumas coisas para o jantar, senhora Marie, eu preparo rapidamente.

– Obrigada, Thomaz, mas Lucy poderá lhe fazer companhia. Estou sem fome.

– Durma bem, Marie. Espero que se sinta confortável.

– Obrigada, Lucy. A cama de Thomaz é suficientemente grande para nós duas; não se preocupe.

Marie deixou Thomaz e Lucy a sós.

– E então, o que Laura achou de Marie?

– Ficou impressionada. Saiu daqui com muitas informações a serem digeridas.

– Estão no caminho certo. Tudo se resolverá.

– Sinto muito lhe causar todo esse transtorno.

– Não há transtorno algum. Minha vida estava meio sem razão de ser. Acho que ajudar a alguém de vez em quando não faz mal a ninguém.

– Marie perguntou sobre o cemitério mais próximo. Eu não soube responder.

– Por Deus, por que gostam tanto de cemitérios?

– Há certa magia neles, não acha?

– Não, não acho. Quem sabe daqui a uns cinquenta anos eu mude de opinião.

Lucy sorriu de forma espontânea, fazendo com que Thomaz parasse para lhe observar melhor.

Naquele momento não teve dúvidas, estava encantado por Lucy. Sua beleza, sua coragem, sua determinação.

Ao mesmo tempo que gostava do que Lucy lhe despertava, tinha absoluta consciência da distância que os separava. – Eu que deveria me desculpar por não ter uma casa a sua altura para lhe oferecer.

– Thomaz, sua generosidade é tudo o que preciso. Ou melhor, que precisamos. – Lucy se deu conta que havia falado demais.

– Vou fazer o jantar. – Thomaz quis sair da conversa, o mais rápido que fosse possível.

– Quer ajuda?

– Sabe cozinhar?

– Em realidade, não.

– Eu imaginei.

Quando Thomaz sorria, formava-se pequenas covinhas em ambos os lados das bochechas. Lucy já havia notado, mas somente naquela noite se deu conta do quanto elas lhe agradavam. – Mas posso aprender.

– Não arriscaremos nada hoje. Eu cuido de tudo.

– Se prefere assim, está bem.

Na maioria das vezes, Thomaz era muito duro consigo mesmo. Ao mesmo tempo, era transparente, acessível. Quando estava ao seu lado, Lucy podia ser ela mesma e isso lhe parecia revigorante o suficiente para querê-lo por perto.

Mesmo sem cozinhar, Lucy lhe fez companhia. Conversaram antes, durante e depois do jantar. Lucy falou sobre sua vida em Paris, o que causou profunda curiosidade em Thomaz acerca de seu modo de viver.

Em determinado momento, embalado pelo vinho que acompanhou o jantar, Thomaz mudou o rumo da conversa;

– Há algum cavalheiro lhe esperando em Paris?

Lucy era mais forte para bebida e ainda assim, um pouco mais corajosa.

– Não. Ninguém espera por mim.

Thomaz deixou escapar um sorriso. – Difícil crer que uma dama tão interessante não tenha um pretendente.

– Muitos tentaram, mas nenhum que valesse a pena.

– É exigente em tais questões, devo supor.

– Não há dúvida. O amor é algo esplêndido, sublime, não merece ser reduzido a superficialidades.

– E o que a senhorita espera do amor?

O olhar afetuoso e desprotegido de Thomaz invadia a alma de Lucy provocando uma avalanche de sensações. Jamais havia experimentado nada igual. – Não sei se deveríamos esperar algo do amor, creio que ele espera algo de nós. Algo que ainda não sabemos o que seja, até que se ame alguém.

Thomaz tocou as mãos de Lucy com carinho. – É quando sabemos exatamente o que fazer.

Lucy sorriu e permitiu que Thomaz se aproximasse ainda mais.

Lucy sentiu os lábios macios de Thomaz pela primeira vez. Teve a certeza de que se seus passos sempre tiveram a mesma direção e que naquele momento, chegavam ao seu destino. Para Thomaz, só havia a confirmação do que já sabia; Lucy se convertia na mulher de sua vida.

Havia chegado até ali, mas o que viria depois? Lucy pertencia a outro mundo e aquela era uma realidade que não podia ser ignorada.

Thomaz olhou para Lucy, que ainda mantinha os olhos fechados. Pensou por alguns segundos que o mundo inteiro poderia caber naquele apartamento simples e ainda sim, estaria completo, mas o mundo era grande demais. Preferiu pensar depois. Queria dormir antes que seus sonhos escapassem pela janela. – Melhor descansarmos agora.

– Sim, é melhor. Eu lhe ajudo a tirar a mesa.

– Não, não é preciso. Cuido disso amanhã. Boa noite, Lucy.

– Boa noite, Thomaz.

Acomodados, cada qual em seus leitos, muitas imagens passavam pela cabeça de ambos; as cidades da América, as ruas de Paris, mas sem dúvida, o beijo e toda a promessa do porvir, saltavam em suas mentes, fazendo com que todo o resto se tornasse pequeno demais.



Nos fundos da loja de flores, Edith rezava em frente ao altar, em frente a foto de Nancy. – Ainda não sei o que está acontecendo, mas uma coisa é certa; a madame buscou ajuda e recebeu. Agora temos que redobrar nossas forças, não deve deixar-se abater! Não lhe sinto mais como antes e quando lhe escuto está sempre chorando e enfraquecida. Precisa reagir Nancy! Faremos muitas coisas juntas! Fale comigo! Ajude-me a acabar com aquela gente que lhe fez tanto mal!

Desta vez, Nancy ouvia a prece direcionada a ela. Estava de pé, no canto do quarto escuro. Os braços apertavam a barriga tentando conter a dor incessante.

Edith acendeu mais velas e fechou os olhos com fervor; – Não perca suas forças agora! Justo agora que precisaremos estar fortes e mais unidas do que nunca! Conseguiremos afastar a madame da casa! Está me ouvindo?

Nancy chorava e falava baixinho, mas o bastante para ser notado pelos ouvidos sutis de Edith; – Não consigo manter meus pensamentos em ordem! Estou confusa! Sinto que algo está havendo que não consigo entender direito. Creio que estou ficando louca! E essas dores! Cada dia piores!

– Está aqui! Finalmente! Por que está deixando o desequilíbrio lhe dominar? Deve voltar a ser como antes, forte e resignada em seu propósito! Deve pensar apenas nisso! Confie em mim, eu lhe ajudarei com suas dores.

Enquanto falava, Edith segurava um boneco de pano nas mãos. Passou um preparado de óleo sobre ele com cuidado.

Era como se Nancy recebesse o toque de Edith sutilmente.

Suas dores começavam a diminuir e aos poucos, agachava-se no chão, recostando a cabeça como se um refrigério milagroso a arrebatasse.

Edith sentia o alívio que causava em Nancy. – Viu? Não precisa ir a lugar algum. Eu cuido de tudo. Sei como ajudar você. Lembre-se sempre disso!

Nancy havia deixado o corpo físico por meio do suicídio. Ao perceber que suas tentativas em se reaproximar de Jonathan não surtiram o efeito desejado, cometeu o ato infeliz tomando um copo de veneno para ratos. Estava inconsciente quando através de sucessivas evocações, Edith a fez despertar para sua nova vida.

Nancy vivia seu próprio sonho lúcido, alternando entre inconsciência total e delírio, onde acreditava ainda estar entre os vivos da Terra, ignorando a realidade da sua situação. A forte sugestão de Edith sobre Nancy a mantinha presa a seu drama, porém, Nancy começava a perceber que alguma coisa havia mudado. Suas incertezas começavam a lhe enfraquecer, fazendo vir à tona as lembranças do ato cometido e suas terríveis consequências ao corpo sutil, no seu caso, dores terríveis na garganta e no estomago.



Na mansão dos Ward, Jonathan e Laura jantavam sob os olhares de Winna e Joane.

Laura já usava o gris gris e sentia-se mais confiante e segura. Jonathan percebeu a mudança; – Está mais falante hoje, o que aconteceu?

– Me desculpe, de fato estou falando pelos cotovelos!

– Não se desculpe, estou adorando! Há muito não lhe via assim. Na verdade desde que voltei de Los Angeles.

– Não lhe deixei falar nem por um minuto.

– Não tenho nada de tão interessante a ser dito.

– Hoje gostaria de me recolher mais cedo, tenho algo para dizer, mas gostaria que estivéssemos completamente a sós. – Laura usou um tom baixo.

– Claro, conversaremos em nosso quarto, então.

Laura sentiu um nó no peito. Teria que ter a conversa tão difícil. Ficou em silêncio, imaginando por onde começaria.

– Por que se calou de repente?

– Eu já terminei.

– Eu também. Vamos subir?

– Vá na frente, darei algumas instruções para Winna.

Jonathan beijou a fronte da esposa e deixou a sala de jantar.

– Joane, Winna. Podem se recolher tão logo terminem de tirar a mesa. Não necessitaremos nada mais.

A orientação de Laura foi seguida.

Terminadas as funções, assim que Joane se trancou em seu quarto, Laura e Winna colocaram o pé embaixo do tapete da porta principal.

– Está feito, senhora. Amanhã cedo comprarei todas as coisas.

– Está bem. Vá descansar, Winna. Obrigada mais uma vez.

– Boa noite, senhora.

– Boa noite. Me deseje sorte.

– Não precisa de sorte, senhor Jonathan vai lhe entender.

Laura sorriu como um gesto de agradecimento.



Jonathan já estava na cama quando Laura entrou no quarto.

– Jonathan, preciso tocar em um assunto deveras delicado e creio, desagradável para você.

– Está tão séria. Não quer se trocar antes?

– Prefiro falar agora. O assunto é muito sério.

– Pois fale. – Jonathan recostou-se na cabeceira.

– Sabe de fato o que aconteceu a Nancy depois que romperam?

Jonathan se surpreendeu com a pergunta; – Nancy ficou algumas semanas em Nova York, sei disso porque ainda nos falávamos as vezes. Depois me disse que voltaria para Nova Orleans e então nunca mais a vi. Creio que de fato tenha voltado para junto de sua família. Mas, por que essa pergunta? Já lhe disse isso antes, lembra-se?

– Nancy não voltou para o Sul, Jonathan.

– Como sabe?

– Porque sei o que de fato aconteceu.

– O Que aconteceu, Laura?

– Nancy morreu.

Jonathan ajeitou-se novamente, ficando pouco mais ereto; – O que está dizendo? Quem lhe contou isso?

– Preciso que tenha a mente aberta para que entenda tudo o que vou lhe dizer agora.

Jonathan se lembrou da conversa que teve com Joane e as palavras de Laura começavam a fazer sentido; – Sabe que tenho a mente aberta. Fale. Confie em mim.

Laura contou tudo. Desde o encontro com Nancy, as coisas no sótão, Edith, os pesadelos, a ida de Lucy a Nova Orleans e as revelações de Marie.

Jonathan ouviu em silêncio, sem interromper, sem questionar.

– Acha que sou louca?

– Acredito em você. Por que não me disse tudo isso antes?

– Não sabia que Nancy estava morta. Tinha medo de trazê-la a sua vida novamente. Achei que podia resolver sozinha, do meu jeito.

– Podia ter confiado em mim, Laura.

– Eu sei. Mas vocês foram muito próximos, afinal de contas. Não pode negar isso.

– Vivi uma história com Nancy que teve seu começo, seu meio e seu fim. Isso é tudo o que sei, mas se Nancy chegou ao ponto de persegui-la... como diz... Creio que tenho participação nisso.

– Está se culpando por ter dado fim a uma relação que não lhe cabia mais?

– Existem muitas formas de se conduzir uma relação, Laura. Inclusive o seu final.

– O que quer dizer?

– Eu era ciente dos sentimentos de Nancy por mim, mas estava envolvido demais em meus próprios assuntos. Talvez não tenha agido da maneira correta.

– E qual seria a maneira correta?

– Não sei dizer. De certo não foi a maneira que elegi. Nem mesmo me lembro de nossa última conversa.

– Eu lamento.

– Não é justo que você pague por algo que fiz ou que deixei de fazer. Precisamos resolver isso.

– Vamos resolver. Marie sabe bem o que faz.

– Pois ela terá todo o suporte que precisar. Disse que está no apartamento do motorista que levou Lucy a Nova Orleans, certo?

– Sim e Lucy também está lá.

– Pois traga as duas para cá. Aqui terão mais conforto e é bom ter esta senhora Marie por perto.

– Está certo que quer fazer isso?

– Sim, estou. Se vamos tentar esse caminho, faremos direito. E quanto a esta senhora Edith, se voltar a se aproximar de você ou desta casa, terá que se explicar com a polícia.

– Obrigada por sua confiança, meu amor. – Emocionada, Laura abraçou Jonathan, que retribuiu de forma acolhedora; – Amanhã mesmo trarei as duas para cá.

Laura sentiu como se o peso do mundo inteiro saísse de suas costas. Ter Jonathan ciente dos fatos que tanto a atormentavam lhe garantiu um equilíbrio quase milagroso.

Laura já estava acostumando-se com as dores de cabeça constantes, mas o que lhe angustiava de fato, era o medo de adormecer. Mesmo quando não tinha pesadelos, acordava diversas vezes com o coração angustiado, como se tivesse estado em uma

situação dolorosa e triste, ainda que não se lembrasse dela, porém, pela primeira vez, não temia seus pesadelos da mesma forma.

Para Jonathan, apesar de revelações tão fortes quanto inesperadas e da ciência do triste destino de Nancy, seu coração estava um pouco mais sossegado. Sabia finalmente a razão do desequilíbrio da esposa e o fato de Laura ter lhe confiado o seu problema de forma espontânea, fez com que o elo que os unisse se tornasse ainda mais forte. Naquela noite, teve a certeza de que a amava e que sua felicidade era algo pelo qual continuava valendo a pena lutar.

CAPÍTULO 19

Jonathan resolveu chegar mais tarde ao escritório. Esperou até que sua esposa despertasse naturalmente para que então tomassem o café da manhã juntos. Para Laura, uma grata surpresa, sobretudo após a conversa que tiveram na noite anterior. Desceram as escadas lado a lado, em um clima nitidamente harmônico, como se estivessem em lua de mel.

Winna ouviu a movimentação na sala de jantar e foi ao encontro dos patrões. – Bom dia, a mesa já está posta, irei servi-los em seguida.

Jonathan e Laura responderam ao cumprimento matinal.

– Winna, por que está cuidando disso, onde está Joane?

– Joane preparava o desjejum e começou a sentir-se mal. Estava pálida e febril. Disse que iria até a casa da tia para que ela lhe acompanhasse a um médico.

– Por Deus, o que pode ser?

– Ela não faz ideia, mas de fato não estava em condições de ficar. Não se preocupem, tudo está em ordem.

– Peça a Sam para trazer Lydia ou outra pessoa para substituir Joane por enquanto.

– Sim, senhor Jonathan.

– Depois do café não se preocupe com a casa. Precisa providenciar as coisas que Marie pediu. Jonathan vai para o escritório e eu não precisarei de nada mais.

Winna entendeu que Laura já havia colocado Jonathan a par da situação. Sorriu satisfeita; – Sim, senhora.

Jonathan pegou a mão da esposa; – Providenciem o que for necessário.

– Obrigada, meu amor. – Laura segurou forte a mão do marido. – Me faz muito feliz.

– Faço minhas cada uma das suas palavras. – Jonathan beijou Laura brevemente. – Coma, quero vê-la forte de novo.

A atenção de Jonathan para com a esposa debilitada triplicou. Se por um lado, seu amor por ela, sobre o qual não havia a menor dúvida, justificasse o cuidado dispensado, por outro, estava tornando-se consciente de que muito de seu afã em ser tão dedicado, vinha da culpa de ter sido tão relapso em sua relação anterior.

Em seu íntimo, sabia que havia sido distante e frio com Nancy, sobretudo nos últimos meses em que estiveram juntos, mesmo sabendo do amor sem reservas de que era alvo. Resistiu à tentação de ser condescendente consigo mesmo e atribuir tal comportamento a sua dedicação aos negócios. Sabia que podia ter sido diferente.

Para Jonathan, saber da situação dramática de Nancy era algo que lhe chocava mais do que considerar a existência de magias e feitiços, o que com seu espírito prático, digeriu muito bem.

Winna pediu a Sam que chamasse Lydia para ajudá-la e tão logo se viu amparada em seus afazeres, se preparou para cumprir sua missão de comprar os itens listados por Marie. Laura terminava de colocar algumas flores frescas em um vaso, quando Winna entrou na sala de estar; – Senhora, levarei Sam para que me ajude, está bem?

– Claro. Eu sairei com vocês, preciso ir até o apartamento de Thomaz.

– Nem mesmo tivemos tempo para conversar. Imagino que tenha se saído bem em sua conversa ontem.

– Foi melhor do que eu esperava, Winna. Jonathan está sendo maravilhoso. Não sei se de fato crê em tudo como eu creio, mas ao menos dá-me crédito e isso é mais que suficiente.

– Não imagina como me alegro com tal notícia.

– O que acha do mal-estar de Joane? Não lhe parece estranho que tenha ocorrido logo após colocarmos o pó na casa ou seria apenas coincidência?

– De uns tempos para cá não creio mais em coincidências, senhora.

Laura parou para refletir brevemente; – Nem eu, Winna. Nem eu. Mas por que Joane poderia querer o meu mal de alguma forma?

– Estive pensando nisso, mas não encontro uma resposta. Não faz nenhum sentido, mas o fato é que saiu daqui como se a casa estivesse a expelindo, como se o ar daqui a estivesse sufocando. Jamais vi algo do tipo.

– Marie pode nos dar essa resposta. Agora vamos, já perdemos tempo demais.

..........

No apartamento de Thomaz, Marie e Lucy tomavam o café da manhã que Thomaz havia preparado antes de sair. Havia conseguido um trabalho temporário em uma indústria de tecidos.

– Fico feliz que Thomaz tenha conseguido um serviço, ele é um bom rapaz.

– Sim, Marie. É uma boa pessoa. Difícil de se encontrar.

– Então não deve perdê-lo de vista, não é?

A pergunta de Marie pegou Lucy de surpresa, mas não havia como disfarçar seus sentimentos, sobretudo para Marie; – Você consegue ver o que sinto?

– Não precisei de muito esforço para tal. Qualquer pessoa mais atenta veria que está envolvida com Thomaz. E ele com você.

– Sinto que ele tem medo de mim.

– Não se trata de medo. Thomaz passou por bons bocados, o que foi bom, de certa forma, pois as dificuldades ajudaram a lhe aparar algumas arestas, entende? Ajudou a lapidá-lo e a fazer dele o que vê hoje, um homem bom, honesto, cheio de compaixão. Ele não usou seus problemas para deixar crescer sentimentos inferiores, pelo contrário, desenvolveu uma grande habilidade para o bem, porém, tanta dor não poderia ter passado por ele sem ter deixado ao menos algumas cicatrizes e uma delas, é saber bem onde ele se encaixa neste mundo. E ele acha que é um lugar onde moças como você, não cabem.

– Ele está enganado.

– Eu sei, no fundo ele também sabe, mas ainda não enxerga isso com clareza. Terá que ajudá-lo a ver, Lucy.

A conversa foi interrompida com alguém batendo a porta.

Lucy recebeu a prima com um abraço; – Bom dia, como está Laura?

– Muito bem.

– Entre, sente-se conosco.

– Já tomei café, continuem por favor, não quero atrapalhar.

– Como passou a noite, Laura?

– Muito bem, Marie. Veja. – Laura mostrou o gris gris por debaixo da blusa. – E colocamos o pó marrom na porta de entrada.

– É um pó feito de tijolo entre outras coisas. Teve algum pesadelo?

-Que eu me lembre, não.

– E quanto a Jonathan? Falou com ele? – Lucy indagou após um breve gole de café com leite.

Laura detalhou toda a conversa e a reação do marido. Seus olhos brilhavam enquanto narrava o ocorrido. – Não creio que tive tanto receio do que iria pensar de mim.

– Não tem ideia de como seu marido é apaixonado por você, Laura.

– Esteve certa todo esse tempo, Lucy. Faltava-me confiança no amor de Jonathan.

– O que importa é que agora não pensa mais nessas bobagens.

– Parece que o pó já surtiu algum efeito, não é, Laura?

O sorriso de Laura se desfez lentamente. Marie estaria falando de Joane?

– Winna e eu acreditamos que sim. Se refere a minha cozinheira, a Joane?

– Esta moça tem ligação com a senhora das flores. É só questão de tempo que tudo se revele de forma clara.

– Winna sempre desconfiou dela. E pensar que me preparava banhos, como pude ser tão ingênua!

– Não tinha como imaginar, Laura! Não tem que se culpar. Eu mesma nunca desconfiei dela durante o tempo em que fiquei em sua casa e sabe que sou boa nisso.

– Não pense no que poderia ter sido feito e sim no que poderá fazer. – Marie falou em seu tom firme.

Pela primeira vez, Laura sentia na pele o bem que o voodoo poderia lhe fazer. Sua confiança em Marie aumentou e conseguia por fim, ver alguma luz no fim de um túnel escuro e incerto. – Ia me esquecendo, Jonathan me pediu que as levasse comigo. Ele faz questão que se acomodem conosco.

Laura estava feliz em anunciar a decisão de Jonathan, mas para Lucy, o convite veio como um banho de água fria em seus projetos românticos com Thomaz. – Não creio ser uma boa ideia. Estão começando a vida juntos em meio a tantos problemas e ainda terão duas hóspedes em tempo integral?

– Lucy, sabe que a casa é grande, a presença de vocês não nos afetará em nada. Além do mais já estamos mergulhados no problema. Vocês fazem parte da solução que buscamos. O que acha, Marie?

Marie entendia bem a frustração de Lucy, mas sabia também que ficar na casa de Laura facilitaria muito as coisas, já que Jonathan estava a par da situação. – Laura, pedirei a Thomaz que nos ajude com as bagagens e hoje mesmo nos mudaremos.

Lucy não tinha nada mais a dizer.

Marie prosseguiu; – Já compraram os itens que pedi?

– Winna está providenciando.

– Faça da maneira que escrevi; Peça a Winna que comece com a lavagem de chão, da parte de cima até a porta de saída. Depois, irá banhar-se com os ingredientes indicados. Não se esqueça da vela. Nos vemos a noite e então combinamos os próximos passos. Está certo?

– Sim, Marie. Será feito desta forma. Bem, preciso ir. Muito nos alegrará sua presença em nossa casa!

– Agradeça a seu marido a gentileza.

– É o mínimo que podemos fazer. Nos vemos a noite, então.

Lucy estava devastada. Se afastar de Thomaz justo após o primeiro beijo, seria um empecilho para que o rapaz se fortalecesse em suas incertezas quanto às diferenças que os separavam. Tão logo Laura deixou o apartamento, Marie amparou Lucy em um abraço; – Acalme seu coração, Lucy. Muitas vezes o que parece ser algo ruim, é o estopim para que o caminho se mostre da maneira que queremos.

– Nos distanciaremos, eu sei. Se tivéssemos mais alguns dias... Eu poderia mudar sua maneira de ver as coisas.

– Como pode ter tanta certeza desta distância?

– Não viu como Thomaz agiu depois que nos beijamos. Ele dá um passo à frente e dois para trás. Ainda se sente muito inseguro.

– Então use a distância a seu favor. Se continuar firme em seu propósito de manter Thomaz em sua vida, porque quer e não porque lhe está sendo cômodo, ele saberá que seu amor é legítimo.

Lucy começava a considerar as palavras de Marie.

– Menina... Estando aqui ao seu lado, é mais fácil para Thomaz dar dois passos para trás porque ainda assim estará perto. Já distantes, ele terá que pensar duas vezes.

– Acho que tem razão. Talvez eu esteja falando por mim. Creio que sentirei sua falta.

– Isso é bom. Fortalecerá seu ânimo.

– Conversarei com ele hoje à noite.

– Perfeito. Perguntou a Thomaz sobre os cemitérios da cidade?

– Sim, disse-me que conhece três, no Bronx, New Jersey e no Queens.

– Perfeito, Lucy. Esta informação já nos ajuda muito.

– Está considerando fazer o conjuro com o Barão de Samedi para Nancy?

– Este tipo de conjuro funciona muito bem para as almas em que suas chamas se apagaram naturalmente. Tenho como certo que Nancy tirou a própria vida. Neste caso, tudo se torna mais difícil. São situações de extrema dor e sofrimento. Neste caso, o cemitério nos servirá de outra maneira.

– De que maneira? Um outro conjuro?

– Quando lidamos com pessoas como Edith, que manipula energias e entidades inferiores com o objetivo de atingir seus alvos, esse tipo de lugar oferece a matéria-prima base que é necessário

para virar o jogo a favor da vítima. Lá estão contidas as energias não só dos que ali deixaram seus despojos, mas das entidades que trabalham e atuam junto a eles.

– Usará isso para conter Edith?

– Assim farei meu pedido para que sua força seja contida.

– Acho que entendo. Teremos muito trabalho pela frente.

– Curta ou longa, toda caminhada pede apenas um passo de cada vez.

Lucy assentiu com um sorriso. Marie estava certa, mais uma vez.

CAPÍTULO 20

Com a ajuda de Sam, no fim da manhã, Winna já havia comprado todos os itens da lista de Marie. Lydia percebeu a movimentação atípica na cozinha, mas de personalidade discreta, não demonstrou interesse em saber do que se tratava.

Winna seguiu à risca as orientações de Marie. Para a lavagem de chão, usou uma mistura de salvia, patchouli e tomilho com uma pitada de sulfato de magnésio. Precisou de muitas tinas do preparado para lavar toda a mansão. Lydia ajudou, sem questionar.

O banho de Laura era uma mistura de cardo santo, boneset, trevo, hissopo, chá de mirra, vetiver, sal grosso, leite de cabra e casca de ovo em pó. Winna tomou o cuidado de não ferver as ervas e apenas jogá-las sobre a água quente já posta na banheira. Laura já havia lavado o corpo com água comum e tão logo a água esfriou, acendeu a vela e pediu a Deus e aos loas que abençoassem seu banho e entrou na banheira, mergulhando todo o corpo, da cabeça aos pés.

Enquanto Laura se banhava, Winna lavou os vestidos e as roupas de cama com água e amônia.



Na pequena loja de flores, Edith passou o dia com as portas fechadas. No cômodo ao fundo do estabelecimento, a senhora visivelmente preocupada, preparava um chá, enquanto Joane dormia na cama ao lado.

– Preciso saber quem é a mulher que está ajudando a madame. – Resmungava em aparente agitação.

– Vamos, Joane, acorde, tome este chá.

Joane despertou com dificuldade; – Não é necessário.

– Agora é você quem dita as regras por aqui?

– Não sinto nada, apenas sono. O mal-estar parou tão logo deixei a casa.

– Comeu ou bebeu algo que tenham lhe dado?

– Claro que não. Foi bem clara quanto a isso, lembra-se?

– Por que não consigo ver... por quê?

– O que faremos? Não posso voltar para a casa.

– Mas é claro que não pode! Não agora. Terá que ficar aqui por alguns dias.

– E Nancy, ainda fala com a senhora?

– Nancy está se deixando levar. Não podemos deixar que isso se prolongue por mais tempo.

– Sonhei com ela esta noite. Estava triste e chorava muito. Não pode continuar assim, mãe.

– Veja você aí, sem ter como me ajudar. Nem mesmo chegou a descobrir quem é essa tal mulher.

– Já não falavam desses assuntos perto de mim. Eu lhe disse. Provavelmente Lucy a trouxe de Nova Orleans.

– Deve ser uma sacerdotisa. Pobre infeliz. Não imagina que lhe falta muita estrada para me alcançar.

– Preciso que alguém vá pegar minhas roupas e meu pagamento.

– Não trará nada de lá, muito menos dinheiro, até sabermos o que essa mulher anda fazendo. Não aprendeu nada do que lhe ensinei?

– Acho que deveria esquecer tudo isso. Não está ajudando Nancy em nada e agora ainda estou sem emprego.

– Volte a dormir, Joane. Sempre ajudou mais estando calada. Vou sair, preciso de mais musgo para queimar ainda mais o boneco de Laura. Esta mocinha não sabe com quem está lidando.

Joane tomou o chá e voltou a se deitar.



Lucy passou o dia entre leituras e os afazeres domésticos, com os quais possuía muito pouca intimidade. Marie se concentrou em preparar um roteiro de orientações acerca das providências que precisaria tomar e a fazer a base para os bonecos de voodoo que sabia, iria precisar.

– Preciso comprar mais coisas. Esperarei até estarmos acomodadas na casa de Laura para providenciá-las.

– Sempre teve este dom, Marie?

– Creio que desde que me conheço como gente.

– Seu pai também tinha?

– Não conheci meu pai, nem mesmo sei como se chamava.

– Sinto muito. Chegou a conhecer a sua avó?

– Não conheci minha avó, mas por muito tempo, era como se ela ainda vivesse entre nós. Minha mãe dizia que era para nos proteger.

– Proteger de que ou de quem?

– Minha avó fez muitos amigos e muitos inimigos também. Por isso minha mãe sempre trabalhou nas sombras, escondida.

– E quanto a você?

– Vivi o bastante para ver minha avó virar uma lenda. Isso protege o nome de nossa família de alguma forma.

– Sua mãe deu continuidade ao legado de sua avó e agora faz o mesmo.

– Era o que minha mãe queria.

– Sua mãe não tinha irmãos?

– Todos faleceram. Só restou ela.

– Deve sentir muita falta de sua mãe.

– Sinto falta do convívio. Minha mãe ensinou-me tudo. Conversávamos muito e lembro-me uma vez de me dizer que eu não fizesse como minha avó, que serviu a tantas pessoas sem se importar com o que pediam e nem porque pediam. Hoje sei que ela sabia exatamente o dia que ia deixar este mundo. Me preparou para o que viria.

– Crê que sua avó se arrependeu alguma vez da forma como agia?

– Creio que sim. Segundo minha mãe, ela preocupava-se muito em dar o que lhe pediam. Por vaidade, dinheiro ou devoção. Nunca descobrimos o que de fato lhe movia. Sei apenas que se ela pudesse recomeçar, faria diferente.

– Acho que todos mudaríamos alguma coisa em nossa trajetória.

A conversa foi interrompida com a chegada de Thomaz.

– Boa noite. Como passaram o dia?

– Muito bem, chegou mais cedo do que esperava. – Lucy sabia que precisava de mais tempo para se preparar para lhe dar a notícia.

– Terminei mais cedo.

– Bem, guardarei minha bagunça agora. – Marie juntou suas coisas espalhadas sobre a mesa.

– Marie e eu preparamos o jantar.

– Ora, que surpresa. Ficou bom?

– Modéstia à parte, senhor Thomaz, sou muito conhecida em Nova Orleans por meu tempero.

– Disso não duvido, senhora Marie.

– Me deem licença. – Marie se retirou providencialmente.

– Vou me banhar e então jantaremos.

– Thomaz, gostaria de conversar, se não se incomoda.

Thomaz sentiu um frio lhe percorrer a espinha. Talvez Lucy mencionasse o beijo como um equívoco cometido ou talvez que estava confusa acerca de seus sentimentos. Enfrentaria o que quer que fosse. – Tudo bem. – Thomaz sentou-se em uma das cadeiras da mesa de jantar.

– Laura e Jonathan conversaram. Ela teve coragem de, por fim, contar-lhe tudo.

– Que boa notícia. Eu acho. Como ele reagiu?

– Muito bem. Acreditou no que lhe foi dito ou respeitou demais a visão de Laura a ponto de não a contrariar. – Thomaz e Lucy sorriram, deixando o clima menos tenso.

– Pois, diante dos fatos narrados, Jonathan pediu que Marie e eu nos mudássemos para a casa.

O coração de Thomaz bateu apressado. Não haveria mais elo, mais razões para estarem próximos. Por fim, seus temores se concretizavam. – Quando pretendem ir?

– Hoje à noite.

Não havia nada mais a ser feito. – É uma pena. – Thomaz não conseguiu esconder sua tristeza por muito tempo.

O olhar de Thomaz comoveu Lucy sobremaneira. Estava ali, diante dela, transparente, sem jogos, sem subterfúgios.

– Não quero me afastar de você, Thomaz!

A revelação de Lucy foi o impulso que Thomaz precisava; aproximou-se quase que instantaneamente e a beijou, como

desejou fazer durante todo o dia. Lucy retribuiu.

– Como isso pode funcionar, Lucy? Somos tão diferentes! – Thomaz ainda mantinha os lábios colados aos de Lucy.

– Não, Thomaz. Não somos diferentes, temos vidas diferentes, apenas isso.

– Não tenho como fazer parte da sua.

– Começemos uma vida só nossa, então.

Beijaram-se novamente e depois se abraçaram, como se não quisessem mais sair do lugar, nunca mais.

– Podemos fazer funcionar, Thomaz. Sabe disso.

– Eu sei. Não há nada neste mundo que deseje mais, Lucy.

– Então de que mais precisamos, se não, um do outro?

A pergunta de Lucy calou Thomaz por uns segundos. Thomaz já andava farto de ver a vida da mesma maneira, como se tivesse sempre em mãos um manual seguro de como agir sempre que uma situação lhe pedisse mais atenção. Começava a entender que nem tudo estava sob o seu controle. Naquele momento não havia um manual que lhe garantisse como fazer sua história com Lucy dar certo. Seguiria sua intuição, se arriscaria. Lucy valia a pena.

– Tem razão. Só precisamos disso, Lucy. Nada mais.

Thomaz beijou Lucy mais uma vez.

O compromisso estava selado. A angústia foi substituída por uma inebriante esperança acerca do futuro.



Após o jantar, Thomaz seguiu com Marie e Lucy para a mansão dos Ward. Todos, a sua maneira, estavam confiantes com o

novo caminho que se apresentava.

Chegaram ao destino pouco tempo depois.

Laura e Jonathan os esperavam na sala maior.

Lucy fez questão que Thomaz entrasse. Jonathan os recebeu com simpatia e cordialidade; – Sejam muito bem-vindos! Lucy, seja bem-vinda novamente!

– Jonathan, este é Thomaz, o primo de Winna que me acompanhou até Nova Orleans.

– Então é você o corajoso cavaleiro? – Jonathan e Thomaz apertaram-se as mãos.

– Não, senhor, devo dizer que a coragem esteve bem mais ao lado de Lucy.

A descontração tomou conta da conversa.

– Jonathan, esta é Marie Laveau. – Laura estava visivelmente ansiosa.

– Muitíssimo prazer, senhora Laveau.

– Igualmente, senhor Jonathan.

– Sentem-se por favor, fiquem à vontade. Pedirei a Winna que nos sirva um licor. – Laura ensaiou encaminhar-se até a cozinha, mas foi interrompida por Thomaz.

– Desculpem-me, devido ao adiantar das horas, creio que já me vou.

– Está certo que não quer servir-se de um licor?

– Eu agradeço, senhor, mas sinto-me cansado da rotina do dia. Confesso que preciso descansar.

– Por favor, retire o “senhor”, afinal temos praticamente a mesma idade, além do mais, cuidou muito bem de Lucy e isso me faz vê-lo como um amigo de nossa família.

– Senhor...digo, Jonathan, sinto-me lisonjeado que me considere com tal. Sempre contem comigo para o que for necessário.

– Eu agradeço, Thomaz. Tenha uma boa noite.

– Igualmente. Boa noite a todos.

– O levarei até o portão. – Lucy deixou a sala ao lado de Thomaz.

Laura e Jonathan se entreolharam. Marie Sorriu como se confirmasse as suspeitas de ambos.

– Bem, falarei com Winna então. Com licença. – Laura foi até a cozinha e antes de fazer o pedido a Winna, sorriu, sozinha com seus pensamentos. “Eu sabia que Lucy havia voltado diferente.”

CAPÍTULO 21

Thomaz e Lucy caminharam lado a lado até o portão da mansão.

– Jonathan tem um bom coração. Sua prima tem muita sorte.

– Ultimamente não tem tido tanta sorte assim. – Lucy afirmou em tom irônico, provocando um sorriso espontâneo em Thomaz.

– Devem estar se perguntando por que me acompanhou até aqui.

– É bom que se acostumem em nos ver juntos.

Thomaz interrompeu os passos. – Então poderei vir vê-la amanhã?

– Poderá vir todos os dias se quiser.

Thomaz acarinhou o rosto de Lucy com o polegar; – Por mim despertaria ao seu lado todos os dias.

– Não me dê ideias, Thomaz. Sabe o quanto sou impulsiva.

– E como sei, já pude constatar tal fato.

Àquela altura, Lucy já tinha enorme dificuldade em disfarçar seu encantamento. – Me dê um beijo de despedida.

– Aqui? – Thomaz voltou os olhos para a rua, visível através das grades do portão.

– Sim. Qual é o problema? Infringiremos alguma lei?

– Não está na Europa, Lucy! Aqui os costumes são outros.

– Pois danem-se os costumes. Acha mesmo que dormirei sem ter sentido seu beijo mais uma vez? – Lucy se aproximou ainda mais.

– Você é louca, Lucy. E não imagina o quanto isso me encanta. – Thomaz estava completamente entregue; Beijou Lucy

ignorando tudo o que havia ao redor.

– Agora sim. Boa noite, Thomaz.

Thomaz beijou a mão de Lucy, com os olhos imersos aos seus; – Boa noite.



Quando Lucy voltou a sala, acomodou-se confortavelmente no sofá sem notar que os olhos de Laura a acompanhavam.

– Ah! Licor de damasco, meu preferido! – Lucy se serviu calmamente.

Laura observava a prima, que exalava contentamento por todos os poros. – Lucy, Marie nos falava sobre a cidade de Nova Orleans. Nos pareceu bastante intensa.

– Sim, lamento não ter tido mais tempo de desfrutá-la.

– Poderá fazer uma outra visita à cidade, Lucy. Desta vez com mais tranquilidade. E sem rituais em cemitérios, prometo.

– Não diga isso, Marie! Não seria a mesma coisa!

– Lucy se familiarizou muito bem com os costumes de lá.

Jonathan sentiu certa curiosidade com o comentário de Marie.
– Ritual em cemitério? Qual seria o objetivo?

– Há um ritual onde ajudamos um espírito que ainda esteja preso a vida material a se libertar. Ele é feito na tumba do falecido.

– Pelo o que já ouvi dizer, quando morremos perdemos a ligação com o corpo. Não é isso? Por que se necessita dele para entrar em contato com o espírito?

– Ouviu certo, senhor Jonathan, mas neste caso, o contato não é feito por nós diretamente. Chamamos um loa destinado a este fim para que este sim, assuma a situação junto a seus ajudantes

invisíveis. Os despojos são necessários porque estamos falando de alguém que ainda crê fazer parte do jogo e o corpo que por ele foi usado, ainda é uma peça importante deste jogo, já que estamos falando de conexão entre os dois mundos.

– E esse ritual poderia ajudar a Nancy?

– O ritual afastaria Nancy por um tempo das correntes que a prendem a este mundo, mas não afastaria a mágoa que carrega. E tal sentimento é veículo potente, senhor Jonathan, não imagina o quanto. Essa mágoa a traria de volta.

– Crê que Nancy cometeu suicídio?

– Sim, eu creio.

– O loa, como diz, não pode mudar seus sentimentos?

– Senhor Jonathan, o livre arbítrio é uma dádiva que levamos conosco para todo lugar. Estou certa de que há muitas petições vindas do outro mundo para que Nancy mude seu padrão vibratório, mas infelizmente, há também os que ateam fogo na gasolina. Seguramente Nancy tem sido incentivada a manter seus pensamentos infelizes.

– São tantas informações. Ainda estamos falando de voodoo, senhora Laveau?

– Até certo ponto, sim. Conhecer os caminhos que existem após cruzarmos os portões da morte é algo que deveria fazer parte de todas as religiões. O caso em que Laura está envolvida é complexo. Não se trata apenas de voodoo, ele vai além.

– Isso o torna mais difícil de ser resolvido?

– Acalme seu coração, senhor Jonathan. Laura não está sozinha.

Jonathan assentiu, de mãos dadas a esposa.

– Há algum problema se eu utilizar o sótão? – Marie se dirigiu a Laura.

– De forma alguma. Use o espaço da casa que precisar.

– O sótão é o lugar ideal para manter a energia de alguns objetos. É um lugar de pouca ou quase nenhuma circulação de pessoas.

– Poderá se acomodar em um dos quartos do terceiro andar, ficará mais próxima do sótão.

– Para mim está perfeito.

– Senhora Laveau, tem carta branca para fazer o que achar necessário.

– Obrigada, senhor Jonathan. Agora se me permitem, gostaria de me recolher, começaremos o dia cedo amanhã.

– Fique à vontade, a casa é sua. Farei o mesmo, você vem, meu amor? – Jonathan buscou uma resposta da esposa, já de pé.

– Trocarei algumas palavras com Lucy. Irei em seguida.

Após os cumprimentos de boa noite, Jonathan e Marie subiram as escadas, deixando as primas a sós.

Lucy encheu seu copo com mais uma dose de licor. Laura a observava em silêncio.

– Parece que Jonathan gostou de Marie, o que achou? – Lucy iniciou um diálogo.

– Sim, creio que gostou.

– Quem não gosta de Marie? Particularmente acho que ela sempre fala bem menos do que de verdade sabe. É uma sensação, sabe? Talvez seja melhor mesmo que não tomemos ciência de todas as coisas.

– Lucy, por que não me contou?

– Fala de Thomaz, suponho.

– E de que mais falaria?

– Laura, está tão ocupada com seus problemas! E não havia nada para contar. Apenas sentimentos, que talvez jamais se concretizassem.

– Pelo o que vi, sim, se concretizaram.

– Está certa.

Laura mudou-se para o assento ao lado da prima; – Por Deus, Lucy! O que fizeram?

– Nos beijamos! Apenas isso. Thomaz é nova yorkino demais para meu gosto.

– Não posso crer! Ficaram juntos em Nova Orleans, então?

– Não! As coisas aconteceram devagar. – O olhar de Lucy se perdeu ao lembrar-se de alguns momentos da viagem.

– Está apaixonada! Veja só! Inúmeros pretendentes europeus, filhos de ricos industriais e banqueiros, mas Lucy encantou-se pelo motorista americano!

– E o que há de mal nisso?

– Em minha opinião, nada. Só acho que titia não dirá o mesmo.

– Há muito mamãe não participa das decisões sobre minha vida. Em realidade desde que tomei posse de minha parte na herança de papai.

– Não participa das decisões, mas dá os seus palpites.

– Palpites que quase nunca levo em consideração. Não é mamãe quem me preocupa. É Thomaz.

– E por que diz isso?

– Thomaz sente-se inferior devido à nossa diferença social. Isso o incomoda significativamente.

– E como pretende lidar com isso? Não pode negar que tal diferença exista.

– Tudo o que sei é que existe um lugar entre esses dois mundos tão distintos, o meu e o de Thomaz. E vou encontrá-lo.

– Seria capaz de viver com menos para adequar-se à realidade de Thomaz?

– Sim, seria.

– Eu acredito. Faria o mesmo por Jonathan se necessário fosse. Posso dizer até que trocaria tudo o que estou passando por uma vida simples ao seu lado, se nesta tivéssemos algo de paz.

– Não será necessário renunciar a nada. Terá a paz que busca.

– Não falemos de mim. Ouça, Winna havia dito que Thomaz estava sem um trabalho fixo. Jonathan poderá lhe dar uma boa função no banco. O Que acha?

– Não sei se Thomaz aceitaria.

– Não seria um favor, Lucy. Seria uma oportunidade.

– Acho a ideia excelente. Conversarei com ele amanhã. Obrigada, Laura. Agora vá descansar. Teremos muito tempo para conversar já que estou de volta. Deverá acordar cedo, ouviu Marie falar.

– Winna ficará feliz com a notícia.

– Onde ela está?

– Pedi que se recolhesse cedo, hoje trabalhou duro ao lado de Lydia.

– Teve notícias de Joane?

– Esvaiu-se como fumaça. Amanhã Jonathan mandará Sam ao endereço da tal tia. Veremos o que acontece.



A lua começava a despedir-se dos céus de Nova York quando Marie despertou e começou a arrumação no sótão da casa.

Levou suas malas cheias de seus objetos e montou seu altar, da maneira como devia ser. Sobre uma velha mesa de madeira, estendeu um pano branco e colocou duas velas brancas ao fundo, uma de cada lado. Ajeitou com cuidado, ao centro, a imagem da Virgem Maria que pertenceu a sua avó. Havia também dois crâneos, um do lado direito e outro do lado esquerdo. As imagens do Barão de Samedi e de Erzulie Dantor também ganharam destaque. Muitas velas, de várias cores, tamanhos, contornos e muitos fios de contas dispostos sobre todo o altar, complementavam a decoração impecável.

Marie acendeu as velas e pediu a Bondye que lhe clareasse a visão, lhe dando assim a chance de lutar pelo decruzamento de Laura.

Passou alguns minutos em frente ao altar e então organizou os demais itens que trouxera em um canto do cômodo.

Olhou a sua volta e se sentiu motivada a examinar minuciosamente cada objeto que ali estava. Coisas da casa, até onde pôde notar. Em uma pequena mesa redonda encostada por detrás de alguns pedaços de madeira, viu um porta joias de porcelana em formato de coração. Marie tocou a relíquia com cuidado. Afastou a grossa camada de pó que o cobria e sentiu que suas mãos recebiam um impulso que se espalhava por todo o seu corpo. Fechou os olhos e como por encanto, se tornava expectadora de uma cena que se desenrolava diante dos seus olhos.

Nancy subia apressada a escada do sótão com uma caixa nas mãos enquanto Edith lhe dava suporte, amparando-a por trás para que não perdesse o equilíbrio.

- Não há alguém que possa fazer isso para você?
- Prefiro não envolver os empregados nisso.
- Não entendo como tolera esses empregados.

Nancy colocou a caixa sobre a prateleira e Edith a abriu, retirando alguns objetos com cuidado.

– Terá que manter Jonathan longe deste sótão. Não é bom que ele ponha os olhos no feitiço.

– Conseguirá fazer hoje?

– A lua minguante ainda não entrou. Vamos ter que esperar um pouco mais.

– Não posso esperar tanto tempo. Jonathan está cada vez mais distante. Não sei mais o que fazer. Estou desesperada!

Nancy cobriu o rosto com as mãos e entregou-se a um choro copioso.

– Acalme-se, Nancy. Estou aqui para lhe ajudar.

– Não sei o que farei se Jonathan romper nosso compromisso. Não posso imaginar minha vida sem ele. Precisa fazer alguma coisa, mamãe! Precisa me ajudar!

– E acaso não estou lhe ajudando? Vendi nossa casa em Nova Orleans e vim para cá para que? Não podia ficar só com aquele inútil do seu pai que não presta para nada!

– Estava tudo indo tão bem. Agora mal conversamos! Será que está interessado em outra mulher?

– Já lhe disse que não há outra mulher.

– Talvez ainda não tenham nada concreto, pode ser que ele esteja apenas interessado em alguém.

– Se alguém cruzar seu caminho, daremos um jeito. Por enquanto é inútil preocupar-se.

Nancy correu para os braços de Edith, como uma criança desamparada.

Marie abriu os olhos e trazia nos lábios o gosto salgado das lágrimas de Nancy, como se estas tivessem molhado seu próprio rosto.

– Então é isso. Edith é a mãe. – Marie colocou o porta-joias de volta ao seu lugar e voltou ao altar para agradecer a dádiva recebida. Agora conseguia ver tudo com clareza. A fragilidade de Nancy e a astúcia de Edith.

Deixou o sótão quando o sol começava a despontar no horizonte.

O silêncio ainda dominava cada cômodo. Marie respirou fundo e se sentou no sofá para esperar a casa despertar.

CAPÍTULO 22

No cômodo aos fundos da casa de flores, Edith voltava da rua com uma sacola de pães. Joane já estava de pé. Varria o pequeno cômodo visivelmente desanimada.

– Precisa arrumar outro trabalho. A loja não está vendendo quase nada. Não tenho dinheiro para fazer uma reforma. Se continuar assim, a atendente vai embora por falta de pagamento e não sei onde encontrarei outra morta de fome como Beth que aceite ganhar tão pouco.

– Sabia que as coisas aqui em Nova York seriam mais difíceis.

– E o que queria que eu fizesse? Que deixasse sua irmã enlouquecer aqui sozinha?

– Papai estava cuidando dela.

– Ora, faz-me rir! Aquele lá não cuida nem dele mesmo.

– Em Nova Orleans ao menos tinha seus clientes que ajudavam um pouco no fim das contas. Aqui quase ninguém acredita em tais coisas.

– Sua antiga patroa não pensa assim.

– Deveria esquecer-se um pouco de Laura e preocupar-se mais com Nancy. As vezes acordo de madrugada com um choro desesperador. Estou certa de que se trata de minha irmã.

– Desde quando ouve coisas? Até onde sei, incorpora espíritos, agora nem isso faz. Estou bem servida!

– O que pretende fazer para ajudar Nancy?

– Nancy só terá paz quando acabarmos com a madame. Sabe disso.

– Por que alimenta esta insanidade em Nancy?

– Que insanidade? Sabe bem que querem fazer mal a sua irmã. A tal moça veio de Nova Orleans cheia de truques. Lhe falei da tal mulher que apareceu para mim. É coisa dela. Preciso de alguma coisa da madame para reforçar o feitiço.

– Quer que eu volte lá?

– Deixe de ser idiota. Sabe bem que não pode. Só eu tiver total controle da situação.

– Não posso ficar escondida aqui a vida inteira. O que quer que esteja pensando em fazer, é bom que faça logo. Já não estou suportando mais esta situação, mãe!

– O que está dizendo? Por que você e sua irmã não saíram a mim? São como o pai de vocês. Fracas, desorientadas! Ah não fosse eu para colocar tudo em seu devido lugar!

Joane largou a vassoura e se sentou. Estava cansada demais para discutir mais uma vez.

Edith sabia que as regras do jogo estavam mudando e o pior, sentia que suas mãos estavam mais fracas para os cruzamentos. Suas intuições lhe falhavam e a agonia de Nancy a atormentava ainda mais.



Jonathan e Laura desceram para o café da manhã juntos. Marie e Winna terminavam de colocar a mesa.

– Bom dia, Marie. Como passou a noite?

– MUITÍSSIMO bem, Laura. Obrigada. E quanto a você?

– Muito bem. E nenhum sinal de pesadelos.

– Isso é bom. Muito bom. Conversei com Winna sobre alguns incensos de folhas que precisam ser acesos em alguns cantos da casa, tudo bem?

– Sim, claro. Sem problema algum. E quanto a você, Winna, conseguiu descansar o bastante?

– Sim, senhora. Estou completamente renovada. Obrigada.

– Marie já lhe contou a novidade?

– Novidade? Não senhora.

Jonathan sorriu para a esposa; – Laura, não acha melhor que a própria Lucy a conte?

– Não mesmo. Não contei ontem por que não quis incomodá-la em seus aposentos.

– Do que se trata, senhora? – Winna demonstrava curiosidade contida.

– Thomaz e Lucy estão, digamos... se conhecendo melhor.

A revelação pegou a Winna de surpresa; – Por Deus. Thomaz e a senhorita Lucy?

– Sim, Winna. Ao fim das contas, seremos todos uma só família.

– Confesso que jamais imaginaria tal coisa.

– Deixarei que Lucy lhe conte os detalhes.

Jonathan beijou a mão da esposa; – Sente-se melhor agora, meu amor? Parecia que explodiria de vontade de falar com Winna.

Laura retribuiu o gesto; – Agora sim estou melhor, meu marido.

– Com licença, trarei mais leite. – Winna deixou a sala de jantar de forma tímida.

– Senhora Laveau, infelizmente não poderei lhes fazer companhia por muito tempo, tenho afazeres inadiáveis agora pela manhã, mas estarei de volta na hora do almoço. – Jonathan tomou um gole de café apressado já se colocando de pé.

– Pretende almoçar aqui? – Os olhos de Laura ascenderam-se ainda mais.

– Sim, pretendo. Se comer tudo o que Winna lhe preparou agora.

Lucy desceu as escadas e cumprimentou a todos. – Que linda está essa mesa hoje. Winna caprichou. – Sentou-se ao lado de Marie, que notou seu semblante radiante.

– Por falar nisso, já contei a Winna sobre você e Thomaz.

– Ora, ora! Vejo que já está bem melhor, minha prima, ocupando-se com trivialidades alheias!

Laura sorriu espontaneamente. – Sua felicidade jamais será lugar-comum para mim, Lucy.

Lucy estava feliz muito além do que conseguia demonstrar. Sua visão do futuro havia mudado completamente. Não imaginava seus dias sem Thomaz. Todos os seus projetos mudaram de lugar. Se via em um caminho calmo, após longo período de tormenta, onde o horizonte se tornava cada vez mais nítido.



Marie compartilhava do clima agradável, mas seus pensamentos ainda estavam em sua visão no sótão. Esperou o fim do desjejum para ficar a sós com Lucy e lhe informar sobre os próximos passos. Ainda não falaria sobre sua descoberta.

-Encontrei uma fenda na defesa de Edith. Agora darei o próximo passo. Pretendo voltar a loja novamente.

– Sua visão quanto suas intenções, está mais clara?

– Sim. Lucy, provavelmente já leu algo sobre obsessão nos livros que lhe dei.

– Sim, quando um espírito desencarnado age sobre um encarnado de forma contínua.

– Exato. Agora quero que preste atenção no que vou lhe dizer; no caso de Nancy e Edith, temos uma obsessão ao revés. De uma encarnada para uma desencarnada.

– No caso, Edith estaria obsediando a Nancy?

– Sim. Por mais estranho que isso possa parecer, acontece muito mais do que possa imaginar.

– E por que Edith faz tal coisa?

– Estou começando a montar esse quebra-cabeças, Lucy. Prefiro que ele esteja completamente montado para que conversemos. O que posso lhe dizer é que preciso enfraquecer Edith. E sei como fazer isso. Depois poderemos cuidar de Nancy.

– Há algo que eu possa fazer?

– Não, Lucy. É algo que terei que fazer sozinha. Obrigada.



Marie levou em sua bolsa um frasco cheio de pó e um outro vazio. Foi até o cemitério do Bronx e coletou um pouco de terra. Na volta, parou na loja de flores. Entrou como se buscasse algumas rosas. Enquanto Beth separava as escolhidas, Marie pegou um pouco da poeira do chão, sobretudo no lugar mais próximo a entrada do corredor que dava para os fundos da loja e colocou no frasco vazio.

Concluída a sua tarefa, pagou pelas rosas e deixou a loja.

Marie voltou a casa com certa celeridade. Ninguém a viu entrar, o que facilitou sua ida ao sótão o mais rápido que pôde.

Tirou da bolsa os frascos e os colocou sobre o altar. Pegou uma vela preta e raspou a resina até que coubesse o pedaço de

papel que havia preparado com o nome de Edith. Vestiu toda a vela com um óleo previamente preparado e a acendeu. Colocou em um novo frasco, a poeira da loja, a terra do cemitério e mais alguns itens que havia deixado descansado no altar durante a noite. Colocou a mistura ao lado da vela e falou algumas palavras que sabia de cor.

Após algum tempo, Marie deixou a casa novamente, com as flores compradas nas mãos e a mistura na bolsa.

Voltou ao estabelecimento de Edith com a desculpa de trocar algumas das flores compradas. Beth se viu envolvida em muitas novas petições de Marie, feitas para ocupá-la propositalmente a fim de ficar à vontade na loja por algum tempo. Assim que se viu sozinha, Marie espalhou sua mistura por vários cantos da loja.

Pegou as flores solicitadas, agradeceu mais uma vez e saiu. Sua missão estava cumprida.



Winna e Lydia preparavam a mesa do almoço quando Marie chegou. Jonathan já estava na casa e esperou que todos se sentassem à mesa para falar sobre sua última descoberta;

– Sam me disse que não encontrou a tia de Joane. Parece que a senhora a quem ela se referiu como sendo sua tia mudou-se há pouco mais de um mês e ninguém mais teve notícias suas desde então.

– E sobre Joane, alguém lhe disse algo? – Laura questionou algo indignada.

– Nunca viram Joane.

– O que faremos, Jonathan? Não é estranho tudo isso? E nem mesmo se interessou em receber seu pagamento?

Marie tomou a palavra antes que Jonathan respondesse; – Laura, não deve se ocupar com isso. Deixe que seu marido resolva

tais questões.

– Marie tem razão, Laura. Tem feito tantos progressos! – Lucy reforçou as palavras de Marie.

Laura deu um longo suspiro; – Sim, está bem. Peça a Sam que não permita a entrada de Joane nesta casa até este assunto ficar claro.

– Ela não se aproximará, meu amor. Nem mesmo dos portões. Fique tranquila.

Após a revelação de Jonathan, foi a vez de Marie pedir a palavra.

Marie entendia que Laura estava em pleno processo de recuperação, mas entendeu ser correto deixá-la ciente da real ligação entre Nancy e Edith, ainda que tal informação pudesse lhe trazer algum desequilíbrio, seria algo que pelo qual precisaria passar, para que fortalecesse ainda mais sua resignação em manter-se equilibrada por si só.

Marie contou a todos sobre sua visão no sótão e da descoberta do parentesco tão próximo entre Edith e Nancy.

Todos ouviam incrédulos.

– Não posso crer! Mãe e filha? Por Deus! – Lucy não se conteve.

– A senhora as ouviu? As viu também? – Jonathan tentava entender a dinâmica dos fatos, embora acreditasse em Marie e em sua revelação.

– Senhor Jonathan, imagino que seja difícil entender, e acredite, é difícil até mesmo explicar. O fato é que as vezes, quando toco algo, todo o entorno, onde tal objeto fez parte em algum momento, volta a se apresentar como era na ocasião. Neste caso, pude ver o sótão na época em que Lucy frequentava esta casa. Vi a cena exatamente como aconteceu.

– Então viu e ouviu o que falavam?

– Sim, eu era mera expectadora. Sem poder de ação, sem interação.

Marie entendeu que aquela informação havia desestabilizado Laura mais que o esperado.

– Laura, não deve abalar-se. Edith é problema meu. Estou aqui para isso. O que move Nancy ou Edith não deve ocupar nossa mente.

– Concordo com Marie, Laura. Já nem mesmo tem pesadelos. Suas dores de cabeça não existem mais. Edith e Nancy não podem mais lhe fazer mal. A não ser que permita isso.

– Estou de acordo com a senhorita Lucy, senhora.

– E eu de acordo com todas. Meu amor, se olhe, é outra pessoa! Graças a Marie esta senhora não tem mais qualquer efeito sobre você.

– Eu entendo o que dizem.

– As coisas são como são, Laura. Somos responsáveis apenas pela nossa maneira de pensar e de agir.

– Senhora Laveau, tenho uma dúvida.

– Sim, senhor Jonathan.

– Os pesadelos eram causados por Nancy ou por Edith?

– O cruzamento feito por Edith fazia com que Laura fosse atraída para zonas inferiores, inclusive de seus próprios pensamentos. A magia do voodoo quando usada para o mal tem essa característica; faz com que sua mente se torne a sua pior inimiga. Nancy usava o caminho aberto por Edith para chegar mais facilmente até Laura. E claro, a sensibilidade de sua esposa acerca das coisas do outro mundo, abriam e ainda abrem portas para infinitas conexões, inclusive as mais infelizes.

– Acredita que Edith seja um mero instrumento das influências de Nancy?

– Não senhor Jonathan, nesse caso, Edith influencia Nancy,
– Isso é possível?

– Sim, Jonathan, Maire explicou-me pela manhã. É como uma obsessão ao revés, de encarnado para desencarnado.

– Mas qual seria o interesse de Edith em me prejudicar? Apenas pelo fato de tomar as dores de sua filha?

– Laura, naquele momento no sótão, não somente vi a cena que se desenrolava diante dos meus olhos, como também pude tocar a alma das duas. O coração de Edith é negro como a noite. Já o coração de Nancy, tinha apenas dor e sofrimento. Edith é a má influência. Isso posso lhe garantir.

Aquelas palavras causavam profunda angústia no coração de Jonathan.

– E Nancy, poderá ficar em paz quando tudo isso acabar?

– A situação de Nancy é deveras complicada, senhor Jonathan. É importante darmos um passo de cada vez. Cuidarei de Edith. Ela deve ser detida imediatamente. Para o bem de Laura e de Nancy também. Agora preciso começar a preparar o banho de Laura. Winna, me ajuda?

– Sim, Marie, claro.

– Com licença, senhor Jonathan.

– Mais uma vez obrigado, senhora Laveau.

Marie, Laura e Winna deixaram a sala.

Lucy notou o semblante entristecido de Jonathan. – Ei, sei que se sente culpado por Nancy. Entendo seu ponto de vista, mas lamentar algo que já não temos mais qualquer controle é desperdício de energia, não acha?

– É impossível não imaginar que tudo isso poderia ter sido evitado. Sinto uma sensação ruim de negligência, entende?

– Sim, entendo. Marie sempre diz que nada acontece sem a permissão de Deus. Se tudo isso está acontecendo, deve ter uma razão. Vamos fazer a nossa parte e confiar. É o que nos cabe.

– Você está certa, Lucy. E antes que me esqueça, ontem à noite Laura comentou sobre Thomaz trabalhar no banco. Sem dúvida o rapaz demonstrou ser digno de confiança e no momento necessito mais de caráter do que de diplomas. Peça a ela que vá conversar comigo.

– Obrigada, Jonathan. É um homem bom. De fato, temos sorte de tê-lo em nossa família.

Jonathan respondeu com um sorriso discreto.

CAPÍTULO 23

Alguns dias se passaram e Laura sentia-se mais equilibrada e confiante. A frequência dos banhos começava a diminuir, mas ainda usava gris gris e acendia velas na capela da mansão todos os dias, a pedido de Marie.

Thomaz havia conversado com Jonathan, que lhe ofereceu o cargo de auxiliar, onde trabalharia diretamente com Charles, seu assistente.

Marie não teve mais visões, nem mesmo buscou por elas. Estava contando os dias para que seu feitiço fizesse efeito e então pudesse visitar Edith da maneira que precisava. E esse dia, por fim, havia chegado em uma doce manhã de segunda-feira.

Marie colocou suas contas de Erzulie, amarrou uma fina trança de palha da costa na cintura e na parte superior dos braços e seguiu para a loja de flores.

Se surpreendeu ao chegar em seu destino e ver a loja com um aspecto de abandono ainda maior. As portas, entre abertas, denunciavam o mau andamento do negócio.

Entrou devagar, tentando sondar a situação. Havia pouquíssimas flores a venda, murchas, quase mortas. Beth, a atendente, estava sentada em um canto da loja. Levantou-se a conta gosto; – Pois não?

– Gostaria de falar com a senhora Edith.

– Senhora Edith não está atendendo essa semana. Volte daqui a alguns dias.

– Não vim procurar atendimento. Trata-se de outro assunto. Poderia chamá-la?

A moça olhou Marie dos pés à cabeça; – Lembro-me da senhora, é cliente da loja. Qual é o seu nome?

– Marie. Diga que vim por parte do senhor Jonathan Ward.

Beth deu meia volta e caminhou em direção ao corredor enquanto Marie a observava. Beth bateu na porta umas três vezes antes que Joane a abrisse; – Pois não, Beth?

– Tem uma senhora na loja chamada Marie buscando a senhora Edith.

– Edith descansava em sua cadeira de balanço. Cerrou os olhos para ver Beth melhor; – O que quer? Mandei dizer que não vou atender a ninguém.

– Ela disse que não veio procurar atendimento, senhora Edith. Disse que veio por parte do senhor Jonathan. Jonathan Ward.

Edith levantou-se em um instante, apesar da visível debilidade; – De Jonathan? Quem será essa tal? O que quer aqui?

– Por certo me descobriram. Vieram atrás de mim.

– Cale-se. Joane, não diga asneiras!

– O que eu digo, senhora Edith?

– Irei ver do que se trata. Se pensam que vão me intimidar, estão enganados.

Edith vestiu seu chale e se benzeu diante do altar.

– Você fique aí onde está, ouviu-me? – Edith saiu com Beth, deixando Joane só, imaginando quem seria Marie e qual seria o motivo da visita.

Em alguns minutos, Edith e Beth cruzavam o corredor. Ao ver Marie, Edith deu um salto para trás, instintivamente.

Marie notou a reação inesperada. Edith não conseguia falar. Estava em choque. Marie era a mulher que a visitara em desdobrimento. Não tinha dúvidas.

– Como vai, Edith? Surpresa em me ver novamente?

– Beth, nos deixe a sós.

A moça obedeceu.

– Não me convida para entrar?

– Quem é você? – Edith estava visivelmente abalada. Os olhos de Marie a intimidavam, ainda que Edith se esforçasse muito para não sucumbir a eles.

– Sou Marie, uma amiga da família Ward. Gostaria de saber até quando pretende manter Nancy na situação deplorável em que está, sem tomar qualquer providência.

– O que sabe de Nancy?

– Pelo o que posso perceber, bem mais que você.

– Não sabe o que fala!

– Como pode dormir a noite sabendo que é conivente com tudo o que está acontecendo a sua filha?

– De minha filha cuido eu. Se é só isso, não há mais nada o que fazer aqui.

Inesperadamente, Joane surgiu, algo emocionada, interrompendo a fala de Edith; – Esta senhora tem razão, mãe, esta situação não pode continuar da maneira que está.

– Entre agora, Joane! Agora! Ouviu-me?

Marie juntava as últimas peças do quebra-cabeças; – Olá, Joane.

Edith tentou segurar o braço de Joane e forçá-la a entrar, sem sucesso. Estava fraca o bastante para não investir em uma segunda tentativa.

– Deixe-me, mãe! A senhora sabe que não pode fazer nada por Nancy, a não ser torturá-la ainda mais.

– Joane, eu e você, nós podemos ajudar a sua irmã e precisamos fazê-lo.

– Isto é uma armadilha, não percebe, Joane? Afastese de minhas filhas, senhora Marie! Elas pertencem a mim!

– É uma pena que veja nas pessoas nada mais que seu reflexo doentio, Edith. – Marie usou um tom baixo e grave.

– Vá embora daqui ou chamarei a polícia. Vá embora!

Marie se aproximou de Joane, sob o olhar atônito de Edith; – Você tem muitos talentos, Joane. Posso vê-los daqui. Use-os para o bem. Quando estiver segura em falar comigo, virei ao seu encontro. Ajude-me a libertar sua irmã!

Marie deu as costas e saiu da loja, deixando Joane em prantos e Edith, enfurecida.

– Maldita hora que a trouxe comigo, Joane! É uma molenga inútil! Desde o começo fez tudo errado e agora isso!

– Não percebe que estamos afundando cada vez mais nesse ódio sem fim, mãe?

– O Que pensa? Que vai tirar dinheiro deles? Eles conseguirão o que querem e lhe virarão as costas! É o que gente como eles fazem!

– Eu me arrependo do dia em que resolvi fazer algum mal a senhora Laura. Ela tratava-me tão bem!

– Está se ouvindo, sua idiota? Essa gente matou sua irmã!

– Laura não tem nada a ver com isso! E agora vejo que nem mesmo senhor Jonathan... Nancy tirou a própria vida, mãe... e talvez já estivesse doente por dentro há muito tempo, por isso quis vir para Nova York com papai. Porque não aguentava mais seus desatinos!

– Você é uma ingrata! Sempre fui uma boa mãe! Veja onde estou! Saí de Nova Orleans por Nancy! Que outra mãe faria isso?

– Sempre quis fazer tudo do seu jeito, mãe. Sempre nos manipulou. Estava esperando que Nancy pedisse ajuda desde o dia em que ela saiu de casa. Lembro-me bem de suas palavras!

– Vá lá, vá atrás do dinheiro dos Ward! Vá se juntar a quem fez e faz tanto mal a sua família. Olhe para mim, não tenho forças

nem mesmo para acender uma vela. Essa tal Marie é responsável por isso!

– Talvez esteja certa, mãe. Talvez Marie esteja lhe causando tudo isso.

– E ainda assim pensa em se juntar a essa gente?

– Marie pode ter aberto a porta, mas o que vê depois dela é merecimento seu.

Joane voltou para o seu quarto, enxugando o rosto molhado de lágrimas.

Edith buscou com urgência uma cadeira para se sentar. Estava com a respiração ofegante e as mãos trêmulas. – Filha ingrata! Sem caráter! Verme!

. 

Laura cuidava do jardim ao lado de Sam, quando Marie regressou a casa. Viu ali o momento propício para conversar com Laura, entre as flores, em um dia de céu azul, onde todas as energias elevadas estariam a seu favor.

– Este é sem dúvida o jardim mais bem cuidado de Nova York.

Laura virou-se e sorriu com a surpresa. – Bom dia, Marie!

Sam entendeu que precisava deixá-las a sós. – Senhora Laura, vou providenciar a mistura para regarmos as tulipas mais tarde.

– Obrigada, Sam.

– Podemos nos sentar um pouco, Laura?

– Prefere entrar?

– Não! Aqui está perfeito.

Laura buscou o banco mais próximo e acomodou-se ao lado de Marie.

– Já aprendi a decifrar seu semblante, Marie.

– Por que diz isso?

– Consigo perceber quando quer falar algo delicado ou difícil de ser dito.

Marie sorriu; – É verdade, já me conhece bem.

Laura suspirou lenta e profundamente; – Sou toda ouvidos.

– Laura, agora que seus problemas estão perto de terminar, é importante que tente tomar certa distância deles para que os veja da maneira correta, em outras palavras, que os veja como eles de fato são. Quando tudo começou, foi alvejada por informações por vezes assustadoras, intimidadoras, de certa forma. É natural que mantivesse o foco em sua proteção. Mais natural ainda é que visse Nancy como sua inimiga, já que seu objetivo era atormentá-la o bastante para vê-la afastar-se de seu marido. E o que parecia ser um problema, na verdade revelou-se em dois, já que Edith era a peça fundamental para que os planos de Nancy tomassem forma. Minha mãe sempre disse que lidar com os mortos era mais fácil que lidar com os vivos. E eu nunca discordei. Parar Edith, a meu ver, sempre foi imperativo para sua melhora. E eu estava certa. Seu cruzamento está desfeito e sua força foi cortada, mas ainda temos o segundo problema; Nancy.

– E acha que esse problema seja mais difícil de ser resolvido?

-Eu até poderia fazer um ritual para libertar seu espírito das amarras deste mundo e isso seguramente lhe afastaria por algum tempo, mas a solução pode ser bem mais simples que um conjuro e bem mais eficiente.

– Não entendo o que quer dizer.

– Nancy precisa de ajuda, não de um feitiço.

– Continuo sem entender.

– Como lhes disse há alguns dias, quando tive a visão no sótão, pude sentir a dor de Nancy como se fosse minha dor. Foi como se sua história passasse por mim, como o vento. Toda a tristeza de sua infância, os maus tratos que sofreu, a falta de amor... tudo isso dentro de um coração exposto e suscetível, entregue a uma mulher repleta de falhas morais muito graves.

– Sua mãe.

– Sim, sua mãe.

– Acredita que Nancy ainda esteja obstinada em perseguir-me?

– As emanções de Nancy já não podem lhe afetar como antes. Você está protegida e não somente pelos amuletos e banhos, mas porque já sabe controlar seus pensamentos e emoções. Porém, creio que agora que está livre da influência de sua mãe, Nancy não terá a mesma obstinação em persegui-la.

– Então está acabado, é isso?

– Para você, creio que sim.

Laura suspirou profundamente; – Sinto-me saindo de um longo pesadelo, Marie. Um longo pesadelo.

– Estive na loja de Edith hoje de manhã.

– Falou com ela?

– Sim. Quis mostrar-lhe que existo de fato e que sei de Nancy.

– E qual foi sua reação?

– Está fraca, desequilibrada. Nada do que disse é relevante, mas um fato ocorreu que vale a pena ser mencionado.

– E o que aconteceu?

– Joane estava lá.

– Com Edith?

– Sim.

– Estávamos certas então. Sempre houve dedo desta senhora na história de Joane!

– É um pouco mais que isso, Laura.

– O Que quer dizer?

– Joane e Nancy são irmãs.

Laura se levantou instantaneamente. – Estava cercada! Estava cercada o tempo todo!

– Laura, acalme-se. Você é absolutamente capaz de lidar com isso!

Marie usou um tom firme. – Agora sente-se e respire.

Laura obedeceu. Sentou-se e respirou profundamente. – O que Joane lhe disse?

– Joane não é feita do mesmo material que Edith. É tão vítima das influências da mãe quanto Nancy. Está arrependida do mal que ajudou a lhe causar. Esteja certa.

– Se está arrependida de fato, que pegue sua mãe e volte para Nova Orleans. É o mínimo que podem fazer.

– Joane ainda pensa que não tem forças para enfrentar a mãe.

– E não há nada que possa ser feito para afastá-las daqui?

– Tudo o que se podia fazer, foi feito. Edith, Nancy ou Joane não mais lhe farão mal. Apenas quero que reflita sobre a situação de Nancy e Joane. Abra seu coração para entendê-las, por mais difícil que possa parecer.

– Creio que ainda necessito algum tempo, Marie.

– É natural. Apenas não se descuide da parte que lhe compete. Onde imperam bons pensamentos, Deus prospera. E ninguém passa por ele. Pode ter certeza.

Laura ainda estava atordoada com a notícia, embora tenha logrado manter-se equilibrada o suficiente.

– Apenas pense; nada acontece por acaso, Laura. Estamos em um mundo em que falhas morais imperam e não é por acaso. Elas são o escândalo necessário.

– Se refere a fala de Jesus, não é? Ainda me lembro das aulas de catecismo.

– Lembra-se destas palavras?

– Creio que sim; “o escândalo é necessário” ...

– “Mas ai daquele que o provocar”. O escândalo são as contrariedades, os tormentos, sim. Eles são necessários. Sem eles, jamais sairíamos do lugar. O escândalo lhe tirou da sua zona de conforto, Laura. A pergunta é; por que ele foi necessário no seu caso? O Que ele veio lhe ensinar? Será que sofreu em vão?

– Não tenho essa resposta.

– Busque por ela. Aproveite a paz dos seus dias para refletir sobre isso.

– E quanto aqueles que praticam o mal, ainda que ele seja necessário?

– “Ai daquele que o provocar”. Lembra-se? A cada um segundo as suas obras, Laura. Olhe para si mesmo e não se preocupe com a justiça.

Marie acarinhou os cabelos de Laura e a deixou sozinha com seus pensamentos. Talvez Marie estivesse falando de perdão, algo que ainda não conseguia reconhecer em seu coração. Laura percebeu que uma nova batalha começava a se desenhar em seu íntimo. Sua mente entendia, mas seu coração não aceitava. E mais, via-se profundamente incomodada com a preocupação de Jonathan em relação ao estado de Nancy, não podia enganar-se. Como pode sentir ciúmes de uma mulher morta? Sabia que Jonathan a amava, por que isso não lhe bastava?

Nem mesmo o aroma das flores fez com que Laura encontrasse algo de paz em seu coração. Agora não era mais uma

vítima indefesa, mas alguém em que enxergava em si mesma abismos profundos e questionáveis.

CAPÍTULO 24

Naquele mesmo dia, todos na casa já sabiam do paradeiro de Joane e de sua ligação com Nancy. Marie pediu que não incentivassem Laura a nutrir qualquer sentimento de animosidade em relação a Joane, o que foi prontamente compreendido.

Thomaz jantaria na mansão, o que deixou Lucy especialmente feliz.

– Laura, o que acha se eu usar minha saia quadriculada, aquele que pensei haver perdido, lembra-se?

Laura estava com o pensamento longe e não se deu conta da indagação de Lucy.

– Laura! Lhe fiz uma pergunta!

– Desculpe-me, Lucy. Estava distraída.

– Sim, estou vendo. Espero que não esteja pensando em Nancy. Lembre-se do que Marie disse; conexões, Laura, conexões.

– Não se preocupe, Lucy. Vamos, o queria dizer?

– Queria sua opinião sobre o que usar hoje à noite. Thomaz vem jantar conosco, espero que não tenha esquecido.

– É claro que não esqueci. Aliás, Jonathan o tem elogiado muito. Disse que Thomaz é muito inteligente e esforçado. Lhe dará novas responsabilidades e um aumento em breve, mas não comente nada com ele.

– Não imagina como tal notícia me deixa feliz.

– Logo já poderá casar-se e viver apenas com o salário de Thomaz. Conseguirá renunciar a seus luxos, senhorita? – Laura usou certo tom de ironia.

– Sabe que sim, mas não vejo razão para tal renúncia. Desde que Thomaz tenha seu emprego, que mal há em usufruirmos de meu

dinheiro?

– Crê mesmo que seu modo de pensar seja algo comum aqui na América, não é Lucy?

– Thomaz não é como os demais. Sei que pensa diferente.

– O conhece melhor que eu. Deve saber o que diz.

– Vamos subir e experimentar algumas roupas e deixemos a conversa para depois.

Laura aceitou prontamente. Precisava de uma distração fugaz para lhe manter longe de seus pensamentos.

..........

Nos fundos da loja de flores, Edith andava de um lado ao outro no pequeno cômodo da casa improvisada. Joane observava a cena em silêncio.

– A tal Marie deve ser uma sacerdotisa. Deve ser a mesma que fez um feitiço para Nancy nos deixar em Nova Orleans. Essa mulher deve perseguir-me há muito tempo. Como nunca me dei conta? Lembra-se de quando vivíamos próximo ao Mississipi e que tivemos que deixar a casa da vila e nos mudarmos para outro bairro? Tanta confusão que nem sei ao menos como tudo começou. Ali já devia ter o dedo dela.

– Tivemos que nos mudar porque descobriram que a senhora fazia abortos sem autorização para tal.

– E quem pensa que me denunciou? Quem teria coragem? Todos ali me conheciam muito bem. Tinham medo de mim. Sabe bem disso!

– Como poderia esquecer, mãe?

– Essa mulher tirou seu pai de casa e tirou Nancy também.

– Marie nem mesmo lhe conhecia nessa época. Como pode dizer tanta insanidade?

Edith ignorou Joane e continuou com seu raciocínio.

– A infeliz levou Nancy de casa. Minha garotinha. Eu tinha tantos planos para ela.

– E agora, mãe, quais são seus planos para Nancy?

– Agora terei que recuar com nossos planos, não há outro jeito.

– Noite passada sonhei com Nancy novamente, a senhora sabia?

– Como posso saber se não me conta nada?

– Quer saber onde sua filha estava? – Os olhos de Joane se encheram d’água. – Sua filha estava em lugar fedido, cheio de torturadores ao seu redor.

– Mentira! Fala isso para me ferir!

– Não, mãe, Nancy não consegue mais se aproximar de Laura, nem mesmo de Jonathan. E não consegue ficar aqui porque por incrível que pareça, sofre ainda mais!

– Se continuar falando estas coisas, terei que castigá-la como antigamente, ouviu bem? Não me force a fazer isso! Eu te amo, mas terei que te machucar para que volte a ter o juízo no lugar!

– Está fora de si. Cada dia mais fora de si. Deve ser as maldades que fez na vida cobrando seu preço.

Edith se aproximou e bateu no rosto de Joane com força. – O único mal que fiz foi a mim mesma, me tornando mãe de vocês. Agora estou aqui, pagando o preço por amá-las demais e esquecer de mim mesma. – Edith se sentou e começou a chorar. – Maldita foi a hora! Maldita foi a hora! Devia ter arrancado vocês de mim! Fiz isso tantas vezes, por que deixei que viessem a esse mundo? Por quê?

Joane deixou o quarto sem olhar para trás. Andou pelas ruas sem destino, lembrando-se de como havia sido complacente com o comportamento de sua mãe. Como sempre, sentia-se culpada por odiá-la. Já havia se acostumado a sentir-se daquele jeito, mas desta vez, não pensava só em si mesma.



O jantar organizado por Lucy havia começado em clima de harmonia entre os presentes. Lucy fez questão que Winna se sentasse a mesa e o pedido teve que ser reforçado por Laura para que fosse aceito. Jonathan aproveitou a ocasião para fazer um importante comunicado;

– Todos sabem que todas as decisões acerca das diligências desta casa são tomadas por minha esposa, entretanto, especialmente hoje, tomo a liberdade de anunciar uma mudança antes de consultá-la. – Laura manteve os olhos curiosos em Jonathan, que prosseguiu; – E faço isso, certo de que terei seu apoio. Bem, já solicitei a Charles que busque uma ajudante para os afazeres da casa. A contratada assumirá as funções de Winna, que tão logo possa desincumbir-se de passar-lhe as devidas instruções, possa assumir o cargo de governanta, onde supervisionará o trabalho dos demais empregados. E claro, será bem remunerada por isso.

Laura sorriu satisfeita e Winna não disfarçou seu contentamento; – Senhor Jonathan, de fato me faltam palavras. Muito obrigada pela consideração que sempre tiveram comigo.

– E eu lhe agradeço toda a sua fidelidade para com minha esposa, seu cuidado e sua dedicação. E mais, a partir de hoje, fará a refeição conosco.

– Senhor, não é necessário.

Laura tomou a palavra; – Sim, é necessário, Winna. Assim como meu marido, faço questão.

Winna agradeceu emocionada.

Marie levantou a taça de vinho e propôs um brinde; – Ao senhor Thomaz e a senhorita Winna, que se juntam a esta linda família, tornando-a ainda mais forte e feliz.

As taças se tocaram enquanto Laura agradecia a Jonathan através de um olhar afetuoso e comovido.

– Você também faz parte desta família, Marie. Não pense que se livrará de nós tão facilmente!

– Faço minhas as palavras de Lucy – Jonathan complementou.

– Pois já devem ir se acostumando a minha ausência. Laura já não necessita de meus cuidados. Se aproxima a hora de uma despedida repleta de alegria para mim, não por deixar vocês, a quem me afeiçoei deveras, mas sim pelo êxito de nossos esforços.

– Creio que preciso de um tempo para me acostumar com a ideia de sua ausência, Marie. – Marie sabia bem a que Laura se referia. Nancy ainda era uma questão difícil de ser resolvida.

– Vamos ver como as coisas caminham, Laura. Além do mais, podem me visitar em Nova Orleans algum dia. Senhor Thomaz conhece bem o caminho.

– Para mim será motivo de grande alegria voltar a Nova Orleans, senhora Laura. – Thomaz terminou a frase e olhou para Lucy, que sorriu discretamente.

..........

Após o jantar, todos conversavam na sala de estar enquanto degustavam uma garrafa de licor.

Marie contava um pouco da história de sua avó; sobre o fim do seu primeiro casamento e da necessidade que passou até começar a trabalhar como cabeleireira para cobrir as despesas da casa. Falou de como ela conheceu seu segundo marido, o seu avô. Contou dos rituais que sua avó fazia na praça do Congo e de como era respeitada por quase toda a sociedade de Nova Orleans.

Jonathan se viu envolvido naquela história peculiar. Uma mulher simples, filha de uma escrava livre com um político rico que se tornou referência para uma cidade inteira. – Você ou sua mãe estiveram com sua avó depois que ela se foi?

– Sim, muitas vezes. A verdade é que minha avó nunca partiu de fato. Ainda trabalha neste mundo. Sua missão não acabou com a morte do corpo.

– Por isso algumas pessoas juram que já viram Marie Laveau depois de sua morte. Não estavam mentindo.

– Senhor Thomaz, algumas pessoas de fato falam a verdade. Outras apenas querem manter viva a lenda de Marie Laveau.

– E nunca pensou em ter sua própria família? Nunca pensou em se casar, ter filhos?

– Jamais tive tais inclinações, Laura. Nunca me vi fazendo outra coisa a não ser seguir com o legado que minha mãe deixou. Bem, creio que já falei demasiado. Guardarei mais histórias para quando me visitarem em minha casa, está bem?

– Por mim a ouviria por toda a noite.

– Dormiria rapidamente, Laura, isso eu aposto.

– Não me dei conta do adiantar das horas, amanhã tenho uma reunião e preciso estar cedo no escritório. Continuem a disfrutar do licor. Desejo a todos uma excelente noite.

– Lhe acompanho, meu amor. Boa noite a todos.

Jonathan e Laura deram-se as mãos. Antes de deixarem a sala, Jonathan dirigiu-se a Marie mais uma vez; – É uma honra tê-la

conosco, senhora Laveau.

– Eu lhe digo o mesmo, senhor Jonathan.

Lucy e Marie ajudavam Winna a recolher as taças quando Sam entrou na sala apressado; – Com licença, desculpe incomodar, mas temos um problema.

– Do que se trata, Sam?

– Senhorita Lucy, suponho que o senhor e a senhora já estejam recolhidos.

– Sim, estão. O que houve?

– Recebi ordens de não permitir a entrada de Joane nesta casa, mas ela insiste em falar com a senhora Marie.

– Joane está aqui agora?

– Sim, Winna. E seu estado é deplorável. Parece que ficou perambulando pelas ruas o dia todo.

-Irei falar com ela.

– Quem está aí? – Laura desceu as escadas.

Marie tomou a frente da situação. – Joane está a minha procura. Não se preocupe, Laura. Eu irei falar com ela.

Marie não precisou dizer mais nada.

– Faça-a entrar, Sam.

Sam obedeceu. Marie se levantou para esperar sua visita.

– Acalme-se Laura. Deixe que Marie conduza a situação. – Lucy trouxe Laura calmamente para o sofá. – Sente-se aqui.

Após alguns segundos, Joane passava pela porta da sala. Desta vez, não se sentiu mal.

Estava suja e visivelmente abatida. Sam a acompanhava; – Me chamem se for preciso.

– Obrigada, Sam.

Marie acomodou Joane em uma das poltronas. – Aceita um copo de água?

– Não senhora. Obrigada.

– Fico feliz que tenha vindo, Joane. Quer dizer que levou em conta o que eu lhe disse.

– Sim senhora. Ouvi cada palavra. Não suporto mais ser conivente com tudo isso. Não sei se é correto o que estou fazendo, mas é o que meu coração manda que eu faça.

– Estamos do seu lado, Joane. Acalme o seu coração.

Thomaz, Lucy, Winna e Laura olhavam a cena espantados. Joane havia emagrecido de forma assombrosa.

Constrangida, Joane olhou para antiga patroa;

– Senhora Laura, peço perdão pelo mal que lhe fiz.

Laura se esforçou para manter-se neutra. – De que mal fala exatamente, Joane?

– Fiz tudo o que minha mãe me pediu que fizesse, sem questionar. Tudo. Entreguei a ela seus fios de cabelo que tirei de sua escova, partes de sua roupa, até mesmo o resto da água dos seus banhos. Coloquei ervas em sua comida. Preparei seu leite todas as manhãs com uma mistura feita por ela.

-Qual era o objetivo, Joane? Queriam matar-me? – Nesse momento, Lucy segurou as mãos da prima com mais força.

– Não, senhora. Desestabilizá-la, enfraquecê-la, deixá-la suscetível.

– Eu quase enlouqueci. Tem consciência disso?

– Sim, senhora Laura. Eu tenho. Não imagina o quanto lamento por minhas decisões. Espero que me perdoe algum dia. –

As lágrimas de Joane corriam por seu rosto esquelético.

– Não cabe a mim lhe perdoar. O que veio fazer aqui?

– Vim falar com a senhora Marie. Tenho tido pesadelos horrendos com Nancy, ouço seus gemidos as vezes. Ela precisa de ajuda e sei que a senhora Marie pode ajudá-la.

– Acalme-se, beba um copo de água. – Marie colocou o copo nas mãos trêmulas de Joane.

– Por que você e sua mãe vieram para Nova Orleans? – Lucy tentava manter o tom da conversa equilibrado, na medida do possível.

– Nancy mandou uma carta para minha mãe. Estava desesperada. O suficiente a ponto de pedir-lhe ajuda.

– Por que diz isso?

– Nancy sempre quis sair de casa, não suportava a vida que levávamos.

– E que tipo de vida levavam? – Lucy prosseguiu com a interrogação.

– Vivíamos presas em casa, trabalhando e trabalhando, nada mais. Trabalhávamos em casa, trabalhávamos para suas clientes.

– Que tipo de clientes?

– Minha mãe fazia feitiços de todos os tipos, amarrações e vingança na sua maior parte. Seus clientes eram seletos. Quando ela descobriu que eu recebia espíritos, passou a usar-me para que seus clientes se comunicassem com seus entes mortos. Ganhava muito dinheiro com isso. Aquilo me enfraquecia tanto..., mas ela dizia que era para meu bem. Que me purificava. Nancy era obrigada a limpar os bichos que matava. vomitava todos os dias. Não podíamos ter amigos. Ninguém era bom o suficiente para nós. Não íamos a escola, ela dizia que não conseguiríamos aprender. O filho de uma de suas clientes mais assíduas nos ensinou a ler, escrever, fazer contas. Nos contava histórias. Era um menino bom. Gostava de

Nancy. Crescemos e ele ainda se sentava conosco para nos ensinar coisas. Ele era nossa ponte com o mundo do lado de fora. Ethan, Jamais esquecerei seu nome. Um dia pediu para namorar Nancy e foi escorraçado por nossa mãe. Nunca mais o vimos. Mas sabe o que é pior de tudo isso? É que acreditávamos que ela era boa para nós. Que fazia tudo isso para nos defender.

– E seu pai? Não fazia nada para ajudar vocês?

– Meu pai já não ficava mais em casa. Quando ele ia nos visitar, ela o maltratava, começava uma briga qualquer. Tudo para que ele não se demorasse conosco. E ela sempre conseguia. Papai sempre desistia de nós para ter um pouco paz. Nancy dizia que ele tinha medo dela por qualquer razão que jamais soubemos. Crescemos assim. Reféns em nossa própria casa.

– Quando Nancy decidiu fugir? – Thomaz tomou a palavra.

– Nancy já tinha 17 anos e eu 15, quando meu pai nos disse que se mudaria para Nova York. Nancy não pensou duas vezes. Ela quis que eu viesse com ela, mas não tive coragem. Minha mãe quase enlouqueceu. Disse que Nancy voltaria implorando sua ajuda de joelhos. Bem, Nancy nunca voltou, mas buscou sua ajuda. De algum modo a profecia se cumpriu.

– Então logo que recebeu a carta, sua mãe decidiu vir?

– Sim, senhorita. Em uma semana vendeu a casa e tudo o que havia dentro. Assim que chegamos, ficamos na casa de uma amiga de Nancy, mas logo compramos a loja de flores. Minha mãe achou que poderia fazer novos clientes e atendê-los lá. E assim foi feito. Quando meu pai soube que minha mãe estava em Nova York, voltou para Nova Orleans. Segundo ele, já não estava feliz aqui. Nancy entregou a casa onde moravam e veio morar conosco.

– E então, Edith começou a agir para ajudar Nancy com Jonathan, certo?

– Minha mãe nunca quis ajudar Nancy com o senhor Jonathan. Ela estava feliz em ter Nancy de volta. Éramos nós três

novamente, como antes. Ela nunca quis que namorássemos, que nos casássemos. Queria que vivêssemos para ela, do jeito dela, é claro.

– Nancy não sabia disso?

– Nancy acreditava que desta vez, sua vontade seria respeitada. Por um tempo eu também achei que nossa mãe de fato queria ajudá-la a melhorar as coisas com o senhor Jonathan. Até o dia que encontrei os nomes do senhor Jonathan e de Nancy em uma mistura com óleo de rícino entre outras coisas. Sabia que aquilo não era para unir. Lhe perguntei e ela disse que só queria a felicidade de Nancy. Que senhor Jonathan não era um bom homem como ela imaginava. Mais uma vez eu acreditei. Claro que a situação entre eles piorou muito, até que o senhor Jonathan rompeu com minha irmã. Minha mãe havia conseguido o que queria, ter Nancy de volta, mas minha irmã não ficou conosco por muito tempo. Tirou a própria vida, teve a coragem de tirar a própria vida! – Joane se entregou a um choro copioso.

Marie sentou-se ao seu lado para ampará-la. – Respire, Joane. Respire fundo e tente se acalmar. Para todos os problemas existe uma solução.

– Nancy amava o senhor Jonathan e morreu acreditando que minha mãe a ajudava. Ainda pensa assim. Está tão perdida!

– Entrou nessa casa tão logo Nancy morreu? – Laura mantinha o tom sério.

– Duas semanas depois.

– Como sabia que precisavam de cozinheira?

– Assim que chegamos, minha mãe fez amizade com a senhora Cruz, a antiga cozinheira dos Ward. Sempre lhe convidava para um chá ou um café e no momento certo, cuidou para que um ingrediente a mais fizesse parte de seu bolo, ou de sua bebida, causando-lhe ainda mais problemas em seu fígado já doente.

– Por Deus!

– Anna, uma cliente de minha mãe, me concedeu uma boa carta de referência em troca de alguns truques.

– Tudo muito bem pensado. – Winna acrescentou.

– Não é possível que nem mesmo a morte da filha tenha mudado o modo de agir desta senhora. – Thomaz não conseguiu conter sua opinião.

– A morte de minha irmã só aumentou ainda mais a insanidade de minha mãe. Ela fez um conjuro para manter Nancy por aqui. Ela fazia contato com minha irmã todos os dias. Nancy estava desorientada a ponto de acreditar que ainda estava no corpo.

– Nancy ficava com vocês todo o tempo?

– Não, senhorita Lucy, mas não a perdíamos de vista.

– E para onde ela ia quando não estava com vocês?

– Minha mãe dizia que Nancy sempre estava conosco, mas eu sabia que não era verdade. Eu conseguia sentir sua presença, sabia quando estava perto, mesmo quando não se comunicava. Eu nunca perguntei por onde Nancy andava quando não estava lá. Acho que tinha medo da resposta.

– Por certo estava inconsciente. Tais conjuros não permitem que o espírito vá para longe. Essa permanência em um mundo com energias tão densas a enfraquecia a ponto de lhe tirar os sentidos. – Marie esclareceu a questão.

– Nancy se tornou uma prisioneira de sua mãe, seria isso?

– Seria isso, senhor Thomaz.

– Nancy não se lembrava do que havia feito?

– Sim, senhorita. Mas estava muito confusa. Acreditava que talvez tivesse recebido uma segunda chance. Depois de alguns meses, soubemos que o senhor Jonathan iria se casar. Nancy se deixou levar pelas sugestões de nossa mãe, que viu mais uma oportunidade de mantê-la entre nós, provocando sentimento de vingança em relação a senhora Laura.

– Então quando Nancy e eu conversamos, ela imaginava-se ainda fazer parte deste mundo?

– Sim, senhora Laura.

– Marie, como isso é possível? Então não notava que nem todos a viam?

– Laura, nosso princípio inteligente não está no corpo que abandonamos quando desencarnamos. Não somos o corpo. É natural a perturbação que os espíritos experimentam ao se desligarem desta vida. Se há certo equilíbrio e temperança, bons sentimentos e pouca ou quase nenhuma corrente que o prenda ao que aqui foi deixado, essa perturbação é breve. É como quando acontece algumas vezes quando despertamos no meio da noite e ao olharmos ao redor, não sabemos onde estamos. Por alguns segundos nos sentimos soltos no tempo e no espaço, mas logo recobramos a consciência e nos encontramos, se assim posso dizer. Porém, quando o desencarne acontece em razão de uma ação conseqüente da dor e do desespero, a confusão pode durar por muito tempo, anos talvez. Quando Nancy falou com você, quando espreitava esta casa noite e dia, quando falava com Edith ou Joane, estava certa de que ainda fazia parte deste mundo.

– De uns tempos para cá, a situação de Nancy piorou demais, senhora Marie. Tem sentido dores e está mais perdida a cada dia. Não entendo. Parece que minha mãe não está mais conseguindo influenciá-la e depois que ela teve uma visão com a senhora, parece que sua força com Nancy diminuiu ainda mais. Se minha mãe está perdendo o controle sobre Nancy, minha irmã não deveria estar melhorando?

– Sem a influência de sua mãe, Nancy começa a se dar conta de sua realidade. Isso é bom. É o começo do despertar. Porém, o que ela começou a ver tão logo abriu os olhos, foi o que ela mesma desenhou para si. E sabemos que não foi bom. Agora sua psique começa a desenhar suas impressões em seu corpo sutil. As dores no estomago e garganta, acusam a ação maléfica do veneno ingerido. Nancy agora sabe que não pertence mais a esse mundo.

Quanto maior a lucidez, mais atrozes costumam ser os sofrimentos relacionados ao arrependimento e a culpa.

– Não seria melhor que minha irmã permanecesse iludida com sua situação? Sofreria bem menos...

– Essa é a saída mais fácil e é a que a maioria das pessoas buscam. Vivos ou mortos. Acordar para a realidade pode ser doloroso, Joane, mas cedo ou tarde os olhos precisam se abrir.

– Será que Edith tem consciência do que fez? – Winna trazia a voz embargada.

– Não tem nenhuma consciência, Winna. Infelizmente. Lembra-se sobre o que disse sobre obsessão?

– Sim. Lembro-me, Marie.

– Pois então, neste caso, Edith obsediava Nancy, que por sua vez, obsediava Laura.

– É de fato difícil de entender. Um vivo obsediando um morto?

– Bem, não gosto de usar a palavra “morto”, mas, sim, Winna. Um encarnado obsediando um desencarnado. E existe também encarnado obsediando encarnados, aliás, diante de nós temos um caso clássico; uma mãe que obsedia seus filhos.

– Por Deus, Marie! Ao menos Nancy despertou desta insanidade.

– Que despertar doloroso! Ajude mina irmã a se libertar, senhora Marie! Eu lhe imploro!

O choro aflito de Joane comoveu a todos. Laura era a mais arredia, mas ainda assim, sentia uma angústia sem precedentes diante do peso da dor de Joane, facilmente captada por ela.

Marie abraçou Joane, tentando lhe transmitir algo de refrigério. O silêncio do momento foi interrompido com a voz de Jonathan.

- O que está havendo? O Que todos fazem acordados ainda?
- Ao se aproximar, Jonathan notou a presença da antiga funcionária;
- Joane?

Marie sabia que a presença de Jonathan seria determinante na condução dos fatos.

Jonathan estava impactado com a aparência de Joane; –
Alguém pode me dar uma explicação?

– Terá a sua explicação, senhor Jonathan. Peço que se sente, por favor.

Jonathan se sentou ao lado de Laura como Marie lhe pediu.

CAPÍTULO 25

Marie contou tudo o que Joane havia dito até aquele momento, deixando Jonathan profundamente impactado, porém, um pouco mais à vontade, já que estava ciente da situação.

– Não consigo imaginar tal coisa. Não pode continuar vivendo com sua mãe. Temos que tomar alguma providência. O Que acha Marie?

Antes que Marie respondesse, notou que as mãos de Joane ficavam ainda mais trêmulas; – Joahne, está se sentindo bem? – Thomaz e Lucy se aproximaram.

– Suas mãos estão frias. – Marie tocou no rosto de Joane; – Está me ouvindo?

– Sinto-me tonta... – Joane tinha dificuldade em manter os olhos abertos.

Marie ficou de pé, atrás de Joane e tocou sua frente com cuidado; – Afastem-se. Eu sei o que está acontecendo.

Thomaz e Lucy obedeceram.

A expressão de Joane começou a mudar drasticamente. Sua fisionomia dava lugar a um rosto ainda mais triste e sofrido. As lágrimas saltavam de seus olhos sem controle.

Jonathan deu um passo à frente; – Ela está bem?

Ao ouvir a voz de Jonathan, Joane abriu os olhos; – Jonathan! Jonathan, meu amor! Não imagina o alívio que sinto em ouvir sua voz novamente!

Laura olhava fixamente para Joane, sem acreditar no que via. Jonathan permaneceu imóvel. Voltou os olhos para Marie, lentamente; – O que está acontecendo?

Marie era a única a manter a expressão sóbria; – Nancy está aqui.

Winna levou a mão a boca e sentou-se. Lucy e Thomaz permaneceram de pé e Laura ensaiou levantar-se para se colocar ao lado do marido, mas Marie a impediu com um gesto discreto.

– Aproxime-se Jonathan.

Nancy estava aos prantos. Levou as mãos a garganta enquanto tentava controlar a respiração ofegante.

Jonathan estava atônito. Como Marie lhe havia pedido, se aproximou devagar, preservando ainda certa distância e colocou-se de joelhos. – Nancy?

Nancy conseguiu focar na figura de Jonathan desta vez; – Jonathan... sinto tanto a sua falta! Estou tão perdida!

Jonathan teve imensa dificuldade em conter as lágrimas; – Nancy, não pode permanecer assim. Não percebe o que está acontecendo? Olhe seu estado!

– Por que me deixou ir embora? Quando foi que deixou de me amar?

– Jamais tive a intenção de magoá-la. Jamais! Me perdoe pelo mal que lhe fiz!

Nancy baixou a cabeça; – Me amou algum dia, Jonathan?

– Sabe que sim. Fez parte da minha vida, mas devia ter seguido em frente, Nancy. Merecia ser feliz. Desculpe-me se minhas atitudes lhe fizeram pensar o contrário.

– É tarde para mim. O que fiz não tem perdão.

– Precisa perdoar-se antes de tudo. Não é possível desfazer o que foi feito, mas pode recomeçar, Nancy. Não tome a decisão equivocada novamente. Pode seguir em frente agora.

– Como você seguiu, não é?

– Eu só queria ser feliz. – Jonathan baixou a cabeça, profundamente comovido.

Nancy olhava para Jonathan com a mesma ternura de outrora; – Não chore! Eu quero, Jonathan. Quero que seja feliz!

Jonathan se aproximou ainda mais.

Laura observava a cena, sem expressar qualquer reação. Lucy se aproximou da prima, mantendo-se ao seu lado, assim como Winna.

Nancy acarinhou o rosto de Jonathan; – Nunca quis seu mal. Foi tão bom para mim! Mais do que sempre soube que eu merecia.

– Merece muito mais do que lhe dei, Nancy. Acredite no que lhe digo.

– Não temos mais para onde ir, não é? A verdade é que nossa história acabou. Você está certo, eu tenho que seguir em frente. Estou tão cansada!

– Pois então descanse! Não precisa sofrer mais, Nancy. Não merece. Promete-me que aceitará ajuda?

Nancy tocou no rosto de Jonathan mais uma vez; – Sim. Eu prometo.

Marie sentou-se ao lado de Nancy; – É chegada a hora de ir, Nancy, sua irmã está muito fraca e tem pessoas lhe esperando, prontas para lhe acompanhar.

Jonathan e Nancy deram-se as mãos; – Acho que agora estou pronta para lhe dizer adeus, Jonathan.

– Até um dia, Nancy.

Nancy não conseguia mais manter os olhos abertos. Marie a amparou em seus braços.

Jonathan voltou ao seu lugar profundamente abalado. Laura o abraçou, comovida com o estado do marido.

Todos estavam emocionados.

Joane voltava a si lentamente. – Creio que vou desmaiar.

Marie a acomodou em uma poltrona maior. – Recoste-se aqui. Logo se sentirá melhor.

Thomaz colocou um copo de água em suas mãos. – Beba, lhe fará bem.

– Joane, sua irmã esteve aqui. Usou seu corpo para se comunicar. – Marie a colocou a par da situação.

– Como ela está? O que ela disse?

– Nancy está bem agora. Trabalhadores invisíveis a levaram. Estavam esperando por esse momento. A hora de Nancy chegou. Alegre-se por ela.

– Minha irmã! Por Deus! Finalmente está amparada, senhora Marie?

– Sim, Joane, ela está amparada.

– Obrigada, senhora Marie!

– Agradeça a espiritualidade que nunca falha em seus propósitos.

– Senhor Jonathan, Joane poderia ficar aqui esta noite?

– Não quero incomodar, senhora Marie.

– Não será incômodo, Joane. Sim, senhora Laveau, Joane passará a noite aqui.

– Obrigada, senhor Jonathan. – A voz de Joane ainda estava trêmula e fraca.

– Amanhã antes que vá, gostaria que conversássemos, tudo bem?

– Sim, senhor.

– Preciso me deitar agora.

Jonathan se levantou lentamente. Ainda sentia as pernas bambas. Laura o acompanhou.

– Venha, Joane, vamos para o quarto de hóspedes. Tomará um bom banho e descansará. Sente fome?

– Não, Winna, quero apenas me deitar, obrigada.

– Então vamos.

Antes de seguir com Winna, Joane segurou as mãos de Marie;

– Senhora Marie, agora acredito em anjos. Obrigada pelo que fez por Nancy.

– Descanse, Joane. Amanhã conversamos.

Winna amparou Joane até chegarem ao quarto de hóspedes.

Thomaz e Lucy se acercaram de Marie; – Sabia que isso aconteceria?

– Sabia que era preciso que acontecesse.

– O que será de Joane, senhora Marie?

– Um passo de cada vez, senhor Thomaz. Um passo de cada vez.



Naquela noite, Laura estava especialmente confusa em relação ao ocorrido. Não sabia o que pensar. Um misto de sentimentos lhe invadia a alma. Por um lado, havia se compadecido da realidade cruel em que Nancy e Joane viviam, mas por outro, algo ainda lhe incomodava. Ainda trazia forte em sua memória as lembranças das terríveis sensações que sentia quando estava sob o efeito das ações de Edith e Nancy, com a ajuda de Joane, que naquele momento, estava dormindo em sua casa.

Embora Laura se visse como uma pessoa cheia de bons sentimentos, entendia que em realidade, tinha uma grande dificuldade de perdoar e esquecer.

O olhar distante de Jonathan a fez mudar o rumo de seus pensamentos; não caberia pensar em si mesma naquele momento; – Meu amor, como se sente?

– Não saberia definir. Uma mistura de tristeza e conforto.

– Conforto?

– Me sinto em paz agora. Como se devesse a Nancy esse adeus.

– Eu entendo.

– Meu amor, desculpe-me por fazê-la passar por isso. Sem querer se envolveu em uma situação tão difícil e dolorosa.

– Eu amo você. Estarei com você em todas as situações.

Jonathan beijou a esposa com o carinho costumeiro; – Amo você. – Jonathan ajeitou Laura em seus braços.

Laura respeitou o silêncio de Jonathan e entendeu que não cabia fazer mais perguntas, embora ainda tivesse muitas a serem feitas. Percebeu que seria melhor deixar que o tempo as respondesse.



Para Marie, a noite ainda prometia profundas revelações. Após acender as velas em seu altar, agradeceu a Bondye e a Erzulie, pela noite cheia de decisivos acontecimentos.

Ainda no sótão, sentou-se em uma velha poltrona coberta por um lençol de linho e refletiu sobre tudo o que ouviu de Joane. Entre todas as dramáticas confissões, uma mereceu especial atenção. A história de Ethan, o filho da cliente de Edith, estava presa em sua mente desde o momento em que foi ouvida. Marie recostou-se na poltrona e fechou os olhos. Por que aquela história lhe parecia tão familiar?

Marie pediu a Erzulie que lhe mostrasse o que sua memória não lhe deixava ver.

Como mágica, as imagens da sua casa começavam a vir em sua mente. Marie se lembrava daquele dia. Era como se percorresse os cômodos de dentro para fora, até chegar no pequeno jardim, onde estava acontecendo uma festa para Ogou. A visão de Marie passou por entre os loas até chegar em si mesma. Marie se viu sentada, tomada por Erzulie, recebendo presentes das pessoas que uma a uma a cumprimentavam com reverência. Alguns faziam pedidos desesperados para restabelecer a saúde, outros, para terem seu amor de volta. Erzulie ouvia todas as petições sem dizer nada.

Em determinado momento, um rapaz franzino lhe ofereceu rum e cigarros. Marie/Erzulie aceitou os presentes. O rapaz se aproximou ainda mais e ao pé do ouvido, lhe fez uma súplica. As palavras do rapaz se transformavam em imagens. Como cenas de um filme rápido, Nancy e Joane crianças começaram a passar diante dos seus olhos. Depois, já maiores e todo o sofrimento que Joane havia relatado naquela noite estava ali, e um pouco mais. Quando o rapaz terminou, seus olhos estavam rasos d'água. Ele havia pedido que Erzulie as ajudasse. E ela o escutou.

Marie abriu os olhos devagar como se acordasse de um longo sonho.

– Era Ethan.

Marie havia entendido.

Sua missão não era ajudar a Laura. Sua missão era ajudar Nancy e Joane.

Fechou os olhos mais uma vez. Agradeceu a Erzulie e sorriu. Dormiu ali, sentada na poltrona do sótão, com o coração em paz.

CAPÍTULO 26

O sol invadia a mansão dos Ward mais uma vez, porém, aquela não era uma manhã como as outras. Pela primeira vez em muito tempo, a calmaria tomava conta do lugar, como se cada cômodo já soubesse que o pior havia passado.

Winna e Lydia já estavam de pé quando Joane despertou.

– Esperarei o senhor Jonathan no jardim.

– Tome seu café primeiro, aposto que não comeu nada ontem.

– Não tenho fome.

– Mas precisa se alimentar. A mesa já está posta. Vá se sentar, senhor Jonathan já vai descer.

Winna havia dado a Joane um dos vestidos que ela havia deixado para trás no dia em que deixou a casa.

Estava penteada, limpa e descansada, mas o mais importante, sua alma estava leve.

Ainda se sentia mal pelos atos cometidos e estar de volta a casa depois de tudo, lhe causava enorme desconforto, sobretudo após ter sido tão bem recebida.

Marie se juntou a Joane, tornando suas emoções um pouco mais leves.

– Bom dia. Como passou a noite?

– Dormi muito bem. Sinto-me refeita. Obrigada.

Jonathan desceu as escadas sozinho, um pouco depois. Laura preferiu não fazer parte da conversa que seu marido teria com Joane.

Lydia serviu a mesa. Winna também preferiu não participar da conversa.

– Joane, gostaria de lhe fazer uma pergunta.

– Sim, senhor.

– O que pretende fazer daqui para a frente. Ainda pensa em morar com sua mãe?

– Não posso mais viver com minha mãe. Ainda que quisesse, não conseguiria. Voltarei a Nova Orleans. Quero começar uma vida nova, como se nada do que vivi tivesse existido, exceto os momentos com minha irmã.

– E sua mãe ficaria aqui sozinha?

– Penso em levá-la para suas irmãs, caso aceite ir comigo, o que acho difícil.

– Cuidarei da sua volta. Lhe deixarei algumas economias para que recomece sua vida. Poderá comprar uma casa e se manter até que encontre um trabalho.

– Senhor Jonathan, sou grata por sua atitude, mas não poderei aceitar, sinto muito. Não tenho esse direito.

– Joane. Infelizmente Nancy não teve a chance de um recomeço ainda nesta vida, mas você poderá ter essa oportunidade.

– Nancy também a teve. Os dias que passou com o senhor a fizeram muito feliz, posso lhe garantir.

– Espero que esteja certa, porém, tais dias não duraram o suficiente. Aceite o que estou lhe proporcionando, Joane. Aceite por Nancy.

Marie interferiu; – Aceite, Joane. Isso fará bem para vocês dois. Tanto para você, quanto para o senhor Jonathan.

– A senhora Laura está de acordo?

– Esta dívida é minha, Joane. Em meu nome, peço que aceite.

Joane assentiu; – Está bem, senhor Jonathan. Jamais poderei lhe retribuir o bem que me faz.

– Escreva uma nova história para a sua vida, Joane. É tudo o que lhe peço.

– Pois pode contar com isso, senhor Jonathan. Honrarei seu pedido até o último dia de minha vida.

– Providenciarei tudo ainda na parte da manhã. Posso deixá-la em sua casa, se quiser. Precisaré falar com sua mãe, afinal.

– Sim. Agradeceria se me deixasse na loja.

– Tome o seu café, vou pedindo a Sam que prepare o carro. Com licença.

Joane enxugou discretamente uma lágrima que caía. Marie se levantou e pegou suas mãos; – Há muita maldade no mundo, Joane, mas há sempre bons corações com os quais sempre poderemos contar.

– Eu sei. Como não consegui ver tudo isso antes?

– Tudo tem o seu tempo.

– Senhora Marie, como será que Nancy está nesse momento? Temo que tenha qualquer recaída.

– Nancy poderá ainda ter muitos momentos de tristeza, mas jamais voltará ao estado de perturbação em que se encontrava. É como se considerasse que um jovem um dia despertasse com suas inclinações infantis novamente. Certos avanços não permitem retrocessos.

– Sinto-me mais tranquila.

– Vamos, coma alguma coisa. Já senhor Jonathan estará de volta.



Conforme havia prometido, Jonathan pediu a Charles que alugasse um carro e disponibilizasse um funcionário de confiança para levar Joane a Nova Orleans. Também pediu que providenciasse uma boa quantia que lhe deveria ser entregue tão logo estivesse devidamente acomodada em uma boa hospedaria. Enquanto Charles resolvia suas diligências, Joane voltava a loja de flores, seu antigo lar.

Apenas um dia havia se passado, mas era como se Joane estivesse longe por muitos anos. Aquele lugar, outrora parte de sua vida, agora lhe parecia tão distante.

Beth varria a calçada, quando Joane a surpreendeu; – Como está, Beth?

– Nada bem, senhorita.

– O que houve?

– O de sempre, porém ainda pior. Tentei falar com sua mãe sobre meu pagamento, mas ela se recusou a me ouvir mais uma vez.

– Sinto muito ter que passar por isso, Beth.

– Se a senhora Edith continuar assim, terei que deixá-las. Preciso do dinheiro. Me entende?

– É claro que lhe entendo. Beth, tome. Pegue esse dinheiro. – Joane usou parte do dinheiro que Jonathan lhe havia adiantado. – Aqui tem seus dois meses atrasados.

– Deus lhe abençoe, senhorita! Deus lhe abençoe!

– Beth, estou voltando para Nova Orleans. Pedirei a minha mãe que venha comigo. Se ela concordar, terei que fechar esta loja por tempo indeterminado. Sinto não ter avisado com antecedência, mas as coisas tomaram rumos imprevisíveis. Espero que compreenda.

– Não há problema, mas creio ser difícil conseguir convencer senhora Edith a ir embora.

– Estou ciente, Beth, mas preciso tentar.

– Gostaria de poder prometer que ficarei aqui, mas infelizmente não posso.

– Jamais lhe pediria tal coisa. Se ela não quiser voltar para Nova Orleans, estará entregue a própria sorte. Não há mais nada que poderei fazer.

– Sinto muito, senhorita.

– Boa sorte, Beth.

– Para a senhora também, irá precisar. – Beth olhou para Joane com compaixão.

Joane entrou na loja. Não havia mais flores. Apenas prateleiras vazias e vasos sujos espalhados por todo lugar.

Cruzou o corredor e abriu a porta. Edith estava sentada na cadeira de balanço, enchendo com palha um boneco de voodoo.

– Ora, ora. Resolveu aparecer, enfim. E então, por onde esteve?

– Isso não é importante agora.

– Onde conseguiu esta roupa? Onde se penteou assim?

– Mãe, precisamos conversar.

– Não criei filha alguma para ser uma rameira. Anda deitando-se com homens em troca de dinheiro?

– De que está falando, mãe? Já vai começar? Não vim aqui para discutir.

– Ou será que anda se deitando com o noivo de sua irmã? Ela vai voltar, entendeu bem? E saberá o que fez.

– Mãe, estou voltando para Nova Orleans. Venha comigo, tem família lá que pode cuidar da senhora.

Edith deu uma gargalhada estridente; – Como é? Que história é essa agora? Onde arrumou dinheiro para ir a Nova Orleans? Crê

que o senhor Ward ou qualquer outro homem importante não sabe quem você é? Joane, não se iluda! Não é porque nasceu com a pele branca e o cabelo bom que não tem o sangue crioulo do seu avô correndo em suas veias.

– Tenho orgulho do meu sangue crioulo! A senhora sim, sempre teve vergonha dele, não nós. Pensa que Nancy e eu não reparávamos que somente a vovó ia lá em casa? Somente a vovó podia nos ver, porque ela sim, era branca como a senhora!

– Tem o mesmo discurso hipócrita de sua irmã. Queria ver como sobreviveríamos se tivéssemos nascido de pele escura!

– Teríamos vivido como todos os negros daquela cidade, mas a senhora preferiu estar do outro lado, não é?

– Deus me abençoou com a pele branca e o cabelo bom e as minhas filhas também. Deveria ser grata a ele e não blasfemar dessa maneira!

– Como ainda consegue falar em Deus? Como pude lhe ouvir por tanto tempo?

– Sempre me ouviu porque sempre soube que eu estava certa!

– Chega, mãe. Chega! Virá comigo ou não?

– É claro que não! Nancy me quer aqui. Sabe disso.

– Nancy não está mais conosco. Deixe que siga seu caminho em paz!

– Não fale besteiras! Nancy está aqui, só está fraca, assim como eu. Aquela mulher pensa que nos venceu, mas ela não sabe o que lhe espera. Ela e todos daquela maldita casa. Vamos, pare com essa bobagem de Nova Orleans. Precisaremos de você quando chegar a hora.

– Não tenho tempo, mãe. Arrume suas coisas e venha comigo. Não terá mais ninguém pela senhora aqui quando eu me for.

– E desde quando precisei de alguém para viver?

– Sempre precisou de nós, mãe. Sempre nos fez pensar o contrário, mas a verdade é que a senhora nunca foi capaz de viver sozinha. Sempre nos fez pensar que nós dependíamos da senhora... agora está tudo tão claro! A senhora é quem sempre dependeu de nós.

– Quem você pensa que é? Você e sua irmã são umas fracassadas inúteis!

– Isso é o que sempre nos fez acreditar porque assim nos controlaria, não é? Pois acabou, mãe. Acabou para Nancy, acabou para mim. Estou lhe dando a chance de voltar para a sua cidade e passar o resto dos seus dias com suas irmãs, mas nunca mais vai me ver. Acabou!

– Covarde! Sabe que não posso lhe dar uma surra porque ainda estou me recuperando! Vai engolir cada uma dessas palavras que diz!

– Tenho tanta pena, mãe. Não precisava ser assim. – Joane pegou alguns dólares; – Fique com isso. Lhe ajudará até que volte a atender suas clientes e assim consiga repor a loja.

– Está se achando muito importante só porque preencheu a cama do senhor Ward, não é? Pois ficarei com o dinheiro sim, porque me deve e muito. – Edith tomou o dinheiro das mãos de Joane.

– Não sabe o que fala. Preciso ir. Cuide-se, mãe.

– Vai mesmo fazer como sua irmã fez? Ir embora? Abandonar a sua família? Sabe com isso acabou para ela, não sabe? Quer fazer o mesmo?

– Boa sorte, mãe. – Joane deu as costas e enxugou o rosto discretamente.

– Pois lhe direi o que disse a sua irmã; Vai se arrepender deste dia, vai implorar para que eu lhe socorra. Sou sua mãe! A única pessoa que vai lhe amar nesta vida!

Edith gritava enquanto seguia Joane até a fachada da loja. Não se importava em chamar a atenção de quem passasse. Beth olhava a cena algo constrangida.

– Acha que seus homens lhe terão alguma consideração? Será abandonada como sua irmã! Esperarei até que venha implorar minha ajuda e então verei o que faço por você!

Joane atravessou a rua o mais rápido que pôde.

Sabia que havia morrido um pouco naquele dia. Estava indo embora para salvar uma parte que ainda insistia em viver.



Ainda em profundas reflexões acerca do ocorrido na noite anterior, Laura tinha enorme dificuldade em acompanhar a conversa entre Marie e Lucy, que conversavam sobre a triste situação de segregação racial no país.

– Já havia ouvido falar que no Sul a situação era ainda pior, mas não imaginava o quanto, Marie.

– E ainda não viu tudo, Lucy. Ainda vivemos sob árvores de frutas estranhas, como canta divinamente Billie Holiday.

– Frutas estranhas?

– Não conhece a canção?

– Conheço Billie Holiday e algumas de suas músicas, mas não essa.

– Há 15 anos, em 1930, dois homens negros, Thomas Shipp e Abram Smith foram acusados de roubar um homem branco e estuprar sua namorada. Uma multidão invadiu a cadeia onde estavam e os tiraram de lá. Thomas e Abram foram linchados, enforcados e pendurados em uma árvore. Isso aconteceu em Indiana. Um homem fotografou a cena. Dias depois a tal namorada

informou que não houve estupro algum. A foto serviu de inspiração para um poema e posteriormente, creio que uns nove anos depois, para a música que Billie gravou.

– Por Deus, Marie. Tais linchamentos ainda existem?

– Depois da foto exposta e sobretudo da música, diminuíram consideravelmente, mas até hoje a música é como um hino amargo que nos lembra do ódio e da insanidade que ainda assola este país.

– Eu sinto muito. Espero que um dia tudo isso faça parte apenas dos livros de história.

– Eu também, Lucy. Eu também.

Um pouco distante, mas não o suficiente para não ser notada, Laura divagava em seus pensamentos.

– Parece-me um pouco desanimada ou estou enganada?

– Está certa, Marie.

– Ainda pensando na noite passada?

– Sim. Tive tanto receio de que Nancy voltasse para a vida de Jonathan de alguma forma que quando soube que já não estava mais entre nós, confesso que fiquei algo aliviada, não vou mentir. E ontem, ali estavam, Nancy e Jonathan, frente a frente, dando-se o último adeus, diante de mim.

– Nesses momentos entendemos que quase nada está sob nosso controle, Laura. A vida tem seus próprios planos.

– Por mais incrível que possa parecer, não é isso que me angustia.

– Então o que lhe angustia?

– Saber que Jonathan ainda carrega essa tristeza em seu coração me destrói por dentro. E o fato de ouvir tudo aquilo e imaginar como alguém pode aguentar viver daquela forma. Tenho muitos problemas com mamãe. Jamais recebi um gesto de carinho

vindo de sua parte, Lucy sabe disso, mas depois de ontem, minha vida com minha mamãe me pareceu o paraíso.

– Sabe, Laura. Certa vez, um espírito de elevados sentimentos me disse que nascemos nesse mundo, não para adquirir virtudes, mas para nos desfazer do peso que carregamos, vida após vida, sem nos darmos conta. Nos apegamos tanto aos personagens que interpretamos, que quando a peça termina, não tiramos a maquiagem. E assim ela se acumula, de personagem em personagem, de peça em peça, até que chega o momento em que não vemos mais nosso verdadeiro rosto. As situações que enfrentamos são necessárias, mas passageiras. Não devem receber um peso maior do que elas têm. Nancy precisa tirar a maquiagem. Virar a página. Partir para outra peça. É assim que é.

– Acha que Nancy conseguirá seguir sem estas marcas tão profundas?

– Só depende dela, Lucy. Estou certa de que não lhe faltarão recursos.

– Tem toda razão, como não crer que estamos rodeados de oportunidades? Eu mesma sou a prova disso.

– Laura, penso em aproveitar o carro que levará Joane para Nova Orleans e voltar para casa.

– Fala sério, Marie? Não é necessário. Jonathan providenciará sua ida sem nenhum problema no momento que quiser.

– Disso não tenho dúvida, mas sabemos o quanto uma viagem dessas pede não somente recursos financeiros, mas também o tempo dos envolvidos. Jonathan já ficará sem um de seus empregados por alguns dias. Para que levar apenas uma pessoa se poderá levar duas?

Lucy também recebeu a notícia com desapontamento; – Será difícil nos acostumar com sua ausência, Marie.

– Uma ausência meramente física, senhorita Lucy! Sabe disso agora.

– Suas palavras acalentam meu coração! – Lucy e Marie se abraçaram. Laura se uniu a dupla.

Marie enxugou as lágrimas de Laura; – Não quero vê-la assim. Já sabe como conduzir as coisas. Sei o que estou falando. Ouviu-me?

– Sim, mas se Edith não aceitar ir com Joane? Se ficar e não desistir de me atormentar?

– Estou certa de que Edith não voltará para Nova Orleans, mas não deve preocupar-se com ela. Não poderá lhe fazer nenhum mal. Está protegida, Laura. Esta casa também. Lhe aconselho a usar o gris gris por um bom tempo. Sua sensibilidade às coisas do outro mundo pode vez ou outra lhe causar qualquer desconforto, que nada tem a ver com Edith.

– Sinto-me tão segura com você aqui.

-Quero que se lembre sempre; sua mente sempre será sua maior aliada ou sua maior inimiga. Ela deve lhe servir e não o contrário. Não seja escrava de seus pensamentos. Use maquiagem leve, Laura. Além de serem mais fáceis de tirar quando for chegada a hora, ela permite que nos vejamos como em realidade somos.

– Aprendo tanto com você. Por mim não iria embora nunca!

– Tudo tem o seu tempo de acabar, Laura. – Marie, Laura e Lucy deram-se as mãos; – Irei para o escritório do senhor Jonathan. Me despeço de Thomaz lá.

– Um dia lhe visitaremos em sua casa.

– Serão todos vocês muito mais que bem-vindos. Sabem bem disso. Agora falarei com Winna e arrumarei minhas coisas.

Marie deixou as primas inconsoláveis.

– O que farei, Lucy? O Que farei sem Marie?

– Seguirá seus conselhos, lerá seus livros. É isso o que tem que fazer.

Lucy e Laura se abraçaram novamente. Não havia nada a fazer, Marie voltaria para Nova Orleans.

CAPÍTULO 27

Laura levou Marie até o táxi para despedir-se. Enquanto Sam arrumava as bagagens na mala, Marie segurou as mãos de Laura com carinho; – Passamos pouco tempo juntas, o suficiente para que lhe tenha afeição verdadeira, mas não o bastante para lhe ensinar o que creio que deveria aprender. Por isso estou deixando os livros e as anotações. Não pode mais olhar o mundo a sua volta da mesma forma que olhava antes. Isso seria um enorme desperdício. Permita-se renascer também, Laura. Permita-se um recomeço. Estrei com você se precisar, assim como estive em seu sonho em sua última noite de solteira.

Laura já estava em prantos; – Sim, lembro-me bem.

– Leia os livros, promete-me?

– Lerei todos eles. Eu prometo. Obrigada por tanto, Marie.

– Nos veremos. Sabe disso.

Laura a abraçou e se demorou por um tempo enquanto Lucy e Winna observavam da janela.

– Agora devo ir.

Marie despediu-se de Sam e entrou no táxi. Aos poucos, a mansão dos Ward ficava para trás.

Laura deu um longo suspiro.

– Não fique triste, senhora. Uma nova vida lhe espera.

– Tem razão, Sam.

Laura e Sam voltaram para a casa.



Jonathan recebeu Marie em sua sala e se surpreendeu com a notícia de sua partida.

– Como Laura reagiu?

– É natural que se sinta insegura a princípio, mas nada que o passar dos dias não seja capaz de reverter.

– Como pago por tudo o que fez? Dinheiro, presentes. Desculpe-me, não sei como isso funciona.

– Minha mãe aceitaria as duas opções. Eu, porém, não posso fazê-lo. Trabalhei para Erzulie e Erzulie trabalhou para um propósito maior. Não há dívidas entre nós, senhor Jonathan. Eu lhe agradeço por sua hospitalidade e o mais importante; por sua amizade.

– Posso lhe dar algo por mim mesmo, ao menos?

– Aprecio o gesto, mas seria como um pagamento de qualquer forma. Não se preocupe, estou bem. Meu coração está feliz porque conseguimos. Isso me basta.

– Lhe considero parte de nossa família agora. Minha casa sempre estará aberta para a senhora.

Jonathan levantou-se e foi ao encontro de Marie. A abraçou com carinho sincero e uma gratidão comovida.

– Obrigada, senhor Jonathan.

– Joane não conseguiu convencer a mãe a voltar.

– Eu imaginei. Edith não crê que Joane será forte o bastante para seguir em frente.

– E o que a senhora acha?

– Acho que Joane está tendo a ajuda que necessita para virar essa página.

Charles bateu à porta e recebeu de Jonathan a autorização para entrar.

– Está tudo em ordem, Senhor Morse e Joane já estão no carro prontos para seguir viagem. Alguma consideração a fazer ou

posso liberá-los, senhor?

– Charles, Marie irá com eles.

– Ah sim, ótimo. O automóvel é bastante confortável.

– Bem, então é hora de ir. Senhor Thomaz trabalha neste andar?

– Sim, trabalha, mas creio que não está. – Jonathan se dirigiu ao assistente; – Charles, sabe se Thomaz regressou da reunião no Bronx?

– Ainda não voltou, senhor Jonathan.

– Sinto muito, gostaria de despedir-se dele, suponho.

– Sim. Tenho uma grande estima por ele. Bem, não há problema. Deixarei uma carta. Pode entregá-lo, senhor Charles?

– Seguramente, senhora.

– Fique à vontade, senhora Laveau, aqui tem papel, caneta e tudo mais que precisar. Charles e eu teremos que ir até a agência no primeiro andar. Charles volta em alguns minutos, eu irei me demorar um pouco mais.

– Está bem. Então nos despedimos aqui.

– Sim, senhora. Sempre que possível, nos faça uma chamada. Laura ficará feliz em ouvir sua voz.

– Sim, eu farei. Fique bem, senhor Jonathan e obrigada pela confiança.

– Mais uma vez, obrigada. Morse é experiente em longos trajetos. Terão todo o conforto. Tenham uma boa viagem.

– Nos vemos, senhor Jonathan.

– Nos vemos.



Após deixar a carta, Marie seguiu com Charles em direção ao carro, que já estava posicionado em frente ao portão.

Morse aguardava o comando de Charles, do lado de fora do automóvel.

– Boa tarde, senhor Morse. Esta é Marie. Irá com Joane. Essas são suas bagagens.

– Boa tarde, senhora. Será um prazer.

– Igualmente.

– Guardarei suas malas. – Senhor Morse começou a movimentar-se.

– Bem, senhora Marie, espero que tenham excelente viagem. Há algo mais que eu possa fazer?

– E absoluto, senhor Charles, ajudou o bastante. Obrigada.

Charles beijou a mão de Marie. – Até breve.

– Até breve.

Dentro do carro, Joane imaginava como seria sua vida em Nova Orleans. Sentia um aperto no peito quando imaginava Edith sozinha, entregue aos seus próprios devaneios. Ainda se questionava se estava fazendo a coisa certa, mas de uma coisa tinha certeza; teria o mesmo destino de Nancy se tudo voltasse a ser como antes. Enxugou as lágrimas pela milésima vez, quando Marie entrou no carro.

– Se importa se eu lhe fizer companhia?

– Marie! O que está fazendo aqui?

– Estou voltando para casa, assim como você.

– Como me alegra tê-la comigo! Mal posso crer!

Marie acomodou-se e Senhor Morse anunciou a partida; – Prontas?

Marie respondeu em tom firme; – Sim, senhor Morse. Estamos prontas.

Morse colocou seu chapéu e deu a partida. Aos poucos, o carro ganhava as ruas até se misturar ao fluxo contínuo.

Marie e Joane deixavam Nova York para trás.



Naquele dia, Jonathan voltou mais cedo para casa. Sabia que Laura sentiria a partida de Marie e queria estar por perto para confortá-la da melhor maneira.

Tão logo chegou, encontrou Lucy sentada na sala de estar lendo uma revista.

– Onde está Laura? Não me diga que já se recolheu?

– Laura está na biblioteca lendo um dos livros que Marie deixou.

– Não me diga. E como ela está?

– Triste, mas resignada. Marie fez um bom trabalho.

– Isso muito me tranquiliza.

– Edith as acompanhou?

– Não. Foram apenas as duas.

– Vá vê-la. Ela vai gostar que tenha chegado mais cedo.

Jonathan seguiu para a biblioteca e de fato, Laura estava presa em sua leitura. Largou o livro quando se deu conta de que era Jonathan quem entrava no cômodo silencioso; – Que grata surpresa!

– Laura se levantou e caminhou na direção do marido.

– O que está lendo?

– Um dos livros que Marie deixou.

– Sobre voodoo?

– Não, algo sobre a vida do espírito após a morte. “Ciel et l’enfer” ou “La justice divine selon le spiritisme”.

– E esse livro é sobre que religião?

– Segundo Lucy me explicou, trata-se de “espiritismo”, mas pelo que entendi, não creio se tratar apenas de uma religião. Percebo muitos aspectos científicos e filosóficos também.

– E no que tem em comum com o voodoo?

– Deus, a justiça divina, a vida após a morte, o retorno. Até mesmo a obsessão.

– Interessante. Está em francês?

– Oui! É de um educador francês, discípulo de Johann Pestalozzi, de nome Allan Kardec. É pioneiro em pesquisa científica sobre fenômenos paranormais na França.

– Quando terminar, tentarei ler.

– Muito me alegra que compartilhe das mesmas ideias que eu.

– Como não poderia, depois de tudo o que vi e ouvi? Sempre soube que não sabia de todas as coisas, seria um tolo ingênuo se pensasse assim, mas depois dos últimos acontecimentos, vi que o que sabia era quase nada.

– Penso o mesmo. Talvez o pouco que aprendemos nos faça tropeçar menos.

– Estava com saudades. – Jonathan beijou o queixo da esposa. – Venha comigo até o jardim, vamos caminhar um pouco. – Em seguida, beijou sua boca brevemente, – O que acha?

Laura respondeu retribuindo o beijo apaixonado – Acho uma excelente ideia.

– A substituta de Winna começará amanhã.

– Que boa notícia. Falarei com ela.

Laura e Jonathan seguiram para o jardim abraçados.



St Ann St., New Orleans – Dois dias depois.

Morse apontava o carro para uma rua tranquila. A instrução de Marie é que parasse no número 152. Sua casa.

– Joane, não quero lhe convencer a nada. Faça o que seu coração pedir. É livre agora. Coma alguma coisa, descanse e amanhã pense com calma o que vai fazer. Não tenha pressa, não precisa ficar em uma pensão, se quiser, pode ficar aqui pelo tempo que julgar necessário.

– Não quero lhe dar mais trabalho do que já lhe dei.

– Não me deu trabalho algum. – Morse parou em frente à sua casa. Marie suspirou profundamente; – Chegamos, por fim.

A casa de Marie não era grande, tampouco luxuosa, mas era perfeita em seus mínimos detalhes, desde a pintura da moldura das janelas até os penduricalhos coloridos e cheios de vida que adornavam a varanda.

– Senhor Morse, não há motivos para gastar dinheiro sem necessidade, embora saiba que seu patrão tem muito. – Morse sorriu encabulado; – Passe a noite conosco.

– Está bem, se não lhe causar transtornos.

– Será uma alegria tê-lo conosco. – Marie falava enquanto caminhava na direção da porta. Agachou-se e tirou uma chave debaixo do tapete.

– Sejam bem-vindos! Entrem! – Marie abriu a porta com entusiasmo.

Joane sentiu a energia do lugar tão logo colocou os pés na casa de Marie. Os móveis eram muito antigos, assim como a decoração. Como era de se esperar, havia muitos objetos de voodoo sobre mesinhas e prateleiras.

– Minha avó comprou esta casa. Eu nasci e cresci aqui. Não preciso dizer que estão em casa. Tenho dois quartos disponíveis. Fiquem à vontade.

– Bem, pegarei as bagagens, já se faz tarde. Não vejo a hora de esticar minhas pernas.

– Vá senhor Morse, trouxe algumas coisas da pensão em que almoçamos. Creio que nos abastecerá até amanhã.

– Lhe ajudo com isso, senhora Marie.

Joane já se sentia mais fortalecida. O contato constante com Marie, que lhe falava das coisas da vida com naturalidade e destreza, fez com que as sombras do seu passado fossem aos poucos, ficando pelos caminhos por onde passavam. Estava feliz em estar na casa de Marie. E a recíproca era verdadeira.



A loja de flores havia fechado as portas três dias após a partida de Joane. Sem dinheiro para repor as mercadorias, Edith dispensou Beth e continuou usando os fundos da loja como moradia.

Acendia velas todas as noites na intenção de fazer algum contato com Nancy, mesmo não obtendo sucesso em suas tentativas; – Nancy, onde você está? Veja em que nossa família se transformou! Sua irmã abandonou-me às traças! Está iludida com sua juventude, acha que sua beleza irá durar para sempre! Crê que não nos necessita mais. Não foi suficiente ter me vendido aqueles abutres dos Ward! Volte, filha! Volte para casa! Seremos fortes novamente!

Edith usava o dinheiro que Joane havia deixado para comprar velas, tecidos, musgos e óleos. Comprava pouca comida e começava a cogitar a possibilidade em voltar a atender para conseguir dinheiro, sabia que o valor deixado por Joane não duraria para sempre.

Sentou-se em sua velha cadeira de balanço e começou a falar em voz alta;

– Ficarei bem aqui esperando sua volta, Joane. Voltará destruída por suas próprias escolhas e mais uma vez, eu darei um jeito na situação. Consigo suportar um pouco mais. Filha ingrata! Quanto desgosto! Quanto desgosto!

Edith não sabia, mas não estava só. Criaturas infelizes, torturadas por suas próprias escolhas, sentiam-se atraídas pelas vibrações de Edith. Toda a atmosfera densa, repleta de emanções inferiores, fazia com que os loas se afastassem ainda mais de Edith, deixando livre o caminho para inimigos espirituais que Edith fez ao longo dos anos, irem cobrar sua vingança.

CAPÍTULO 28

Nova York – Uma semana depois.

Julie servia a mesa do café da manhã, enquanto Laura, Winna e Lucy conversavam.

– Desejam algo mais?

– Não, Julie, obrigada. Está adaptando-se muito bem as suas funções.

– Obrigada, senhora Laura. – Julie sorriu satisfeita.

Assim que a nova funcionária deixou a sala, Laura parabenizou Winna pelo esforço em treiná-la; – Fez um excelente trabalho, Winna. Julie está se saindo muito bem. Não acha, Lucy?

– Sim, parece que já trabalha aqui há anos. Sem contar que parece ser uma boa moça.

– Sim, tive a mesma impressão assim que a vi, senhorita. E o êxito não é apenas meu, senhora Laura, Julie trabalhou para os Bouvier por anos. É muito bem treinada.

– É bom tê-la mais próxima de mim, Winna.

– Eu digo o mesmo.

– Temos tanto a comemorar. Tudo parece estar voltando a ser como era antes, enfim.

– Nada mais voltará a ser como antes, Lucy.

– Está correta, Laura. Serão melhores, não é o que quis dizer?

– Não resta dúvidas.

– Então por que a noto pelos cantos tão pensativa?

– Estou reorganizando algumas coisas dentro de mim. Achava que me conhecia, que tinha meus sentimentos sob total controle, mas isso está muito longe de ser verdade.

– De que fala, senhora?

– Senti tanto ciúmes quando soube que Jonathan havia tido alguém em sua vida e conforme toda a história com Nancy vinha à tona, esse sentimento aumentava ainda mais. Eu sempre vi a situação como algo entre Nancy e eu, mas naquela noite com Joane, eu vi Jonathan bem no meio de tudo, pela primeira vez.

– Fala do reencontro entre Jonathan e Nancy?

– Sim, Lucy. Me vi fora do problema pela primeira vez. Eu e minhas dores, meu sofrimento, minha angústia. Não era sobre nada disso. Ali, diante de mim havia uma história que não me pertencia. Me esforcei em negar isso por tanto tempo e naquele momento, isso não era mais possível. Tive que olhar bem de frente para tudo o que me recusava a aceitar.

– E olhou. Olhou e aceitou, Laura.

– Sim, e o que vi, meu Deus! Jonathan sente-se tão culpado! Não imagina como isso me dói. Ele é um homem bom, de bons sentimentos. Sei disso.

– Nós também sabemos, senhora. Os feitiços de Edith seguramente contribuíram para que o senhor Jonathan se afastasse de Nancy. Ouviu Joane dizer.

– Edith encontrou solo fértil na indiferença de Jonathan para que seus truques dessem os frutos que ela queria.

– Jonathan também pensa assim?

– Sempre pensou, Lucy, ele só não sabia disso. Depois que soube da morte da Nancy e todo o resto, as coisas só ficaram mais claras para ele.

– Nem Jonathan, nem você, nem mesmo Marie podem mudar o passado. Poderia ter sido diferente, mas não foi. Está feito. Temos

que pensar daqui para a frente. Por Nancy, por Jonathan, por você.

– A senhorita Lucy está certa. Não adianta sofrer por isso agora.

– Não estou sofrendo, de forma alguma. Sinto-me mais feliz do que no dia em que me casei. Apenas me dói ver a culpa no coração de Jonathan. Creio que ela sempre vai estar lá, de alguma forma.

– Pode ajudá-lo lhe proporcionando uma vida feliz, mas não pode ir além disso, ainda que queira.

– Eu sei.

– Alegro-me por estar bem, minha prima. Vivam o presente, porque ele também vai passar. – Lucy colocou uma mecha de cabelo de Laura para trás da orelha, em um gesto de carinho.

Lucy já cogitava a possibilidade de voltar para Paris em alguns dias. Estava em paz em tomar tal decisão já que via Laura cada dia mais forte e equilibrada. Os pesadelos haviam acabado por completo, o mal-estar, os enjoos matinais e as dores de cabeça faziam parte do passado. Sua única preocupação era Thomaz. Será que aceitaria deixar Nova York e recomeçar sua vida em outro país? Por mais que temesse a resposta, sabia que não podia mais fugir dela. Conversaria com Thomaz a noite, quando fosse jantar em seu apartamento.

Embora estivesse pronta para ouvir uma negativa, ainda não tinha em mente o que faria caso seu medo se concretizasse. Voltaria para Paris sozinha ou ficaria em Nova York? Renunciaria a tudo para recomeçar sua vida no novo mundo? Era algo a ser considerado, afinal. Por outro lado, toda sua rotina já estava estabelecida em Paris. Por que Thomaz se negaria a acompanhá-la?

Preferiu não pensar a respeito. Confiava em sua intuição e sabia que na hora H ela lhe apontaria o caminho certo a seguir.



Edith lutava contra uma terrível indisposição que lhe dificultava deixar a cama. Sabia que estava perdendo sua conexão com o invisível e isso a deixava ainda mais arisca às coisas que a cercava. Precisava se mover, precisava mudar a situação. Decidiu ir para as ruas tentar chamar a atenção de potenciais clientes. Colocou seus fios de contas e seu turbante mais colorido e deixou a loja.

Pensou em ir o mais perto possível da rua dos Ward, mas notou que seu estado geral piorava consideravelmente quando se aproximava dela. “Estão me avisando para não chegar perto. Meus loas estão me avisando para ficar longe dessa gente. Eu obedecerei. Quando Nancy voltar, estaremos mais fortes e retomamos com nosso projeto. Por enquanto, ficarei bem longe. Não serei uma presa fácil para vocês, seus malditos!”.

Edith encontrou uma esquina bem distante da mansão dos Ward e ali começou a abordar algumas pessoas que, tinha por certo, necessitavam de ajuda para resolver suas questões.

Preferia mulheres, solteiras ou casadas. A cada minuto que passava, lembrava-se de Nancy e Joane. “Precisarei de ajuda para fazer isso direito. Será que aquela rameira vai se demorar nesse devaneio infeliz de viver sozinha? E Nancy... poderia ajudar-me deveras em cruzamentos mais fortes. Terei que recomeçar sozinha. Inúteis! Assim como o pai!”



Nova Orleans – Louisiana

Joane aceitou ficar com Marie até que buscasse uma casa para comprar. Quando a notícia da volta de Marie começou a se espalhar, muitas pessoas voltaram a procurá-la e a casa voltou a ter a movimentação pela qual se tornou conhecida.

Marie chamou de volta as pessoas que lhe ajudavam e Joane pediu para fazer parte do grupo, colaborando com o que fosse possível. Marie estava feliz em ver Joane refeita.

Joane pedia a Marie que a acompanhasse quando saísse as compras. Estava interessada em voodoo como se jamais houvesse ouvido falar dele. Queria esquecer tudo o que sua mãe a havia ensinado.

Naquela tarde, Joane e Marie voltavam de uma loja de ervas e resolveram caminhar um pouco pela Jackson Square.

– Joane, estou mais que satisfeita com a ajuda que tem me dado, mas queria que soubesse que não precisa estar presa a tais compromissos. Viveu isso toda a sua vida, é uma moça jovem, cheia de vida. Creio que precisa ver o mundo com seus próprios olhos, ter suas próprias experiências. Depois disso, quem sabe, dedicar-se a religião, se ainda assim seu coração pedir.

– Marie, o que vivi toda minha vida, não foi nada perto do que estou vivendo agora. Por um tempo, sim, imaginei odiar voodoo, hoodoo e todas essas coisas, mas conforme os dias se seguiam, essa repulsa sempre passava e hoje sei que o que me entristecia não era o voodoo, era o que me fizeram imaginar que ele fosse. Talvez por isso não tenha aceitado ir para Nova York com Nancy. Todos os dias eu esperava descobrir o que era o voodoo de verdade, porque eu sabia que não podia ser aquilo. Algo me dizia que não era. Naquele dia em que você foi na loja, eu soube que estava certa. Não sou eu quem estou lhe ajudando, Marie. Você está ajudando a mim.

O coração de Marie experimentava um contentamento jamais vivido. Lembrou-se de sua mãe e da alegria que sentia ao transmitir os ensinamentos de sua avó. Já havia se conformado em deixar o legado se sua família morrer o dia em que deixasse esse mundo, mas o destino acabava de mudar o rumo de sua história. – Entendo bem o que diz. Se está feliz, fique o quanto quiser, aprenda tudo o que conseguir e ajude tanto o quanto puder.

– Obrigada, Marie. – Joane sorriu emocionada. – Espero que Nancy esteja tão feliz quanto eu estou agora.

– Ela será feliz, Joane. Ela será feliz.



Lucy foi para o apartamento de Thomaz para preparar o jantar daquela noite. Já havia aprendido a cozinhar o básico, além do mais, Winna a ajudou a levar alguns pratos, já preparados por Julie.

A lua já apontava no céu quando Thomaz chegou.

A vitrola tocava Eddy Howard e Lucy usava um vestido acinturado de cor cinza escuro. Os cabelos estavam soltos, repartido ao lado, com ondas bem-marcadas que caíam sobre os ombros.

– Lucy... me deixará mal-acostumado assim.

Lucy sorriu e o beijou brevemente. Ajudou Thomaz a tirar o paletó, colocando-o sobre uma das cadeiras. O pegou pelo braço com suavidade e o levou até o sofá; – Venha, sente-se. Lhe sirvo um licor?

– Creio que não tenho licor.

– Agora tem, eu trouxe uma garrafa.

– Sendo assim, aceito. Obrigado.

Lucy serviu a Thomaz, servindo-se em seguida.

– Como foi no trabalho?

– Tudo bem. Muito bem, aliás.

– Fico feliz.

– Está tudo bem?

– Sim, claro! Merece um jantar como esse todos os dias, Thomaz. Não deveria se surpreender com tais mimos.

Thomaz sorriu; – O que posso dizer... obrigado, Lucy.

– Além do mais, gostaria de conversar, de lhe falar sobre algumas coisas em que andei pensando de uns dias para cá. Não temos tido tempo para tal, não é?

– É verdade. Muitas coisas aconteceram e tão rápido, não é? As questões com Laura, o trabalho com Jonathan, Joane, a ida de Marie.

– Sim. É verdade. E por falar nisso, nem mesmo mostrou-me a carta que Marie lhe deixou.

– A li por muitos dias seguidos.

– Marie lhe deixou um livro ou uma carta?

– Não falo pela quantidade de palavras, é uma carta bem curta, aliás. Talvez tenha me expressado mal. Não me demorei a ler, apenas quis lê-la uma e outra vez mais. Lamento não ter podido me despedir de Marie como gostaria.

– Um dia estaremos com Marie novamente.

– Isso eu espero. Bem, vou pegar a carta antes que me esqueça.

Thomaz foi até o quarto e voltou com o papel nas mãos; – Toma, leia.

Lucy não escondeu a curiosidade em ler a carta deixada por Marie. Recostou-se no sofá e iniciou a leitura, sob o olhar de Thomaz.

“Senhor Thomaz,

Pensei em despedir-me pessoalmente, mas infelizmente isso não será possível.

Gostaria que soubesse que senti imenso prazer em conhecê-lo. É um rapaz de bom coração, um dos mais puros que já vi. Sinto-me feliz em saber que encontrou uma companhia a sua altura. Lucy

será a parceira que buscou por toda a sua vida. Sabe quantas pessoas vivem o bastante para ver isso acontecer?

Não permita que diferenças materiais se entremesquem entre vocês. Nesse quesito, tenha a absoluta certeza de que Lucy é capaz de interromper seus próprios passos para esperar que o senhor a alcance. Portanto, não se preocupe.

Viva seu sonho e seja feliz.

Com a minha bênção e a bênção da cidade que os acolheu para que esse sonho se tornasse possível.

Seja feliz,

Marie Laveau III. “

Lucy ainda ficou um tempo com a carta nas mãos enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas.

– Confesso que choro cada vez que a leio. Lucy. – Thomaz abraçou Lucy e beijou sua fronte; – Quero aproveitar e lhe contar uma novidade.

– Novidade? Ora, pois fale.

– Retomarei meus estudos. Jonathan pensa em ajudar-me a entrar em uma boa universidade, quem sabe Columbia.

Lucy não tinha palavras e Thomaz não precisava delas. Lucy o abraçou e se demorou naquele abraço por um tempo. Pensou no que havia planejado dizer durante todo o dia; Iria propor a Thomaz que fossem para Paris, para que vivessem a vida que já estava acostumada a viver. Lembrou-se das palavras de Marie. Interromperia seus passos para que Thomaz a alcançasse.

– Lucy, desculpe-me, disse que queria falar sobre algo que andou pensando há uns dias, acabei por lhe atropelar com minhas questões.

– Não era nada demais, queria lhe falar que gostaria de alugar um apartamento aqui perto. Não penso em voltar para tia. O que me diz?

– Não sabe o quanto suas palavras acalmam meu coração.

– Por que diz isso?

– Não sei, tive um medo bobo de que um dia despertasse e resolvesse voltar para Paris.

– É um medo bobo, por certo. Não poderia ter dito melhor.

Lucy havia entendido que aquele lugar que sabia que existia, entre o mundo de Thomaz e o seu mundo, era uma vida nova, um solo onde nenhum dos dois havia pisado antes. Dariam seus passos para frente, juntos, deixando o que viveram, da forma como viveram, para trás.

Naquela noite, após o jantar, fizeram amor pela primeira vez. De fato, Thomaz era bem nova yorkino para o temperamento liberal de Lucy. Pensou que talvez devessem esperar o casamento para chegarem às vias de fato, mas Lucy mais uma vez o encorajou a olhar a vida com outros olhos.

CAPÍTULO 29

Os dias passavam sem que Edith conseguisse lograr seus objetivos. Joane não dava sinal de sua volta, não recebia mais nenhum sinal de Nancy e ainda estava sem clientes. Caminhava dia e noite, atormentada por suas lembranças que se mesclavam às lembranças de seus inimigos invisíveis, que comumente lhe faziam companhia.

Algumas vozes eram facilmente captadas por seu ouvido sutil; fazendo com que seu estado geral piorasse sobremaneira.

– Quem está falando? Não vão assuntar-me! Não sabem quem eu sou!

Uma mulher maltrapilha, com cabelos soltos em desalinho e as vestes sujas de sangue na região do ventre, entrelaçava-lhe os braços; – Engana-se! Sei bem quem você é! Matou-me ao retirar meu filho contra a minha vontade!

– Não me engana com esses lamentos! Aposto que me pagou muito bem para que eu fizesse o que fiz!

– Pois eu não! Não lhe dei um centavo, até porque não tinha o que lhe dar! Meu filho era fruto do meu amor por Toby e, o meu senhor lhe pagou para tirá-lo de mim a força, mesmo eu lhe jurando que o filho não era dele!

– Pois não tivesse se deitado com seu senhor.

– Eu nunca quis me deitar com aquele monstro! – A mulher se entregou a um pranto desesperado.

– Agora lembro-me bem de você, sua negrinha! Quase custou-me uma cicatriz com sua rebeldia. Pois por fim consegui fazer o trabalho para o qual fui paga. Aliás, muito bem paga!

– Matou-me! A mim e ao meu filho!

– Pois é menos uma infeliz no mundo! Agora saia de perto de mim!

– Jamais! Pagará por isso finalmente! Onde estão seus guardas agora?

– Cale-se!

Edith caminhava enquanto tentava livrar-se da presença da mulher, enquanto pessoas passavam ao seu redor, compadecendo-se com a sua situação.

Uma mulher de meia idade a parou com cuidado; – Senhora, está sozinha?

– Sim, eu e Deus. Ninguém mais.

– Tem fome, sede?

– Sim, sinto fome.

– Pois venha comigo, terá o que comer.

– Para onde quer me levar?

– Fique tranquila, é para a igreja que frequento, terá tudo o que precisa lá.

– Igreja? Jamais entrei em uma igreja.

– Pois para tudo tem uma primeira vez.

A mulher segurou as mãos de Edith e a conduziu calmamente; – Onde estão seus filhos?

– Minhas filhas abandonaram-me.

– Por Deus, eu sinto muito, senhora. Como se chama?

– Nancy.

– Senhora Nancy, terá um prato de sopa quente e poderá banhar-se. Tem lugar para dormir?

– Tenho, mas não quero voltar mais lá. Meus perseguidores estão todos lá. Jamais voltarei. Jamais.

– Eu entendo. Pois pode dormir em um de nossos abrigos. Venha. Seu sofrimento acabou.

Edith seguia pela rua amparada pela mulher, ao lado de inúmeras entidades inferiores que seguiam seu rastro.



Lucy conseguiu um apartamento pequeno a duas quadras do apartamento de Thomaz. Viam-se todos os dias, até que em uma noite outono, Thomaz teve coragem de dar o próximo passo. Estavam no apartamento de Lucy onde separavam alguns livros que serviriam para um exame que Thomaz teria dali a dois dias.

Dividiam uma taça de vinho branco.

– Lucy, largue esses papéis. Preciso lhe falar.

– O Que houve? Está pálido. Sente-se bem?

– Estou bem, quer dizer, eu acho.

– Pois está preocupando-me, Thomaz!

– Vem cá; – Thomaz se levantou e conduziu Lucy a fazer o mesmo; – Escute-me, tenho pensado nisso desde o dia em que deixou meu apartamento para voltar para a casa de Laura.

– Pois tem pensado bastante, então.

– Sim, muito.

– Fale, por Deus!

– Lucy, quer se casar comigo? – Thomaz ainda lhe segurava as mãos.

– Esteve pensando nisso todo este tempo?

– Sim. Achei que talvez fosse cedo demais, sendo que por mim, teria lhe dito isso em Nova Orleans, quando deixamos o cemitério.

– E eu teria aceitado, Thomaz! Sabe bem que eu teria aceitado!

Lucy beijou Thomaz apaixonadamente. Há alguns meses não se imaginava uma mulher casada, mas naquele momento, era tudo o que desejava; ter Thomaz como seu parceiro de vida; – Sabe bem que já poderíamos estar vivendo juntos, não sabe?

– Quero que moremos juntos como marido e mulher. Sei que não se importa com as línguas ferinas desta cidade, mas eu não quero que fiquem falando de você pelas costas.

– Meu protetor! Sempre foi meu protetor, Thomaz.

– Nada disso. Apenas amo você e quero que tenha tudo o que a vida pode lhe oferecer.

– Já pensou em uma data, senhor Thomaz?

– Não pensei na data, mas gostaria de sugerir o local.

– Onde pensa em me levar ao altar?

– Na Catedral de Saint Louis.

– Está pensando...

– Sim, gostaria que nos casássemos em Nova Orleans. O Que me diz?

– O que posso lhe dizer? – Lucy estava comovida; – É perfeito! Thomaz, é perfeito!

– Tem o problema da locomoção de sua família, talvez não gostem da ideia.

– Mamãe está na Espanha há anos com seu novo marido. Os únicos tios com quem sempre tive contato são tia Elizabeth e tio Andrew, ainda assim por Laura. Meus primos vivem espalhados pelo mundo. Preocupo-me pelos seus.

– Pois ainda tem mais parentes que eu. Tenho a minha prima Winna e dois amigos.

– Não poderei contar com minhas amigas. Não são do tipo que sairiam de Paris para estar em Nova Orleans.

– Pois, em compensação teremos Senhora Cecile e senhor Mason.

– Mal posso esperar para revê-los!

– Eu tampouco!

– Pois telefonarei para Marie e lhe darei a boa nova! Ela pode ajudar-me com a igreja. O Que me diz?

– Laura tem falado com ela?

– Não muito, as chamadas são deveras instáveis. Na última vez que se falaram, foi quando Marie contou de Joane, que havia resolvido ficar com ela.

– Já tem algum tempo. Ficará feliz com nosso contato.

– Prefere casar-se no cemitério?

A expressão de Thomaz mudou bruscamente; – Está falando sério, Lucy?

– Por Deus, não! Devia ver sua cara!

– Pois se eu tivesse pensado um pouco mais, por certo teria seguido com isso.

– Fico feliz que me conheça tão bem. – Lucy aproximou-se de Thomaz, beijando-o mais uma vez.



Lucy e Thomaz escolheram o almoço de domingo na mansão dos Ward para dar a notícia. Laura e Jonathan foram convidados para serem os padrinhos e aceitaram prontamente. A data escolhida foi 28 de outubro. Dali a um mês.

– Crê que conseguiremos providenciar tudo, Lucy?

– Por isso Thomaz e eu vamos para lá daqui há duas semanas. Será tempo suficiente. Marie disse que não terá problemas quanto a igreja, tem muito boa relação com o padre de lá. Ontem consegui falar com Cecile e senhor Mason e amanhã comunicarei tia Elizabeth e tio Andrew. Thomaz já falou com seus amigos.

– De quantos amigos fala, Thomaz? – Winna demonstrou certa preocupação.

– Somente Dam e Trevis.

– Lucy, não vai comunicar a titia?

– Foi a primeira pessoa que telefonei após falar com Marie, mas não consegui completar a chamada. Não se preocupe, Mamãe não é apegada a tais protocolos.

– Então Marie se ofereceu mesmo para dar a festa?

– Sim, Jonathan. Estava tão empolgada que não tive como negar. Aliás, devo admitir que adorei a ideia.

– Sinto pelo transtorno que será a locomoção.

– Transtorno algum, Thomaz. Alugaremos um carro especialmente para este fim.

– E um motorista também, meu amor, afinal, Sam irá como nosso convidado, estou certa.

– Sim, claro. E Charles também ficará feliz em participar desse momento, Thomaz.

– Sem dúvida, a mim me alegrará muito sua presença.

– Alugaremos três carros, creio ser suficiente.

– Deixarei essas questões resolvidas antes de ir.

– De que fala, Lucy? Sou o não o padrinho deste casamento? Deixe que me encarrego disso.

– De jeito nenhum, Jonathan. Já está fazendo muito antecipando minhas férias.

– Concordo com Thomaz, não faz sentido deixá-lo encarregado deste assunto.

– Thomaz, sabe bem que tenho pessoas que podem cuidar disso facilmente, não me dará nenhum trabalho. Vão e preocupem-se com a cerimônia e a festa. Dos convidados, cuido eu.

– Jonathan tem razão, Lucy. Terão muito trabalho pela frente.

– Marie está tão cheia de ideias!

– Joane ainda está lá? – Laura tentou manter a naturalidade no tom de voz.

– Sim, está e provavelmente estará no casamento. Tem algum problema quanto a isso?

– Não, não tenho. Fique tranquila.

Jonathan olhou para a esposa orgulhoso. Sabia que Laura estava sendo sincera.

– Por falar nisso, Thomaz viu Edith dia desses.

– Onde a viu?

Thomaz mostrou-se pouco confortável em responder à pergunta de Laura.

– Thomaz, está tudo bem. Este assunto está resolvido para mim.

– A vi em condições deploráveis, Laura. Deploráveis.

– Senhora Edith se transformou em uma pedinte. Anda suja e maltrapilha. Ainda falava sozinha, não foi o que viu?

– Sim. Algumas pessoas riam dela, outras fugiam amedrontadas. Que cena... que cena!

Laura baixou a cabeça e continuou sua refeição. Jonathan segurou sua mão com firmeza.

– Bem, voltemos a falar dos preparativos. E quanto ao seu vestido, Lucy, já tem algo em mente?

- Em realidade, pensei em comprá-lo em Nova Orleans.
- Excelente ideia. Será uma linda noiva, Lucy.
- E você, uma madrinha exuberante. Não é Jonathan?
- A mais exuberante de todas.

O clima do almoço se estendeu por todo o dia. Laura estava feliz com o casamento da prima e ver Marie novamente era algo que lhe redobrava o ânimo. Não se sentia desconfortável com a ideia de reencontrar Joane. Como ele mesma havia dito, o assunto estava resolvido. Conseguia entender com mais facilidade a situação das irmãs, embora as lembranças de seus momentos difíceis ainda lhe visitavam com frequência.

Para Jonathan ainda era difícil se desfazer do nó que começou a surgir em seu peito no dia em que soube do verdadeiro destino de Nancy e que só piorou com o reencontro inesperado. Ainda trazia o coração mergulhado em culpa e por mais que tentasse disfarçar, Laura tinha total ciência de seus tormentos.

Saber que Joane estava bem ao lado de Marie, já lhe fazia sentir-se um pouco mais confortável consigo mesmo.

CAPÍTULO 30

Nova York – Uma semana depois

Jonathan, Laura, Thomaz e Lucy voltavam de um jantar com Andrew e Elizabeth. O encontro foi a pedido de Elizabeth, que queria explicar aos noivos pessoalmente o motivo da ausência dos Bell's no casamento de Lucy. Segundo ela, Andrew teria compromissos inadiáveis na data do evento, tornando inviável a presença de ambos.

Laura não deixou de notar o olhar de reprovação da mãe em relação a Thomaz, ao local escolhido e à brevidade da data, olhar que Laura conhecia tão bem.

No caminho de volta, Lucy sugeriu que fossem ao seu apartamento para mais uma rodada de drinks. O assunto do casamento ainda prevalecia sobre qualquer outro. Apesar da chuva fina que caía, a noite estava agradável e claro que os pais de Laura logo tornaram-se o tema da noite.

- Crê que seus pais gostaram de Thomaz, amor?
- O que acha, Jonathan?
- Acho que não gostaram nem um pouco.
- Fico feliz que já os conheça tão bem.

Fosse pelo efeito da bebida ou pelo clima agradável, Thomaz conduziu a situação de forma amistosa; – Ainda bem que minha futura sogra está na Espanha. Seguramente compartilharia da mesma opinião da irmã.

– Pois o que importa de fato é minha opinião, ou estou equivocada? – Lucy levantou o copo como prévia para um brinde.

– Somente a sua, Lucy! De ninguém mais! – Laura propôs o brinde, seguida por todos; – Aos noivos!

– Aos noivos!

– Meninos, roubarei Laura por uns minutos.

– Para onde pretende levá-la?

– Quero a opinião de sua linda esposa sobre uns modelos de vestidos. A trago sã e salva.

Lucy e Laura seguiram para o quarto, deixando Jonathan e Thomaz a sós.

– Se vocês não estivessem nesse jantar, teria sido desastroso.

– Simplesmente ignore, Thomaz. Serão felizes juntos. Nada mais importa.

– Eu sei.

– Em breve cursará a universidade. Está avançando a passos largos e tudo graças a seu esforço. Que importa o que pensam?

– Quero estar à altura de Lucy, sabe? Quero que ela tenha orgulho de mim.

– Ela já tem, meu amigo. Ela já tem.

– E você, como está? Noto que ainda não se refez daquela noite.

Enquanto Thomaz e Jonathan conversavam, Lucy mostrava algumas revistas para Laura. Em uma delas, Laura viu Louise, a prima de Jonathan, pousando como modelo para uma loja de chapéus.

– Veja! É Louise!

– Creio que me lembro dela do seu casamento. É tão bonita, não é?

– Sim, é linda. Não sabia que atuava como modelo. Vou mostrar a Jonathan.

Lucy se deitou com algumas revistas nas mãos; – Estarei aqui esperando.

Laura caminhou pelo corredor e ao se aproximar da sala, percebeu que Thomaz e Jonathan falavam sobre Nancy. Parou antes que pudesse ser vista.

A conversa continuou.

– A verdade é que sempre me senti em débito com Nancy, mesmo quando estávamos juntos. Ela tinha muito amor, sabe? Era sempre tão solícita com minhas questões.

– E quanto a você? Crê que a amava da mesma forma?

– Eu creio que sim. Enfrentei a rejeição de meus pais em relação a ela. Nancy era moça simples, eles sabiam disso. Agora você sabe como isso funciona.

– Sim, sei muito bem.

– Queria estar com ela de fato, mas creio que me acomodei com seu modo de conduzir a relação. Imaginei que o amor de Nancy bastasse para que tudo funcionasse, que eu não precisava fazer mais nada. Ela se importava por nós dois e não me pedia nada em troca.

Laura escutava a conversa, enquanto seu coração batia acelerado e suas mãos tremiam. Tinha medo do que pudesse ouvir. Pensou em voltar para o quarto, mas resolveu ficar.

Entre um gole e outro, Jonathan desabafava; – Eu estava tão envolvido comigo mesmo que quando me dei conta, Nancy já não cabia mais na minha vida.

– Deve lembrar-se do que disse Joane naquela noite. Edith colaborou para que se distanciassem.

– Pode ser que sim, mas o que quer que esta senhora tenha feito, contou com minha colaboração de alguma forma.

– Você sentiu quando se separaram?

– Sim. Creio que foi quando me questionei de fato quanto a minha forma de proceder, mas já havia um abismo entre nós. Voltar atrás não seria justo, com ela principalmente. Quando não mais soube notícias suas, imaginei que havia se fortalecido o bastante para seguir com sua vida. Tal ideia me devolveu algo de paz de consciência.

– E então soube da verdade quanto a seu paradeiro. Um duro golpe, por certo.

– Sim, tal informação abalou-me deveras, Thomaz. Sei da responsabilidade da senhora Edith nos problemas de Nancy, mas eu poderia ter agido diferente de sua mãe, e não fiz.

– Nesse caso, creio que o reencontro daquela noite foi algo positivo não somente para Nancy, mas para você também. Pode lhe falar o que creia já não ser possível ser dito.

– Não tenha dúvida. Sou grato por ter tido tal oportunidade.

– Deve superar o que fez ou deixou de fazer, Jonathan. Todos cometemos erros. Eles nos fazem despertar para a realidade. Lhe direi o mesmo que disse a Nancy naquela noite; também precisa se perdoar, Jonathan, para de fato possa seguir em frente como planejou.

– Tem razão. Quero ser feliz com Laura, a amo tanto. Não consigo imaginar minha vida sem ela.

Instintivamente, Laura levou as mãos ao peito. A revelação inesperada de Jonathan a fez sentir como se seus pés não mais tocassem o chão.

– Seguirei em frente, mesmo sabendo que tenho uma dívida com Nancy que jamais poderei pagar. Aprenderei a conviver com isso.

– Sei que conseguirá, meu amigo.

Laura seguiu de volta para o quarto com passos leves. Lucy estava cochilando; – Lucy! Lucy!

– Por Deus, adormeci?

– Creio que bebeu demais, isso, sim. Venha se despedir de Jonathan. Já se faz tarde.



Laura sentia-se ainda mais equilibrada acerca do passado de Jonathan. Como Marie a havia instruído que fizesse, já conseguia ver toda a situação com certa distância, o bastante para enxergar os fatos como eram e não como suas necessidades a faziam ver.

Se esforçaria para fazer com que Jonathan aprendesse a conviver com sua dívida e vivesse sua vida da forma como de fato merecia.

Naquela noite, adormeceu com o firme propósito de abandonar o passado de forma definitiva. Faria Jonathan feliz de fato.

Laura dormiu alguns minutos após deitar-se e após algum tempo, sentiu-se sendo levada por mãos amigas, para longe de sua casa. Não conseguia ver as pessoas, nem mesmo como e para onde a levavam. Sem conseguir precisar a duração do trajeto, Laura sabia que havia chegado ao seu destino. Via Marie com nitidez, porém, outras pessoas que faziam parte da conversação não lhe eram perceptíveis.

Sentiu a presença de Jonathan, mas não o viu, nem mesmo ouviu sua voz.

Sua consciência terminava ali e após um longo tempo, despertou em sua cama novamente, envolvida pelos braços de Jonathan, que ainda dormia.

Manteve os olhos abertos com dificuldade. Moveu delicadamente os braços do marido e calçou os chinelos. Ainda sentada na cama, lembrou-se das imagens de seu sonho sem

sentido. Saba que outras imagens lhe faltavam e por mais que se esforçasse, não conseguia trazê-las a sua mente. Respirou fundo e se deu conta de que seu coração estava leve. Sentia-se como se tivesse dormido por longos meses. Olhou para Jonathan mais uma vez e sorriu. O que quer que tenha vivido naquela madrugada, havia lhe devolvido em definitivo a paz que pensava haver perdido um dia.

Laura sentia-se completamente refeita.

Pensão Mississippi – Nova Orleans – Duas semanas depois.

Cecile estava as voltas com pratos e copos, enquanto os hóspedes desciam para o café da manhã. Mason tratava de consertar o encosto de uma das poltronas da recepção quando foi surpreendido por uma voz familiar; – Não tem ninguém para nos atender?

Mason virou-se e se deparou com Thomaz e Lucy, cercado de algumas malas.

– Ora! Pois creio que estou tendo uma visão!

– Está bem lúcido, senhor Mason, estamos de volta!

O dono da pensão levantou-se prontamente e cumprimentou Thomaz e Lucy com a alegria costumeira; – Mas vejam só! Cecile não vai acreditar quando eu disser! William, vá render Cecile, peça que venha com urgência!

– Por favor, senhor Mason, não queremos atrapalhar.

– Imagina, senhorita! Cecile chorou como uma criança quando se foram, acredite! Ela vai gostar de ver vocês!

Cecile deixou o salão apressada e caminhou até a recepção enquanto enxugava as mãos no avental; – O Que houve, Mason? – Cruzou a porta e parou de imediato, incrédula com o que via; – Se não são minhas crianças!

Cecile correu em direção casal, abraçando-os com entusiasmo; – Eu sabia que os veria em breve!

– Como está senhora Cecile?

Cecile afastou-se para olhar Lucy com mais detalhes; – Estou bem e vocês? Como estão bonitos os dois!

– Trazemos boas notícias.

– Venham, vou lhes servir o café e conversamos! Mason, separe um quarto para eles.

– Como sabe que ficaremos no mesmo quarto?

– Ah meu rapaz... Essa velha senhora já viu coisas demais nessa vida, mas a que não me canso de ver é um amor verdadeiro bem diante dos meus olhos!

Thomaz e Lucy sorriram.

– Vamos, Mason! Providencie tudo e leve a chave para eles no salão.

– Querem algum quarto em especial?

– Se o 206 estiver livre, agradecemos.

Cecile tomou a palavra; – Pois se não estiver livre, faremos com que fique, não é Mason?

– Sim, claro! Vão comer! Já levo a chave!

Cecile entrou no salão de braços dados com Thomaz e Lucy; – Sentem-se! Deixe-me olhar vocês mais uma vez! Como estão?

– Viemos lhe convidar, a senhora, o senhor Mason, Tasha e William para nosso casamento!

Cecile sorriu emocionada; – Obrigada por se lembrarem dessa velha feiticeira.

– Seria impossível esquecê-la, senhora Cecile, ainda que quiséssemos. Foi a chave para que tudo se resolvesse com Laura. Sua ajuda e sua amabilidade para conosco fizeram toda a diferença.

– Gostei tanto de vocês tão logo os vi! Serão tão felizes juntos!

Lucy segurou as mãos de Cecile; – Sentimos sua falta, sentimos falta de nova Orleans.

– Podem cruzar o mundo, mas esta cidade sempre esperará por vocês. Sabe o que dizem sobre Nova Orleans?

– O Que dizem? – Thomaz olhava para Cecile com visível admiração.

– Pois dizem que das pessoas que vem a esta cidade, tem aqueles que jamais voltarão. Mas entre os que voltam, há os que foram atraídos por algo ou algum lugar especial, mas Nova Orleans nunca fará parte de suas vidas de fato. Porém, há os que ainda que passem anos sem vir, carregarão a essência desse lugar para sempre e cada vez que voltam, é como se estivessem voltando para casa.

– Pois entendo bem cada palavra que diz, porque foi exatamente assim que me senti quando vi as casas de madeira coloridas, as varandas de ferro... quando ouvi a música e o rio Mississippi, tão de perto, mais uma vez. Estava voltando para casa.

– Sim, Lucy. A sua casa! E ela sempre estará de braços abertos lhe esperando! A você e a seu marido!

Lucy enxugou uma lágrima que caía do rosto de Cecile.



Lucy e Thomaz foram à casa de Marie no mesmo dia em que chegaram. A casa já estava em festa com os preparativos e a igreja de Saint Louis já estava reservada. As ajudantes de Marie aceitaram a proposta de Lucy para prepararem a comida e decoração do jardim.

Alguns dias depois, mesas brancas cobertas de toalhas coloridas já se espalhavam sobre o jardim de Marie, decorado com

flores e fitas de todas as cores. O jazz tocava na vitrola intermitentemente.

Joane também colaborava, apesar de preferir se manter misturada ao grupo na maior parte do tempo, evitando um contato mais direto com Lucy.

Tão logo o sol nasceu, Marie já estava a voltas com a organização do grande acontecimento, queria que tudo estivesse perfeito, como o casal merecia.

– Lucy, precisa pegar o seu vestido! Nem parece que se casará amanhã! Eu não teria toda essa calma!

– Não estou calma, Marie, estou mais nervosa do que pode supor.

– Pois a costureira ainda precisa fazer a última prova. Vá! Tudo está sob controle. Laura e Jonathan, chegam mesmo hoje?

– Sim, devem estar a caminho. Trarão Winna, Sam e alguns amigos de Thomaz. Ficarão no hotel Monteleone.

– Sinto não ter uma casa maior para acomodar a todos.

– O que está nos proporcionando é mais do que podíamos imaginar, Marie! Olhe esse jardim e tudo o que fez!

– Sempre soube que haveria uma festa de casamento aqui.

– Está falando sério?

– Sim. Quando os vi no cemitério aquela noite, eu sabia que seria o de vocês.

– Nunca mencionou isso.

– Não se tira do pé uma fruta que ainda está verde. Há coisas que precisam evoluir por si só.

– Me sinto tão honrada em ter lhe conhecido, Marie!

– Terá um lindo casamento, Lucy. E uma linda festa.

Lucy abraçou Marie com carinho e profunda gratidão; – Eu sei.



A tarde começava a cair quando o Mercury Sedan levando Jonathan, Laura e Winna, estacionou em frente à casa de Marie. Todos correram para o portão ao ouvir o som da buzina intermitente.

Lucy e Marie vinham a frente.

Laura desceu do carro e abraçou Marie, que retribuiu o gesto com o carinho e saudade; – Como é bom te rever, Laura!

Marie olhou para Laura com mais atenção; – Pois veja só! Está tão corada em bem-disposta!

Jonathan e Winna aproximaram-se; – Como vai, senhora Laveau?

– Senhor Jonathan! Bom revê-lo também! Como estão?

– Estamos bem, Marie. Felizes de estar em sua cidade finalmente!

– Winna! Vejo-lhe muito bem também!

– Obrigada, senhora Marie.

– Chegaram a pouco?

Jonathan tomou a palavra; – Chegamos no fim da manhã. Nos acomodamos no hotel, desfizemos as malas, essas coisas.

Laura e Lucy se abraçaram; – E quem veio com vocês?

– Sam, Charles e Dam.

Thomaz ouvia ao lado de Lucy; – E Travis?

– Não conseguiu vir. Parece que está namorando uma moça que não poderia se ausentar por tanto tempo.

– Imaginei que isso aconteceria. Estão todos no hotel?

– Sim, Dam pediu que você e Lucy fossem lá mais tarde. Quer que o levem para conhecer a cidade.

– Somente depois de terminar a instalação das lâmpadas da entrada, Thomaz.

Jonathan se aproximou de Thomaz; – Vejo que se adaptará bem a vida de casado.

– Até amanhã tenho algo de tempo para reconsiderar.

– Pois tente, senhor Thomaz. – Lucy entrou na brincadeira.

– Por que não ficam no mesmo hotel que nós?

– A pensão Mississipi tem um significado importante para nós, Laura. Sabe disso.

– Bem, vamos entrar! Verão muitas pessoas, não se intimidem. – Marie caminhou até a porta de entrada.

Laura a abordou com discrição, enquanto os demais seguiram. – Joane está?

– Sim. Está na cozinha com as outras. Ainda é um problema para você?

– De modo algum. Espero que para ela também não seja. Não quero causar nenhum desconforto.

– Não causará. Está ótima, Laura. E não me refiro somente a sua aparência.

Laura e Marie pararam na varanda, sozinhas. Laura usava um tom revelador; – Marie, há algumas semanas tive um sonho incrível. Não saberia descrevê-lo, apenas posso lhe dizer que despertei no dia seguinte como se uma espécie de ferida em mim tivesse por fim cicatrizado. Não encontro definição melhor.

– Não me diga.

– Você estava lá. Não teve o mesmo sonho?

– Não me recordo.

– Foi tão real. Como nosso encontro antes de nos conhecermos. Lembra-se?

– Sim, claro. O fato de eu não me lembrar não quer dizer que não tenha sido real. Talvez só caiba a você reter tais lembranças.

– Fato é que desde esse dia, não tenho do que me queixar. Sinto-me muito bem-disposta, mesmo em relação as questões que me atormentavam.

– Até mesmo quando pensa em Nancy e tudo o que aconteceu?

– Sobretudo em relação a isso.

– Isso é ótimo, Laura. Estou muito feliz que tenha alcançado esse estado. Sabia que seria capaz.

Lucy interrompeu a conversa; – Ei! Resolveram ter segredos agora?

– De forma alguma! Já estamos entrando! – Marie deu a mão a Laura e sorriu. – Vamos?

– Sim, vamos!

CAPÍTULO 31

No sai seguinte, dia 28 de outubro, às 18 horas, a Catedral de Saint Louis estava pronta para receber Lucy e Thomaz. A igreja era simples, mas seus detalhes em madeira esculpida e pinturas não deixavam nada a desejar às caras pedras das imponentes igrejas da Europa ou até mesmo de Nova York.

Além de Cecile e sua família, Lucy havia convidado Lili e todos que havia tido contato tanto na festa de Erzulie, como no dia do conjuro do cemitério.

A igreja estava enfeitada com flores amarelas na entrada e pétalas espalhadas pelos cantos do corredor por onde a noiva passaria.

Thomaz esperava Lucy no altar vestindo um terno cinza com gravata preta. Estava nervoso a ponto de não conseguir olhar para nenhum outro lugar, além do fim do corredor que levava a entrada da igreja.

Com pouco mais de vinte minutos de atraso, Lucy cruzava a porta da catedral ao som da marcha nupcial de Felix Mendelssohn. Seu vestido de renda branco com mangas médias marcava sua cintura sutilmente. Seu cabelo estava preso em um coque baixo, com um discreto arranjo de flores que enfeitava a lateral do penteado.

Seu buquê era branco e simples.

Olhou para Thomaz, que sorriu assim que pode ver sua futura esposa mais de perto. Lucy sorriu de volta. Veria aquelas covinhas todos os dias de sua vida.

Cecile chorava discretamente. Foi amparada por Mason.

Jonathan e Laura, de mãos dadas no altar, se entreolharam. Lembraram-se do dia em que se casaram e das esperanças que

sentiram em construir uma vida nova juntos. Não imaginavam que passariam por uma prova tão difícil, mas ali estavam, certos de que não haveria outro caminho pelo qual desejariam seguir.

Joane olhava para o altar dourado com admiração. Lia com atenção as palavras que diziam: “Este é o rebanho de Deus que tira os pecados do mundo”. Teve enorme dificuldade em conter as lágrimas. Pediu por Nancy. Que sua irmã encontrasse um descanso para seu coração atormentado. Pediu por Edith. Que um dia despertasse para uma nova maneira de ver as coisas e pediu por ela mesma, que um dia talvez, seus pecados pudessem ser perdoados.

O padre abençoou os recém-casados, que deixaram a igreja de braços dados. O sonho havia se tornado realidade.

Do lado de fora, Lucy e Thomaz recebiam os cumprimentos dos convidados. Laura estava encantada com a arquitetura da catedral. Resolveu acender uma vela no interior da igreja. Entrou novamente na igreja e após comprar a vela, se dirigiu à frente do altar. Para a sua surpresa, Joane estava lá, ajoelhada, terminando uma oração. Fez o sinal da cruz e se levantou.

– Desculpe, não quis atrapalhar sua oração.

– Não atrapalhou, senhora Laura. Eu já havia terminado. Com licença.

– Joane, poderia ficar um segundo? – Joane interrompeu seus passos; – Sim, senhora.

– Sei como ainda se sente em relação a tudo o que aconteceu naquela casa. Quero lhe pedir para deixar o passado onde ele está. Não podemos ser escravos dos nossos erros. Não carregue essa mácula em seu coração.

– Jamais poderei desfazer o mal que causei.

– Tem razão, não tem poder sobre as escolhas que fez, mas olhe a sua volta, Joane. Tem o poder da escolha agora. E está se saindo bem.

– Me perdoe, senhora Laura. Não merecia nada do que fizemos.

– Eu perdoo você, Joane. – Laura segurou as mãos de Joane; – Enxugue suas lágrimas e olhe para mim.

Joane obedeceu.

– Precisa recomeçar de fato, Joane. Deve isso a si mesma.

– Sim, senhora.

– Não gaste sua vida com mais amargura; – Laura abraçou Joane.

Marie assistiu a cena da porta da igreja, enternecida. Virou-se e voltou para o grupo no lado de fora.



A casa de Marie estava de portas abertas. Amigos mais íntimos e clientes chegavam para compartilhar a alegria da união que se consolidava naquela noite fria de um céu sem nuvens, onde a lua nova abençoava o amor de Lucy e Thomaz, ao som do jazz que tocava na vitrola.

Joane estava visivelmente mais feliz. A conversa com Laura fez com que entendesse que não precisava conviver com o peso da culpa que carregava. Aqueles seriam novos dias, dias melhores.

Cecile e Laura conversaram por quase toda a noite. As histórias de Cecile acerca dos loas e dos rituais, enchia Laura de encantamento. Jamais imaginou sentir tamanha afinidade com uma cultura a qual não teve qualquer contato na maior parte da sua vida. Pelo contrário; sempre se via cercada de preconceções em relação a elas. Negativas, na maior parte das vezes.

Lucy e Thomaz estavam inseparáveis. Dançavam, comiam e bebiam. As vezes precisavam olhar com mais atenção para tudo o

que lhes cercava para se darem conta de que era real; acabaram de casar-se e em Nova Orleans. Passariam a noite na pensão de Mason e Cecile, no quarto 206. No dia seguinte, cruzariam o rio Mississipi em um passeio de barco. Tinham um ao outro, afinal.

Jonathan, Laura e os convidados de Nova York ficariam em Nova Orleans mais um dia, a fim de conhecerem melhor a cidade.

A festa invadiu a madrugada. Quando os convidados começaram a deixar a casa de Marie, Lucy e Thomaz se preparavam para partir. O quarto 206 os esperava. Despediram-se e mais uma vez, agradeceram a Marie por toda a ajuda.

As ajudantes de Marie terminavam de arrumar a cozinha enquanto Jonathan, Sam e Charles conversavam.

Laura observava as flores do jardim, quando Marie se aproximou; – Foi uma linda festa.

– Sem palavras para definir, Marie. Lucy tinha toda a razão, esta cidade é mágica. Estou encantada.

– Lucy pediu que organizasse uma festa tradicional.

– Estava perfeita.

– Lucy foi muito generosa com as moças. Estão cantarolando na cozinha.

– Merecidamente. Estava tudo impecável.

– Se aproxima a hora de um novo “até breve”, não é?

– Sim. Pois da próxima vez, faço questão de recebê-las para um jantar em minha casa.

– Recebê-las? – Marie sorriu satisfeita.

– Joane será bem-vinda em nossa casa. Ela sabe disso.

– Alegro-me que tenha entendido, Laura.

– Estou tão feliz, Marie. Sinto-me como se despertasse de um longo sonho. Minha felicidade estaria completa se Jonathan por fim aprendesse a viver com suas lembranças. Não é justo com ele

mesmo, afinal seu equívoco não foi tão grave a ponto de tortura-se desta maneira. Me entristece ver que é tão duro consigo mesmo.

– Jonathan sente-se em dívida. Ele está aprendendo a conviver com ela, mas só se livrará deste sentimento de fato, quando conseguir pagar seu débito.

– E será que terá essa oportunidade?

– A ninguém é negado o direito e o dever de liquidar suas pendências, Laura. Pequenas ou grandes. Quem sabe o peso delas, é o devedor.

– Tem razão. E espero que esse dia não tarde a chegar.

– Não tardará. – Marie se aproximou de Laura; – Vamos, me dê um abraço. Contarei os dias para vê-los novamente.

– Nós também, Marie. Nós também.

..........

Sábado – Uma semana depois.

Marie e Joane caminhavam pela Bienville Street enquanto conversavam. Joane tinha muitas perguntas acerca dos livros que lia e Marie as respondia, com seu costumeiro entusiasmo em passar adiante tudo o que sabia. Em dado momento, decidiram ir ao Café Du Monde, na Decatur Street.

Sentaram-se em uma mesa ao ar livre e pediram dois cafés com beignets.

– Não se esqueça que segunda-feira terá que assinar os papéis da casa.

– Está em minhas anotações. Preciso me beliscar para saber que não estou sonhando.

– Senhor Jonathan é um homem bom.

– Sempre foi um homem de bom coração. Lhe serei eternamente grata.

– Fez uma excelente escolha. A Bourbon Street está a cada dia mais conhecida pelos turistas.

– Sim, pretendo alugar para fins comerciais, somente.

– Quem sabe um dia poderá abrir seu próprio negócio?

– Quem sabe?

– Um restaurante ou algo assim. Comece a considerar tal passo.

– Sabe, Marie, as vezes penso em Nancy. Sinto-me culpada por estar tão feliz sem nem mesmo ter notícias suas.

– Pois deveria confiar mais na providência divina.

– Eu confio. É que queria tanto ter a certeza de que está no caminho certo.

– Nancy está bem. Não deveria se preocupar.

– Sabe algo que eu ainda não sei?

Marie suspirou profundamente; – Quando chegarmos em casa, lhe mostrarei algo.

– Está bem. – Joane já não cabia em si de vontade de voltar para a casa.

– Termine o seu café tranquilamente.

Joane tentou manter o equilíbrio diante da sutil advertência de Marie; – Será que Charles conseguiu ter avanços com minha mãe?

– Pelo o que Lucy contou ela está praticamente senil, não creio ser difícil interná-la. Tomou a decisão correta em pedir que Jonathan intercedesse.

– E mais uma vez ele ajudou-me sem questionar. Creio que ela terá um fim digno devidamente instalada.

– Espero que Edith se dê essa oportunidade.



Ao contrário do que Joane esperava, Charles não conseguiu levar Edith para o hospital psiquiátrico. A senhora percebeu que seria levada e reagiu de forma inesperada. Se houvesse gritado ou se descontrolado de alguma forma, seria mais fácil comprovar sua insanidade e Charles teria carta branca para interná-la, mas não foi o que aconteceu.

Edith chamou os policiais que faziam ronda no quarteirão em que costumava pedir dinheiro e pediu calmamente que intercedessem por ela, já que estava em perfeitas condições mentais e conformada com sua situação. Edith usou argumentos convincentes e Charles não teve alternativa a não ser simplesmente tentar convencê-la.

– Senhora Edith, por que insiste em permanecer nas ruas? Sua filha está tentando interceder em sua situação, inclusive deixando claro que caso tenha mudado de ideia, ela lhe leva de volta a Nova Orleans, para junto de suas irmãs.

– Não sei do que fala. Meu nome é Nancy e eu não tenho filhos. Se o senhor continuar a me importunar, chamarei a polícia novamente. É o que quer? Deixe-me em paz, por favor.

– Está bem. Não a importunarei mais. Com licença.

Charles se afastou e Edith resmungou; – Quer aliviar sua culpa, Joane? Pois bem, morrerá de remorso em saber que sua mãe morreu nas ruas, largada a própria sorte! É tudo o que terá de mim!

Algumas pessoas passavam e colocavam moedas em um pote que Edith sustentava nas mãos.

Jonathan se deu por vencido e lamentou não ter ajudado como Joane gostaria.



A conversa pela qual Joane tanto esperou, por fim, aconteceu no fim daquela tarde de sábado.

Marie acabava de acender as velas no altar quando chamou Joane.

– Seus dons estão se aprimorando a cada dia. É importante que saiba que para que possa usá-los da maneira correta, é preciso que esteja sempre equilibrada e com as boas intenções ao seu lado. Nunca se esqueça que nossas escolhas podem ser nossas asas ou nossas correntes.

– Eu não esquecerei.

– Perguntou-me se eu sabia algo que você ainda desconhece. Sim, eu sei. Uma noite estive com Nancy durante o sono.

Joane podia sentir seu sangue pulsando em suas veias. Continuou calada, buscando o equilíbrio que sabia ser necessário.

– Laura e Jonathan também estavam lá.

– Como Nancy estava?

– Com esperança. Esperança no porvir.

– Por que vocês estavam com ela?

– Poderá ver por você mesma, se concentrar-se.

Marie tocou o braço de Joane e fechou os olhos. Joane fez o mesmo.

Após alguns segundos, Joane começou a ver imagens que surgiam e desapareciam, independentemente de sua vontade. Abriu os olhos abruptamente.

Calmamente, Marie a advertiu; – Apenas concentre-se.

Joane voltou a fechar os olhos e esvaziou sua mente.

Quando se deu conta de si mesma, estava em uma espécie de gramado bem cuidado. Não havia árvores, tampouco flores. Nancy estava sentada ao lado de um homem de brandas feições. Viu Jonathan, Laura e Marie aproximarem-se, guiados por dois senhores.

O homem que estava ao lado de Nancy, apresentou-se como Reece e tomou a palavra; – Nossa irmã está apta a ter uma nova experiência na carne. Seu perispírito está praticamente reconstituído, o que lhe dará pouquíssimas ou quase nenhuma impressão de desajuste em seu novo invólucro.

Nancy permanecia calada.

O senhor ao lado de Laura estava pronto a se pronunciar; – Laura. Lhe trouxemos aqui porque diante de seus inegáveis avanços, entendemos que pode considerar a ideia de colaborar de maneira decisiva para o reerguimento de Nancy. Muitas vezes pediu que tivesse a chance de ajudar Jonathan com seus débitos e pediu com sinceridade. Pois bem, pode ajudá-lo, ajudando Nancy a ter uma nova família.

Jonathan ouvia emocionado.

Laura começava a entender o que lhe estava sendo proposto; – Está falando sobre Jonathan e eu sermos os pais de Nancy?

– Sim. É importante que saiba que tanto você quanto Jonathan, têm a benção da escolha, ou seja, têm livre arbítrio para decidirem nesse caso. Já sabemos a inclinação de Jonathan, logo a decisão final é sua. Se não aceitar, nada acontecerá. Sabemos do desejo de Jonathan em quitar seu débito, porém, tal petição não deverá se impor no seu destino.

Laura olhou comovida para o marido e olhou novamente para o senhor de cabelos brancos; – Eu aceito. Aceito!

Nancy chorava copiosamente.

Laura e Jonathan se abraçaram; – Obrigado, Laura.

Laura sorriu, igualmente emocionada.

Reece se dirigiu a Marie; – Jonathan e Nancy têm uma longa história. Infelizmente, nosso irmão falhou mais uma vez. Se Laura não tivesse aceitado tal missão, esperaríamos uma nova oportunidade para que Jonathan tentasse mais uma vez, porém, graças ao seu empenho, Marie, Laura conseguiu dissipar as nuvens densas que obscureciam sua visão. Não somente ajudou a libertar Nancy e Joane, como também a Laura. Fez um belo trabalho.

Marie ouvia as palavras do mentor, comovida;

– Eu estava bem amparada.

– Nós sabemos, Marie. Nós sabemos.

Joane começava a se afastar do cenário em que estava, apesar do esforço em permanecer.

Abriu os olhos e custava a acreditar no que havia acontecido.

– Agora tem a sua resposta, Joane.

– Por Deus! Minha irmã voltará!

– Laura guardou apenas as impressões deste encontro. Não tem consciência dele. Jonathan tampouco. Jamais devem inteirar-se deste fato.

– Sim, claro. Jamais saberão. A senhora Laura aceitou minha irmã, Marie! Ela aceitou minha irmã!

– Sim! Por fim, Nancy seguirá em frente.

– Terá pais tão amorosos, Marie! Por Deus, como sou grata!

Joane ajoelhou-se diante do altar enquanto Marie lhe amparava. Fizeram juntas uma prece pelas bênçãos do recomeço.

CAPÍTULO 32

Dois meses depois, Laura descobriu a gravidez. Jonathan não cabia em si de felicidade. A viagem para Paris foi adiada mais uma vez, mas não estavam preocupados com ela.

No início do outono de 1947, Marie nasceu.

Lucy e Thomaz foram seus padrinhos.

Jonathan cercava a filha de todos os cuidados possíveis. Era um pai dedicado e amoroso. Laura sentia-se realizada com a família que havia construído ao lado do grande amor da sua vida.

O quarto de Marie já estava pronto dois meses antes do seu nascimento. Os tons de branco, bege e caqui prevaleciam. Os móveis eram brancos com detalhes em madeira cor de mel. As paredes eram de lambril de madeira. Prateleiras eram decoradas com ursos de pelúcia de vários tamanhos e cores. Uma penteadeira decorava o canto do quarto, onde cremes, loções e pequenos objetos de higiene se acomodavam.

O inverno acabava de chegar quando Marie e Joane saíram de nova Orleans especialmente para conhecer Marie Ward. Entraram no pequeno cômodo acompanhadas por Laura. Marie dormia em seu berço, aconchegada entre lençóis e almofadas.

– Daqui a pouco despertará para mamar. Não se preocupem.

Joane foi a primeira a se aproximar. Havia sido instruída por Marie a não se deixar levar pelas emoções que provavelmente lhe dominariam quando visse a pequena pela primeira vez, porém, no momento em que Joane a viu, foi impossível controlar as lágrimas que caíam sem pedir licença.

Laura notou a comoção de Joane; – Está tudo bem?

– Desculpe-me, senhora Laura, por um momento pensei que esta cena poderia jamais ter acontecido se Marie não tivesse

impedido minhas ações infelizes.

Laura abraçou Joane compadecida; – Por favor, Joane. Não faça isso com você mesma! Olhe, vamos! – Laura colocou Joane novamente em frente ao berço; – Aconteceu! Os rumos mudaram e boa parte com sua ajuda!

Marie achou melhor não interferir, Joane havia conseguido reverter a situação.

A pequena Marie despertou.

Laura a pegou no colo enquanto Marie e Joane se aproximaram. – Veja, Joane, é o recomeço de nossa história.

Laura não fazia ideia de que falava uma verdade absoluta. Marie segurou a pequena com cuidado e a benzeu. Olhou para Joane, que se preparou para ter sua irmã nos braços mais uma vez.

– Segure, Joane. Esta é Marie Bell Ward. Uma página em branco, pronta para ser escrita. – Joane a sustentou como quem guardava o mais valioso dos tesouros; – Escreverá uma linda história, Marie Ward. Tem pais amorosos que guiarão sua mão. – Joane beijou o rosto delicado de Marie com carinho.

Nancy estava de volta a vida de Jonathan, com o consentimento e a benção de Laura. Sem imposições, apenas pelo seu livre arbítrio, como devia ser.



Nova York – 1951

Winna passeava com Marie no jardim, enquanto Laura e Sam arrumavam as bagagens na mala do Rolls Royce; – Winna! Sua mala está aqui com as outras?

– Sim, senhora Laura. Ao lado da mala de Marie.

– Por que não comem algo rápido antes de irmos? Talvez esperemos muito tempo no aeroporto.

Winna e Marie se aproximaram de mãos dadas; – Senhora, Marie quer comprar aqueles bonecos com bala dentro. Posso ir com ela, não levará mais que alguns minutos.

– Por que quer isso agora, filha?

– Quero levar comigo, mamãe!

– Creio que não devemos arriscar. Estamos em cima da hora.

Jonathan se aproximou com uma pequena Maleta; – Sam, coloque essa aqui também.

Marie correu para os braços do pai, que prontamente a colocou no colo; – Está linda, minha princesa! Está animada para andar de avião?

– Sim, papai!

– Jonathan, Marie quer comprar umas balas aqui perto. Acha que dará tempo?

– Sim, claro. Winna, tente ser breve, tudo bem? – Jonathan colocou a filha no chão.

– Sim, senhor, com certeza.

– E não largue a mão de Marie nem por um segundo.

– Não se preocupe, senhor Jonathan.

Winna e Marie seguiram em direção ao portão enquanto Jonathan as olhava.

– Pena que Thomaz e Lucy não poderão ir conosco.

– Thomaz está quase se formando, Laura. Não poderá perder tantas aulas.

– Sim, eu sei.

Jonathan abraçou a esposa; – Voltaremos outras vezes e eles poderão ir conosco.

– Será que Marie enjoará no voo? Dizem que balança tanto!

– Deixe à mão sua boneca e tudo o que ela mais gosta. Assim se distrairá.

– Estou tão animada! Vamos para Paris finalmente!

– Sim, meu amor. Depois de alguns anos de atraso.

Jonathan e Laura se beijaram enquanto Sam se afastava discretamente para não atrapalhar o momento.

Winna não encontrou o que Marie queria na loja próxima e resolveu tentar em um comércio um pouco mais afastado; – Vamos rápido, sua mãe me mata se perdermos o voo.

Como Winna havia previsto, encontrou o que queria. Marie deixou a loja sorrindo, de mãos dadas com Winna. Mais à frente, Edith caminhava com um pedaço de pão dormido nas mãos. Parou no meio da calçada, sem acreditar no que via.

Olhou fixamente para Marie e começou a gritar, seguindo em sua direção; Nancy! Nancy! É minha filha! Minha filha!

Assim que viu Edith se aproximar, Winna colocou Marie em seu colo com o cuidado de virá-la para a direção oposta; – Afaste-se ou eu chamo a polícia!

– Vocês roubaram minha filha! Seus monstros!

– Se afaste, senhora, por favor. Se afaste!

Todos pararam para ver a cena. Um policial que estava em outro quarteirão foi chamado para interceder.

– O que está havendo aqui?

Apesar do nervoso que sentia, Winna conseguiu falar; – Esta mulher é louca! Quer pegar a menina!

– Sim, nós vimos! – Vários transeuntes falavam ao mesmo tempo.

– A senhora é a mãe da criança?

– Eu cuido dela. Trabalho para o senhor e a senhora Ward.

– A menina é filha do senhor Ward?

– Sim, senhor.

Edith entrou em desespero; – Mentira! É minha filha! É Nancy, minha filha!

Mais três policiais se aproximaram. Um deles, reconheceu Edith; – Esta mulher vive causando problemas. A vejo sempre na quinta avenida. É louca. O que ela fez desta vez?

– Tentou roubar a filha do senhor Ward.

– Não posso crer. Temos que levá-la.

Winna observava a cena atônita. O policial segurou Edith a força e a levou para o carro.

– Não se preocupe, esta não volta mais para as ruas. Lugar de maluco é no hospício, não é, senhora... Qual o seu nome?

– Winna.

– Precisa nos acompanhar, senhora Winna.

– Viajarei com a família, temos que estar no aeroporto em alguns minutos.

O policial que trabalhava nas imediações interveio;

– Não é preciso, temos testemunhas suficientes da tentativa de sequestro. – Virou-se para Winna, solícito; – Diga ao senhor Ward que não se preocupe. O assunto está resolvido.

– Isso espero. – Winna sentiu algo de alívio.

– Tenha certeza disso. Boa viagem para vocês.

Winna Olhou para Marie, tentando se manter o mais natural possível; – Está tudo bem, meu amor?

Marie estava a parte de tudo o que a cercava; – Sim, Winna. Podemos ir embora?

– Claro que sim. – Winna a colocou no chão. – Me dê a mão. Vamos para a casa.

Dentro do carro da polícia, Edith chorava e gritava descontroladamente;

– Minha filha! Minha filha! Ela é minha! Minha!

– Pois a senhora se acalme! Está presa em flagrante e seguramente lhe encaminharão para um hospital psiquiátrico. Se não se controlar vão lhe dar injeções para que apague, me ouviu? Controle-se!

Edith resmungava enquanto o policial lhe algemava; – Malditos! Malditos!

. 

Laura deixou algumas instruções com Sam e Lydia e já estava pronta para deixar a casa. Winna e Marie passaram pelos portões apressadas; – Desculpe, senhora, o que Marie queria não havia nesta loja próxima, tivemos que ir até a outra.

– Já estava preocupada! Conseguiram por fim?

– Sim, senhora.

– Então certifiquem-se de que não esqueceram nada. O cachecol de Marie está acessível? Precisamos estar atentas ao frio para que não tenha dores de garganta.

– Já está tudo pronto de nossa parte, senhora. E o cachecol está na bolsa menor. Por mim, podemos ir.

– Sam, onde está Jonathan?

– Foi buscar o casaco, senhora. Ali está.

Jonathan caminhou apressado na direção ao carro. – Vamos então? – Pegou Marie no colo mais uma vez; – Comprou o que queria?

– Sim!

– Então despeça-se de Sam e Lydia.

Marie abraçou os empregados, ainda no colo de seu pai.

Laura observava a cena enternecida; – Em breve já estará uma mocinha para tanto colo, não é, Marie?

Marie sorriu e agarrou-se a Jonathan, provocando o riso dos presentes.

– Será sempre minha garotinha, não é filha?

– Sim, papai.

– Pois então vamos, ou perderemos o voo. – Laura despediu-se e entrou no carro, rumo ao aeroporto internacional JFK.

Winna ainda tinha em mente os acontecimentos de alguns minutos atrás. Edith estava completamente louca ou o que disse teria algum fundamento? De uma coisa tinha certeza; jamais falaria sobre o ocorrido.

A conversa com Laura durante o trajeto fez com que parasse de pensar no assunto, ao menos por breves momentos.

. 

Uma semana após se instalarem em Paris, Laura já estava perfeitamente ambientada. A cidade luz era exatamente como havia imaginado e um pouco mais. Winna cuidava de Marie com dedicação. Havia se transformado em sua ama por vontade própria.

Desde o evento com Edith em Nova York, não olhava mais para Marie do mesmo jeito. A amava da mesma maneira, mas se via ainda mais preocupada com seu bem-estar do que antes.

Lembrou-se do reencontro de Nancy e Jonathan na sala da Mansão e entendeu, no seu modo de ver as coisas, que Deus, em

sua infinita bondade, tenha dado a Nancy mais uma chance de ser feliz.

Apesar de suas firmes convicções acerca da veracidade das palavras de Edith, Winna entendeu que o passado precisava ser esquecido para que o presente acontecesse da melhor maneira possível. Jamais falaria sobre o ocorrido, tampouco sobre suas suspeitas. Apenas cuidaria para que a família Ward se mantivesse unida. Marie era agora uma linda menininha de cabelos castanhos que aprenderia a amar e a ser amada. Isso era tudo o que precisava saber.



Em um fim de tarde, Laura e Jonathan estavam sentados em frente ao chafariz do Jardin des Tuileries, observando Marie jogar sementes para os pássaros.

– Jonathan, esqueci de lhe falar; Marie telefonou no dia em que viajamos.

– Não me diga. Está tudo bem?

– Sim, está. Parece que Joane fez um negócio da China. A Bourbon Street é a nova sensação dos turistas e seu restaurante está dando muitos lucros, apesar de ainda ser pouco conhecido.

– Que boa notícia. Temos que visitá-las, já faz uns seis meses que estiveram em Nova York, não é?

– Creio que sim.

– Joane ficou tão apegada a Marie.

– Sim, é verdade. Parece que Thomaz e Lucy irão para lá nas próximas férias, podemos aproveitar e ir com eles.

– É uma oportunidade. Charles pode cuidar de tudo na minha ausência.

Jonathan parou para olhar o céu de Paris por um tempo.

– Em que está pensando, senhor Jonathan?

– Como o tempo passa rápido. Estamos caminhando para seis anos de casados e parece que foi ontem que meu pai me falou de você e me pediu que considerasse um encontro.

– Me lembro bem do dia em que nos vimos a primeira vez. Eu sabia que me apaixonaria por você.

Jonathan beijou a mão da esposa; – Amo você, Laura. Eu sempre te amei.

– Eu também.

Marie correu na direção de seus pais; – Papai! Vem, vamos dar comida aos pássaros!

Jonathan beijou Laura com o carinho de sempre; – Volto já.

Laura assentiu com um sorriso.

Jonathan e Marie caminharam de mãos dadas.

O sol começava a se esconder, mas ainda refletia sua luz no lago cor de prata.

Marie brincava sob o olhar protetor do pai. O sorriso de Jonathan se iluminava a cada gesto da filha, que buscava o seu abraço para fugir dos pássaros que os cercavam.

Laura olhava Jonathan e Marie juntos e teve a certeza de que seu marido, por fim, aprendeu a conviver com os fantasmas do passado.

Sentiu uma brisa leve tocar o seu rosto e suspirou profundamente.

Tudo estava de volta ao seu devido lugar.

Fim